

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

LAURO MANZONI BIDINOTO

**DÁMASO ANTONIO LARRAÑAGA:**  
**A biografia de um cura em tempos de independência no Prata**

PORTO ALEGRE

2015

LAURO MANZONI BIDINOTO

**DÁMASO ANTONIO LARRAÑAGA:**  
**A biografia de um cura em tempos de independência no Prata**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Susana Bleil de Souza

PORTO ALEGRE

2015

### CIP - Catalogação na Publicação

Bidinoto, Lauro Manzoni

Dámaso Antonio Larrañaga: a biografia de um cura em tempos de independência no Prata / Lauro Manzoni Bidinoto. -- 2015.

200 f.

Orientadora: Susana Bleil de Souza.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. Biografia. 2. Clero. 3. Política. 4. Banda Oriental. 5. Rio da Prata. I. Souza, Susana Bleil de, orient. II. Título.

**DÁMASO ANTONIO LARRAÑAGA:**  
**A biografia de um cura em tempos de independência no Prata**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Susana Bleil de Souza (UFRGS)

**BANCA EXAMINADORA:**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valentina Ayrolo  
Universidad Nacional de Mar del Plata (UNMDP)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Medianeira Padoin  
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Prof. Dr. Cesar Augusto Barcellos Guazzelli  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

PORTO ALEGRE

2015

## AGRADECIMENTOS

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelos três anos de bolsa no início deste curso de doutorado.

À minha orientadora, professora Susana Bleil de Souza, sempre muito compreensiva.

À professora Ana Frega, da *Universidad de La República*, que com sua generosidade apontou o caminho para grande parte das fontes que utilizei neste trabalho.

Aos professores Cesar Augusto Barcellos Guazzelli e Luiz Alberto Grijó, pela participação na minha banca de qualificação.

Aos colegas do PPG, em especial aos amigos Mateus e Marlon, com os quais pude dividir parte das angústias e alegrias deste percurso.

À minha família, especialmente ao meu irmão, Alcione, que fez a revisão do texto.

Aos amigos que acompanharam de perto esse percurso, entre eles Alex e Oberdan.

Às ex-colegas do Museu e Arquivo Histórico de Panambi, cujo apoio foi fundamental na época em que fiz a seleção para o doutorado.

Aos colegas das instituições nas quais trabalhei nestes últimos anos, especialmente aos do Museu da Comunicação Hipólito José da Costa, pelo apoio na reta final da escrita da tese.

À Cristina Emília (Sem o teu amor, carinho e apoio, teria sido bem mais difícil).

"... *la historia es una red y no una vía ...*"

**Jorge Drexler**

*(El otro engranaje)*

## **Resumo**

Dámaso Antonio Larrañaga (1771-1848), natural de Montevideú, alcançou o maior posto na hierarquia eclesiástica da Banda Oriental durante a primeira metade do século XIX. Entre as diversas atividades com as quais se envolveu, além daquelas referentes à sua condição de sacerdote, realizou estudos naturalistas e atuou na política. Neste período, diversos grupos se revezaram no poder, no território que hoje forma o Uruguai, e Larrañaga manteve seu prestígio e influência junto a maior parte deles. Esta tese investiga a atuação política deste personagem, principalmente no período entre 1811 e 1821, observando as relações que estabeleceu nos três principais contextos em que atuou (eclesiástico, científico e político), procurando entender como conseguiu transitar entre diferentes grupos, mantendo-se sempre no poder.

Palavras-chave: biografia, clero, política, Banda Oriental, Rio da Prata.

## **Abstract**

Dámaso Antonio Larrañaga (1771-1848), was born in Montevideo and he attained the highest office in the ecclesiastical hierarchy in the *Banda Oriental* during the first half of the 19<sup>th</sup> century. He got involved in a variety of activities, in addition to those referred to his priestly condition, he carried out some naturalistic studies and was engaged in politics. During this period, several groups took turns in power, in the territory formed by Uruguay nowadays, and Larrañaga maintained his prestigious and influence into most part of them. The aim of this thesis is to investigate Larrañaga's political involvement, especially in the period between 1811 and 1821, regarding the relations that he established in the three main contexts in which he was engaged (ecclesiastical, scientific and political), in order to understand how he managed to switch over among different groups, and by this way, he was always in power.

Key-words: biography, clergy, politics, *Banda Oriental*, River Plate.



## SUMÁRIO

<b>Introdução</b> .....	11
<b>1 A construção do personagem: os diferentes pontos de vista biográficos</b> .....	28
1.1 Entre <i>blancos</i> e <i>colorados</i> , as primeiras biografias .....	28
1.2 Os biógrafos do século XX e o problema da dominação luso-brasileira .....	38
1.3 O resgate da obra e valorização do personagem .....	51
<b>2 A carreira eclesiástica</b> .....	63
2.1 O sacerdócio como alternativa .....	63
2.2 Os primeiros passos na hierarquia eclesiástica .....	72
2.3 O "chefe" da Igreja "Oriental" .....	84
<b>3 Os estudos naturalistas e as redes de contato</b> .....	98
3.1 Entre os sacerdotes naturalistas do Rio da Prata .....	99
3.2 Os contatos com os naturalistas europeus .....	119
<b>4 As participações na política</b> .....	133
4.1 Em tempos de independência: um negociador em meio às disputas de poder .....	134
4.2 Larrañaga, <i>su poderoso influjo</i> e a questão portuguesa .....	155
<b>Considerações finais</b> .....	177
<b>Referências</b> .....	180
<b>Apêndice</b> .....	198
<b>Anexo</b> .....	200

## **Notas para a leitura**

- Todas as citações realizadas nesta tese foram feitas sem qualquer atualização ortográfica ou gramatical.
- Considerando que a imensa maioria das fontes e da bibliografia utilizadas se encontram em língua espanhola, optei por não traduzir citações deste idioma.
- No caso de citações cuja fonte consultada está escrita em língua estrangeira, exceto aquelas em espanhol, citei a minha tradução no corpo do texto e, no rodapé, o texto na língua de origem.

## INTRODUÇÃO

Montevideú, Bairro *Ciudad Vieja*, Rua *Ituzaingó*, esquina com a *Sarandi*.

O endereço que serve para localizar o principal templo católico da capital do Uruguai, a Igreja Matriz e Catedral Metropolitana *Inmaculada Concepción y San Felipe y Santiago*, também indica a localização dos restos mortais de alguns dos vultos mais conhecidos da história daquele país. Nas naves laterais do majestoso edifício na *Plaza de la Constitución*, cujas origens remetem ao final do século XVIII, não se encontram apenas sepulturas de membros ilustres do alto clero, como Jacinto Vera, primeiro bispo de Montevideú, e Mariano Soler, primeiro arcebispo. Ali também estão sepultados alguns dos chefes militares que atuaram no movimento de independência, caso de Juan Antonio Lavalleja e Fructuoso Rivera.<sup>1</sup>

Entre as tumbas da velha Igreja da *Plaza de la Constitución* também se encontra aquela que guarda os restos mortais do personagem desta tese, situada à esquerda de quem entra no templo, uma dezena de passos antes do altar. Tal como Jacinto Vera e Mariano Soler, Dámaso Antonio Larrañaga (1771-1848) ocupou um alto posto na hierarquia eclesiástica, uma vez que foi a principal autoridade da Igreja “uruguaia” entre 1815 e 1848; tal como Lavalleja e Rivera, esteve envolvido nos movimentos de independência; em comum com todos, eclesiásticos e militares, compartilha o envolvimento com a política.

Ao longo de sua vida, Larrañaga esteve envolvido com atividades diversas, as quais lhe proporcionaram o desempenho de uma multiplicidade de papéis, como aqueles que se pode intuir a partir das inscrições em sua lápide:

*Primer Vicario Apostólico del Uruguay / Prócer de la Independencia Nacional y de la República Soberana / Patrono de la educación, la ciencia y la cultura, de la libertad política y de la convivencia social / El culto a su memoria armoniza los sentimientos colectivos.*<sup>2</sup>

Apesar das questões que o epitáfio suscita (Como teria atuado pela independência? Que teria feito para ser considerado patrono de tantas causas? Por que o culto à sua memória

---

<sup>1</sup> Jacinto Vera (1813-1881); Mariano Soler (1846-1908); Juan Antonio Lavalleja (1784-1853); Fructuoso Rivera (1784-1854).

<sup>2</sup> Texto gravado na lápide de Dámaso Larrañaga na Catedral Metropolitana de Montevideú.

“harmoniza os sentimentos coletivos”?), concentremo-nos nos diversos campos de atuação que evoca: religião, política, educação, ciência, cultura, sociedade, etc. À primeira vista, a inscrição soa apenas como exaltação da Igreja a um de seus membros ilustres. No entanto, do lado de fora da Catedral, em diversos pontos de Montevideú, encontram-se outros elementos que remetem para um personagem polivalente.

São muitas as instituições sediadas na capital uruguaia que se relacionam com a memória de Larrañaga. Entre aquelas que levam seu nome, destacam-se a *Universidad Católica del Uruguay* e o *Museo Zoológico*, ao passo que na *Universidad de la República* e na *Biblioteca Nacional*, ainda que o nome dele não tenha sido adotado, figura nas listas dos principais fundadores. Referências ao personagem são encontradas também nas notas do dinheiro uruguaio, pois sua efígie está gravada no anverso da cédula de 2000 pesos, a mesma que traz no reverso a reprodução da fachada da Biblioteca Nacional. Em Montevideú, não falta também uma estátua em sua homenagem, uma rua que leva seu nome, da mesma forma que uma escola e uma praça, entre outros exemplos.

São tantas as facetas do personagem que, na tentativa de registrá-las, seus biógrafos lançaram mão de uma profusa lista de epítetos; um deles chegou a citar, em sequência, nada menos que dez denominações: “*Botánico, zoólogo, astrónomo, geólogo, etnólogo, historiador, político, diplomático, sacerdote, benefactor*”.<sup>3</sup> Em 2011, num evento<sup>4</sup> sobre Larrañaga realizado em Montevideú, significativamente subintitulado “*enfoques diversos*”, os palestrantes abordaram sua atuação em diferentes campos, conforme revelam os títulos das conferências: *Larrañaga cronista; El hombre de ciencia; Larrañaga y la libertad de imprenta; Educación: pensamiento y obras; Larrañaga hombre de iglesia; El actor político, creador de identidad*.

\*\*\*

Meu primeiro contato com o sujeito histórico Larrañaga se deu no início da década passada, ainda no curso de História da Universidade Federal de Santa Maria, através da tese de doutorado da professora Maria Medianeira Padoin.<sup>5</sup> No capítulo em que analisa a participação do clero nos movimentos de independência da Argentina e do Uruguai, embora

<sup>3</sup> BERRO, Fermin I. Huertas. **Dámaso Antonio Larrañaga (1771-1848)**. Montevideo: 1965, p. 8.

<sup>4</sup> *Jornadas de estudio Dámaso Antonio Larrañaga: enfoques diversos*. Evento realizado entre 16 e 18 de agosto de 2011 na *Universidad Católica del Uruguay Dámaso Antonio Larrañaga*, em Montevideú.

<sup>5</sup> Parte da tese foi publicada em: PADOIN, Maria Medianeira. **Federalismo gaúcho**: fronteira platina, direito e revolução. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

se ocupe de Larrañaga em apenas alguns parágrafos, Padoin salienta a necessidade de estudos mais aprofundados sobre aquele que ela apresenta como alguém “considerado contraditório” na história da Banda Oriental.<sup>6</sup> Refere-se à sua atuação política, caracterizada por oscilar entre diferentes grupos. À época, apesar do interesse pelo caso, não me aprofundei no assunto, e só voltei a me envolver com ele no período entre 2003 e 2005, quando analisei a atuação dos sacerdotes nos movimentos de independência no Prata, em minha dissertação de mestrado.<sup>7</sup>

Pesquisando sobre os sacerdotes que atuaram na Revolução Farroupilha – alguns dos quais sustentaram uma separação entre a “Igreja Rio-Grandense” e a sede do Bispado no Rio de Janeiro<sup>8</sup> – no jornal “O Povo”, encontrei cinco ofícios, datados entre dezembro de 1838 e maio de 1839, que davam conta de relações estabelecidas por dois representantes da República Rio-Grandense, o Vigário Apostólico Francisco das Chagas Martins de Ávila e Sousa e o Ministro e Secretário de Estado dos Negócios de Justiça e Eclesiásticos Domingos José de Almeida, com o Vigário Apostólico da República Oriental do Uruguai, Dámaso Antonio Larrañaga.<sup>9</sup>

Como a autoridade do “Vigário Apostólico” dos farroupilhas não estava amparada em nenhuma decisão da Igreja (surgira a partir de uma nomeação feita pelo presidente da República Rio-Grandense), Francisco das Chagas tomou a iniciativa de escrever ao Vigário Apostólico do Uruguai, com a intermediação de Domingos José de Almeida, solicitando que aquele enviasse para a nascente república “a porção de Óleos Sagrados” que pudesse dispensar. Este é, portanto, o principal assunto de que tratam os cinco ofícios, sendo que Larrañaga atendeu ao pedido enviando determinada porção de “óleos sagrados”, sem qualquer questionamento quanto à legitimidade do título eclesiástico com o qual Francisco das Chagas se apresentava.

Os documentos encontrados, apesar de não significarem nenhuma novidade a propósito de revelar relações entre a República Rio-Grandense e grupos políticos do

---

<sup>6</sup> Ibid., p. 34.

<sup>7</sup> BIDINOTO, Lauro Manzonni. **Clero secular e poder político nos movimentos de independência do Prata**. 2005. Dissertação (Mestrado em Integração Latino-Americana) - UFSM, Santa Maria, 2005.

<sup>8</sup> Durante a Revolução Farroupilha (1835-1845), alguns sacerdotes que apoiaram o movimento submeteram-se à autoridade de Francisco das Chagas Martins de Ávila e Sousa a partir de 1838, quando ele foi nomeado “Vigário Apostólico” pelo Governo da República Rio-Grandense (1836-1845). Como essa nomeação não foi reconhecida pela Diocese do Rio de Janeiro, à qual pertencia a Igreja da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, configurou-se nesse período uma separação eclesiástica que se estendeu de 1838 até 1845.

<sup>9</sup> MUSEU E ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Documentos Interessantes para o estudo da Grande Revolução**. Porto Alegre: Departamento de História Nacional, 1930, v. 1, p. 285-287.

Uruguai,<sup>10</sup> pareceram-me ser um indício de que o rompimento eclesiástico promovido pelos farroupilhas, além de ter como inspiração o caso do Uruguai,<sup>11</sup> mais do que isso, teria sido planejado com o apoio direto da autoridade religiosa daquela República. Com essa ideia, fui a Montevideú, em 2003, determinado a encontrar documentos que esclarecessem esses vínculos. No entanto, a expectativa acabaria por frustrar-se, pois afora os ofícios publicados no jornal “O Povo”, nada mais encontrei que me permitisse levar adiante a hipótese.

Por outro lado, uma vez que minha investigação passou pela análise de uma série de documentos referentes a Dámaso Larrañaga, encontrei um personagem bem mais complexo do que até então eu pudera fazer ideia. Através de fontes primárias, de publicações de obras de sua autoria, de trabalhos biográficos, bem como de lugares de memória e instituições relacionadas a este, cheguei ao indivíduo multifacetado que procurei caracterizar nos parágrafos acima.

Se em algum momento fui atingido por aquilo que alguns autores chamam de “fascínio do personagem”, creio que foi naquela primeira etapa, quando voltei de Montevideú e me debrucei sobre o material de pesquisa que havia reunido. Todavia, esse entusiasmo esbarrou na impossibilidade de compreendê-lo a partir daquilo que me era oferecido pela bibliografia existente, em sua maior parte produzida na primeira metade do século XX. Nessa bibliografia, em geral, duas opções se apresentam: Larrañaga encarado como “herói” que tudo fez para o bem de sua terra, ou, então, Larrañaga visto como “traidor”, oportunista que sempre estivera pronto para lutar ao lado dos mais fortes. Essa tese surgiu, portanto, como tentativa de construir uma biografia de Dámaso Antonio Larrañaga livre dessa solução maniqueísta, procurando compreendê-lo frente às possibilidades que fizeram parte de seu contexto.

\*\*\*

Vivemos uma época em que as biografias gozam de boa aceitação no meio historiográfico e já vai longe o tempo em que estiveram relegadas a segundo plano. Existem, todavia, distintas formas de escrever biografia atualmente reconhecidas e aceitas enquanto conhecimento histórico. Portanto, é fundamental esclarecer de qual tipo de biografia estou falando.

---

<sup>10</sup> Sobre isso, ver, por exemplo: GUAZELLI, Cesar Augusto Barcellos. O Rio Grande de São Pedro na primeira metade do século XIX: Estados Nações e regiões província no rio da Prata. In: GRIJÓ, Luiz Alberto [et. al.] **Capítulos de História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p. 91-119.

<sup>11</sup> Pelo menos o título escolhido para a principal autoridade da Igreja Rio-Grandense, “Vigário Apostólico”, parece ter sido inspirado no caso do Uruguai, onde Larrañaga governava a Igreja sob este título desde 1832, porém com autorização do Papa.

Com relação à escolha do personagem, não encontrei em Larrañaga nada que o tornasse “inadequado” para a escrita de uma biografia, dentro dos novos aportes historiográficos. Referindo-se à mudança na escolha dos personagens enfocados, que teria ocorrido na historiografia atual com relação às biografias tradicionais, Benito Schmidt sinala a tendência da substituição dos “grandes vultos” pela “gente miúda”, ressaltando a importância da “incorporação dos subalternos no panteão dos biografados”, como teria ocorrido na biografia do moleiro Menocchio, de Ginzburg, e no livro sobre Don Obá II da África, de Eduardo Silva. Contudo, sustenta que os indivíduos da elite também podem ser “objetos de excelentes biografias”, exemplificando com os livros de Georges Duby e Jacques Le Goff, respectivamente sobre Guilherme o Marechal e São Luís.<sup>12</sup> Em outro artigo, Schmidt afirma ainda ser muito comum “encontrar biografias tradicionais de ‘subalternos’ e biografias inovadoras de ‘grandes homens’”.<sup>13</sup> Ou seja, não é a escolha do personagem que define se uma biografia será tradicional ou inovadora.

Embora Larrañaga não ocupe lugar central nas grandes narrativas escritas sobre a História do Uruguai, não se trata, obviamente, de um desconhecido, como podemos perceber na abertura desta introdução, bem como no fato de ter sido alvo de diversos trabalhos biográficos e também por ter seus próprios escritos publicados. Da mesma forma, apesar de ser originário de uma família de poucas posses, não pode ser situado entre a “gente miúda”, principalmente pelas relações que estabelece a partir da década de 1810, quando assume o cargo de pároco de Montevideu e se torna a principal autoridade da Igreja da Banda Oriental até a sua morte, em 1848, quando já será Vigário Apostólico.

Escolhido o personagem, com motivações e circunstâncias que narrei anteriormente, procurei estabelecer um problema de pesquisa que pudesse servir de baliza para orientar as investigações e, desta forma, evitar a ilusão de contar uma vida que segue por um caminho. E aqui se faz necessária uma referência ao artigo “A ilusão biográfica”,<sup>14</sup> de Bourdieu, mais especificamente à crítica da noção de biografia que considera a vida como “um caminho que

---

<sup>12</sup> SCHMIDT, Benito Bisso. Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **O biográfico: perspectivas interdisciplinares**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 49-70, p. 52-54. GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: cotidiano das ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987; SILVA, Eduardo. **Dom Obá II da África, o príncipe do povo: vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997; DUBY, Georges. **Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo**. Rio de Janeiro: Graal, 1987; LE GOFF, Jacques. **Saint Louis**. Paris: Gallimard, 1996.

<sup>13</sup> SCHMIDT, Benito Bisso. Biografias históricas, o que há de novo? In: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. **Leituras do passado**. Campinas: Pontes Editores, 2009. p. 73-82, p. 77.

<sup>14</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 183-191.

percorremos e que deve ser percorrido”.<sup>15</sup> Mesmo que outros pontos do célebre artigo tenham sido discutidos,<sup>16</sup> não restam dúvidas quanto à pertinência da crítica de Bourdieu com relação à aplicação de uma teleologia à vida dos indivíduos.

Fazer com que a biografia seja conduzida a partir de um problema de pesquisa significa também abrir mão de capturar a vida do biografado enquanto totalidade. Por dois motivos bastante óbvios, não é possível trazer para a biografia toda uma vida: não há como acessar todos os acontecimentos, senão uma ínfima parcela, e esse acesso ocorre somente de maneira indireta; caso pudéssemos acessar todo o resto, precisaríamos de outra vida do mesmo tamanho para “contar” aquela. E se não há como ocupar-se de tudo, é preciso fazer escolhas.

Tendo em vista que as principais polêmicas em torno do personagem relacionavam-se diretamente à sua atuação política oscilante entre diferentes grupos, inicialmente acreditei que deveria direcionar minhas pesquisas para o sistema que regulava as relações entre o Estado e a Igreja, o Sistema de Padroado.<sup>17</sup> Preocupei-me em descobrir se em sua atuação política Larrañaga teria sido um sujeito controlado pelo sistema de Padroado ou se, ao contrário, teria usado desse sistema para se fazer ouvir no meio político. Acreditava ter chegado a um problema de pesquisa válido, quando, na verdade, colocado de tal forma, o problema conduziria inevitavelmente para uma solução dualista: o sujeito histórico dominado pela estrutura ou a hipótese inversa, do sujeito livre circulando pelo sistema. Tratava-se da velha antinomia “sujeito x estrutura” convertida na oposição “sacerdote x Padroado”.

Não foi preciso avançar muito na pesquisa para verificar a inconsistência dessa proposta. Enquanto algumas fontes mostraram Larrañaga obedecendo aos governantes aos quais estava submetido pelo Padroado, outras revelaram que, em determinados momentos, ele assumia uma postura que o colocava no mesmo patamar de seus interlocutores. Tentando, pois, superar essa antinomia, repensei o problema a partir de um ponto intermediário. Sem escolher entre um dos pólos, procurei “erigir o equilíbrio instável” entre eles “como ponto de observação”.<sup>18</sup> Ou seja, em vez de buscar descobrir se a atuação política de Larrañaga foi

---

<sup>15</sup> Ibid., p. 183.

<sup>16</sup> Ver, por exemplo: DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p. 209; LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escalas**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 225-249, p. 246.

<sup>17</sup> Em linhas gerais, o Padroado consistia num acordo no qual competia ao Estado fornecer os recursos econômicos necessários ao funcionamento da Igreja em troca do direito de indicar aqueles que ocupariam os cargos eclesiásticos. O tema é abordado com maior detalhamento no capítulo 2.

<sup>18</sup> Tradução minha. No original: “*d’ériger l’équilibre instable [...] comme lieu d’observation*” BACKOUCHE, Isabelle; KOTT, Sandrine, apud DELACROIX, Christian. Acteur. In: \_\_\_\_\_. et al. (Org.). **Historiographies II**: concepts e débats. Paris: Gallimard, 2010. p. 661-663, p. 658.



controlada ou não pelo Sistema de Padroado, passei a investigar sua atuação política sob este sistema, observando as relações que estabeleceu em diferentes contextos e **procurando entender como conseguiu transitar entre diferentes grupos políticos, mantendo-se sempre no poder.**

Se analisarmos a vida de outros sacerdotes que viveram no Rio da Prata neste mesmo período e que também estiveram envolvidos com a política, como, aliás, era muito comum, perceberemos que alternaram períodos de liderança com períodos em que foram perseguidos ou até mesmo exilados, dependendo do grupo que assumiu o poder.<sup>19</sup> Com exceção de um caso de 1811, quando teve que abandonar Montevideú, Larrañaga conseguiu manter uma posição de diálogo nos demais episódios em que se envolveu, posição evidenciada na sua morte, quando foi homenageado tanto por *blancos* quanto por *colorados*, os dois grupos políticos que naquele momento lutavam pelo poder no Uruguai.

Esta tese se concentra, principalmente, no período entre 1811, quando começou a revolução na Banda Oriental, e 1821, ano em que foi aprovada a incorporação da Província Oriental ao Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, com o nome de Estado Cisplatino Oriental. Isso não significa, por outro lado, que ignorei os 40 anos que precedem este espaço temporal, bem como os últimos anos de sua vida, quando o Uruguai surgiu como país. Pelo contrário, muitas referências a estes espaços de tempo aparecem ao longo do texto, conforme colaboram para o assunto discutido. No entanto, foi entre 1811 e 1821 que Larrañaga vivenciou as mudanças mais significativas no terreno político e foi a partir de sua atuação neste período que surgiram as principais polêmicas levantadas por seus biógrafos.

A peculiar relação entre Estado e Igreja, gerada pelo Padroado, sem dúvida explica por que tantos sacerdotes se envolveram com questões políticas no período. Foi por isso usei no título do trabalho a palavra “cura” (sacerdote) associada a Larrañaga. Não há como negar que boa parte das ações do personagem se relaciona diretamente com sua condição de eclesiástico. Entretanto, essa mesma condição por si só não explica tudo. Em outras palavras, quero dizer que nem todos os eclesiásticos agiam da mesma forma, apesar de a maioria deles ter se envolvido com questões políticas. Tampouco a tradicional divisão alto clero/baixo clero serve para caracterizar grupos homogêneos, tanto mais no caso da Banda Oriental, onde essa divisão era mais complexa ainda, pelo fato de nunca ter se transformado em diocese no período em questão.

---

<sup>19</sup> Há vários exemplos em: CALVO, Nancy; DI STEFANO, Roberto; GALLO, Klaus (Coords.). **Los curas de la revolución**: vidas de eclesiásticos en las orígenes de la nación. Buenos Aires: Emecé, 2002.

Logo, esta biografia não se apresenta como “biografia modal” (que “visa, por meio de uma figura específica, ao tipo idealizado que ela encarna”<sup>20</sup>). Não é a biografia “de um indivíduo que concentra todas as características de um grupo”,<sup>21</sup> pois Larrañaga não ilustra aqui nenhuma espécie de coletivo. Pelo contrário, meu trabalho vai ao encontro daquilo que defende Sabina Loriga, quando afirma que “o indivíduo não tem como missão revelar a essência da humanidade”, mas sim “permanecer particular e fragmentado”.<sup>22</sup>

Essa proposta, por outro lado, não implica a abordagem do indivíduo isolado do coletivo. Aliás, creio que a questão fundamental para o historiador-biógrafo consiste em centrar-se justamente no ponto de “conexão” entre o geral e o particular.<sup>23</sup> Foi isso que procurei fazer estudando as relações políticas estabelecidas por Larrañaga. É nelas que busco a “conexão” dele com o “contexto” no qual se “insere”. Antes de continuar, esclareço que tomo o “político” contido em tais “relações” como o define René Remond<sup>24</sup> quando afirma que ele jamais é “um fato isolado”, pois “toca a muitas outras coisas”, entre elas a cultura e a sociedade. Sendo assim, embora focada nas ações e relações políticas do personagem, esta biografia busca compreendê-las vinculadas aos demais aspectos de sua vida, sejam eles econômicos, sociais, culturais, entre outros. Para tanto, busquei trabalhar com a noção de “pluralidade de contextos”.

Para Jacques Revel, entender o contexto enquanto pluralidade é uma das originalidades da abordagem micro-histórica. Isso se daria a partir da negação da evidência - presente em outros usos do contexto na historiografia - de que existe “um contexto unificado, homogêneo, dentro do qual e em função do qual os atores determinariam suas escolhas”.<sup>25</sup> Referindo-se a este contexto plural advindo da abordagem micro-histórica, Sabina Loriga adverte para uma “sensação de vertigem” que acompanharia tal noção: “[...] se considerarmos o contexto como uma série de círculos superpostos dos quais o centro de um se situaria na circunferência do outro e assim por diante, o trabalho de compreensão histórica se torna inesgotável, cada espaço e cada tempo remetendo a outro espaço e outro tempo”.<sup>26</sup>

<sup>20</sup> DOSSE, op. cit., p. 195.

<sup>21</sup> LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 167-182, p. 175.

<sup>22</sup> LORIGA, op. cit., p. 249.

<sup>23</sup> LORIGA, Sabina. **O pequeno x**: da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. p. 226.

<sup>24</sup> RÉMOND, René. O retorno do político. In: CHAUVENAU, Agnes; TÉTARD, Philippe (Orgs.). **Questões para uma história do presente**. São Paulo: EDUSC, 1999. p. 51-60, p.58.

<sup>25</sup> REVEL. Jacques. Microanálise e construção do social. In: \_\_\_\_\_. **Jogos de escalas**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 15-38, p. 27.

<sup>26</sup> LORIGA, **O pequeno x...**, op. cit., p. 222.

Como forma de evitar essa “vertigem”, priorizei a abordagem de três contextos “principais”, em torno dos quais centrei a biografia de Larrañaga: o eclesiástico, o político e o científico. Ressalto, contudo, que tal divisão não passa de ferramenta metodológica, de maneira que não se tratam de contextos homogêneos, uma vez que qualquer ação do personagem se relaciona inevitavelmente com mais de um contexto, inclusive com outros tantos que a pesquisa não abrange. Da mesma forma, também é importante ressaltar que tais contextos não são estáticos no tempo, pois estão em constante mudança.

\*\*\*

Assim como em qualquer outro trabalho historiográfico, na biografia por vezes lidamos com uma série de lacunas deixadas pelas fontes. Seguir as pistas do biografado é como acompanhar as pistas deixadas por um animal que foge margeando um rio. Por vezes as pegadas são abundantes na areia fofa; podemos, assim, criar hipóteses sobre o que fazia naquele momento. Todavia, mais adiante o perderemos completamente, ficando apenas a imaginarmos se terá entrado no rio ou caminhado pelas pedras, até que voltemos a encontrar o rastro logo à frente, e então um trecho da trajetória terá se perdido para sempre, a não ser que outras pistas indiretas nos ajudem a esclarecer alguma coisa. Correndo o risco de estender demais essa metáfora um tanto rudimentar, acrescento ainda que o animal terá deixado muitas outras pistas que não compreenderemos, ou, quem sabe, outras pegadas que a chuva apagou antes que as víssemos.

Penso que os intervalos documentais tendem a ser aceitos com naturalidade em tempos que a biografia total, linear e coerente não figura na mira dos historiadores-biógrafos. Cabe ao pesquisador buscar outros meios de confrontar a trajetória do personagem com o problema de pesquisa naqueles momentos em que as fontes silenciam. Porém, há casos em que o problema é o excesso de fontes, o qual, combinado com o tempo limitado para a pesquisa, pode ser tão ou mais frustrante quanto a ausência delas. O fato é que ambas as situações levam à escolha, à seleção e, por fim, à resignação aos limites do biográfico: “O biógrafo sabe que jamais concluirá sua obra, não importa o número de fontes que consiga exumar. Diante dele abrem-se pistas novas, onde ocorre o risco de se enredar a cada passo”.<sup>27</sup>

Se tivesse que classificar meu estudo sobre Larrañaga numa das situações acima, creio que tenderia mais para o segundo caso, do excesso de fontes, não sem antes precisar um

---

<sup>27</sup> DOSSE, op. cit., p. 14.

detalhe: é bem menor a quantidade de documentos do período anterior a 1811. O fato de que o problema de pesquisa tenha surgido justamente do período posterior a esta data também está relacionado com a abundância de fontes que existem a partir daí. No entanto, quando afirmo que há fontes em profusão, não quero com isso excluir as diversas lacunas documentais que também existem, em maior ou menor dimensão, conforme o tema.

Entendendo as relações políticas de Larrañaga dentro de uma noção “renovada” do político, a qual refuta a concepção deste enquanto fator isolado dos demais aspectos na História, não me ative a determinado tipo de fontes, que poderiam ser, por exemplo, aquelas que resultaram de sua atuação política “oficial”. A metodologia envolvendo os três principais contextos anteriormente citados fez com que de cada um deles oferecesse um grupo específico de fontes. Entretanto, cabe ressaltar mais uma vez, o caráter “teórico” dessa divisão, lembrando que na prática a maioria das fontes remete a vários contextos ao mesmo tempo. De maneira geral, integram a relação destas: correspondências particulares e oficiais; diários de viagem; escritos sobre temas diversos, tais como história, história natural, educação, economia, religião, etc.; documentos oficiais, como atas de reuniões, ofícios de governo e informes gerais; escritos de outros personagens contemporâneos e próximos de Larrañaga.

Muitas dessas fontes se encontram transcritas e publicadas. Este é o caso, por exemplo, de uma série de documentos que envolvem Larrañaga na década de 1810 e que fazem parte do *Archivo Artigas*,<sup>28</sup> coleção que soma 37 tomos. São alguns dos documentos relacionados a Larrañaga que figuram nesta publicação: correspondências com Artigas a respeito de assuntos diversos (Missão frente à Assembléia Geral em Buenos Aires/1813; fundação da Biblioteca Pública de Montevideu/1815-1816; assuntos eclesiásticos; etc.); correspondências com o *Cabildo*<sup>29</sup> de Montevideu; atas de reuniões e assembleias e eleições; diários, como o diário do Padre Bartolomé de Muñoz, entre 1807-1812, no qual Larrañaga é citado; correspondências trocadas entre outras pessoas que fazem referências a ele; outros

---

<sup>28</sup> O “**Archivo Artigas**” tem sua origem numa lei uruguaia de 1944 que criou uma comissão e determinou que se realizasse a compilação e publicação dos documentos históricos relacionados à vida de José Artigas. Entre 1950 e 2009 foram publicados 37 tomos. COMISIÓN NACIONAL ARCHIVO ARTIGAS. **Archivo Artigas**. 37 tomos. Montevideu, 1950-2009. A partir daqui, ao citar documentos que constam nesta publicação, utilizo apenas a expressão “**Archivo Artigas**”, seguida da indicação do tomo e da página correspondentes. As referências completas dos tomos citados ao longo da tese encontram-se no final do trabalho. A lei que determinou a criação da *Comisión Nacional Archivo Artigas* se encontra em: *Ley de Creación*, Montevideu, 13/06/1944. **Archivo Artigas**, tomo 1, p. 2.

<sup>29</sup> A palavra “cabido”, em português, diz respeito à corporação de cônegos de uma catedral. No espanhol, a palavra “*cabildo*”, pode designar tanto a corporação de cônegos de uma catedral, quanto a junta administrativa de uma cidade. Sendo assim, quando faço uso dessa expressão no sentido eclesiástico, utilizo a palavra correspondente em português, cabido. Já quando utilizo a palavra para referir-se à junta administrativa de uma cidade, mantenho a palavra no espanhol, *cabildo*, em itálico.

escritos do próprio personagem, como o *Diario de viaje desde Montevideo al pueblo de Paysandú* (1815) e a *Oración Inaugural* da Biblioteca Pública de Montevideu (1816).

A maioria dos escritos de Larrañaga dos quais se tem conhecimento já foi publicada,<sup>30</sup> sendo que alguns deles, inclusive, como o diário de viagem e a oração inaugural citados no parágrafo anterior, receberam várias edições. Entre as obras lançadas com o objetivo de reunir tais documentos, destaca-se uma publicação organizada pelo *Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay*<sup>31</sup> na década de 1920, a qual é composta por cinco tomos que reúnem seus principais escritos e também muitos desenhos resultantes de seus trabalhos de botânica, zoologia e paleontologia.<sup>32</sup> Felizmente, também grande parte dos originais está preservada e disponível para pesquisa. Sendo assim, há diversas formas de acessar esses documentos e, em caso de dúvida, é possível fazer o cotejamento entre eles e até mesmo com os originais. Cito como exemplo novamente o *Diario de viaje desde Montevideo al pueblo de Paysandú*, um dos textos mais conhecidos de Larrañaga, ao qual eu mesmo tive acesso através de quatro publicações (1922/1965/1990/2005),<sup>33</sup> além do próprio documento original, que está no *Archivo General de la Nación*.<sup>34</sup>

Vai aqui uma ressalva: ao afirmar que a maioria dos “escritos” de Larrañaga foi publicada, refiro-me aos textos que ele escreveu a propósito de assuntos específicos, seja por conta de suas pesquisas no âmbito dos estudos naturalistas ou em outras áreas, como a política e a educação. Portanto, ainda que diversas correspondências e outros documentos também tenham sido publicados, caso daqueles que integram o *Archivo Artigas* e a publicação do

<sup>30</sup> O *Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani* disponibiliza na internet cópia digitalizada de um dos diários de Larrañaga que ainda não foi publicado, o *Diario de Historia Natural 1808-1814*, de 620 páginas. (<http://ravignanidigital.com.ar>). Pequena parte desse diário foi transcrita e comentada em: MANÉ GARZÓN, Fernando; ISLAS, Ariadna. Viaje de Dámaso Antonio Larrañaga de Toledo a la Villa de Florida, 29 de enero a 6 de febrero de 1813. **Cuadernos de Marcha**, Montevideo, 3ª época, año XIV, n. 162, p. 25-37, mayo 2000. A transcrição completa do diário se encontra em fase de editoração, devendo ser lançada em breve.

<sup>31</sup> LARRAÑAGA, Dámaso Antonio. **Escritos**. Montevideo: Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay, Imprenta Nacional, 1922-1930. 5 t.

<sup>32</sup> Grande parte dos originais se encontra no **Archivo General de la Nación** (*Caja 196*), que também disponibiliza cópia de alguns on-line em <http://www.agn.gub.uy>.

<sup>33</sup> LARRAÑAGA, Dámaso Antonio. *Diario de viaje desde Montevideo al pueblo de Paysandú*. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Montevideo: Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay, Imprenta Nacional, 1923. t. III. p. 37-84; LARRAÑAGA, Dámaso Antonio. *Diario de viaje desde Montevideo al pueblo de Paysandú en 1815*. In: \_\_\_\_\_. **Selección de Escritos**. Montevideo: Biblioteca Artigas; Ministerio de Instrucción Pública y Previsión Social, 1965. p. 51-118; LARRAÑAGA, Dámaso Antonio. *Viaje à Paysandú*. In: COMISIÓN NACIONAL ARCHIVO ARTIGAS. **Archivo Artigas**. Montevideo: Impresores A. Monteverde & Cia, 1990. t. XXIII. p. 119-161; LARRAÑAGA, Dámaso Antonio. *Diario de viaje desde Montevideo al pueblo de Paysandú en 1815 (con actas del Cabildo de Montevideo que explicitan el viaje)*. In: MARCHESI, Carlos. **Dámaso Antonio Larrañaga: fiel montevideano, forjador de la nación, fundador y primer jefe de la Iglesia Uruguaya - comprensión de su figura histórica y antología**. Montevideo: Carlos Marchesi Editor, 2005. p. 75-127.

<sup>34</sup> *Diario de viaje desde Montevideo al pueblo de Paysandú*, 1815, manuscrito de Dámaso Antonio Larrañaga. **Archivo General de la Nación**, *Caja 195, Carpeta 2*.

*Instituto Histórico y Geográfico*, resta ainda grande parte dessas fontes que precisa ser consultada diretamente nos arquivos. Isso ocorre com muitas correspondências que dizem respeito à atuação eclesiástica do personagem entre 1815 e 1848, as quais estão no *Archivo de la Curia Eclesiástica de Montevideo*, disponíveis apenas para a consulta local. Outras fontes, como as que registram a atuação de Larrañaga enquanto senador na primeira legislatura do Uruguai (1830-1835), constam transcritas numa obra de tiragem limitada, disponível em poucos lugares, como na *Biblioteca del Poder Legislativo*.<sup>35</sup>

Não cito aqui todas as obras e acervos nos quais encontrei documentos, até porque estão devidamente especificados ao longo da tese, quando citados. Por outro lado, nem todas as fontes que listei acima foram incorporadas ao trabalho, por conta das escolhas que uma biografia impõe.

Quero ressaltar ainda a qualidade de fontes de que se revestem todas aquelas publicações biográficas já realizadas a respeito do personagem. Em geral, tratam-se de livros que não possuem as mesmas preocupações metodológicas que hoje fazem parte – ou pelo menos deveriam fazer – das biografias produzidas no âmbito historiográfico. Sendo assim, muitas vezes, tendem a uma excessiva preocupação cronológica, enquadrando-se no que se costuma chamar de história tradicional. Apesar disso, estas obras trazem contribuições muito importantes.

A primeira delas é a de servirem enquanto fonte de dados. Neste sentido, concordo com Luiz Alberto Grijó, quando afirma que este tipo de escritos pode se tornar viável para o uso acadêmico-científico, desde que tomadas algumas precauções. Evitando-se tomá-los enquanto “expressão do real” e comparando-os com outras fontes, é possível se beneficiar de diversas informações que esses textos costumam reunir, assim como de diversos documentos que muitas vezes são transcritos pelos autores.<sup>36</sup>

Para desenvolver melhor essa ideia, tomo como exemplo as duas principais biografias de Larrañaga: *El padre Dámaso Antonio Larrañaga: apuntes para su biografía*, de Rafael Algorta Camusso,<sup>37</sup> publicada em 1922; e *Dámaso Antonio Larrañaga: su vida y su época*, de Edmundo Favaro,<sup>38</sup> publicada em 1950. Esta última traz um apêndice documental com a transcrição de 38 documentos, frutos de escolhas do autor dentro de sua concepção daquilo

<sup>35</sup> PODER LEGISLATIVO. *Diario de sesiones de la cámara de senadores de la República Oriental del Uruguay*: primera legislatura. Montevideo: Tipografía La España, 1882. 2 t.

<sup>36</sup> GRIJÓ, Luiz Alberto. Biografia, para quê? In: CORADINI, Odaci Luiz (Org.). *Estudios de grupos dirigentes no Rio Grande do Sul*: algumas contribuições recentes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. p. 85-102, p. 87-88.

<sup>37</sup> CAMUSSO, Rafael Algorta. *El padre Dámaso Antonio Larrañaga: apuntes para su biografía*. Montevideo: Talleres Gráficos A. Barreiro y Ramos, 1922.

<sup>38</sup> FAVARO, Edmundo. *Dámaso Antonio Larrañaga: su vida y su época*. Montevideo: Res. S. A., 1950.

que considerou importante. Neste sentido, tais escolhas seguem a lógica da linearidade presente na biografia, de maneira que o primeiro dos documentos transcritos é a certidão de casamento dos pais do personagem. Todavia, o apêndice serve como importante indicador, tanto da existência de certas fontes, quanto da localização destas, já que o autor realiza um bom trabalho no que diz respeito à indicação dos arquivos e outros lugares onde as encontrou.

No caso da obra de Rafael Algorta Camusso, também se encontra a transcrição de muitos documentos, porém ao longo do texto. Ainda que o autor nomeie a maioria das fontes às quais se refere, não revela a mesma preocupação, quanto à indicação dos arquivos e demais locais de pesquisa, manifestada por Favaro. Por outro lado, a grande investigação empreendida por Camusso para localizar certas fontes que até então eram inéditas não deixa de ser um empreendimento louvável, ainda que possamos discordar, por vezes, da sua interpretação.

Um segundo aspecto dessas publicações que precisa ser valorizado, e que se estende às demais tentativas biográficas, inclusive às de menor porte, diz respeito ao seu valor enquanto documentos que constroem uma representação sobre o personagem. Independentemente de suas qualidades enquanto obras historiográficas, tais biografias podem revelar “como seus contemporâneos [do biografado] e sucessores relacionaram-se com o passado, ao interpretarem trajetórias individuais como a dele”.<sup>39</sup> Este é o caso, por exemplo, daquela que é considerada uma das primeiras biografias de Larrañaga e que foi publicada ainda em 1848.<sup>40</sup> Escrita por um contemporâneo do biografado, ela interessa diretamente por revelar representações que dizem respeito à própria sociedade em que ele estava inserido. Contudo, cabe ressaltar que este não é objetivo desta tese, ainda que algumas observações nesse sentido apareçam no trabalho, principalmente no primeiro capítulo.

Há ainda um terceiro viés através do qual esse tipo de trabalho deve ser valorizado. Refiro-me a ideias, raciocínios e hipóteses, aos quais acabamos chegando a partir da leitura destas biografias e a que, possivelmente, não chegaríamos, ou chegaríamos por outros caminhos, talvez de maneira mais demorada, sem a leitura delas. Não falo apenas de hipóteses que tenham sido levantadas pelos autores, mas sim daquelas que criamos graças a certas

---

<sup>39</sup> XAVIER, Regina Célia Lima. O desafio do trabalho biográfico. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos et. al. **Questões de teoria e metodologia da história**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 161-173, p. 172.

<sup>40</sup> Trata-se de um "artículo necrológico" que foi publicado por Carlos Villademoros no Jornal *El Defensor de la Independencia Americana* em 13 de março de 1848. A edição que consultei e na qual se baseiam as observações feitas ao longo desta tese foi: VILLADEMOROS, Carlos Gerónimo. Breve noticia de la vida de Don Dámaso Antonio Larrañaga, Vicario Apostólico y Proto-Notario Apostólico de la Santa Sede en el Estado Oriental de Uruguay. **Revista Nacional**, T. XXII, p. 121-130, 1943.

colocações que para eles não passam, às vezes, de anedotas ou ideias secundárias.<sup>41</sup> No caso de biografias em que o historiador é o primeiro a escrever sobre o biografado, se por um lado ele tem a vantagem de não sofrer a influência de outras pesquisas, por outro, seu diálogo fica reduzido às fontes. Acredito que na situação daqueles que, como eu, trabalham com personagens que já contam com biografias anteriores, a leitura delas não deve ser encarada apenas como obrigatoriedade de revisão bibliográfica, mas sim como uma oportunidade de encontrar fontes de pesquisa e, quando possível, como oportunidade de encontrar inspiração. Mais do que isso, trata-se, inclusive, de uma questão de honestidade intelectual assumir o quanto estes trabalhos foram importantes como fonte de consulta ao longo da pesquisa. Desta forma, o diálogo com os biógrafos de Larrañaga é constante ao longo de toda esta tese, principalmente com Edmundo Favaro, Rafael Algorta Camusso e Alfredo R. Castellanos.<sup>42</sup> A importância da obra destes autores para a minha pesquisa é bastante visível em diversos trechos desta biografia, seja enquanto fontes de dados ou mesmo como inspiração.

\*\*\*

Uma das possibilidades abertas aos biógrafos no panorama historiográfico atual consiste em pesquisar aquilo que ocorreu com a imagem do biografado no período posterior à sua morte. François Dosse cita como exemplo bem-sucedido nesse território o empreendimento levado a cabo a partir dos anos 2000 pela editora francesa *Presses de Sciences-Po*, a coleção *Références/Facettes*, dirigida por Nicolas Offenstadt.<sup>43</sup> Inspirado em suas leituras das ciências sociais, principalmente nos artigos de Bourdieu (“A ilusão biográfica”) e Giovanni Levi (“Usos da biografia”),<sup>44</sup> o historiador francês criou a coleção visando romper com o gênero biográfico tradicional, das biografias lineares e coerentes, propondo um modelo que fizesse “prevalecer a pluralidade das facetas das personagens biografadas multiplicando dados, pontos de vista e costumes”.<sup>45</sup> Para tanto, priorizou a “vida póstuma do biografado”, sendo que as biografias da coleção dividem-se em duas partes: a

---

<sup>41</sup> Luiz Alberto Grijó chama a atenção para “certas relações e motivações que, muitas vezes, são apresentadas nos textos de histórias de vida como curiosidades ou como algo de menor valor”. Cf.: GRIJÓ, op. cit., p. 87.

<sup>42</sup> Ainda que Castellanos não tenha escrito propriamente uma biografia de Larrañaga, escreveu textos de diferentes formatos a respeito do personagem, os quais cito ao longo da tese. O principal destes trabalhos é: CASTELLANOS, Alfredo R. **Contribución al estudio de las ideas del Pbro. Dámaso Antonio Larrañaga**. (Apartado de la Revista Histórica. Tomo XVII). Montevideo: 1952.

<sup>43</sup> DOSSE, op. cit., p. 45-47.

<sup>44</sup> LEVI, op. cit.; BOURDIEU, op. cit.

<sup>45</sup> DOSSE, op. cit., p. 46.



primeira aborda os diferentes pontos de vista manifestados sobre o personagem, e a segunda analisa as principais problemáticas levantadas, a partir da atuação deste.

Embora não tenha seguido esse modelo aplicado na coleção *Facettes*, busquei algo semelhante ao que se fazia na primeira parte das obras com o meu **primeiro capítulo**. Nele procurei confrontar os diferentes pontos de vista biográficos sobre Larrañaga e apresentar uma síntese de como foi construído o personagem na história posterior à sua morte. Concentrei-me principalmente nas biografias, e também nos textos cujo tema central girou em torno dele ou de sua obra escrita, ainda que, eventualmente, outros trabalhos também sejam citados. Por motivos óbvios, não me propus cobrir nessa análise “todos” os textos já produzidos sobre ele nestes mais de 160 anos passados desde sua morte. Procurei selecionar os mais representativos, ou seja, aqueles que mais influenciaram na construção de determinadas imagens do personagem que acabaram predominando ao longo do período. Da mesma forma, também não me propus abordar os diversos lugares de memória que vão além da bibliografia. Tal análise, apesar de pertinente, extrapolaria o tempo disponível para a elaboração da tese.

Nos demais capítulos, estudo as relações políticas de Larrañaga, a partir dos três contextos anteriormente citados (eclesiástico, científico e político).

O **segundo capítulo** trata, pois, do contexto eclesiástico. Nele, abordo a carreira de Larrañaga na Igreja a partir de três questões principais. A primeira delas refere-se às circunstâncias que levaram o personagem a se tornar sacerdote e às possibilidades e expectativas que existiam em torno desta alternativa de vida no Rio da Prata do final do século XVIII. A segunda diz respeito aos primeiros avanços de Larrañaga na hierarquia eclesiástica, bem como às relações políticas ligadas a esta trajetória. A última questão com a qual fecho o capítulo trata da posição ocupada por Larrañaga durante muitos anos como principal autoridade da Igreja na Banda Oriental, na qual se insere a discussão em torno das tentativas fracassadas de criação de um bispado na região ao longo da primeira metade do século XIX.

As relações estabelecidas por Larrañaga enquanto estudioso naturalista<sup>46</sup> são alvo da pesquisa no **terceiro capítulo**, situadas dentro daquele contexto que chamei de “científico”. Nele encontramos o personagem em contato com outros sacerdotes que também se dedicaram a pesquisas sobre a natureza, como seu amigo bonaerense Saturnino Segurola, mas também o

---

<sup>46</sup> Entenda-se naturalista, no século XIX, como “um indivíduo que transitava por diversas áreas do conhecimento científico, as chamadas ciências naturais”. Luciana Rossato, citando MOREIRA LEITE, Miriam Lifchitz. ROSSATO, Luciana. **A lupa e o diário: história natural, viagens científicas e relatos sobre a Capitania de Santa Catarina (1763-1822)**. 2005. Tese (Doutorado em História) - UFRGS, Porto Alegre, 2005, p.57.

encontramos dialogando e correspondendo-se com naturalistas europeus, como o francês Auguste de Saint-Hilaire e Aimé Bonpland.

No **quarto e último capítulo**, a pesquisa se volta para o contexto político, neste caso entendido como político-institucional, porém não restrito a ele, uma vez que a concepção de política que permeia a tese entende o conceito relacionado a diversas esferas da vida do personagem. Neste sentido, procurei relacionar sua atuação política com os contextos analisados nos capítulos dois e três. O quarto capítulo compreende, pois, a atuação de Larrañaga principalmente na primeira década dos movimentos de independência, relacionando-se com personagens que vão desde Artigas ao português Lecor, mas não deixa de compreender também alguns outros aspectos que dizem respeito à sua atuação nas últimas décadas de vida.

Acompanhar o personagem em cada um desses contextos implica a variação da escala de análise, prática que afasta a acusação muitas vezes feita aos trabalhos biográficos de apegarem-se ao micro, ao individual. Pelo contrário, acredito que a trajetória individual só adquire sentido - por ser diferente ou por seguir um padrão de conduta - quando inserida no espaço coletivo. Assim, entendo que escrever biografia é escrever história “atenta aos indivíduos percebidos em suas relações com outros indivíduos”, como observou Jacques Revel a propósito da ideia - defendida por Carlo Ginzburg e Carlo Poni<sup>47</sup> - de fazer do nome próprio uma “baliza” para circular na “multiplicidade dos espaços e dos tempos” em que ele se inscreve.<sup>48</sup>

Ainda que sem a pretensão de explorar a vida privada do personagem, em determinados momentos tentei trazer para o texto alguns aspectos de seu cotidiano,<sup>49</sup> tarefa bastante difícil quando as fontes disponíveis, em sua maioria, não se originam do âmbito privado. Alguns detalhes pude obter em seus diários e correspondências particulares.

Para François Dosse, ainda que a tensão entre história e ficção não seja exclusiva da biografia, pois o historiador empenhado em fazer história também a enfrenta, tal tensão “é guindada ao paroxismo no gênero biográfico, que depende ao mesmo tempo da dimensão

---

<sup>47</sup> GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. O nome e o como: troca desigual no mercado historiográfico. In: \_\_\_\_\_. **A Micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 169-178.

<sup>48</sup> Jacques Revel faz estas observações referindo-se à possibilidade de construção de "uma nova história social atenta aos indivíduos percebidos em suas relações com outros indivíduos". REVEL, op. cit., p. 21.

<sup>49</sup> Detalhes do cotidiano, considerados sem importância, às vezes podem fornecer elementos para explicar determinados comportamentos do personagem. Benito Schmidt, por exemplo, afirma que, em seu estudo sobre o militante operário Antonio Guedes Coutinho, percebeu que “só poderia analisar com mais profundidade a ação político-ideológica do mesmo se levasse em conta sua vida cotidiana”. SCHMIDT, Benito Bisso. *Construindo biografias... Historiadores e jornalistas: Aproximações e afastamentos*. **Estudos Históricos**: indivíduo, biografia, história, Rio de Janeiro: FGV, v. 10, n°. 19, 1997, p. 14.

histórica e da dimensão ficcional”.<sup>50</sup> Acredito que essa relação estreita com a ficção é mais uma das possibilidades contidas no gênero e, nesse sentido, concordo com Giovanni Levi, quando este afirma que a biografia “constitui na verdade o canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia”.<sup>51</sup> Trabalhar com essa perspectiva não implica “recolocar a história sob a alçada da literatura” nem em “apagar as diferenças que existem entre a narração histórica e a ficção”, mas sim “cultivar uma política de confrontação com a literatura, a fim de conferir mais profundidade e variedade ao discurso histórico”.<sup>52</sup> Em alguns poucos trechos do texto, quando propus certas hipóteses que poderiam ser aventadas com veracidade (no sentido de que poderiam corresponder à “verdade”), mas que, no entanto, não poderiam ser “provadas” através de documentos, ou quando me referi a detalhes, fiz algumas tentativas com o propósito de fazer uso da “ficção” na narrativa histórico-biográfica. Como convém nestes casos, tomei o cuidado de fazer com que estes trechos fossem “sinalizados ao leitor através da utilização de expressões como ‘provavelmente’, ‘talvez’, ‘é possível’, etc.”<sup>53</sup> No mais, como atestam os rodapés, fundamentam-se em documentos e na bibliografia sobre o assunto.

---

<sup>50</sup> DOSSE, op. cit., p. 55.

<sup>51</sup> LEVI, op. cit., p. 168.

<sup>52</sup> LORIGA, **O pequeno x...**, op. cit., p. 231.

<sup>53</sup> SCHMIDT, Benito Bisso. A biografia histórica: o “retorno” do gênero e a noção de “contexto”. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos et. al. **Questões de teoria e metodologia da história**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 121-129, p. 127.

## **1 A CONSTRUÇÃO DO PERSONAGEM: OS DIFERENTES PONTOS DE VISTA BIOGRÁFICOS**

Desde 1848, muitos trabalhos de cunho biográfico foram escritos sobre Dámaso Antonio Larrañaga.<sup>1</sup> Seja por conta de diferentes pontos de vista manifestados num mesmo período ou por interpretações que variaram ao longo do tempo, não existiu apenas um único Larrañaga nestes mais de 160 anos transcorridos desde sua morte. Este capítulo trata das diferentes formas pelas quais o personagem foi caracterizado por seus biógrafos, a partir de três pontos principais. A primeira seção, “Entre *blancos* e *colorados*, as primeiras biografias”, trata da caracterização do personagem a partir de sua atuação eclesiástica. A segunda, “Os biógrafos do século XX e o problema da dominação luso-brasileira”, aborda a principal discussão que se estabeleceu a partir de sua atuação política. Por fim, a terceira seção, “O resgate da obra e valorização do personagem”, trata de como foi caracterizado por conta de sua atuação na área “científica”, mais especificamente na área das ciências da natureza. Cada uma destas seções identifica os principais problemas levantados ao longo do tempo sobre a vida de Larrañaga, de acordo com cada um dos três contextos - eclesiástico, político e científico – a partir do quais se organizam os demais capítulos da tese.

### **1.1 Entre *blancos* e *colorados*, as primeiras biografias**

Quando Dámaso Larrañaga morreu, em fevereiro de 1848, os uruguaios conviviam há onze anos com a divisão política entre *blancos* e *colorados*. Há nove, acompanhavam a guerra declarada entre os *colorados* de Fructuoso Rivera e os *blancos* de Manuel Oribe. Há cinco, a guerra, que até 1843 se concentrara no território argentino por conta do exílio de Oribe ao lado de Juan Manuel Rosas, instalara-se no território uruguaio. A partir de então, o país ficara dividido, não apenas no terreno das ideias políticas, mas também no plano físico e administrativo. Dois governos independentes mantiveram suas atividades ao mesmo tempo que se enfrentavam num duelo que os historiadores, posteriormente, chamaram de *Sitio Grande*.

---

<sup>1</sup> No final da tese se encontra um APÊNDICE com as biografias e textos com dados biográficos de Larrañaga organizados por ordem cronológica, o qual pode ser útil para acompanhar este capítulo.

Em Montevideu estava instalado o *Gobierno de la Defensa*, o governo dos *colorados*. Em frente à cidade, fazendo o cerco que não tinha previsão para acabar, estavam as tropas de Manuel Oribe. Ele ostentava os títulos de Presidente do Uruguai e de *General en Jefe del Ejército de la Confederación Argentina*, e comandava o *Gobierno del Cerrito*, o governo dos *blancos*. Enquanto estes dominavam a campanha e seus habitantes, declarando-se defensores da independência americana “*ante la coalición de los colorados y los anglo-franceses*”, os *colorados* tinham o controle da cidade, onde a maioria da população era europeia, e proclamavam-se os defensores da liberdade “*en lucha contra el dictador Rosas y su 'acólito' Oribe*”.<sup>2</sup>

Neste cenário marcado pelo antagonismo entre dois grupos, existia, no entanto, algo comum aos dois lados: o uso da violência física para legitimar o poder. Dentro e fora das muralhas, a violência fazia parte do cotidiano. Ali, uma faca podia ser usada tanto como ferramenta, quanto como arma de combate para solucionar uma desavença, mas ela também podia ser útil quando caía um companheiro ferido no campo de batalha e o exército não tinha enfermaria. *Despenar* um moribundo era prática corrente naquele Uruguai de meados do século XIX. Na cidade, era comum que a morte fosse transformada em espetáculo público. Bastava que houvesse um assassino e que as autoridades o condenassem ao fuzilamento.<sup>3</sup>

Larrañaga não feneceu através de um punhal e muito menos como condenado em espetáculo público. Pelo contrário, morreu aos 76 anos, cercado pelos amigos e pela família, como, aliás, costumava-se fazer quando as circunstâncias permitiam. Morreu em sua chácara, no *Cerrito*, vítima de apoplexia, e ali mesmo foi sepultado. Entre as últimas palavras que pronunciou quando sentiu que a vida estava chegando ao fim, talvez alguém tenha ouvido: “*Pobres Orientales!*”,<sup>4</sup> referindo-se aos habitantes daquele “*anfiteatro de sangre*”, metáfora que usara em 1831 para se referir à Banda Oriental das lutas de independência, mas que continuava valendo para o dia de sua morte.<sup>5</sup>

<sup>2</sup> NAHUM, Benjamín. **Breve historia del Uruguay independiente**. Montevideo: Banda Oriental, 1999, p. 35.

<sup>3</sup> Sobre as sensibilidades em torno da violência e da morte no Uruguai da primeira metade do século XIX, ver: BARRÁN, José Pedro. **Historia de la sensibilidad en el Uruguay**. Tomo 1: La Cultura “Barbara” (1800-1860). 7. ed. Montevideo: Ediciones de La Banda Oriental, 1991.

<sup>4</sup> Para Rafael Algorta Camusso, estas teriam sido as últimas palavras pronunciadas por Larrañaga. CAMUSSO, Rafael Algorta. **El padre Dámaso Antonio Larrañaga: apuntes para su biografía**. Montevideo: Talleres Gráficos A. Barreiro y Ramos, 1922, p. 199.

<sup>5</sup> A expressão “*anfiteatro de sangre*” foi usada por Larrañaga, referindo-se à Banda Oriental do período das lutas de independência, na sessão da Câmara de Senadores de 4 fevereiro de 1831, no pronunciamento em que defendeu a abolição da pena de morte. PODER LEGISLATIVO. **Diario de sesiones de la cámara de senadores de la República Oriental del Uruguay**: primera legislatura. Montevideo: Tipografía La España, 1882, t. 1, p. 101.

Não era de se esperar, em tal contexto, que a morte de um homem pudesse alterar a rotina de um país tomado pela guerra. Os dados do período mostram que entre os anos de 1830 e 1876 o Uruguai teve 17 presidentes, chegando a uma média de apenas 2,8 anos de governo para cada um, sendo que a constituição determinava eleições de quatro em quatro anos.<sup>6</sup> Porém, os procedimentos adotados pelos governos da *Defensa* e do *Cerrito* diante da morte do Vigário Apostólico da República, Dámaso Antonio Larrañaga, ocorrida naquele 16 de fevereiro de 1848, causam-nos hoje, certo estranhamento.

Ao sepultamento,<sup>7</sup> no campo sitiador, dia 17 de fevereiro, compareceram diversas autoridades do governo do *Cerrito*, entre as quais, o Ministro das Relações Exteriores, da Guerra e da Fazenda, Carlos Villademoros, que fez um pronunciamento exaltando o "*patriotismo, honradez moral y demás virtudes eclesiásticas y civiles que adornaron el doctor Larrañaga*". Ele também ofereceu homenagens em nome do presidente Manuel Oribe e anunciou que em breve publicaria no jornal *El Defensor de la Independencia Americana*, órgão oficial do governo dos *blancos*, um "*artículo biográfico*" do falecido (que seria publicado, efetivamente, em 13 de março de 1848).

Nove dias depois do enterro, o governo da *Defensa*, sitiado em Montevideú, também se manifestou sobre a morte de Larrañaga. O presidente *colorado* Joaquín Suárez expediu um decreto que além de ressaltar as qualidades do falecido - "*uno de los hijos más distinguidos de la República*"-, ordenou que se realizassem uma série de homenagens, entre as quais se incluíam: realização de ofícios fúnebres na Igreja Matriz, com a presença do Poder Executivo, seus ministros e demais autoridades civis e militares; manifestações de luto correspondentes a um General da República no interior das fortificações de Montevideú, enquanto ocorresse o funeral na Matriz. Tais determinações foram cumpridas no dia primeiro de março; mas, antes disso, também a Assembleia de Notáveis, órgão que representava o legislativo, prestou homenagens a Larrañaga na secção do dia anterior, quando nomeou uma comissão de cinco membros para acompanhar os funerais.<sup>8</sup>

\* \* \*

---

<sup>6</sup> BARRÁN, op. cit., p. 42.

<sup>7</sup> Camusso escreve a respeito do sepultamento de Larrañaga tendo como base o editorial do jornal *Defensor de la Independencia Americana* de 18 de fevereiro de 1848. CAMUSSO, op. cit., p. 201-203.

<sup>8</sup> Conforme decretos do governo da *Defensa* transcritos por Camusso. Ibid., p. 203-205.

A morte de Larrañaga não fez cessar a disputa entre *blancos* e *colorados*. Ambos os lados prestaram-lhe homenagens, mas cada qual o fez isoladamente, de maneira que houve, em verdade, dois funerais para apenas um defunto.

Impossibilitados de fazer a cerimônia com a presença do corpo, enterrado no dia seguinte à morte, em território inimigo, os *colorados* capricharam nas pompas do funeral levado a cabo no dia primeiro de março. Em meio às honrarias, proferiu-se na Igreja Matriz de Montevideu uma oração fúnebre que pode ser apontada como um dos primeiros esboços biográficos sobre Larrañaga,<sup>9</sup> ao lado do artigo necrológico divulgado por Carlos Villademoros no jornal *El Defensor de la Independencia Americana*, na edição de 13 de março de 1848.<sup>10</sup> De autoria do sacerdote Santiago Estrazulas y Lamas, o texto da oração fúnebre não foi publicado à época de seu pronunciamento, mas se considerarmos que a igreja esteve lotada durante os funerais, podemos imaginar que tenha repercutido entre os habitantes de Montevideu de maneira não muito diferente à repercussão que teve o texto publicado por Villademoros fora dos muros da cidade. A tiragem limitada dos jornais no período, bem como o reduzido número de pessoas capacitadas a ler, diminuem em partes a diferença entre o alcance do texto escrito e do texto enunciado na igreja, ainda que seja presumível a maior abrangência do primeiro. É de supor que, apesar da divisão política, cópias do texto impresso circularam dentro da cidade da mesma forma que ecos da oração fúnebre devem ter ressoado no campo sitiador.

O aspecto mais perceptível nesses textos é, sem dúvida, o cunho enaltecedor com que se referem ao personagem. Salta à vista o contraste entre os elogios em abundância e a ausência absoluta de quaisquer censuras à sua conduta. Todavia, considerando-se as circunstâncias em que foram escritos, com os autores incumbidos tão somente de prestar homenagens ao falecido em nome dos respectivos grupos envolvidos no conflito político, não era de se esperar que fosse muito diferente. Também por essa razão, para além do fato de não terem sido obra de historiadores, não se pode enquadrá-los na perspectiva de trabalhos historiográficos. Pelo contrário, tratam-se de esboços biográficos marcados justamente por aquelas características do gênero que durante muitos séculos – da Antiguidade à Idade

---

<sup>9</sup> A edição que consultei e na qual se baseiam as observações feitas ao longo desta tese foi: ESTRAZULAS Y LAMAS, Santiago. Don Dámaso Antonio Larrañaga: oración fúnebre pronunciada en la Iglesia Matriz de Montevideo el 1º de marzo de 1848. **Revista Nacional**, Montevideo, T. XII, p. 137-145, 1940.

<sup>10</sup> A edição do artigo necrológico de Villademoros que consultei e na qual se baseiam as observações feitas ao longo desta tese foi: VILLADEMOROS, Carlos Gerónimo. Breve noticia de la vida de Don Dámaso Antonio Larrañaga, Vicario Apostólico y Proto-Notario Apostólico de la Santa Sede en el Estado Oriental de Uruguay. **Revista Nacional**, T. XXII, p. 121-130, 1943.

Moderna, principalmente – marcaram as diferenças da biografia com relação à história.<sup>11</sup> Ao perfilar as virtudes de Larrañaga, apresentando-o como modelo moral, exemplo a ser seguido pelas gerações futuras, Villademoros e Estrazulas y Lamas aproximaram-se até da hagiografia, por conta da exaltação dos valores religiosos do personagem, autoridade máxima da Igreja no Uruguai.

No discurso encomiástico de Villademoros, Larrañaga surge como “*patriota ilustre*”, “*sacerdote venerable*”, “*varón evangélico*”, “*conciliador*”, o “*sabio apreciable*” que mirava com desprezo as vaidades humanas. Graças a seu “*fondo religioso*”, ele suportava resignado a cegueira que o atingiu na década de 1820; era incapaz de ofender qualquer pessoa, dado a bondade sem limites de seu coração, a ponto de não existir ninguém que pudesse dizer: “*el Padre Larrañaga me hizo este mal, me ofendió en esto*”, ao passo que eram infinitos aqueles que haviam recebido “*los efectos de su excesiva beneficiencia*”.<sup>12</sup>

Diferindo apenas nas expressões empregadas, Estrazulas y Lamas também adota o tom panegírico e interpõe o relato com outros tantos elogios. Apresenta-nos “*un pastor que nunca perdió de vista seu rebaño*”, “*hombre justo e irrepreensible*”, tantas vezes “*mediador e intercesor del pueblo*”; que não era “*de aquellos hombres ásperos e intratables*”; pelo contrário, era “*accesible y amoroso*”, com “*aquel rostro siempre afable y sereno*”; era “*modelo*” para prelados e governantes, e, mais do que isso, “*padre de los pobres, consuelo de los afligidos, fortaleza y consejo de los débiles*”. A tal homem Montevideu seria devedor eterno de reconhecimento. Tantas eram suas virtudes na opinião de Estrazulas y Lamas, que dele não era digno o “*perverso*” século XIX.<sup>13</sup>

O Larrañaga apresentado nessas duas pequenas “biografias” é acima de tudo um personagem coerente, isento de contradições. Nesse sentido, tratam-se de relatos construídos a partir da noção que considera a vida como um “percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional”.<sup>14</sup> Não lhes falta, inclusive, as expressões que Pierre Bourdieu aponta como reveladoras de tal perspectiva, que seriam os “sempre”, os “já”, “desde pequeno”, entre outras.<sup>15</sup> Logo em sua primeira página, Villademoros escreve: “*Desde pequeño descubrió ese genio despreocupado, observador y refelexivo que después lo distinguió en todas las épocas y*

<sup>11</sup> DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p. 123.

<sup>12</sup> VILLADEMOROS, op. cit., passim.

<sup>13</sup> ESTRAZULAS Y LAMAS, op. cit., passim.

<sup>14</sup> Trata-se da noção criticada por Pierre Bourdieu, no clássico artigo já comentado na introdução. BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaina (Org.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 183-191.

<sup>15</sup> Ibid., p. 184.



*vicisitudes de su larga vida*".<sup>16</sup> No texto de Estrazulas y Lamas, um exemplo do uso de uma dessas expressões é dado quando afirma: "*Su rectitud e integridad nacían del amor que siempre tuvo a su Iglesia[...]*".<sup>17</sup> E aqui não se trata propriamente de negar que ele tivera "amor pela Igreja", neste caso, mas apenas de mostrar de que forma o uso da expressão revela as intenções do autor de conferir uma "identidade estável" para o personagem.<sup>18</sup> Outro trecho que deixa ainda mais clara essa busca pela coerência em Estrazulas y Lamas, embora não contenha tais expressões, é aquele em que, depois de elogiar o comportamento de Larrañaga na infância, marcado pela "*docilidad de su índole*", o "*tierno amor a sus padres*" e "*la más sumisa obediencia*", afirma: "*Tan bellas cualidades no podían dejar de prometer sazonados y optimos frutos de virtudes en tiempo oportuno*".<sup>19</sup>

Villademoros e Estrazulas y Lamas tiveram pouco tempo para a elaboração dos respectivos textos biográficos. Sendo assim, era-lhes impossível realizar uma pesquisa mais aprofundada, analisando documentos, comparando fontes e depoimentos, caso se propusessem a tanto. Villademoros, que estava no campo sitiador e dispôs de 26 dias entre a morte e a publicação, eventualmente pode ter consultado algum documento de posse da família de Larrañaga, mas há um trecho de seu relato que sugere que ele não chegou a manejar esses arquivos, ou, se os manejou, foi apressadamente: "*És de esperarse que entre sus papeles se encontrarán algunos manuscritos dignos de ver la luz pública*".<sup>20</sup> Quanto a Estrazulas y Lamas, que estava na Montevideú sitiada e não deve ter disposto de tempo superior a cinco dias para elaborar sua oração,<sup>21</sup> ele próprio queixa-se da falta de informações e documentos a consultar: "*Sin poderme poner en contacto con las personas que me hubiesen dado conocimientos sobre lo que deseaba y sin ver sus papeles me he tenido que valer de generalidades y de mi conocimiento privado*".<sup>22</sup>

Tais condições em que foram escritos os dois textos comprometem a utilização destes enquanto fontes de dados. Também não há neles aquilo que se poderia chamar de "fontes

<sup>16</sup> Grifo meu. VILLADEMOROS, op. cit., p. 121.

<sup>17</sup> Grifo meu. ESTRAZULAS Y LAMAS, op. cit., p. 143.

<sup>18</sup> Segundo Benito Schmidt, "a preocupação de construir uma identidade estável para os personagens" é comum em trabalhos, inclusive recentes, que buscam nos anos de formação do personagem a explicação para suas ações futuras. Embora não negue a importância dos anos de formação, Benito adverte para os perigos da coerência construída posteriormente. SCHMIDT, Benito Bisso. Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema. In: \_\_\_\_\_.(Org.) **O biográfico: perspectivas interdisciplinares**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000, p.49-70, p. 58-60.

<sup>19</sup> ESTRAZULAS Y LAMAS, op. cit., p. 140.

<sup>20</sup> VILLADEMOROS, op. cit., p. 128.

<sup>21</sup> O decreto expedido pelo governo *colorado* de Joaquín Suárez determinando que se realizassem as homenagens a Larrañaga, entre elas, o funeral na Igreja Matriz, data de 25 de fevereiro. Não sabemos em que dia Estrazulas y Lamas foi designado para a função de pronunciar a oração fúnebre, mas provavelmente não contou com mais tempo do que os cinco dias transcorridos entre a publicação do decreto e o funeral, dia 1 de março.

<sup>22</sup> ESTRAZULAS Y LAMAS, op. cit., p. 144.

dentro de fontes”.<sup>23</sup> Baseados predominantemente na própria memória e escrevendo com pressa, os autores não transcrevem documentos e, quando se referem a datas e fatos, fazem-no de maneira imprecisa, equivocando-se em muitos aspectos. Essas imprecisões, no entanto, não diminuem a importância destas biografias enquanto “fontes históricas”, pois se tratam de representações sobre Dámaso Larrañaga no momento de sua morte. Como tal, revelam impressões acerca do personagem, ainda que de maneira indireta e condicionadas pelo objetivo de homenageá-lo. Por serem as primeiras representações sobre ele depois de morto, são fundadoras de certa imagem que posteriormente vai ser retomada em diversos outros estudos, principalmente o artigo necrológico, tantas vezes citado como sua primeira biografia.

Qual seria, pois, tal imagem de Larrañaga construída nessas biografias e retomada no futuro? Parte da resposta já foi antecipada nos parágrafos em que caracterizei o estilo apologético dos biógrafos, os quais não deixam dúvida de que se trata de uma imagem altamente positiva, fortificada pela ênfase na coerência do biografado. Cabe então modificar a pergunta, fracionando-a em outras mais: em que aspectos da vida de Larrañaga os biógrafos foram buscar elementos para construir essa imagem? Especificamente quais características dele foram ressaltadas? Que fatos foram eleitos para compor esses relatos?

Na oração fúnebre, não obstante encontremos alguns fatos dispostos linearmente, não são eles que ditam o ritmo do texto, mas sim a exaltação das qualidades do personagem. Apesar de serem muitas, repetidamente invocadas, é possível atribuir-lhes um ponto comum para o qual todas conduzem: Larrañaga foi, acima de tudo, um sacerdote exemplar, que trabalhou pelo bem de seus fiéis. O discurso de Estrazulas y Lamas se organiza com o intuito de demonstrar o acerto dessa imagem, que desde as primeiras páginas é claramente anunciada: “*Voy a hablar de un pastor que nunca perdió de vista su rebaño*”.<sup>24</sup> As principais virtudes do personagem (o senso de justiça e do dever, a humildade, a retidão, a aplicação, a discricção, a prudência, a afabilidade, a serenidade, a caridade, o sacrifício, a firmeza ao defender a Religião Católica, etc.) conduzem ao modelo de sacerdote exemplar. O autor não deixa de fazer referência à atuação de Larrañaga em outras áreas além da religiosa, como a ciência. Porém, procura mostrar que esta atividade estava subordinada ao seu compromisso com o sacerdócio: “[...] *el tiempo que le restaba a las penosas fatigas de su ministerio lo*

---

<sup>23</sup> A expressão “fontes dentro de fontes” foi utilizada por Luiz Alberto Grijó para se referir a documentos que são transcritos, muitas vezes, em textos de “biógrafos, cronistas e de (auto) intitulados historiadores”. GRIJÓ, Luiz Alberto. Biografia, para quê? In: CORADINI, Odaci Luiz (Org.). **Estudos de grupos dirigentes no Rio Grande do Sul**: algumas contribuições recentes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. p. 85-102, p. 88.

<sup>24</sup> ESTRAZULAS Y LAMAS, op. cit., p. 139.

empleaba en el estudio no solo de sus deberes sino en el de las ciencias [...]”<sup>25</sup> O mesmo se dá com relação à política:

*Desempeño otras muchas comisiones en beneficio siempre del pueblo **sin entrar nunca en los manejos de la política ni abandonar sus deberes sacerdotales** porque había comprendido según mi humilde opinión, que **un sacerdote consagrado exclusivamente a su ministerio**, rinde el servicio más importante al gobierno de donde reside, pues que conserva una posición feliz para procurar la reconciliación de los ánimos, uniendo las voluntades disidentes y procurando se extingan los odios y los rancores sin derramar sangre, o derramando la suya si fuera preciso por el bien de la paz. **Esta es la misión santa del sacerdote.***<sup>26</sup>

O trecho reproduzido acima demonstra também que, no entendimento do autor, a atuação política de Larrañaga se limitava ao papel de negociador, aquele que buscava a “*reconciliación de los ánimos*”, sem se alinhar a nenhuma das partes que estivessem em conflito. Para Estrazulas y Lamas, ele não era um ator político sujeito às mesmas relações desenvolvidas entre seus contemporâneos, que resultavam em divisão e derramamento de sangue. Na sua condição de sacerdote exemplar e virtuoso, ele se encontrava, pois, acima de tais disputas, e suas intervenções se davam sempre em favor do bem comum: “*Cuántas veces **llevado del amor al bien y a la paz se presentó de mediador e intercesor del pueblo consiguiendo con su discreción y razonada prudencia lo que no se hubiera conseguido si derramar mucha sangre***”.<sup>27</sup>

Visão semelhante a respeito da atuação política de Larrañaga encontra-se no artigo necrológico de Carlos Villademoros:

*El sacerdote acompañaba siempre al político. Así es que, ministro de una religión de paz, repugnando los expedientes violentos y los remedios extremos, se presentó con frecuencia en nuestras disensiones y luchas intestinas con el carácter de un **conciliador.***<sup>28</sup>

Entretanto, Villademoros se refere a determinados episódios da participação política do personagem nos quais ele não teria atuado apenas como mediador, mas sim alinhado a determinado grupo. É o caso de sua participação como Capelão do Regimento de Milícias nas lutas para expulsar os ingleses de Buenos Aires e Montevideú (1806-1807), bem como do seu

<sup>25</sup> Grifo meu. Ibid., p. 140.

<sup>26</sup> Grifo meu. Ibid., p. 141.

<sup>27</sup> Grifo meu. Ibid., p. 140-141. Há ainda outro trecho em que o autor insiste na ideia de que Larrañaga se encontrava acima das disputas políticas: “*Os le representaré, pues, como un hombre justoe irrepreensible y comoun Pastor fiel sin que jamás entrase en los manejos de la política que separan como la muerte el cuerpo del alma de un sacerdote.*” p. 139.

<sup>28</sup> Grifo meu. VILLADEMOROS, op. cit., p. 127.

comportamento de “simpatizante” do movimento revolucionário de 25 de maio de 1810, o qual teria lhe custado a expulsão de Montevideu em 1811.<sup>29</sup> O autor também procura vincular a imagem de Larrañaga à “*justa causa que ha estado sosteniendo la República*”, referindo-se, neste caso, ao governo do *Cerrito*, do presidente Oribe, do qual ele próprio, Villademoros, era Ministro das Relações exteriores, de Guerra e Fazenda. Ressaltando o “amor” de Larrañaga pela América e tudo o que fosse americano, ele afirma que o mesmo teria se manifestado contra a intervenção anglo-francesa em 1845,<sup>30</sup> intervenção esta que fora solicitada pelo partido inimigo, o partido *Colorado* do Governo da *Defensa*.<sup>31</sup>

Apesar disso, a visão que predomina no artigo é a de Larrañaga enquanto “conciliador”. Há trechos em que Villademoros, como Estrazulas y Lamas, atribui esse caráter ao seu compromisso com a missão sacerdotal, indicando que as demais atividades que desempenhava davam-se em cumprimento de tal missão: “*Cultivaba las ciencias y tomaba parte en la política; pero en esto mismo se manifestaba siempre poseído del espíritu de la religión que profesaba*”.<sup>32</sup> Todavia, grande parte dos fatos da vida do personagem destacados por Villademoros ao longo do texto - vale notar que o artigo necrológico é bem mais profuso em fatos do que a oração fúnebre -, remete à sua atuação científica. Eles culminam na afirmação de que possuía sólidos conhecimentos em história natural, como atestariam as correspondências que trocou com naturalistas ilustres, tais como Alexander Von Humboldt, Auguste de Saint-Hilaire e Georges Cuvier, e a sua nomeação como sócio correspondente da Sociedade de História Natural de Paris.<sup>33</sup> Logo, o caráter “conciliador”, no caso do texto de Villademoros, relaciona-se também com os “conhecimentos” do personagem, e não apenas à sua condição sacerdotal. Citando um episódio de 1815, no qual Larrañaga atuou com sucesso na mediação de um desentendimento entre o *Cabildo* de Montevideu e José Artigas, o autor do artigo afirma que tal fato “*manifiesta la confianza que inspiraban su saber y su probidad*”.<sup>34</sup> Nesse sentido também se encaminha outro trecho a propósito de sua atuação no senado, a partir de 1830, no qual o autor afirma que ele teria sido considerado apto para o cargo de senador, mesmo estando cego, por conta da “*extensión de sus luces y por su*

---

<sup>29</sup> Ibid., p. 122-123;

<sup>30</sup> Ibid., p. 126.

<sup>31</sup> BARRÁN, José Pedro. **Apogeo y crisis del Uruguay pastoril y caudillesco, 1839-1875**. V. 6 de Historia Uruguaya. Montevideo: Banda Oriental, 2011, p. 34. Sobre o uso da expressão “partido” nesse contexto, é importante esclarecer que não corresponde ao mesmo significado dos partidos políticos modernos, o que compreenderia, entre outras coisas, um programa ideológico definido. Os partidos políticos no século XIX, como *blancos* e *colorados*, são “facções” ou “bandeiras”, no sentido de “*agrupaciones políticas, informes y teñidas de personalismo*”. Ibid., p.6.

<sup>32</sup> VILLADEMOROS, p. 127.

<sup>33</sup> Ibid., p. 128.

<sup>34</sup> Ibid., p. 124.

*acendrado patriotismo*”.<sup>35</sup> Esta citação também serve para exemplificar outra associação realizada por Villademoros, a qual concerne ao vínculo estabelecido entre o “conhecimento” de Larrañaga e o seu “patriotismo”. Em outras palavras, ele procura mostrar que o todo o conhecimento adquirido pelo personagem se voltava ao engrandecimento de seu país: “*Su deseo de ser útil al país abrazaba toda clase de objetos*”.<sup>36</sup> Ele cita diversas intervenções de Larrañaga que teriam beneficiado seus contemporâneos, como a fundação de uma casa para crianças enjeitadas, a aplicação de vacina contra a varíola, o início da criação do bicho da seda no país, entre outros.

Como síntese da imagem de Larrañaga representada no artigo de Villademoros, é possível apontar algumas características predominantes, conforme cada um dos três contextos com os quais eu trabalho nessa biografia: na religião = sacerdote exemplar; na política = conciliador e patriota<sup>37</sup>; na ciência = sábio notável, que visava ao bem comum. Além disso, na vida na vida particular é caracterizado como homem bondoso, justo e humilde. Comparando com a imagem representada por Estrazulas y Lamas, as diferenças estão apenas no grau de importância conferido a uma ou outra característica, sendo que a oração fúnebre valoriza mais a primeira delas, relativa à sua atuação eclesiástica.

A resposta que estas duas biografias oferecem ao meu problema de pesquisa é a mesma: ele atuava na política, mas não se perfilava com nenhuma das partes em conflito, mantinha-se apenas como mediador, conciliador, e por isso conseguia ser ouvido pelos distintos grupos. Essa interpretação, no entanto, traz o problema de sustentar-se numa imagem idealizada do personagem.

---

<sup>35</sup> Ibid., p. 125.

<sup>36</sup> Ibid., p. 130.

<sup>37</sup> É importante observar que nessas biografias o termo “patriota” não é empregado no sentido daquele que defende a “nação” uruguaia. A “Pátria”, nesses casos, embora possa ser o “país” Uruguai, pode ser também Montevideú, a própria América, ou, talvez, o Prata. Esse conceito será discutido na seção seguinte por conta da análise do uso feito deste termo pelos biógrafos de Larrañaga no século XX.

## 1.2 Os biógrafos do século XX e o problema da dominação luso-brasileira <sup>38</sup>

Em março de 1817, enquanto aguardou condições para o desembarque no Rio de Janeiro, Dámaso Larrañaga pôde contemplar com calma a natureza exuberante da sede do Império Português na América. Extasiado com a beleza e perfeição do lugar, perdeu-se em reflexões que amenizaram a espera de dois dias a bordo do navio português Vasco da Gama.<sup>39</sup> Todavia, apesar do encantamento, não foi naquele ano que fez sua primeira visita ao Rio de Janeiro. Estivera lá quase duas décadas antes, entre novembro de 1798 e janeiro de 1799, quando se ordenou.

Larrañaga se preparou para o sacerdócio no *Real Colegio de San Carlos*, em Buenos Aires, no qual ingressou aos 18 anos.<sup>40</sup> Antes disso, estudou em Montevidéu, no *Convento de San Bernardino*, mais conhecido como *Convento de San Francisco*. No final do século XIX, como o bispado de Buenos Aires se encontrava em sede vacante, governado pelo Cabido Eclesiástico, precisou procurar outro local para ordenar-se. Em janeiro de 1798, recebeu em Córdoba o subdiaconato, primeira das ordens maiores. Para receber as duas ordens restantes, o diaconato e o presbiterado, poderia voltar à Córdoba ou então ir até o Chile, onde encontraria bispos em território governado pela Espanha, mas alegou que problemas de saúde e falta de recursos o impediam de viajar até esses lugares. Depois de muita insistência com as autoridades, conseguiu chegar ao Rio de Janeiro, em fins de 1798, e ordenar-se sacerdote.<sup>41</sup>

Em 1817, pois, quando já era Cura de Montevidéu, viajou para o Rio de Janeiro pela segunda vez. Junto com ele foi Jerónimo Pío Bianqui, Síndico Procurador da cidade. Os dois viajaram numa missão como representantes da Província Oriental, ou melhor, como representantes de uma parte da Província Oriental. No ano anterior, em agosto, tivera início a

---

<sup>38</sup> Os resultados dessa seção foram publicados nas seguintes versões: BIDINOTO, Lauro Manzoni. Biografia e nação: o problema das dominações portuguesa e brasileira nas biografias de Dámaso Larrañaga. In: 3ª Reunião do Comitê Acadêmico História Regiões e Fronteiras da Associação de Universidades do Grupo Montevideo, 2012, Santa Maria - RS. **Anais...** Santa Maria: 2012. p. 335-350. BIDINOTO, Lauro Manzoni. Herói ou traidor? Os biógrafos de Dámaso Larrañaga frente à ideia de nação. **Aedos**: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS (Online), v. 4, p. 94-109, 2012. BIDINOTO, Lauro Manzoni. Biografia e nação: o problema das dominações portuguesa e brasileira nas biografias de Dámaso Antonio Larrañaga. In: Ana Frega Novales; Maria Medianeira Padoin; Fábio Kühn; Maria Celia Bravo; Sonia Rosa Tedeschi. (Org.). **História, Regiões e Fronteiras**. 1ed. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2012, v. , p. 165-178.

<sup>39</sup> Algumas destas reflexões, como a que cito a seguir, deixou registradas em seu diário de viagem: "No creo que Roma que se dice edificada sobre siete montes presente, a pesar de la pompa y magnificencia de sus palacios, en que el arte ha agotado todo su ingenio, la grande perspectiva de esta ciudad en que la naturaleza tiene la mayor parte de sus gracias y magnificencias. Merece pues ser tanto como aquella la capital de un grande imperio.". LARRAÑAGA, Dámaso Antonio. Diarrio del viaje desde Montevideo a Río de Janeiro, en marzo de 1817. In: \_\_\_\_\_ **Selección de escritos**. Montevideo: Biblioteca Artigas; Ministerio de Instrucción Pública y Prevision Social, 1965. p.119-123, p. 123.

<sup>40</sup> FAVARO, Edmundo. **Dámaso Antonio Larrañaga**: su vida y su época. Montevideo: Res S. A., 1950, p. 11.

<sup>41</sup> CAMUSSO, op. cit., p. 12-15. O assunto volta a ser tratado no segundo capítulo.

invasão portuguesa, que encontrou resistência nas tropas de Artigas. Porém, quando o exército luso comandado por Carlos Frederico Lecor alcançou Montevideú, em 19 de janeiro de 1817, os comandados de Artigas já tinham se retirado da cidade, com o objetivo de enfrentar o inimigo em lugares que lhes fossem mais favoráveis. Na ocasião, o grupo dominante - representado pelo *Cabildo* - enviou dois homens ao encontro das tropas portuguesas para acordar a entrega da cidade e solicitar a “proteção” das “Armas portuguesas”. Um deles foi Larrañaga, que, no dia seguinte, já com a presença dos portugueses dentro dos muros da cidade, teria ainda rezado um *Te Deum* para agradecer a ocupação.<sup>42</sup> Alguns dias depois, em sessão secreta, o *Cabildo* decidiu solicitar a incorporação da Banda Oriental ao Reino de Portugal. E esta foi a missão destinada a Larrañaga e Bianqui, enviados ao Rio de Janeiro, em março de 1817, onde deveriam apresentar-se perante o Rei português e formalizar o pedido, apresentando algumas reivindicações.<sup>43</sup>

É possível que durante a viagem de navio, ou até mesmo enquanto aguardou para o desembarque no Rio de Janeiro, em meio à contemplação da natureza, Larrañaga tenha refletido acerca da missão que logo adiante representaria. Talvez lembrou os motivos que o levaram a abandonar (temporariamente?) a ideia da autonomia provincial para defender a incorporação da Província ao Reino de Portugal. Ou, quem sabe, tenha se perguntado pela sorte de Artigas, que naqueles dias ainda resistia na Campanha contra as tropas portuguesas. Será que admirava o General, como parecia admirar menos de dois anos antes, ao ponto de ter-se referido a ele no seu diário de viagem de 1815 como “*nuestro Héroe*”?<sup>44</sup> Será que continuava considerando-o o “*nuevo Washington*”, como escreveu na *Oración Inaugural* da Biblioteca Pública em 1816?<sup>45</sup> Não acreditaria mais na viabilidade daquele governo “*ilustrado y liberal*” de Artigas?<sup>46</sup> Infelizmente, o seu diário não ajuda a responder estas questões, pois, assim como fizera no seu diário da viagem de 1815 pela Província, preferiu descrever a natureza e demais detalhes do cotidiano, e não registrou nada a respeito da missão política pela qual estava viajando.

Quatro anos depois, em 1821, no (posteriormente) chamado “*Congreso Cisplatino*”, realizado em Montevideú para decidir o destino da Província Oriental, Larrañaga continuou defendendo a incorporação ao Reino de Portugal, o que efetivamente aconteceu. No período

<sup>42</sup> FAVARO, op. cit., p. 73-74.

<sup>43</sup> Ibid., p. 74-75.

<sup>44</sup> LARRAÑAGA. Diario del viaje desde Montevideo al pueblo de Paysandú, op. cit., p. 69.

<sup>45</sup> LARRAÑAGA, Dámaso Antonio. Oración Inaugural. In: UNIVERSIDAD DE LA REPÚBLICA. Facultad de Humanidades y Ciencias – Instituto de Investigaciones Históricas. **Biblioteca de impresos raros americanos**. Montevideo: 1951, t. II. p. 21-38, p. 28.

<sup>46</sup> Ibid., p. 29.

seguinte, posterior à independência do Brasil, foi eleito representante da Província Cisplatina no Senado brasileiro, mas não assumiu esse posto devido aos acontecimentos que resultaram na independência do Uruguai, em 1828.<sup>47</sup> Foi então no Estado Oriental do Uruguai que ocupou o cargo de senador, entre 1830 e 1835.

\* \* \*

Cem anos depois da morte de Larrañaga e da escrita das primeiras biografias, a *Universidad de la República* realizou um concurso para escolher e publicar uma obra sobre sua vida e suas ideias. Organizado pela *Comisión Universitaria de Homenaje a Larrañaga*, o concurso recebeu inscrições em 1948, teve o resultado divulgado no ano seguinte, e a publicação do trabalho vencedor se deu em 1950. Tratava-se da obra *Dámaso Antonio Larrañaga: su vida y su época*,<sup>48</sup> de autoria de Edmundo Favaro, que até hoje permanece como uma das biografias mais importantes já publicadas sobre o personagem.

A julgar pela finalidade do concurso - “ [...] *reunir en un mismo trabajo la selección de la obra de Larrañaga que revela su superior mentalidad, precedida de un estudio biográfico*”<sup>49</sup> -, era previsível certo condicionamento do autor ao enaltecimento do personagem. E, de fato, não falta no texto de Favaro a exaltação de Larrañaga, que ao final da biografia se revela como “*gran hombre*”, dono de uma “*monumental obra*” de sábio.<sup>50</sup> Todavia, de maneira surpreendente em tal contexto, certos trechos do trabalho revelam comportamentos que destoam daquela imagem de “sacerdote exemplar”, sustentada desde as primeiras biografias.

Por exemplo, quando se refere ao casamento de uma irmã de Larrañaga com Pedro Francisco Berro, em 1798, Favaro afirma que o biografado teria passado por cima da rejeição paterna ao pretendente e organizado um casamento secreto, dando início a uma amizade com Berro, a qual teria feito com que dali em diante este não desperdiçasse oportunidades de indicar o sacerdote para cargos que pudessem interessá-lo, especialmente os de representação política.<sup>51</sup> Em outro trecho da biografia, Favaro reforça que Larrañaga, humilde de berço, educou-se e alcançou o sacerdócio graças ao apoio de “*manos generosas*”, devendo as

---

<sup>47</sup> FAVARO, op. cit., p. 83-84.

<sup>48</sup> Ibid.

<sup>49</sup> Grifo meu. Conforme a convocatória do concurso transcrita em: Ibid., p. XV.

<sup>50</sup> Ibid., p. 102.

<sup>51</sup> Ibid., p. 23.



primeiras posições que ocupou na hierarquia eclesiástica a Artigas e aos amigos que tinha entre as autoridades dicocesanas.<sup>52</sup>

Tampouco a humildade e a modéstia do biografado - celebrado à época de sua morte como o homem que mirava com desprezo as vaidades humanas<sup>53</sup> - permanecem intocadas na obra de Favaro: “*Acostumbrado en una época a ser mimado por todos, debió sufrir mucho cuando en la elección de Asamblea Electoral para Cabildo Gobernador, el 29 de diciembre de 1815, sólo pudo obtener siete votos en el Cuartel número uno*”.<sup>54</sup>

Outra pequena censura ao comportamento político de Larrañaga ocorre quando é abordado o período em que esteve em Buenos Aires, entre 1813 e 1815. Chegado à capital bonaerense como um dos representantes da Banda Oriental na Assembléia Geral das Províncias Unidas, ele foi instruído por Artigas a permanecer negociando junto ao governo central, depois que este refutou as exigências apresentadas pelos deputados orientais. Enquanto permanecia em Buenos Aires nessa condição, aceitou um convite para trabalhar na Biblioteca Pública daquela cidade, fato que é comentado por Favaro nas seguintes palavras: “*Como vemos, en el momento más difícil de su misión, el gobierno central trata de atraerlo y lo consigue*”. Porém, logo na sequência, o autor procura justificar essa atitude do personagem alegando que ele não pudera resistir à “*atracción de los libros*” e à solução econômica que tal posto oferecia à falta de recursos que se supunha estivera enfrentando em Buenos Aires.<sup>55</sup>

Se nos exemplos citados acima Favaro não chega a reprovar com veemência as ações do biografado, o mesmo não acontece quando o assunto é o domínio português (1817-1822) no território da Província Oriental: “*Ignora la historia el extraño complejo que llevó a Larrañaga , en brusco golpe de timón, a abandonar la nave maltrecha de la Patria, para embarcarse en otra más lujosa de extraña bandera*”.<sup>56</sup> Apesar de advertir que talvez a bandeira portuguesa não lhe soasse tão estranha, lembrando que seu avô materno era português, Favaro não aceita que um homem de “*cultura excepcional*”, que “*recibió la misma educación que aquellos patricios admiradores de la grandeza de la revolución francesa*”, tenha sido o “*el primero en correr presuroso a rendir pleitesía al invasor*”.<sup>57</sup>

Da mesma forma, critica abertamente a colaboração com o domínio brasileiro (1822-1828): “*Mientras los patriotas luchaban, animados por los Caballeros Orientales en obtener la liberación de la Provincia, Larrañaga hacía desesperados esfuerzos por mantenerla sujeta*

<sup>52</sup> Ibid., p. 71

<sup>53</sup> VILADEMOROS, op. cit., p. 127.

<sup>54</sup> FAVARO, op. cit., p.71.

<sup>55</sup> Ibid., p. 45.

<sup>56</sup> Ibid., 72.

<sup>57</sup> Ibid., loc. cit.

*al dominio brasileño*".<sup>58</sup> Citando trechos de uma proclamação dele no *Cabildo* de Santo Domingo Soriano em julho de 1823, na qual justificava a anexação da província ao Reino de Portugal, Favaro ressalta que em vez de se manter como simples observador dos acontecimentos, "*preferió usar de su personal influencia y del prestigio de su investidura eclesiástica, para ahogar el movimiento emancipador*".<sup>59</sup>

Seguindo a linha das biografias tradicionais, situadas dentro de uma concepção de vida enquanto projeto linear composto de várias etapas a serem cumpridas, Favaro tem dificuldade para explicar o apoio ao invasor, o qual surge como uma espécie de desvio de percurso. As dominações portuguesa e brasileira apresentam-se, pois, como um sério entrave à coerência biográfica, na medida em que ao final do percurso o personagem termina reconhecido como grande figura da história do Uruguai, país que não existiria caso fosse mantida a dominação luso-brasileira.

O protagonismo de Larrañaga nesse período de domínio luso-brasileiro impedia que a solução para o impasse biográfico se desse simplesmente ignorando esse "desvio", deixando-o fora da biografia. Favaro, entretanto, sequer tenta minimizá-lo. É verdade que faz algumas ressalvas, como quando comenta a atuação de Larrañaga no Congresso Cisplatino de 1821 e afirma que "*fuera del aspecto aportuguesado*" sua atuação "*se caracterizo por la vigorosa y triunfante defensa de los derechos de la Provincia y de las libertades de sus pobladores*".<sup>60</sup> Por outro lado, não apenas ressalta ao papel de Larrañaga junto ao invasor, principalmente durante o domínio português, como também enfatiza o contraste de suas atitudes nesse período em relação àquelas do período anterior, inclusive, em certo tom de escárnio.

Nesse sentido, referindo-se à missão de 1817 ao Rio de Janeiro, mais especificamente ao comportamento de Larrañaga e Jerónimo Pio Bianqui perante o Rei de Portugal, escreve que os dois teriam se apresentado na Corte, "*haciendo ostentoso alarde de los títulos y empleos de éstos, de acuerdo a la modalidad de la nación dominadora*",<sup>61</sup> no caso do sacerdote, apresentado como:

*Señor Cura Rector, y Juez Eclesiástico de la Iglesia Matriz de Montevideo, Vicario general, y comisario de la Santa Cruzada en las otras provincias de esta banda oriental del Paraná capellán mayor castrense, y Director de la Biblioteca pública de esta Ciudad Doctor don Dámaso Antonio Larrañaga.*<sup>62</sup>

<sup>58</sup> Ibid., p. 81.

<sup>59</sup> Ibid., 82.

<sup>60</sup> Ibid., p. 80.

<sup>61</sup> Ibid., p. 74.

<sup>62</sup> Favaro, citando partes do texto em que o *Cabildo* de Montevideu instruíra os deputados Larrañaga e Bianqui em sua missão junto ao monarca português. Ibid., p. 74.

Em outra parte, cita uma carta enviada pelos dois ao *Cabildo* de Montevideu, na qual se dizem satisfeitos por terem sido tratados no Rio de Janeiro como se fossem embaixadores de uma poderosa nação, e logo na sequência transcreve parte de um informe do representante da França junto a D. João VI, que se refere aos dois deputados de Montevideu como “*infames traidores*”.<sup>63</sup>

Tamanha ênfase empregada em mostrar a colaboração do personagem com os invasores gerou uma ressalva por parte do autor do prólogo da biografia, Ariosto D. González. Apesar de elogiar o trabalho, ele discorda da interpretação oferecida por Favaro no capítulo sobre a dominação lusitana. Para González, aqueles que aceitaram a monarquia o fizeram somente por força das circunstâncias, aceitando-a como uma trégua durante a qual estiveram conspirando para a luta de libertação que iniciaria em 1825. No caso de Larrañaga, ele teria “*demasiados bienes espirituales a su cuidado*” e não poderia arriscá-los num arrebato de heroísmo, entregando-se a uma “*oposición indeclinable e agresiva*”. González encerra o assunto afirmando que a “*mansedumbre*” também pode ser uma “*forma eficaz de lucha subterránea cuando están vedados los otros caminos de reacción*”.<sup>64</sup> Tais argumentos se assemelham muito aos que, quase três décadas antes, Rafael Algorta Camusso havia utilizado em favor de Larrañaga em *El padre Dámaso Antonio Larrañaga: apuntes para su biografía*.<sup>65</sup>

\* \* \*

Publicada em 1922, mesmo ano em que o *Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay* deu início à publicação dos principais escritos de Larrañaga, a biografia de autoria de Camusso, apesar do desprezioso subtítulo - “*Apuntes para su biografía*” – foi, durante a primeira metade do século XX, o principal trabalho biográfico existente sobre o personagem, até a publicação da obra de Favaro em 1950. Entre seus méritos, já ressaltados na introdução, consta a revelação de muitas fontes inéditas que foram transcritas ao longo do texto, apesar de que o autor não tenha indicado a localização da maioria delas.

Antes de analisar seus argumentos com relação à questão da dominação luso-brasileira, é preciso fazer ainda algumas considerações a mais sobre o teor geral desta obra, as quais são fundamentais para entender o posicionamento do autor. Podemos afirmar que ela

<sup>63</sup> Favaro, citando informe do Coronel Maler, representante da França no Rio de Janeiro. Ibid., p. 77.

<sup>64</sup> GONZÁLEZ, Ariosto D. Prólogo. In: FAVARO, Edmundo. **Dámaso Antonio Larrañaga: su vida y su época**. Montevideo: Res S. A., 1950. p. VII-XIII, p. XII- XIII.

<sup>65</sup> CAMUSSO, op. cit.

corresponde em boa medida àquilo que se espera das biografias tradicionais. Trata-se, nesse sentido, de uma obra “muito mais propensa à apologia do que à análise”,<sup>66</sup> e, dentro desse “viés apologético”, apresenta o biografado como modelo de conduta a ser imitado, para o que não basta apenas ressaltar seus grandes feitos, senão também ordená-los de forma a dar-lhes coerência. Eu diria que, ironicamente, soam apropriadas as palavras do autor do prólogo, quando afirma que Camusso traz a vida de Larrañaga “*reajustada en todos sus detalles*”.<sup>67</sup> Podemos dizer ainda, quanto à apologia ao personagem, que a obra está mais próxima da oração fúnebre e do artigo necrológico publicados 74 anos antes, no século XIX, do que do texto de Favaro, que seria publicado 28 anos depois, apesar de que este último também não esteja totalmente livre dessa perspectiva.

Com relação à coerência almejada por Camusso para o biografado, há um aspecto que estava ausente nos trabalhos de 1848 e que não vai se manifestar de maneira tão clara na obra de Favaro em 1950. Refiro-me à vinculação de todas as ações do personagem ao engrandecimento da “pátria uruguaia”, associada anacronicamente a um sentido moderno de “nação”. É certo que Villademoros e Estrazulas y Lamas também procuraram demonstrar o compromisso do personagem com sua “pátria”; porém, naquele contexto, esse termo não era usado apenas como sinônimo do território pertencente ao Estado uruguaio. Parece-me que a pátria de Larrañaga a que se referiam seus biógrafos contemporâneos poderia ser também Montevideu (“*¡Tu, Montevideo, le eres deudor de un eterno reconocimiento!*”<sup>68</sup>) ou mesmo a América (“*El amaba a la América y a las cosas americanas con extremo cariño; había sido siempre acérrimo defensor de ellas*”<sup>69</sup>), ou, ainda, o Prata.

Atualmente, predomina na historiografia sobre a América Latina<sup>70</sup> a ideia de que o Estado precedeu a formação da Nação e que “ *fueron los nuevos Estados independientes que*

<sup>66</sup> SCHMIDT, op. cit., p. 49.

<sup>67</sup> Grifo meu. BUSTAMANTE, Raúl Montero. Prólogo. In: CAMUSSO, Rafael Algorta. **El padre Dámaso Antonio Larrañaga**: apuntes para su biografía. Montevideo: Talleres Gráficos A. Barreiro y Ramos, 1922. p. VII-XV, p. VIII.

<sup>68</sup> ESTRAZULAS Y LAMAS, op. cit., p. 141.

<sup>69</sup> VILLADEMOROS, op. cit., p. 126.

<sup>70</sup> Não quero desviar o foco da tese para a discussão a respeito da nação e do nacionalismo no Uruguai ou na América Latina. Desta forma, enunciarei apenas algumas questões básicas. Para uma discussão mais aprofundada sobre esse tema, além das obras citadas ao longo desta seção, ver também: CHIARAMONTE, José Carlos. El problema de los orígenes de los estados hispanoamericanos en la historiografía reciente y el caso del Río de la Plata. **Años 90**, Porto Alegre, vol. 1, n. 1, p. 49-83, maio 1993; CHIARAMONTE, José Carlos. La formación de los estados nacionales en Iberoamérica. **Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani**, Buenos Aires, 3° serie, n. 15, p.143-165, 1° semestre de 1997; GUERRA, François-Xavier. A nação na América espanhola: a questão das origens. **Revista Maracanã**, Rio de Janeiro, ano 1, n.1, p. 9-30, 1999/2000. PALTÍ, Elías. Apéndice. Los relatos de la nacionalidad en América Latina: acerca de la construcción política de la nación. In: \_\_\_\_\_. **La nación como problema**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002. PIMENTA, João Paulo. O “Mito das Origens” nas historiografias argentina, uruguaia e brasileira: nação e território. In: \_\_\_\_\_. **Estado e nação no fim dos impérios ibéricos no Prata: 1808-1828**.

*construyeron las naciones*”<sup>71</sup> a partir da segunda metade do século XIX, adentrando ainda o século XX. Neste processo, entre os elementos valorizados para a afirmação das nações em construção<sup>72</sup>, encontrava-se a história como criadora da identidade nacional. Partindo do princípio de que quanto mais remota for a história da nação maior será a credibilidade conferida por ela, muitos historiadores passaram a ver as nações latino-americanas como pré-configuradas desde antes dos movimentos revolucionários da década de 1810, e, a partir daí, dotaram as atitudes dos personagens dos movimentos de independência de um caráter nacional cujo sentido escapava aos envolvidos no processo.

No Uruguai, a construção da nacionalidade teve início nas três últimas décadas do século XIX. No que diz respeito à historiografia, despontou nesse período a posteriormente chamada “Tese Independentista Clássica”,<sup>73</sup> tendo como seu principal expoente o historiador Francisco Bauzá. Para aqueles alinhados a essa “Tese”, entre os quais também figuram Juan Zorrilla de San Martín, Pablo Blanco Acevedo y Juan E. Pivel Devoto, entre outros, o Uruguai já estaria prefigurado desde os tempos da colônia ou desde os tempos da dominação indígena<sup>74</sup>. Nesta perspectiva, Artigas e demais personagens da Banda Oriental da primeira metade do século XIX teriam almejado desde o princípio a independência absoluta do território oriental para formar um país soberano.

Contraopondo-se a esta visão, historiadores como Eduardo Acevedo, Eugenio Petit Muñoz, Washington Reyes Abadie, Alberto Methol Ferré e, mais recentemente, Real de Azúa, defenderam uma postura “unionista” ou “dissidente”.<sup>75</sup> Eles destacaram “*el carácter integracionista respecto a las Provincias Unidas de la Acción de Artigas y de muchos de los personajes principales de la historia de la Banda Oriental de la primera mitad del siglo*

São Paulo: Hucitec, 2002. p. 29-48; FREGA, Ana. Uruguayos y orientales: itinerario de una síntesis compleja. In: CHIARAMONTE, José Carlos; MARICHAL, Carlos; GRANADOS, Aimer. (Comp.). **Crear la nación**: los nombres de los países de América Latina. Buenos Aires: Sudamericana, 2008. p. 95-112; entre outros.

<sup>71</sup> KÖNING, Hans-Joaquim. Nacionalismo y nación en la historia de Iberoamérica. **Cuadernos de Historia Latinoamericana**. Asociación de Historiadores Latinoamericanistas Europeos, n.8, p.7-47, 2000, p. 31.

<sup>72</sup> De acordo com Anne Marie Thiesse, do século XVIII ao final do século XIX constituiu-se na Europa o que ela denominou de “*check-list* identitária”, composta dos principais elementos a que passaram a almejar as nações em construção. Entre tais elementos figuram o folclore, a paisagem típica, a língua, os ancestrais fundadores, a história como criadora da identidade nacional, a galeria dos heróis, os monumentos culturais e históricos, assim como lugares de memória e uma série de identificações pitorescas, tais como animal emblemático e gastronomia. THIESSE, Anne-Marie. Ficções criadoras: as identidades nacionais. **Anos 90**, Porto Alegre, n.15, p. 7-23, 2001/2002, passim.

<sup>73</sup> Segundo Susana Bleil de Souza, a definição “Tese Independentista Clássica” foi cunhada por Real de Azúa. SOUZA, Susana Bleil de. O pincel e a pena na construção da Nação: pintando e narrando um mito político fundacional. **CAHIERS ALHIM** - Université de Paris 8/Saint Denis, n° 15, 2008, p.169.

<sup>74</sup> BUCHBINDER, Pablo. La Historiografía rioplatense y el problema de las orígenes de la nación. **Cuadernos del CLAEH**, Montevideo, año 19, n. 69, p. 29-47, 1º semestre de 1994, p. 35.

<sup>75</sup> Os nomes vinculados às correntes “independentista clássica” e “unionista” ou “dissidente” são citados por Pablo Buchbinder, que atribui a caracterização de ambas as correntes a Gerardo Caetano, 1991. *Ibid.*, p. 38-39.

XIX”.<sup>76</sup> Para Real de Azúa, “el autogobierno a que aspiraban los orientales tenía el sentido de defensa del principio de autonomía regional, no el de nacionalidad absoluta...”.<sup>77</sup>

Coexistiram, pois, duas correntes historiográficas distintas a respeito do Uruguai como Nação. Porém, no final do século XIX e durante a maior parte do século XX, a visão predominante na historiografia uruguaia foi aquela caracterizada como “Independentista Clássica”. Com ela se perfilou a maioria dos trabalhos historiográficos surgidos neste período, mesmo quando o tema principal não foi o da origem da nação, caso este da obra de Camusso.

Zorrilla de San Martín – com sua “*incomparable 'Epopeya de Artigas'*”<sup>78</sup> - e Francisco Bauzá, dois dos principais expoentes da “Tese Independentista Clássica”, integram as referências de Camusso, mas não é só nisso que se revela sua identificação com essa corrente. Mesmo se referindo ao período posterior a 1828 como “*momentos primeros de la nación que nace*”,<sup>79</sup> Camusso denomina Artigas como “*fundador de la nacionalidad uruguaya*”.<sup>80</sup> Ademais, quando escreve a respeito do período artiguista, adota a expressão “*los años de la Patria*”, que, inclusive, dá nome a subcapítulo específico. Sobre a Província Oriental nesse período ele afirma: “[...];*Sólo Artigas decía que eran tierras autónomas, que no dependían de nadie!*”<sup>81</sup> Essa autonomia a que se refere não seria apenas “autonomia regional”, mas sim a independência absoluta, como deixa claro num trecho no qual atribui a mesma ideia ao próprio Larrañaga: “*En 'los años de la Patria', pues, veremos al Padre Larrañaga luchando y sufriendo por ese ideal tan caro a su alma de patriota: el Uruguay independiente [...]*”.<sup>82</sup>

Referindo-se aos mitos fundadores da nação, Eduardo Piazza afirma que neles os heróis ocupam o lugar central, da mesma forma que ocupariam em qualquer outra narração. No entanto, ele ressalta que “*en esta variante narrativa la peripecia del héroe contiene la de la nación, por lo que sus caminos suelen ser prácticamente indiscernibles*”.<sup>83</sup> Nesse sentido, é nítido o esforço empreendido por Camusso para alinhar o “percurso” de seu herói/personagem ao “percurso” da nação uruguaia. Para garantir coerência a esse personagem, faz com que todas suas atitudes convirjam para o engrandecimento da nação, caindo assim nas “armadilhas de uma coerência construída *a posteriori*”,<sup>84</sup> entre elas, a de eliminar da vida do sujeito

<sup>76</sup> Ibid., p. 39.

<sup>77</sup> Ibid., p. 45.

<sup>78</sup> CAMUSSO, op. cit., p. 37.

<sup>79</sup> Ibid., p. 105.

<sup>80</sup> Ibid., p. 99.

<sup>81</sup> Ibid., p. 83.

<sup>82</sup> Ibid., p. 30.

<sup>83</sup> PIAZZA, Eduardo. Caminos heroicos y caminos de la nación. In: DEMASI, Carlos; PIAZZA, Eduardo (Coords.). **Los héroes fundadores**: perspectivas desde el siglo XXI. Montevideo: CEIU, Universidad de la República, 2006. p.55-71, p. 59.

<sup>84</sup> SCHMIDT, op. cit., p. 60.

histórico as incertezas às quais esteve exposto, bem como as possibilidades que deixou escapar.<sup>85</sup>

Dentro dessa perspectiva nacionalista empreendida por Camusso, o apoio de Larrañaga à dominação portuguesa é um entrave ainda maior do que será décadas depois para Favaro. É impensável na obra de Camusso uma descrição dos atos de Larrañaga, durante esse período, no mesmo tom mordaz que depois será usado na biografia de Favaro, pois isso representaria um incorrigível afastamento de percurso entre o destino da nação e o do herói/personagem. Camusso soluciona esse impasse apresentando o apoio de Larrañaga aos portugueses como uma escolha que ele teria feito em nome da Pátria, que além de tudo seria a melhor escolha possível: “*Aceptó la dominación de Portugal como se acepta entre dos males el menor [...]*”<sup>86</sup> Ainda que não consiga esconder um pequeno desapontamento, o autor deixa bem claro que o apoio aos portugueses não deve ser considerado como uma traição, um desvio:

*Confieso con toda lealtad que para mí hubiese sido más agradable presentar a Larrañaga en la más cruda oposición a todo lo que no fuera Artigas; pero con la misma sinceridad declaro que estudiadas y pesadas las circunstancias de tiempo y de lugar, no pierde un sólo matiz de su egregia figura de patricio por el hecho de haber aceptado el gobierno invasor. En ese acontecimiento como en tantos otros, Larrañaga fué el ciudadano que supo reflexionar serenamente y reprimir sus sentimientos personales, para decidirse por lo que creyera más útil para su Patria.*<sup>87</sup>

Para Camusso, depois de feita a escolha, o personagem trabalhou em prol do “Uruguai” também durante a dominação portuguesa, quando conseguiu “*ventajas y mejoras no para su provecho sino para el del Uruguay que aún hoy disfruta de ellas*”.<sup>88</sup> O autor simplesmente desconsidera todas as outras opções em vigor neste período e que poderiam ter triunfado em vez do Uruguai independente, que neste caso é remetido para o tempo da dominação portuguesa, quando ele ainda não existia.<sup>89</sup> É como se o personagem tivesse conhecimento daquilo que viria depois. O período de dominação portuguesa seria apenas o espaço de tempo em que a nação adormeceria para despertar logo adiante, ideia essa que se

---

<sup>85</sup> Interrogar-se sobre “as incertezas do passado e as possibilidades perdidas” é um dos caminhos apontados por Sabina Loriga no sentido de usar a biografia para romper o “excesso de coerência do discurso histórico”. LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escalas**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 225-249, p. 246-247.

<sup>86</sup> CAMUSSO, op. cit., p. 83.

<sup>87</sup> Ibid., p. 83.

<sup>88</sup> Ibid., p. 84.

<sup>89</sup> O Uruguai Independente, assim como a dominação portuguesa, era apenas uma alternativa entre tantas que foram discutidas para o território da Província Oriental no período da dominação luso-brasileira. Para um resumo das soluções discutidas no período, ver: FREGA, Ana. La formación del Estado Uruguayo. **RILA: Revista de Integração Latino-Americana**, Santa Maria, ano 2, n.1, p. 23-45, 2005, p. 33-34.

torna ainda mais clara na escrita de Raúl Montero Bustamante, autor do prólogo da biografia: “*El patriotismo de Larrañaga no fué otra cosa que una fe inmarcesible en el porvenir de la Provincia Oriental, cualquiera fuera el **transitorio** señor que sujetara su genial instinto nacional*”.<sup>90</sup>

A propósito da citação que fecha o parágrafo anterior, é importante observar que também neste caso a questão da invasão portuguesa<sup>91</sup> transcende a biografia em si para ser antecipada já no prólogo.<sup>92</sup> Essa questão, que nas primeiras biografias sequer foi mencionada, passou a ser problematizada no final do século XIX e tornou-se um problema relevante a partir da primeira metade do século XX.

Se na obra de Camusso o fato de a dominação portuguesa ter se transformado em problema pode ser explicado principalmente a partir do alinhamento do autor a uma corrente historiográfica que pressupõe a existência de uma nação, desde o início da revolução de 1811 (ou até antes), o mesmo não podemos aplicar sem ressalvas à biografia de Favaro. Apesar de apresentar em sua bibliografia nomes de autores apontados como expoentes da “Tese Independentista”, como Pablo Blanco de Acevedo e Francisco Bauzá, e de se referir a Artigas como “*lider de la libertad de su Patria*”,<sup>93</sup> Favaro demonstra não compartilhar da ideia de que Artigas buscava a independência absoluta. Vejamos, por exemplo, os subtítulos que usa para se referir ao período artiguista: “*Política Provincial*”, “*La Iglesia en la Provincia Oriental*” e “*Labor social en la Provincia*”,<sup>94</sup> e comparemos com o subtítulo de Camusso para o mesmo período: “*los años de la Patria*”. Para Favaro, Artigas buscava a “autonomia provincial” com relação ao centralismo de Buenos Aires. Ele chega a usar esses termos quando se refere ao período: “*Una aurora de paz y bienestar se abría para la Banda Oriental en momentos de asumir su **autonomia provincial***”.<sup>95</sup>

De qualquer forma, vimos que o apoio aos portugueses e brasileiros não deixou de se configurar como problema também para Favaro, sobretudo pelos motivos já citados anteriormente, os quais remetem à coerência almejada para o personagem, que precisava ser apresentado como uma das grandes figuras da história uruguaia. Mas é preciso acrescentar que, independentemente do posicionamento frente à questão do surgimento da nação, Favaro

<sup>90</sup> Grifo meu. BUSTAMANTE, op. cit., p. XI.

<sup>91</sup> Camusso escreve pouco sobre as ações de Larrañaga durante o domínio brasileiro (1822-1828). Alegando que ele costumava se manifestar apenas “*cuando veía que podía evitar grandes males*”, afirma que Larrañaga teria se dedicado a seus estudos naturalistas durante esses anos. CAMUSSO, op. cit., p. 101.

<sup>92</sup> A diferença é que Bustamante apenas reforça a ideia de Camusso, ao passo que González, autor do prólogo da obra de Favaro, aborda o período discordando deste e defendendo o personagem.

<sup>93</sup> FAVARO, op. cit., p. 70.

<sup>94</sup> Ibid., p. 46, 51 e 63.

<sup>95</sup> Grifo meu. Ibid., p. 46.



publica seu livro (1950) num contexto ainda sob influência do processo de construção da identidade nacional, iniciado nas últimas três décadas do século XIX. Nesta construção, o Brasil e os brasileiros pertenciam ao universo da “alteridade intrínseca ao reconhecimento identitário uruguaio”, tanto para “independentistas” quanto para “unionistas”.<sup>96</sup> Mesmo não atribuindo a Artigas a ideia de independência absoluta, Favaro o considera como grande Herói uruguaio: qualifica-o desde a primeira página do trabalho como “*figura gigantesca*”, cuja magnificência seria, inclusive, complementada por Larrañaga.<sup>97</sup> Sendo assim, o apoio deste aos portugueses e depois aos brasileiros, em detrimento de Artigas, é motivo para estranhamento e reprovação,<sup>98</sup> independentemente do fato de que este defendesse apenas a autonomia regional.

\*\*\*

O problema da dominação luso-brasileira não ficou restrito apenas às grandes biografias e tampouco à primeira metade do século XX. Ele esteve presente também, por exemplo, em textos cujo objetivo era servir de introdução para a publicação de escritos de Larrañaga. Assim ocorreu em 1951, na introdução escrita por Edmundo Narancio para apresentar o autor de “*Descripción de las fiestas cívicas celebradas en Montevideo*” e “*Oración Inaugural [da biblioteca pública de Montevideú]*”. Muito embora escrevesse mais para explicar o contexto cultural e científico em que os textos foram escritos em 1816, Narancio não deixou de tecer um comentário sobre a dominação portuguesa ao referir-se à personalidade de Larrañaga: “[...] *cuesta comprenderlo en el Congreso Cisplatino, humeantes las ruinas de su patria, buscando en los vericuetos de la dialéctica el justificativo de la dominación de un enemigo secular*”.<sup>99</sup> O mesmo aconteceu no prólogo de Alfredo R. Castellanos para uma seleção de escritos publicada em 1965. Comentando a aquisição de certas obras de botânica por parte de Larrañaga, Castellanos escreveu: “*Varias de éstas fueron adquiridas en Río de Janeiro, cuando su lamentable misión ante la corte portuguesa a*

<sup>96</sup> Susana Bleil de Souza faz esta afirmação referindo-se aos autores iniciadores destas tradições historiográficas, sem, no entanto, generalizar para os demais autores do século XX. SOUZA, op. cit., p. 173.

<sup>97</sup> FAVARO, op. cit., p. 1.

<sup>98</sup> Sobre as diferentes visões acerca da figura de Artigas entre os séculos XIX e XX, ver: PIAZZA, op. cit.; e: FREGA, Ana. La construcción monumental de un héroe. **Humanas**, Porto Alegre, v. 18, n. 1/2, p. 121-149, jan/dez de 1995, publicado em 1997.

<sup>99</sup> NARANCIO, Edmundo D. Introducción. In: UNIVERSIDAD DE LA REPÚBLICA. Facultad de Humanidades y Ciencias – Instituto de Investigaciones Históricas. **Biblioteca de impresos raros americanos**. Montevideo: 1951, t. II. p. VII-XVII, p. VII.

*principios de 1817*".<sup>100</sup> O caráter "lamentável" conferido à missão remete ao objetivo secreto de solicitar a incorporação da província ao Reino de Portugal.

Todavia, ambos os exemplos citados no parágrafo anterior também apresentam uma "defesa" do personagem, de maneira que tais censuras não chegam a macular a imagem do "fundador de la cultura científica del país" (como o apresenta Narancio)<sup>101</sup> ou do "hombre de ciencia" situado entre os "grandes naturalistas americanos de comienzos del siglo XIX" (nas palavras de Castellanos).<sup>102</sup>

Um exemplo mais recente, de 1986, ainda que de um livro no qual a atuação de Larrañaga não é o tema central, sendo ele apenas um dos personagens envolvidos, mostra que essa questão da dominação luso-brasileira continua problemática em termos de compreensão do personagem. Neste caso específico, mais do que isso: é motivo para execração, sem direito a ressalvas. Refiro-me ao preâmbulo e ao primeiro capítulo do livro de Alfonso Fernández Cabrelli, *Presencia masónica en la Cisplatina*.<sup>103</sup> É verdade que tal execração não se direciona apenas a Larrañaga, mas a toda "la gente del puerto",<sup>104</sup> os "débiles y flexibles individuos",<sup>105</sup> como Cabrelli denomina aqueles reunidos em torno do *Cabildo* de Montevideu e que apoiaram a invasão portuguesa. Também é preciso considerar que o autor não os critica apenas pelo apoio aos portugueses em si, mas pela forma com teriam atuado no sentido de garantir a posição que ocupavam na sociedade e manter-se à frente dos negócios públicos, em suma, submetendo sempre o interesse geral ao particular.<sup>106</sup> Neste sentido Cabrelli afirma que Larrañaga agiu quando da "triste diputación" ao Rio de Janeiro em 1817, na qual, levaria entre as disposições secretas, além da recomendação de garantias econômicas para a classe dirigente, a solicitação de um bispado para si. Da mesma forma, teria agido em 1818, ocasião em que, à falta do bispado, solicitou ao *Cabildo*, como recompensa por sua atuação no Rio de Janeiro, o uso de um terreno nas imediações do Cerrito, no que foi atendido, recebendo autorização para usá-lo pelo resto de sua vida.<sup>107</sup> Na maioria das vezes em que menciona Larrañaga no trecho em questão do livro supracitado, Cabrelli o faz associando-o a adjetivos

<sup>100</sup> Grifo meu. CASTELLANOS, Alfredo R. Prologo. In: LARRAÑAGA, Dámaso Antonio. **Selección de escritos**, op. cit. p. VII-XLI, p. XX.

<sup>101</sup> NARANCIO, op. cit., p. VII.

<sup>102</sup> CASTELLANOS, op. cit. p. XX.

<sup>103</sup> CABRELLI, Alfonso Fernandez. **Presencia masonica en la Cisplatina**. Montevideo: Imprenta Alvarez, 1986.

<sup>104</sup> Ibid., p. 7.

<sup>105</sup> Ibid., p. 17.

<sup>106</sup> Ibid., p. 7.

<sup>107</sup> Ibid., p. 16 e 17. Não entrarei aqui na análise dessa e de outras ações do personagem, uma vez que não é objetivo específico deste capítulo. A questão da dominação luso-brasileira voltará a ser abordada no quarto capítulo, o qual trata do contexto político.

cuja ambiguidade é explorada no sentido depreciativo. Assim, escreve, por exemplo: o “*flexible Larrañaga*”, o “*ubíquo Larrañaga*”, o “*bien propagandeado sacerdote*”, ou, no caso em que insinua sua autoria para um documento laudatório enviado a Dom Pedro I em 1824, o “*anónimo (sospechable) genuflexo*”.<sup>108</sup> Entretanto, a reprovação da presença do personagem ao lado dos luso-brasileiros se revela também de maneira mais direta. Quando o autor nomeia os montevidéanos que aderiram ao comando do General Lecor, chefe da ocupação portuguesa, ele é citado como “*el sacerdote Dámaso A. Larrañaga, siempre empeñado en servir al Señor del momento*”.<sup>109</sup>

À parte o fato de que o autor não reprova as ações do sacerdote apenas pelo apoio aos luso-brasileiros, e sim pelo que tal apoio representaria em termo de vantagens pessoais para si em detrimento do bem comum, tal bibliografia é mais um exemplo a confirmar que os episódios das dominações portuguesa e brasileira se constituíram na principal fonte de problemas ao longo do século XX, no que diz respeito à atuação política de Larrañaga, tanto em obras nas quais ele foi o protagonista, quanto naquelas em que não ocupou lugar central.

As “soluções” apresentadas para tal problema pelos diferentes autores foram as mais variadas, e, a título de síntese, podemos dividir aqueles que foram citados ao longo dessa seção em quatro grupos: Camusso, González e Bustamante procuraram justificar o apoio aos luso-brasileiros como algo inevitável (entre os males o menor), uma solução transitória para uma “nação” que despertaria logo adiante; Favaro interpretou tal apoio como incoerência biográfica e, como tal, criticou-a duramente, porém, no conjunto da obra, enalteceu o personagem; no caso de Narancio e Castellanos, ambos lamentaram o apoio aos luso-brasileiros, mas não deram destaque a este fato, diante da importância do restante da obra que ele haveria deixado; por fim, Cabrelli atribuiu o apoio aos luso-brasileiros ao próprio caráter do personagem, este marcado pela busca da satisfação de objetivos pessoais a todo o custo, de maneira que, nesse sentido, esse apoio não chegou a constituir-se como incoerência.

### 1.3 O resgate da obra e valorização do personagem

Em agosto de 1815 Larrañaga propôs ao *Cabildo* Montevidéu a criação de uma biblioteca pública.<sup>110</sup> Ofereceu os próprios livros para dar início ao acervo e se colocou à

<sup>108</sup> Ibid., p. 3, p. 14 e p. 17.

<sup>109</sup> Ibid., p. 25.

<sup>110</sup> Larrañaga ao *Cabildo* Governador, Montevidéu, 04/08/15. *Archivo Artigas*, tomo 26, p. 339-340.

disposição para desempenhar gratuitamente a função de diretor. Entre os argumentos que usou para justificar a proposição, escreveu:

*Los ta [...] len)tos de nuestros Americanos son tan privilegiados, que no necesitan sino de buenos libros p.a salir eminentes en todos ramos. Pero no pudiendo todos procurarselos por si mismos por falta de medios y aun de eleccion en un pais en q.e son tan escasos y de mucho precio, se hace necesario el establecimiento de una Biblioteca publica, á donde puedan concurrir nuestros juvenes, y todos los que deseen saber.*<sup>111</sup>

A proposta foi aceita tanto pelo *Cabildo* quanto por José Artigas<sup>112</sup>. Em 26 de maio de 1816, foi inaugurada a Biblioteca Pública de Montevideu com um discurso de abertura proferido por Larrañaga.

Talvez naquele 26 de maio tenha recordado do período em que trabalhou na Biblioteca de Buenos Aires, entre julho de 1813 e abril de 1815. Contemplando os cerca de cinco mil volumes reunidos para a inauguração da biblioteca montevideana,<sup>113</sup> é possível que suas lembranças tenham recuado um pouco mais no tempo e alcançado a primeira década daquele século, quando iniciou seus estudos sobre a natureza, época na qual se lamentava da carência de livros.<sup>114</sup>

Sendo assim, não é difícil compreender o entusiasmo que manifestou no discurso de inauguração da biblioteca, a *Oración Inaugural*.<sup>115</sup> Procurando apresentar o acervo – que reuniu, além dos livros doados por ele, outros de seu amigo José Raymundo Guerra, os de José Manuel Pérez Castellano, que os havia deixado em testamento para uso público, e, ainda, todos os que antes pertenceram à Biblioteca do Convento Franciscano<sup>116</sup> – Larrañaga citou, direta e indiretamente, mais de sessenta autores diferentes ao longo da oração.<sup>117</sup> Mencionou obras como dicionários, constituições, livros religiosos, livros de ficção, publicações sobre

<sup>111</sup> Ibid., p. 39.

<sup>112</sup> Neste momento, a Província Oriental era governada a partir de dois centros de poder: o *Cabildo* de Montevideu e o Quartel Geral de Artigas, em *Paysandú*. FREGA, Ana. La virtud y el poder: la soberanía particular de los pueblos en el proyecto artiguista. In: GOLDMAN, Noemí; SALVATORE, Ricardo (Comp.) **Caudillismos rioplatenses: nuevas miradas a un viejo problema**. Buenos Aires: Eudeba, 1998. p. 101-134, p.115.

<sup>113</sup> Trata-se de uma estimativa de Ramón Massini, citada por E. M. Narancio. NARANCIO, op. cit., p. XV.

<sup>114</sup> São várias as correspondências em que Larrañaga lamenta ter poucos livros para utilizar em seus estudos. Voltarei a falar deste assunto no terceiro capítulo. Dois exemplos encontram-se em: Rascunho de uma carta de Larrañaga para botânicos de Barcelona, Montevideu, 04/1804. LARRAÑAGA, **Escritos**, op. cit., p. 252-256. Larrañaga a Saturnino Segurola, Montevideu, 02/07/1804. LARRAÑAGA, **Selección de escritos**, op. cit., p. 8-11.

<sup>115</sup> LARRAÑAGA, *Oración Inaugural*, op. cit.

<sup>116</sup> NARANCIO, op. cit., p. XV.

<sup>117</sup> Conforme levantamento realizado por Arbelio Ramírez a partir de citações diretas e indiretas. RAMÍREZ, Arbelio. Explicación. In: UNIVERSIDAD DE LA REPÚBLICA. Facultad de Humanidades y Ciencias – Instituto de Investigaciones Históricas, op. cit. p.41-52.

comércio, agricultura, botânica, física, química, direito, entre outras. Para cada livro que citou, procurou indicar de que forma ele poderia ser útil nos assuntos da Província. Nesse sentido, a oração inaugural, como escreveu Alfredo R. Castellanos, pode ser vista como uma espécie de “*plan de gobierno*” baseado nas necessidades da Província, as quais Larrañaga havia observado entre maio e junho de 1815, durante a viagem que fez até a *Paysandú*.<sup>118</sup> No diário que resultou da viagem até *Paysandú*, além de diversas observações a respeito da fauna, da flora e de aspectos do cotidiano, deixou registradas também suas impressões sobre o desenvolvimento socioeconômico da região, que naquele momento penava com as consequências de vários anos de guerra.<sup>119</sup>

Em maio de 1816, o cenário aparentava ser mais positivo, ou ao menos dava a impressão de que melhoraria daí por diante. A criação da Biblioteca Pública, a julgar pelo que escreveu na oração inaugural, representava para Larrañaga o início de uma fase de prosperidade, a qual passaria pela liberdade de imprensa, pelo fim da escravidão, pela liberdade de comércio, da pesca e da navegação, pelo fomento da agricultura e do pastoreio. Na oração ele discorreu sobre esses assuntos, mostrando que a biblioteca estava disponibilizando as publicações necessárias ao desenvolvimento dessas atividades, que, em sua opinião, somadas ao estudo das artes e ciências como um todo, seriam capazes de elevar os orientais ao nível dos grandes povos: “*Baste decir que nada os falta para llegar al grado de sabiduría de las ciudades mas cultas*”.<sup>120</sup>

Em maio de 1816, Larrañaga parecia acreditar no projeto de uma Província Oriental autônoma, conforme defendia José Artigas. Talvez acreditasse em dias mais calmos, nos quais lhe sobraria tempo para dedicar-se ao estudo da natureza, aos seus livros e às suas coleções. Talvez desejasse isso acima de qualquer outra coisa.

\*\*\*

“*Sabio naturalista, con actuación en las primeras luchas de la independencia y primer Vicario Apostólico de la República*”. Assim Larrañaga é apresentado no primeiro parágrafo

---

<sup>118</sup> CASTELLANOS, Alfredo R. **Contribución al estudio de las ideas del Pbro. Dámaso Antonio Larrañaga.** (Apartado de la Revista Histórica. Tomo XVII). Montevideo: 1952, p. 102.

<sup>119</sup> LARRAÑAGA. Diálogo del viaje desde Montevideo al pueblo de Paysandú, op. cit.

<sup>120</sup> LARRAÑAGA, Oración Inaugural, op. cit., p. 36-37.

do verbete a ele destinado no *Diccionario uruguayo de biografias*, em 1945.<sup>121</sup> Como nas demais “biografias” do mesmo dicionário, o autor iniciou a apresentação do personagem a partir das atividades pelas quais este se tornara conhecido. Nesse sentido, é importante observar que a condição de “sábio naturalista” tenha sido escolhida para designá-lo, sobrepondo-se mesmo à sua condição eclesiástica de Vigário Apostólico da República, cargo que ocupou entre 1832 e 1848. Essa escolha não se dá por acaso, mas sim obedecendo a uma tendência já enunciada nas primeiras biografias, intensificada no final do século XIX e consolidada na primeira metade do século XX: a caracterização de Larrañaga enquanto sábio naturalista, ou, mais genericamente, enquanto “sábio”.

O uso da palavra “sábio” associada ao personagem remete a diferentes episódios de sua vida. Um deles é a inauguração da biblioteca pública de Montevideú, em 26 de maio de 1816, ocasião em que proferiu a oração inaugural, cujo texto seria impresso ainda naquele mesmo ano e, posteriormente, difundido através de várias reedições ao longo do século XX.<sup>122</sup> No entanto, o termo “sábio” remete principalmente às pesquisas que ele realizou no campo das ciências da natureza, como acontece no verbete do dicionário, no qual é acompanhado pela palavra “naturalista”. Tal associação decorre sobretudo da aplicação prática que Larrañaga procurou dar para tais pesquisas, da admiração que as mesmas despertaram na época em pesquisadores europeus com os quais esteve em contato e, ainda, da obra escrita que deixou nesse campo.

Em 1848, preocupado com a exaltação das virtudes religiosas e morais do “*pastor que nunca perdió de vista seu rebaño*”, Santiago Estrazulas y Lamas não deu muito destaque em sua oração fúnebre às pesquisas científicas de Larrañaga. Todavia, fez uma breve referência afirmando que nos momentos de folga o sacerdote dedicava-se também ao estudo “*de las ciencias ya como astrónomo, como naturalista, como botánico [...]*”<sup>123</sup> Além disso, afirma que ele teria sido membro “*de muchas sociedades científicas de Europa*”, as quais disputariam “*el honor de contarle en el número de sus miembros y condecorarlo con diplomas y distinciones que immortalizan su nombre*”.<sup>124</sup> Já Carlos Villademoros, no artigo necrológico - conforme escrevi na primeira seção deste capítulo - apresenta mais detalhes sobre a atuação científica de Larrañaga. Ele nomeia alguns dos “*ilustres naturalistas contemporáneos*” com os quais Larrañaga se correspondeu e sinaliza para a possibilidade de

<sup>121</sup> SALDAÑA, Jose M. Fernandez. Dámaso Antonio Larrañaga. In.: **Diccionario uruguayo de biografias 1810-1940**. Montevideo: Editorial Amerindia, 1945. p. 709-712, p. 709.

<sup>122</sup> Segundo Edmundo Favaro, a oração inaugural foi impressa naquela na época de seu pronunciamento, “*constituyendo el segundo folleto editado en el país liberado*”. FAVARO, op. cit., p. 68.

<sup>123</sup> ESTRAZULAS Y LAMAS, op. cit., p. 140.

<sup>124</sup> *Ibid.*, p. 144.

se encontrar entre seus documentos pessoais alguns manuscritos que mereceriam ser publicados.<sup>125</sup> Villademoros destaca a aplicação prática dos conhecimentos de Larrañaga (como na criação do bicho da seda e na plantação de amoreiras, até então ausentes na região) e, nesse sentido, relaciona a inclinação do sacerdote para tais estudos ao seu “*deseo de ser útil al país*”.<sup>126</sup>

Contudo, o escrito mais importante para valorização e resgate do trabalho científico de Larrañaga, no século XIX, surgiria apenas em 1879. Nesse ano, Andrés Lamas publicou em Buenos Aires um texto intitulado *Don Dámaso Antonio Larrañaga - natural de Montevideo*,<sup>127</sup> no qual tratou basicamente de sua ação no âmbito dos estudos naturalistas. Lamas começa seu ensaio comparando Larrañaga (“...*nombre de un sábio, tan modesto como desconocido.*”)<sup>128</sup> com Félix de Azara.<sup>129</sup> Ele lamenta que os estudos de Larrañaga não tenham sido publicados ainda em seu tempo, assim como foram os de Azara, fato que teria colocado seu nome nas “*alturas luminosas*” alcançadas por este último. Para Lamas, o naturalista montevidiano até superaria o espanhol em alguns aspectos, entre os quais a “*preparación literaria*”.<sup>130</sup> A comparação entre os dois aborda ainda uma série de outras questões e valoriza o fato de Larrañaga ter feito tudo o que fez, apesar das diversas outras funções que ocupava e das vicissitudes políticas enfrentadas no período.<sup>131</sup>

Enquanto que Villademoros e Estrazullas y Lamas apenas fizeram referências às correspondências trocadas entre Larrañaga e conhecidos naturalistas europeus, Andrés Lamas transcreve alguns trechos de tais correspondências, escolhidos especialmente entre aqueles nos quais ele recebera elogios por conta de suas pesquisas. Dessa forma, Lamas cita trechos de cartas que Aimé Bonpland escreveu em 1818, numa das quais podemos ler: “*La perseverancia con que usted, señor, estudia sólo las diversas partes de la historia natural, es verdaderamente admirable; y debo apresurarme á hacer conocer vuestro nombre y vuestros*

<sup>125</sup> VILLADEMOROS, op. cit., p., 128-129.

<sup>126</sup> Ibid., p. 130.

<sup>127</sup> Segundo Edmundo Narancio, o texto de Lamas foi publicado na *Revista de Ciencias, Arte y Letras, Boletín de las Universidades, Facultades, Colegios y Escuelas de la República Argentina* em 15 de abril de 1879. NARANCIO, op. cit., p. XVII. A edição que consultei e na qual se baseiam as observações feitas ao longo desta tese foi: LAMAS, Andrés. *Don Dámaso Antonio Larrañaga - natural de Montevideo*. **Revista Histórica**, Montevideo, T. III, p. 139-152, 1910-1911.

<sup>128</sup> Grifo meu. Ibid., p. 139.

<sup>129</sup> O espanhol Félix de Azara (1742-1821) chegou ao Rio da Prata em 1781 integrando um grupo encarregado de fixar os limites entre os territórios da Espanha e de Portugal, conforme estabelecido pelo Tratado de Santo Ildefonso (1777). Permaneceu na região durante 20 anos em função dos atrasos no projeto de demarcação e neste período explorou o território, realizando diversos estudos naturalistas que na época foram publicados na Europa. Azara também escreveu sobre hábitos e costumes locais. Ver, por exemplo: AZARA, Félix de. **Memoria sobre el estado rural del Río de la Plata y otros ensayos**. Buenos Aires: Editora Bajel, 1943. Voltarei a falar sobre Azara no terceiro capítulo.

<sup>130</sup> LAMAS, op. cit., p. 139.

<sup>131</sup> Ibid., p. 140.

*trabajos en el mundo sabio...*”;<sup>132</sup> cita também trechos de correspondências enviadas por Auguste de Saint-Hilaire, entre 1821 e 1827, nas quais afirma não ter encontrado em toda a América pessoa mais capaz do que Larrañaga para fazer a ciência progredir;<sup>133</sup> faz o mesmo com trechos de uma carta de março de 1822, na qual o navegador francês Louis Claude de Freycinet afirma ter falado de Larrañaga em Paris, na Sociedade de Geografia, como quem fala “*de un sabio*”, de maneira que em breve ele deveria receber uma carta oficial convidando-o a tornar-se membro oficial daquela instituição.<sup>134</sup>

Lamas refere-se também a Alexander Von Humboldt e Georges Cuvier, mostrando que eles estiveram em contato com Larrañaga, sendo que Cuvier teria inclusive citado ele numa de suas obras, por conta da classificação de fósseis realizada pelo sacerdote.<sup>135</sup> Para Lamas, todos os naturalistas que estiveram no Prata entre 1806 e 1827 “*encontraron en Larrañaga un guía y un cooperador competente, asiduo y apasionadamente interesado en facilitarles la exploración y el estudio de estos países*”.<sup>136</sup>

Ele lamenta a condição em que se encontravam os manuscritos de Larrañaga, que, além de inéditos, teriam permanecido desordenados e dispersos por muitos anos, salvos graças a alguns de seus parentes, que depois lhe entregaram com o propósito de que fossem organizados e publicados. Entre tais documentos estariam diários de viagem (da viagem de Montevideú a Paysandú, em 1815, e da viagem ao Rio de Janeiro, em 1817), diários de história natural (um deles do período entre 1808 e 1813, e outro que chegaria até 1823), descrições a respeito dos hábitos dos índios minuanos, escritos históricos, políticos e literários, além de vários desenhos dos objetos naturais que ele descrevia. De posse desse material, Lamas afirma ter feito um projeto para viabilizar a publicação “*á costa del país, como verdadero monumento de gloria nacional*”, mas que, estando “*empobrecido el Tesoro público*”,<sup>137</sup> o mesmo não teria ido adiante.

A maioria dos manuscritos citados por Lamas em 1879 só viria a ser efetivamente publicada no século XX, sendo que alguns permanecem inéditos até hoje. Entretanto, por iniciativa do próprio Lamas, naquele ano circulou em Buenos Aires, através do mesmo periódico que veiculara o artigo sobre Larrañaga, um ensaio sobre geologia, *Memória*

<sup>132</sup> Grifo meu. Carta de Aimé Bonpland a Larrañaga, citada por Lamas. Ibid., p. 144.

<sup>133</sup> Ibid., p. 145-146.

<sup>134</sup> Grifo meu. Carta de Freycinet a Larrañaga, citada por Lamas. Ibid., p. 146.

<sup>135</sup> Ibid., p. 147.

<sup>136</sup> Ibid., p. 144.

<sup>137</sup> Ibid., p. 149.



*Geológica sobre la formación del Río de la Plata, deducida de las conchas fósiles.*<sup>138</sup> A divulgação desse manuscrito e, principalmente, do texto de Lamas, podem ser apontados como marcos do início do resgate da obra científica de Larrañaga e da valorização do personagem enquanto “homem de ciência”, “estudioso naturalista”, ou, então, enquanto “sábio”. Inclusive, num artigo publicado em Montevidéu 15 anos depois, em 1894, Carlos María De Pena se refere a Lamas como “*nuestro predecesor en la justísima restauración de la memoria casi ignorada del ilustre naturalista uruguayo*”, e afirma que o texto de Lamas teria circulado também na capital uruguaia, numa reprodução feita pelo periódico *El Siglo*, de maneira que não teria ficado restrito apenas à circulação da edição portenha.<sup>139</sup>

O artigo de Carlos María De Pena é, justamente, outra publicação que surgiu como uma espécie de manifesto pela glória científica de Larrañaga. O texto foi escrito em forma de resposta a J. Arechavaleta, diretor do *Museo Nacional de Montevideo*, que no ano anterior (1893) lhe havia solicitado um ensaio sobre o passado da instituição e sobre determinadas personalidades relacionadas a tal passado, sendo Larrañaga uma delas. Mesmo que o artigo não tenha se fixado somente nele, foi ele quem ocupou lugar de personagem central da narrativa. Dirigindo-se ao diretor do museu, o autor afirma “[...] *mi principal empeño era, como Vd. lo sabe, el de restaurar la fama científica de Larrañaga y mostrarle tal como fué, el más ilustre sabio de América en su tiempo*”.<sup>140</sup>

As observações que De Pena faz a respeito de Larrañaga baseiam-se no texto de Andrés Lamas (a quem entrevistara anos antes) e no artigo necrológico de Villademoros (1848),<sup>141</sup> e, dessa forma, repetem-se muitas informações e dados contidos nos mesmos. À parte isso, cita alguns manuscritos aos quais tivera acesso. Tal como Villademoros e Andrés Lamas, enfatiza o contato de Larrañaga com os pesquisadores europeus e o bom conceito que causara neles. Aliás, é aí que busca parte da fundamentação para chamá-lo de “sábio”: “*Nosotros le llamaremos, siguiendo á Bonpland, Saint-Hilaire y Cuvier: EL SABIO LARRAÑAGA*”.<sup>142</sup> Da mesma forma que Lamas, intercala o texto com trechos de correspondências que demonstram esses vínculos. Traz ainda um fragmento do livro de

<sup>138</sup> De acordo com Edmundo Narancio, o texto foi publicado no *Revista de Ciencias, Arte y Letras, Boletín de las Universidades, Facultades, Colegios y Escuelas de La República Argentina* em 16 de maio de 1879. NARANCIO, op. cit., p. XVII.

<sup>139</sup> DE PENA, Carlos María. Carta a Arechavaleta, director del Museo Nacional. *Anales del Museo Nacional de Montevideo*, Montevideo, T. I, p. VII- XLVII, 1894, p. XIX-XX.

<sup>140</sup> Grifo meu. *Ibid.*, p. IX.

<sup>141</sup> De Pena não indica a autoria de Villademoros, mas se refere à biografia publicada no *El Defensor de la Independencia Americana*, que teria sido reproduzida por Alberto Palomeque na “*Revista Uruguaya*” (não fornece a referência completa). No entanto, pela citação que faz no texto, fica claro tratar-se do mesmo artigo publicado em 1848, cuja autoria atribui-se a Villademoros. DE PENA, op. cit., p. XVIII.

<sup>142</sup> Grifo do autor. *Ibid.*, p. XIX.

Cuvier, *Des ossements fossiles*,<sup>143</sup> no qual o naturalista francês cita uma carta que Larrañaga enviara a Saint-Hilaire falando a respeito de um fóssil que havia encontrado. A citação evidencia o prestígio de Larrañaga, mas há nela um detalhe que incomoda o autor do texto: Cuvier se refere a ele como “*sabio brasileiro*”. Diante disso, De Pena escreve:

*Es de notar, mi amigo, que Cuvier califica de sabio brasileiro á nuestro Larrañaga, montevideano y éuskaro de la más genuina raza; pero la culpa no la tiene Cuvier, que se ajusta al hecho político del momento, sino los que nos pusieron bajo el cetro lusitano. Larrañaga vivió bajo su dominio, aspirando á conservar para su país natal sus fueros, sus leyes, sus privilegios y sus autoridades, constituídas exclusivamente por los nativos, como lo expuso en el Congreso de incorporación en 1821. Su obra de ciencia es eminentemente oriental como son genuinas de nuestra tierra, su estirpe, su educación, y las energías y proyecciones de su luminoso espíritu.*<sup>144</sup>

Notamos a preocupação de defender a atuação de Larrañaga sob o domínio luso-brasileiro; mas, acima de tudo, de vincular sua figura e sua obra científica ao Uruguai. Nessas últimas décadas do século XIX, quando a construção da identidade nacional uruguia já estava em curso, De Pena escrevia também no sentido de colocar Larrañaga na galeria dos personagens ilustres da República. Mesma intenção podemos atribuir a Andrés Lamas, que 15 anos antes queria publicar seus escritos “*como verdadero monumento de gloria nacional*”.<sup>145</sup> Ambos priorizaram a atuação de Larrañaga no terreno científico e não problematizaram seu apoio ao domínio luso-brasileiro. Embora De Pena tenha feito uma breve explicação sobre o episódio, esta teve como principal propósito enfatizar que ele não era brasileiro e que sua obra de “sábio” pertencia ao Uruguai.

No entanto, outro esboço biográfico publicado nesse mesmo período mostra que o apoio à dominação portuguesa já começava a se transformar em problema. De autoria de Isidoro De Maria,<sup>146</sup> tal texto também valoriza as qualidades de Larrañaga enquanto naturalista, nomeando-o como “sábio”, entre outros elogios (“*filantropo y venerable prelado de la iglesia oriental*”), ademais de considerá-lo, por suas virtudes (“*inteligencia*

<sup>143</sup> Conforme Maria M. Lopes e Alex G. Varela, o livro em que Cuvier citou Larrañaga foi: CUVIER, Georges. **Recherches sur les ossements fossiles ou l'on établit**. Les caractères de plusieurs animaux dont les révolutions du globe ont détruit les espèces. Nouvelle Édition entièrement refondue, et considérablement augmentée. Tome cinquième, 1er. Partie, contenant les rongeurs, les édentés, et les mammifères marins. Paris: chez G. Dufour et E. D'Ocagne Libraires, et à Amsterdam, chez les mêmes, 1823. Cf. LOPES, Maria Margaret; VARELA, Alex Gonçalves. Viagens, tremores e conchas: aspectos da natureza da América em escritos de José Bonifácio de Andrada e Silva, José Hipólito Unanue e Dámaso Antonio Larrañaga. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, n.2, p. 227-242, maio-ago. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v5n2/a03v5n2.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2011.

<sup>144</sup> DE PENA, op. cit., p. XXXI.

<sup>145</sup> LAMAS, op. cit., p. 149.

<sup>146</sup> A primeira versão do texto é de 1789. A edição que consultei foi: DE MARIA, Isidoro. Don Dámaso Antonio Larrañaga. In: \_\_\_\_\_. **Rasgos biográficos de hombres notables de la República Oriental del Uruguay** .3. ed. Montevideo: Imprenta Artística de Dornaleche y Reyes, 1889. p. 77-92.

*privilegiada*” – “*bellísimo carácter*” – “*amor pronunciado por las ciencias*”) como figurante “*en le número de los varones más ilustres de la República Oriental*”.<sup>147</sup> Contudo, dedica alguns parágrafos para mostrar que ele agira “*cediendo á la severa ley de la necesidad*”, quando apoiara os portugueses.<sup>148</sup>

Sobre o caráter apologético desses textos do final do século XIX, creio que não há necessidade de maior detalhamento, uma vez que já ficou caracterizado, quando escrevi a respeito das intenções com as quais cada autor resgatou a obra científica de Larrañaga. O tom reverencial se manifesta sobretudo nas palavras utilizadas para nomeá-lo, entre as quais predomina a expressão “sábio”. Ela aparece em todos os textos, sem exceção, e continuará se repetindo daí por diante até os dias de hoje. Caracterizado dessa forma, ainda no final do século XIX Larrañaga daria nome a uma escola municipal de ensino superior, a uma das salas do hospital de caridade de Montevideú, e também a um dos “caminhos” que passava pela frente de sua antiga chácara.<sup>149</sup>

Contudo, uma publicação mais completa dos seus escritos, preconizada por Andrés Lamas em 1879 e também por Carlos María de Pena em 1894, acabou por realizar-se apenas na terceira década do século XX.<sup>150</sup> Sob a direção do *Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay*, publicou-se, entre 1922 e 1930, cinco tomos (já referidos na introdução) contendo seus principais escritos e desenhos, além de algumas das correspondências com naturalistas europeus, transcritas na íntegra. De acordo com José Salgado, tal publicação obedeceu a uma lei uruguaia de 1915, que autorizou o poder executivo a “*adquirir, clasificar y publicar*” as obras,<sup>151</sup> o que vem a demonstrar que no começo do século XX a imagem de Larrañaga enquanto “sábio” já era aceita, a ponto de o poder público empreender a aquisição e edição de seus trabalhos. Nesse sentido, demonstra também o êxito das manifestações daqueles que, na segunda metade do século XIX, empenharam-se em tornar pública essa faceta do personagem.

As duas principais biografias de Larrañaga surgidas também na primeira metade do século XX - Camusso (1922) e Favaro (1950) -, ambas analisadas na seção anterior, não

---

<sup>147</sup> Ibid., p. 77.

<sup>148</sup> Ibid., p.88-89.

<sup>149</sup> Ibid., p. 92.

<sup>150</sup> Antes disso, documentos isolados receberam algumas edições, como foi o caso do ensaio *Memória Geológica sobre la formación del Río de la Plata, deducida de las conchas fósiles*. Esse texto fora publicado pelo menos três vezes ainda no século XIX. A primeira delas, segundo Narancio, em Buenos Aires, em 1879. A segunda teria sido em Montevideú, no periódico *El Siglo*, conforme afirma De Pena, sem especificar a data. Teria ainda circulado mais uma vez em Montevideú, em 1894, nos anais do *Museo Nacional de Montevideú*, conforme afirma Castellanos. Cf.: NARANCIO, op. cit., p. XVII; DE PENA, op. cit., p. XIX-XX; CASTELLANOS, Prólogo, op. cit., p. XXII.

<sup>151</sup> Salgado afirma também que a publicação se deu, custeada por Alejandro Gallinal. SALGADO, Jose. Larrañaga. *Revista Nacional*, Montevideo, T. XII, p. 202-215, 1940, p. 211.

priorizaram sua atuação enquanto naturalista, ainda que tenham feito algumas referências pontuais. No entanto, tais biografias também colaboraram no sentido de fortalecer a imagem do “sábio”, pois abordaram outros aspectos de sua trajetória que serviram a esta caracterização. Por exemplo, a fundação da biblioteca pública, a criação de uma casa para menores abandonados (1818) e a implantação de uma escola baseada no método lancasteriano (1821).<sup>152</sup> Estes autores também salientaram a atuação de Larrañaga na primeira legislatura do senado, a partir de 1830, referindo-se a vários projetos de lei, sendo que um deles, relativo aos estudos públicos, aprovado em 1833, deu início ao processo que levaria mais adiante à criação da *Universidad de la República*. Aliás, nos últimos parágrafos de seu livro, Favaro afirma que a obra “*más estimable*” de Larrañaga não estaria “*en las páginas científicas*” que deixou, mas sim em diversos outros lugares, como aqueles que destaca ao finalizar o livro: “*Cuando contemplamos las casa de estudio, Universidades, Liceos, Escuelas y Bibliotecas, nos encontramos ante la monumental obra del sabio y sin saberlo le rendimos el mayor homenaje a que se hizo acreedor aquel gran hombre*”.<sup>153</sup>

No tempo decorrido entre a publicação de Camusso e a de Favaro, principalmente na década de 1940, muitos outros estudos de menor porte sobre Larrañaga ressaltaram sua imagem de “sábio”, a partir dos diversos aspectos até aqui indicados com relação a essa caracterização.<sup>154</sup> É dessa década um artigo de Alfredo R. Castellanos intitulado *La biblioteca científica del Padre Larrañaga*, o qual reconstitui a trajetória científica do personagem<sup>155</sup>. Com base em documentos como correspondências, diários e ensaios, Castellanos acompanha-o a partir de 1804 - quando fez as primeiras referências aos estudos da natureza -, mostrando quais livros adquiriu ou a quais teve acesso ao longo dos anos posteriores. O mesmo autor publicou em 1852 *Contribución al estudio de las ideas del Pbro. Dámaso Antonio*

<sup>152</sup> Método baseado na obra de Joseph Lancaster (1778-1838), também conhecido como “ensino mútuo ou sistema monitoral”. Entre outras coisas, o método estabelecia que os alunos mais adiantados deveriam ajudar o professor nas tarefas de ensino. MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Método lancasteriano (verbete). **Dicionário interativo da educação brasileira** - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2002. Disponível em: <<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=273>>. Acesso em: 29 maio 2012.

<sup>153</sup> Grifo meu. FAVARO, op. cit., p. 102. Mais uma vez, vemos aí o personagem nomeado como “sábio”, assim como acontece também no livro de Camusso, que se refere a ele como “*nuestro gran sabio*”. CAMUSSO, op. cit., p. 194.

<sup>154</sup> Ver, por exemplo: SALGADO, op. cit.; VIGIL, Carlos Martinez. Dámaso Antonio Larrañaga: apuntaciones bio-bibliográficas. **Revista Nacional**, Montevideo, T. XII, p. 328-337, 1940; GARZON, Walter Piaggio. Una interesante faz en la obra de Larrañaga: su intenso rasgo de caridad. **Revista Nacional**, Montevideo, nº 83, p. 217-241, 1944; SALDAÑA, op. cit.; BARBIERI, Antonio María. Dámaso Antonio Larrañaga. In: **VII Congreso de Estudios Vascos (1948)**. San Sebastián: Sociedad de Estudios Vascos, 2003. p. 435-441. Disponível em: <<http://www.euskomedia.org/PDFAnlt/congresos/07/07435441.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2011.

<sup>155</sup> CASTELLANOS, Alfredo R. La biblioteca científica del padre Larrañaga. **Revista Histórica**, Montevideo, Año XLII, 2º epoca, tomo XVI, p. 589-626, 1948.

Larrañaga,<sup>156</sup> livro no qual procura situar as ideias do personagem no contexto científico e cultural do período em que viveu. Ao lado das biografias de Camusso e Favaro, integra o grupo dos principais estudos sobre Larrañaga. Apesar de apresentar certo tom laudatório, os escritos de Castellanos apresentam muitas informações importantes - geralmente com a indicação precisa das fontes -, além de sugerirem uma série de hipóteses para interpretação das ações do personagem.

Outras publicações abordando aspectos da trajetória científica de Larrañaga surgiram também ao longo na segunda metade do século XX e neste início do século XXI.<sup>157</sup> Todavia, conforme procurei mostrar acima, a consolidação da imagem de “sábio” se deu ainda antes disso, atingindo seu auge próximo da metade do século XX, quando se completavam cem anos da sua morte.

\*\*\*

Personagem multifacetado, Larrañaga seguramente não se resume aos pontos de vista abordados ao longo deste capítulo. Todavia, eles representam aquelas visões que predominaram, ou sobre as quais se concentrou o debate no período entre sua morte e os dias atuais. Um dos últimos textos publicados com o objetivo de biografar Larrañaga mostra que esses pontos de vista abordados ao longo do capítulo, essas imagens do personagem, ainda hoje continuam presentes nas publicações a seu respeito. Inserida num livro que reúne alguns de seus escritos (já publicados anteriormente em outras edições), de autoria do próprio editor, Carlos Marchesi, a biografia já revela no título a intenção com a qual foi escrita: *Biografía de Dámaso Antonio Larrañaga (intencionalmente reivindicativa)*.<sup>158</sup>

Como nas primeiras biografias (de Villademoros e Estrazullas Y Lamas), nela se encontra a imagem do **sacerdote exemplar, do político conciliador**, “*gran contemporizador*”.<sup>159</sup> Comentando a sua atuação durante o período do *Sitio Grande*, Marchesi escreve: “[...] *pero la Iglesia, su Iglesia, se mantiene una e indivisible augurando paz y*

<sup>156</sup> CASTELLANOS, *Contribución al estudio de las ideas...*, op. cit.

<sup>157</sup> O próprio Castellanos também escreveu outro texto em 1965, dentro de mais uma publicação de escritos de Larrañaga. CASTELLANOS, Prologo, op. cit. Mais recentemente, alguns estudos de Leticia Camejo têm abordado aspectos da atuação científica de Larrañaga. Ver, por exemplo: CAMEJO, Leticia. Larrañaga y la Ciencia Moderna. **Fermentario**, Montevideo, n.2, 2008. Disponível em: <<http://www.fermentario.fhuce.edu.uy/index.php/fermentario/article/view/5#>>. Acesso em: 18 nov. 2011.

<sup>158</sup> MARCHESI, Carlos. *Biografía de Dámaso Antonio Larrañaga, intencionalmente reivindicativa*. In: \_\_\_\_\_. **Dámaso Antonio Larrañaga: fiel montevideano, forjador de la nación, fundador y primer jefe de la Iglesia Uruguaya - comprensión de su figura histórica y antología**. Montevideo: Carlos Marchesi Editor, 2005. p. 39-57.

<sup>159</sup> *Ibid.*, p. 45.

*armonía. Ele es el símbolo de la unidad esencial de los uruguayos, es el único que puede entrar y salir libremente de ambos campos en conflicto, es el Uruguay que indefectiblemente será*.<sup>160</sup> Também a discussão em torno da figura do **herói ou traidor**, relacionada ao domínio luso-brasileiro, faz-se presente nessa biografia. Ao defender o personagem, Marchesi mostra que a posição contrária também continua tendo seus adeptos:

*El hecho es que la ciudad recibió en tiempos cisplatinos un trato que la beneficio y ello fue debido a ciudadanos que como Larrañaga cambiaron el estado de 'abandonada' por un pacto con una monarquía que la protegiera com en tiempos medievales, no tan lejanos a la mentalidad de la época. Montevideo se salvó, es lo que importa más allá de injustas tachas de traición y fue desde allí la capital de una entidad política que se preparaba para ser la base de la Nación.*<sup>161</sup>

Da mesma forma, a imagem do **sábio** aparece no texto de Marchesi. Depois de falar das dificuldades que a cegueira impunha a Larrañaga a partir da década de 1820, ele afirma:

*Además de todo ello no decayó jamás en su actividad de sabio, se dice botánico, pero fue mucho más que ello, fue antropólogo, zoólogo, lingüista, en suma ayudó a presentar América en el gran libro de las ciencias lo que es propender a la verdadera independencia americana.*<sup>162</sup>

\*\*\*

Como explicar que Larrañaga conseguiu transitar entre tão diversos grupos políticos? Se a resposta a esta pergunta for buscada na bibliografia analisada neste capítulo, encontraremos apenas respostas que remetem a contextos isolados. As opções oferecidas poderiam ser resumidas nas seguintes sentenças: foi um sacerdote exemplar e, como tal, agia na política como um conciliador; era um “patriota” que tudo fazia pela sua terra; era um traidor, um sujeito submisso, e por isso obedecia ao senhor do momento; era um sábio, logo, estava acima da política. À parte a simplificação contida nessas respostas, quero dizer que tal bibliografia, ao analisar sua atuação política, levou em conta apenas o próprio âmbito da política institucional, ou, então, quando considerou outros contextos, explicou sua maneira de agir na política a partir de determinada “essência” de sua personalidade, identificada através de termos como “sábio”, “patriota”, “traidor”, entre outros. Minha proposta nessa tese consiste justamente em compreender Larrañaga levando em conta sua atuação, bem como as relações que manteve, também noutros contextos em que esteve inserido.

<sup>160</sup> Ibid., p. 55.

<sup>161</sup> Ibid., p. 49.

<sup>162</sup> Ibid., p. 51.

## 2 A CARREIRA ECLESIAÍSTICA

### 2.1 O sacerdócio como alternativa

Em dezembro de 1798, Larrañaga foi ordenado sacerdote no Rio de Janeiro. A vacância do cargo de bispo na Diocese de Buenos Aires, no período entre 1796 e 1803,<sup>1</sup> fez com que ele tivesse que viajar para conseguir as duas últimas ordens maiores que lhe faltavam para se tornar sacerdote. Em vez de ir a Córdoba ou a Santiago, onde havia bispos aptos a ordená-lo dentro de território dominado pela Espanha, optou por ir até o Rio de Janeiro e teve que enfrentar a resistência das autoridades civis, que relutaram em conferir-lhe a autorização necessária. O direito canônico estabelecia que a ordenação deveria ser feita pelo bispo mais próximo ou por aquele até o qual fosse mais fácil chegar. Entre três opções disponíveis, o bispo do Rio de Janeiro era o que estava mais longe, principalmente se comparado com o de Córdoba; mas, por outro lado, tinha como vantagem a possibilidade de que se poderia chegar até ele de navio.

Rafael Algorta Camusso transcreveu alguns documentos que mostram a insistência de Larrañaga no propósito de ordenar-se no Rio de Janeiro.<sup>2</sup> Ao solicitar ao governador de Montevideu a permissão para viajar, recebeu uma negativa que, entre outros argumentos, listava o fato de que a solicitação seria contrária às *Leyes de Indias*, na medida em que estas proibiam a comunicação direta com reinos estrangeiros. Também aludia ao fato de que existiam prelados aptos para concederem a ordenação dentro dos domínios espanhóis. Diante disso, Larrañaga fez uma nova solicitação, expondo detalhadamente seus motivos. Alegou que já teria permissão das autoridades eclesiais e que não dispunha de boa saúde e tampouco de recursos para ir a outros lugares senão ao Rio de Janeiro, para onde já contava com uma passagem de navio. Em resposta, o governador da cidade recomendou que

---

<sup>1</sup> Benito Lué y Riega foi nomeado Bispo de Buenos Aires pelo Papa Carlos IV, em fevereiro de 1802. Porém, só chegou à cidade para assumir o Bispado em 1803. ARZOBISPADO DE BUENOS AIRES. **Noticias históricas:** Benito de Lué Y Riega. Disponível em: < [http://www.arzbaires.org.ar/inicio/menu\\_historia.html](http://www.arzbaires.org.ar/inicio/menu_historia.html)>. Acesso em 04/12/2014.

<sup>2</sup> Camusso transcreve os documentos, mas não faz a referência completa da localização destes. CAMUSSO, Rafael Algorta. **El padre Dámaso Antonio Larrañaga:** apuntes para su Biografía. Montevideo: Talleres Gráficos A. Barreiro y Ramos, 1922. p. 12-15.

Larrañaga escrevesse ao Vice-Rei. No entanto, ele voltou a escrever ao próprio governador, insistindo na concessão do passaporte para viajar ao Rio, estendendo ainda mais sua argumentação. Entre outras coisas, alegou que Espanha e Portugal não estavam em guerra; pelo contrário, eram nações amigas e, não bastasse isso, entre os ministros da Igreja, sempre haveria paz. Ainda que Camusso não mencione documento de resposta do governador a esta última súplica, a presença de Larrañaga no Rio de Janeiro naquele final de ano indica que, em algum momento, foi autorizado a viajar.<sup>3</sup>

Larrañaga, à época com pouco menos de 28 anos de idade, não detalha os problemas de saúde que o faziam querer poupar-se de uma viagem por terra. E quanto aos recursos para viajar, não os teria conseguido, caso quisesse, assim como conseguiu a passagem de navio? Como se pode depreender da insistência que empregou com as autoridades no intuito de ir ao Rio, não lhe faltava disposição para empenhar-se em algo a que estivesse realmente disposto. Será que não teria, então, além daqueles alegados, outros motivos para evitar os bispos de Córdoba e de Santiago? Teria motivos para preferir, aos outros dois, o bispo do Rio de Janeiro?

Tanto no caso das quatro ordens menores (ostiarado, leitorado, exorcizado e acolitado) como das três maiores (subdiaconato, diaconato e presbiterado), era comum que fossem concedidas pelos bispos em intervalos que compreendiam apenas alguns dias entre uma e outra ordenação, desde que o bispo considerasse o candidato "*suficientemente formado intelectual y espiritualmente*".<sup>4</sup> Quando as dioceses se encontravam sem bispo, em Sede Vacante, governadas pelo cabido eclesiástico, como estava Buenos Aires em 1798, o candidato a clérigo tinha que solicitar ao cabido governante uma "carta dimissória" na qual constasse "*sus estudios y sus aptitudes morales e intelectuales para recibir las órdenes que solicitaba*".<sup>5</sup> No caso de Larrañaga, as dimissórias para a obtenção das ordens maiores foram expedidas por Francisco de Tubau y Sala, governador em sede vacante, em 1797. Com elas apresentou-se ao bispo de Córdoba, Angel Mariano Moscoso, que lhe concedeu apenas o subdiaconato, em janeiro de 1798, ainda que nas dimissórias Tubau sugerisse a promoção a todas as ordens maiores, com dispensa dos interstícios temporais, ordenando-o, pois, sacerdote.<sup>6</sup>

<sup>3</sup> A narrativa da negociação empreendida por Larrañaga para se ordenar no Rio de Janeiro foi construída a partir dos documentos transcritos por Camusso. *Ibid.*, loc. cit.

<sup>4</sup> DI STEFANO, Roberto; ZANATTA, Loris. **Historia de la Iglesia Argentina**: desde la Conquista hasta fines del siglo XX. Buenos Aires: Mondadori, 2000, p. 86-87.

<sup>5</sup> *Ibid.*, p. 87.

<sup>6</sup> FAVARO, Edmundo. **Dámaso Antonio Larrañaga**: su vida y su época. Montevideo: Res. S. A., 1950, p. 21.



Não está claro porque Moscoso negou a Larrañaga as duas últimas ordens, mas é possível que o fato de tê-las negado constou entre os motivos que fizeram o então candidato a sacerdote evitar o retorno àquela diocese no final do mesmo ano. Quanto à diocese de Santiago, é compreensível que não quisesse se deslocar até lá, uma vez que a viagem seria quase tão longa quanto ao Rio. Some-se a isso a passagem pela Cordilheira dos Andes e também o fato de que o deslocamento, provavelmente, dar-se-ia por terra.

Depois de vencida a resistência das autoridades civis que dificultaram sua partida, não consta que tenha encontrado qualquer dificuldade em sua ordenação no Rio de Janeiro. O bispo Joaquim Justiniano Mascarenhas Castelo Branco ordenou-o diácono em 16 de dezembro de 1798 e, apenas seis dias depois, ordenou-o presbítero.<sup>7</sup> Segundo Villademoros, o bispo "*quedó tan prendado del carácter del nuevo sacerdote, y tan satisfecho de su capacidad*", a ponto de tê-lo convidado para permanecer naquela cidade, onde ditaria um curso de filosofia e gozaria de especial proteção do prelado.<sup>8</sup> Na versão de Camusso, quis o bispo, a todo o custo, que o novo sacerdote

*fixase su residencia en aquella diócesis, y para conseguir su intento le ofreció la cátedra de Filosofía o la de Historia Natural, a elección, o las dos, si así le convenía, en El Seminario de Río de Janeiro, y su especial favor en todo lo que tendiese al mejor cumplimiento de sus ministerios sacerdotales y al mayor desarrollo de sus aficiones científicas.*<sup>9</sup>

Se Larrañaga recebeu tais ofertas não as aceitou, pois retornou para a Banda Oriental ainda em janeiro de 1799, dias depois de ter rezado sua primeira missa. Na ocasião da chegada em Montevideú, segundo Camusso, foi muito bem recebido, tornando-se alvo de distinção entre aqueles que o biógrafo classifica como parte de "*la mejor sociedad*".<sup>10</sup>

Considerando que se trata da Região do Prata na virada do século XVIII para o XIX, é bastante provável que a recepção a um recém ordenado sacerdote tenha mesmo causado certa mobilização. A religião católica era a religião oficial do Estado, não se permitiam outros cultos, e a vida nas cidades se orientava a partir dos eventos religiosos:

*En Montevideo, y tal vez más en las localidades del interior, la Iglesia o Capilla fue, además de un templo religioso, un centro social – casi al mismo nivel que la pulpería –, un lugar de reunión, de acercamiento entre los agricultores canarios*

<sup>7</sup> Ibid., p. 24-25

<sup>8</sup> VILLADEMOROS, Carlos Gerónimo. Breve noticia de la vida de Don Dámaso Antonio Larrañaga, Vicario Apostólico y Proto-Notario Apostólico de la Santa Sede en el Estado Oriental de Uruguay. **Revista Nacional**, T. XXII, p. 121-130, 1943, p. 122.

<sup>9</sup> CAMUSSO, op. cit., p. 16.

<sup>10</sup> Ibid., loc. cit.

*separados por Kilómetros y entre los estancieros y peones separados por legua. La monotonía de la vida aldeana en Montevideo, y la mayor de la campaña, era a menudo rota solamente por las celebraciones religiosas que tenían la virtud esencial de religar a vecinos frecuentemente aislados.*<sup>11</sup>

Os sacerdotes exerciam uma autoridade de origem divina e, portanto, indiscutível.<sup>12</sup> Concebia-se o sacerdócio como a serviço de "*Dios, de la Iglesia, del rey, de la comunidad en general y en especial de los pobres...*".<sup>13</sup> Logo, constituía-se numa "*de las columnas del edificio social y una opción 'professional' prestigiosa.*"<sup>14</sup> Neste contexto, a carreira eclesiástica situava-se dentre as melhores entre as poucas possibilidades a que tinham acesso os jovens. Embora nem sempre significasse a garantia de bem-estar econômico, que dependia do acesso a paróquias rentáveis ou a postos mais altos na hierarquia, era, inegavelmente, uma das maneiras de conseguir um "bom lugar" na sociedade, também na medida em que a partir dela se ofereciam outras perspectivas de atuação, como, por exemplo, a participação na política.<sup>15</sup>

De acordo com Roberto Di Stefano, num estudo feito a partir de 120 sacerdotes de Buenos Aires do período tardo colonial, constatou-se que mais da metade destes era constituída do primeiro filho homem de seus pais.<sup>16</sup> Portanto, enviar o primogênito para o sacerdócio constituía-se uma prática bastante comum naquele período, o que se devia, em grande medida, aos fatores apontados no parágrafo anterior, ainda que não somente a eles.<sup>17</sup>

Dámaso Antonio Larrañaga não foi o primogênito dos nove filhos resultantes do casamento entre Manuel de Larrañaga e Bernardina Piris y Garin. O primeiro filho do casal se chamou Manuel, como o pai, e teria se dedicado ao transporte de mercadorias. O filho destinado ao sacerdócio foi, inicialmente, o segundo, que se chamava Carlos. Contudo, ele faleceu enquanto estudava no *Real Colegio de San Carlos*, em Buenos Aires, vítima de afogamento. Com a morte prematura de Carlos, foi enviado ao *Colegio*, em seu lugar, o

<sup>11</sup> BARRÁN, José Pedro. **Historia de la sensibilidad en el Uruguay**. Tomo 1: La Cultura "Bárbara" (1800-1860). 7. ed. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1991, p. 133-134.

<sup>12</sup> DI STEFANO; ZANATTA, op. cit., p. 57.

<sup>13</sup> Ibid., 87.

<sup>14</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>15</sup> AYROLO, Valentina. La carrera política del clero. Aproximación al perfil político-clerical de algunos hombres del XIX. El caso de los de Córdoba. **PolHis**. Boletín Bibliográfico Eletónico Del Programa Buenos Aires de Historia Política, Buenos Aires, n. 7, p. 100-114, 1º sem. 2011. Disponível em: <[http://historiapolitica.com/datos/boletin/polhis7\\_ayrolo.pdf](http://historiapolitica.com/datos/boletin/polhis7_ayrolo.pdf)>. Acesso em: 09 mai. 2012, p. 106.

<sup>16</sup> DI STEFANO; ZANATTA, op. cit., p. 87-88. Apesar de tratar-se de um livro em coautoria, a introdução deixa claro que o texto referente ao período anterior a 1865 é de autoria de Roberto Di Stefano e o do período posterior é de Loris Zanatta.

<sup>17</sup> Entre os motivos que levavam os pais a destinarem o primogênito ao sacerdócio, Roberto Di Stefano também cita questões de ordem simbólica resultantes de interpretações de certas passagens bíblicas em que o primogênito é entregue a Deus. Ibid., p. 88.

terceiro entre os irmãos, Dámaso Antonio, a quem coube a tarefa de ordenar-se o sacerdote da família.<sup>18</sup> Larrañaga estudou em Buenos Aires entre 1789 e 1795.

Uma questão interessante a respeito disso, levantada pelos primeiros biógrafos e comentada também noutras obras mais tarde, é a de que Larrañaga estudaria medicina, mas o plano teria sido interrompido pelo desejo da família de ter um filho sacerdote. Em 1848, Villademoros escreveu que, inicialmente, os pais haviam decidido que Larrañaga seguiria a carreira da medicina, “*ciencia a que él, por su parte, mostraba también mucha inclinación*”.<sup>19</sup> As aulas frequentadas no *Convento de San Bernardino*, dos padres franciscanos, em Montevideu, antes de ingressar no *Real Colegio*, em Buenos Aires, seriam o início da preparação para esse objetivo. No entanto,

*murió su hermano mayor, Carlos, en Buenos Aires, ahogado en el rio con otros estudiantes del Colegio de San Carlos, a donde había sido enviado a estudiar para el estado eclesiástico. Con la muerte de este hermano la determinaciones primitivas respecto a la Carrera que había de seguir D. Dámaso recibierom una completa mudanza. Deseosos sus padres de que alguno de sus hijos fuese sacerdote, ló redujeron a pasar en aquella ciudad a continuar sus estudios, destinado ahora a la misma profesión que su hermano D. Carlos.*<sup>20</sup>

Também Estrazulas y Lamas apresenta versão semelhante à de Villademoros sobre esse tema em sua Oração Fúnebre: “*Trataron de destinarlo al estudio de la medicina, pero Dios, que rige los destinos de los hombres le preparó el camino para que entrasse en el Santuario por la desgraciada muerte de su hermano...*”<sup>21</sup>

Rafael Algorta Camusso, já no século XX, também afirma que Larrañaga estudaria medicina, mas diz não acreditar que tenha seguido o sacerdócio por imposição dos pais. Ele se refere a uma carta, que teria passado por suas mãos, na qual Larrañaga escreveria a Mariano Medrano fazendo “*alusión a las intrigas que lo dieron como ambicioso cuando se decidió a estudiar para sacerdote, y a la mala voluntad de la gente que no había visto en su resolución un acto sobrenatural, una vocación pura y decidida*”.<sup>22</sup>

<sup>18</sup> Manuel de Larrañaga era um imigrante de origem basca, chegado a Montevideu em 1765. Bernardina Piris y Garin, filha de um português, nasceu em Montevideu. Manuel e Bernardina tiveram nove filhos: Manuel María (1767), Carlos Francisco Bernardino (1769), Dámaso Antonio (1771), Joseph Silvestre (1773), Juana María (1776), María Micaela Coleta (1778), Josefa Manuela Gregória (1781), María de las Nieves (1782) e Pedro Benito (1784). Dados biográficos retirados de: FAVARO, op. cit., p. 2-7.

<sup>19</sup> VILLADEMOROS, op. cit., p. 122.

<sup>20</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>21</sup> ESTRAZULAS Y LAMAS, Santiago. Don Dámaso Antonio Larrañaga: oración fúnebre pronunciada en la Iglesia Matriz de Montevideo el 1º de marzo de 1848. **Revista Nacional**, Montevideo, T.XII, p. 137-145, 1940, p. 140.

<sup>22</sup> Grifo meu. Camusso não apresenta a referência completa do documento ao qual se refere. CAMUSSO, op. cit. p. 6.

A possibilidade de que tenha sido tomado por ambicioso pelos seus contemporâneos quando seguiu o sacerdócio em detrimento da medicina é bastante plausível, dado o prestígio da carreira eclesiástica naquele período. Mas e quanto à vontade de Larrañaga, teria mesmo preferido e optado pela Igreja, ou abandonou o plano de estudar medicina para não contrariar o desejo dos pais? Não posso responder essa pergunta em função da subjetividade envolvida na escolha. Contudo, independentemente de sua "vocação" para uma ou outra carreira, é possível que tenha se sentido atraído pelo sacerdócio e suas vantagens. Quanto   opinião dos pais, é certo que preferiam que o filho seguisse a carreira eclesiástica, com todo o prestígio e os benefícios que ela poderia oferecer.

Apenas para exemplificar mais claramente como poderia ser importante ter um filho fazendo parte do clero naquela sociedade, cito abaixo um trecho de Roberto Di Stefano do qual j  me havia utilizado ao escrever sobre o prestígio do clero secular em minha disserta o de mestrado.<sup>23</sup>

*Un hijo mayor en clero secular comporta beneficios indiscutibles: en caso de viudez de la madre, situación nada infrecuente, el hijo sacerdote puede asumir la jefatura de la casa, libre de la carga que representaría una familia propia. Cuenta con la instrucción necesaria como para administrar los bienes familiares y con buenos contactos como para defenderlos de ser necesario. Además, en caso de desprotección de alguno de los miembros de la familia puede equilibrar la situación: son frecuentes los casos en que el sacerdote, por ejemplo, funda una capellanía para el hijo de una hermana soltera, que mejora de tal manera su dote y por ende aumenta sus posibilidades de concluir un matrimonio ventajoso.*<sup>24</sup>

Ter um membro da família entre o clero significava manter um vínculo direto com a Igreja Católica, uma condi o privilegiada, quando a cria o e manuten o de tais vínculos era sin nimo de vantagens materiais e sociais:

*Los vínculos con la Iglesia Católica podían llevar consigo ventajas materiales y sociales de importancia. Fundar capellanías, ya lo hemos visto, era entregar una renta al clero pero también significaba designar al sacerdote beneficiado y elegir para ello, por ejemplo, a un pariente. Toda donación de cierto relieve a la Iglesia implicaba adquirir fama y ganar prestigio ante los prelados del clero secular y los superiores del regular, hombres muy bien situados en las esferas del poder, siempre necesitados de consejos y administradores laicos de los cuantiosos bienes que manejaban. La amistad con el clero – y los devotos – podía proporcionar también beneficios materiales nada desde nables si se lograba convertirlos en clientes del negocio del que se era dueño, por cuanto el clero era un productor de bienes de*

<sup>23</sup> BIDINOTO, Lauro Manzoni. **Clero secular e poder político nos movimentos de independência do Prata.** 2005. Disserta o (Mestrado em Integra o Latino-Americana)- UFSM, Santa Maria, 2005, p. 33.

<sup>24</sup> DI STEFANO; ZANATTA, op. cit., p. 88.

*primer orden – como propietario de estancias, chacras y esclavos – y un consumidor del mismo nivel dada su jerarquía social.*<sup>25</sup>

As *capellanías*, referidas nas duas últimas citações acima, consistiam em fundações que tinham como objetivo garantir que fosse rezada determinada quantia de missas em nome das almas dos seus fundadores ou de suas famílias. Quem fundava uma *capellanía* podia indicar o patrono, que em muitos casos ficava sendo o próprio fundador, e também o capelão, ou seja, o sacerdote responsável por rezar as missas ou fazer com que elas fossem rezadas por outro sacerdote. No ato de fundação, indicava-se um determinado valor que o fundador destinaria para a *capellanía*, sendo que este valor era entregue para alguém que se responsabilizava por fazer com que o dinheiro gerasse a renda da *capellanía*, recolhendo para si a quantia de 5% ao ano. Também no ato de fundação, estabeleciam-se critérios para a sucessão do patrono e do capelão.<sup>26</sup>

Nem todas as *capellanías* eram controladas pela Igreja. Os sacerdotes que se ordenavam destinados a *capellanías* particulares não precisavam cumprir outros serviços dentro da Diocese,<sup>27</sup> ocorrendo que muitos deles se sustentavam durante certo tempo com as rendas de uma *capellanía*, até que surgisse um concurso<sup>28</sup> para uma paróquia que fosse "interessante", ou seja, uma capela "*no muy lejos de su lugar de residencia, no muy ayslada, no cercada a la frontera con los indios, con renta modesta pero suficiente como para empezar*".<sup>29</sup> Havia, pois, uma hierarquia entre as paróquias, no topo da qual estavam aquelas nas quais residiam as famílias mais ricas. Eram estas as mais cobiçadas, que apenas alguns poucos felizardos conseguiam alcançar.

De acordo com Favaro, Larrañaga teve uma *capellanía* escriturada a seu favor em 1796 e conservou-a a até 1845, quando renunciou para que outro sacerdote fosse ordenado a título da mesma.<sup>30</sup> Tendo em vista os cargos que assumiu na Igreja ao longo de sua carreira eclesiástica, certamente a *capellanía* a que tinha direito não obrigava o capelão à renúncia no caso de receber outras rendas.

<sup>25</sup> BARRÁN, José Pedro. **La espiritualización de la riqueza**: catolicismo y economía en Uruguay, 1730-1900. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1998, p.76.

<sup>26</sup> Cf.: DI STEFANO; ZANATTA, op. Cit., p. 89-90.

<sup>27</sup> Ibid., p. 90.

<sup>28</sup> Sobre os concursos eclesiásticos, consultar: AYROLO, Valentina. Concursos eclesiásticos como espacios de ejercicio de poder. Estudio de caso: los de la sede cordobesa entre 1799 y 1815. **Hispania Sacra**, v. 60, n. 122, p. 659-681, jul.-dec. 2008. Disponível em: <<http://hispaniasacra.revistas.csic.es/index.php/hispaniasacra/article/viewArticle/72>>. Acesso em: 01 dez 2014.

<sup>29</sup> DI STEFANO; ZANATTA, op. cit., p. 91.

<sup>30</sup> FAVARO, op. cit., p. 20-21.

Dois anos depois de sua ordenação, Larrañaga assumiu o posto de Capelão Interino do Regimento de Voluntários de Infantaria de Montevidéu, em 1801,<sup>31</sup> por ocasião da guerra contra Portugal. Três anos mais tarde, em 1804, tornou-se Tenente Cura da Igreja Matriz de Montevidéu.<sup>32</sup> Uma espécie de ajudante do pároco quando as paróquias eram muito extensas, o tenente cura era escolhido pelo próprio pároco, de quem recebia parte da renda, ao passo que ficava responsável por exercer "*el ministerio pastoral en un núcleo de población que ha ganado importancia*".<sup>33</sup> Considerando-se que eram poucos os postos realmente "interessantes" na região do Prata naquele período, o cargo de tenente cura da paróquia de Montevidéu não era nada desprezível. No período em que atuou como Tenente Cura, Larrañaga foi novamente nomeado Capelão do Regimento de Voluntários de Infantaria; na ocasião, para acompanhar o exército que marchou até Buenos Aires e expulsou os ingleses em 1806.

Foi em 1815, no entanto, quando assumiu como Cura e Vigário Interino da Igreja Matriz de Montevidéu, que a carreira eclesiástica de Larrañaga tomou impulso. Tenha sido esta sua primeira opção ou apenas resultado da vontade de seus pais em detrimento do seu desejo de estudar medicina, é inegável que, uma vez tomado o caminho do clero, seguiu com entusiasmo e dedicação. A partir de 1815, tornou-se a principal autoridade da Igreja na Banda Oriental e permaneceu no topo da hierarquia eclesiástica local até o dia de sua morte, em fevereiro de 1848. Para que isso fosse possível, todavia, não bastou sua competência em matéria eclesiástica, foi preciso também muita habilidade política para manter-se no poder em período tão conturbado. Habilidade política, aliás, exercitada desde o período em que ainda nem se havia ordenado sacerdote, como no episódio da longa negociação para poder viajar ao Rio de Janeiro, em 1798.

Também de 1798, mas do período anterior à viagem, é possível extrair outro exemplo relativo à tal habilidade política. Refiro-me a um fato relatado por Favaro, relativo a "*un asunto íntimo de familia*", que, segundo o biógrafo, "*hubo de tener mucha transcendencia en su vida publica*".<sup>34</sup> Trata-se do casamento de sua irmã Juana com Pedro Francisco Berro, em 14 de junho de 1798, o qual não teria aprovação paterna. Os documentos transcritos por Favaro, entre os quais está o registro do matrimônio, realizado no dia 19 de março do ano

---

<sup>31</sup> Ibid., p. 25.

<sup>32</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>33</sup> DI STEFANO; ZANATTA, op. cit., p. 59.

<sup>34</sup> FAVARO, op. cit., p. 21.

seguinte,<sup>35</sup> demonstram que o casamento, conduzido pelo presbítero Juan José Arboleya, ocorreu no quarto de Larrañaga, de maneira secreta, tendo o próprio servido de testemunha junto com sua mãe, Bernardina Piris. Para Favaro, que não investiga os motivos da oposição paterna, indiscutivelmente foi o sacerdote quem articulou para que o casamento da irmã ocorresse, dando início desta forma, a "*una amistad muy íntima entre Berro y Larrañaga, que debía perdurar en el curso de sus vidas...*".<sup>36</sup> A partir de então, Pedro Francisco Berro "*en todas las oportunidades que le fuerom propicias, contribuyera a darle espectabilidad al Futuro Vicario Apostólico*".<sup>37</sup>

Não é minha intenção aqui verificar em que situações específicas Pedro Francisco Berro interferiu para ajudar o cunhado, mas apenas mostrar como a carreira eclesiástica de um sacerdote dependia diretamente das relações que conseguia estabelecer. No caso de Larrañaga, desde o início soube cercar-se de pessoas que, em algum momento, puderam ajudá-lo, e Pedro Berro foi uma delas. A relação entre os dois sempre foi muito próxima. Uma das correspondências trocadas entre eles ficou bastante conhecida por conter a narrativa da reconquista de Buenos Aires, em 1806.<sup>38</sup> Na carta, que começa com "*Querido Berro*", Larrañaga, então Capelão do Regimento de Voluntários de Infantaria, descreve os sucessos do grupo desde a partida de Colônia do Sacramento, no dia 03 de agosto, até a rendição dos ingleses, no dia 12.

Outra correspondência, enviada por Berro a Larrañaga, cerca de três décadas mais tarde, mostra que os dois continuavam muito próximos, e, mais do que isso, Berro estava bastante atento à situação do cunhado. Referindo-se ao fato de que o Senado e a Câmara de Representantes haviam sancionado o soldo de três mil pesos a Larrañaga, que na ocasião já era Vigário Apostólico, Berro informa-o de que, confidencialmente, haviam-no consultado indagando se o sacerdote se resignaria, com tal medida, a renunciar ao curato que possuía, tendo ele respondido que sim. Por fim, diz não saber se lhe passariam tal resolução, de ofício, e que por isso lhe informava para que renunciasse ao curato voluntariamente.<sup>39</sup>

---

<sup>35</sup> Registro de Matrimônio de Pedro Francisco Berro e Juana Larrañaga, assinado pelo padre Juan J. Ortiz, Montevideu, 19/03/1799. Transcrito em: *Ibid.*, 107-108.

<sup>36</sup> *Ibid.*, p. 22-23.

<sup>37</sup> *Ibid.*, p. 23.

<sup>38</sup> Larrañaga a Pedro Francisco Berro, Buenos Aires, 16/08/1806. "Reconquista de Buenos Aires". LARRAÑAGA, Dámaso Antonio. **Escritos**. Tomo III. Montevideo: Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay, Imprenta Nacional, 1923, p. 107 a 110.

<sup>39</sup> Pedro Francisco Berro a Larrañaga, 09/07/183?. **Archivo de la Curia Eclesiástica de Montevideo**. *Vicariato Apostólico* - 5.

## 2.2 Os primeiros passos na hierarquia eclesiástica

Depois de um período de quase dois anos trabalhando na Biblioteca Pública de Buenos Aires, onde havia se instalado em 1813 por conta de uma representação política frente ao Governo Portenho<sup>40</sup>, Larrañaga apresentou sua renúncia ao cargo de bibliotecário, em 1º de abril de 1815:

*Las atenciones de mi familia y otros intereses y diligencias propias me obligan a pasar á Montevideo, y requierem mi personal residencia en él; y como esto es incompatible con el empleo de Bibliotecario, que el Supremo Gobierno me hizo el honor de confiarme; me veo en la precision de hacer á V. E. la súplica que tenga á bien admitirme la renuncia, que desde luego hago de este cargo por las graves consideraciones que dexo insinuadas, favoreciéndome al mismo tiempo con la licencia para passar a mi casa.*<sup>41</sup>

Conquanto não tenha especificado os motivos de sua renúncia para voltar a Montevideú, senão apenas se referido genericamente a questões de família e outros interesses particulares, é possível levantar algumas hipóteses a respeito. Uma delas, ainda que indiretamente, é sugerida por Favaro, quando comenta o episódio: "*Es posible que la causal invocada no fuera el único motivo que le impulsara a tan repentino retorno a su ciudad natal, ya ni más española ni argentina, sino bajo la éjida del Jefe de los Orientales*".<sup>42</sup> É preciso considerar que Montevideú acabara de ser retomada por Artigas e um governo autônomo se instalara na região. Muita coisa havia acontecido no Rio da Prata desde o início de processo revolucionário, em 25 de maio de 1810. Por ora, basta recordar o que segue nos três parágrafos abaixo, a título de contextualização:

Depois da vitória contra os realistas na *Batalla de Las Piedras*, em 18 de maio de 1811, Montevideú, ainda sob domínio espanhol, foi cercada pelas tropas de Artigas e de José Rondeau, este último à frente de um exército enviado pelo Governo de Buenos Aires. Acuado, o governador espanhol Francisco Javier Elío solicitou a intervenção de Portugal. Temerosos frente ao exército enviado por Portugal, os dirigentes bonaerenses fizeram um acordo com Elío, reestabelecendo seu poder. Todavia, o trato não contou com a concordância de Artigas e suas tropas, que se retiraram do território da Banda Oriental, no que foram seguidos por boa parte da população, episódio que ficou conhecido como "Êxodo do Povo Oriental" ou "*La Redota*".

<sup>40</sup> Volto a tratar da representação política desempenhada por Larrañaga em Buenos Aires no Capítulo 4.

<sup>41</sup> Larrañaga ao Governo de Buenos Aires, Buenos Aires, 01/04/1815. **Archivo Artigas**, tomo 26, p. 338.

<sup>42</sup> FAVARO, op. cit., p. 46.



A partir de então, ficaram mais claras as diferenças de interesse entre "orientales" e bonaerenses, seguindo-se um período de intensa disputa no âmbito político. Centrada na autonomia de cada *pueblo*, essa disputa teve seu auge na *Asamblea General Constituyente* convocada por Buenos Aires, em 1813. Na ocasião, os deputados enviados por Artigas (um deles era Larrañaga) foram rechaçados por conta da posição antagônica com relação ao grupo dominante de Buenos Aires, evidenciada nas chamadas *Instrucciones del Año XIII*. Tratavam-se estas de 20 instruções, redigidas durante o Congresso Provincial<sup>43</sup> convocado por Artigas, que tentavam "estabelecer uma proposta federalista de relações, na qual a adoção de um pacto confederal poderia controlar os interesses centralistas de Buenos Aires e garantir a soberania da Banda Oriental".<sup>44</sup>

O rechaço dos deputados orientais e o posterior agravamento da disputa política fizeram com que, em janeiro de 1814, Artigas retirasse suas tropas do cerco a Montevideú, o qual havia sido reestabelecido pelas forças de Buenos Aires, comandadas por Rondeau, devido à quebra do acordo estabelecido em 1811 entre espanhóis e bonaerenses. Mesmo com a retirada das tropas artiguistas, os espanhóis de Montevideú acabaram capitulando e a cidade foi entregue ao comandante bonaerense Carlos María de Alvear, em junho de 1814. Os bonaerenses, por sua vez, no começo do ano seguinte, foram derrotados pelos artiguistas, que retomaram Montevideú no final de fevereiro de 1815, consolidando "*el primer gobierno autónomo en todo el territorio de la Provincia Oriental, dirigido por Artigas y un Cabildo Gobernador elegido popularmente...*"<sup>45</sup> Enquanto que este último encontrava-se instalado em Montevideú, o primeiro governava a partir de seu *Cuartel General*, em Paysandú.

Portanto, como escreve Favaro, quando Larrañaga voltou, em abril de 1815, Montevideú já não era mais espanhola nem "argentina", estava sob o comando do *Jefe de los Orientales*, José Artigas. Favaro, a quem não passa despercebida a mudança de cenário que coincide com a volta de Larrañaga, contudo, prefere não avançar na discussão:

*La interrogante sobre qual fué la causa auténtica de su dimisión a la subdirección de la Biblioteca Pública Bonaerense, debemos deducirla del texto de la misma: asuntos de familia e intereses. Si hubo otro motivo, como lo suponemos, ello es en base a meras especulaciones indocumentadas lo que da lugar a que las desechemos.*<sup>46</sup>

<sup>43</sup> *Congreso de Tres Cruces* ou *Congreso de Abril*, realizado entre 05 e 21 de abril de 1813.

<sup>44</sup> PADOIN, Maria Medianeira. **Federalismo gaúcho**: fronteira platina, direito e revolução. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001, p. 49.

<sup>45</sup> NAHUM, Benjamín. **Breve historia del Uruguay Independiente**. Montevideo: Banda Oriental, 1999, p. 16.

<sup>46</sup> Favaro, op. cit., p. 47.

No entanto, das palavras que Larrañaga escreve no documento de sua renúncia ("... *atenciones de mi familia y otros intereses y diligencias propias...*"<sup>47</sup>), não se poderia deduzir que entre seus interesses estivessem as oportunidades que dali por diante se abririam para ele numa Província Oriental autônoma? Pensar a volta de Larrañaga para sua cidade natal, considerando que tinha entre seus motivos as oportunidades que visualizava na autonomia provincial, não é contraditório com o que ele próprio alegou na ocasião. Por outro lado, seria um equívoco afirmar que sua volta se deu a partir de tais expectativas e fundamentar a afirmativa nas diversas oportunidades que se abriram para ele no período posterior. Seria, talvez, exagerado, senão anacrônico, considerar que efetivamente esperava transformar-se na principal autoridade da Igreja na Banda Oriental ou então fundar uma biblioteca pública em Montevideú, entre outras iniciativas que teve no período entre seu regresso e a invasão portuguesa de agosto de 1816. A instabilidade política pela qual passava a Região desde a *Batalla de Las Piedras* (1811) permite supor que, por mais otimista que estivesse Larrañaga naquele começo de 1815 acerca da autonomia da Província dali por diante, dificilmente decidiria deixar o cargo de bibliotecário em Buenos Aires, que lhe era bastante aprazível,<sup>48</sup> baseado apenas nisso.

Talvez, apenas uma destas possibilidades constasse entre suas expectativas quando decidiu regressar: tornar-se Cura e Vigário Interino da Igreja Matriz de Montevideú, o que de fato ocorreu no final de abril. Mas que motivos teria para esperar por isso, se Juan José Ortiz já ocupava o posto como cura proprietário (conquistado através de concurso) desde 1783?<sup>49</sup> É possível que tenha sido informado a respeito do agravamento dos problemas de saúde de Ortiz, uma vez que os dois mantinham uma relação de amizade e confiança de longos anos.<sup>50</sup> De acordo com Wilson González Demuro,<sup>51</sup> a saúde de Ortiz, "*nunca demasiado fuerte, se deterioró progresivamente hasta caer enfermo en abril de 1815*", e morrer, aos 56 anos, no dia 22 de abril, cinco dias depois de providenciar seu testamento. Há que se considerar, contudo, que a renúncia de Larrañaga se deu no dia 1 de abril, quando, talvez, a situação de

<sup>47</sup> Larrañaga ao Governo de Buenos Aires, Buenos Aires, 01/04/1815. **Archivo Artigas**, tomo 26, p. 338.

<sup>48</sup> "*Para venir entre los míos ultimamente dexé un empleo quantioso y el mas analogo á mi genio;*". Larrañaga a Artigas, Montevideú, 09/12/1815. **Archivo Artigas**, tomo 22, p. 214-215.

<sup>49</sup> DEMURO, Wilson González. Iglesia y crisis monárquica en el Río de la Plata al finalizar la época colonial. Un caso: Montevideo y su cura vicario, Juan José Ortiz (1783-1815). **Anuario de Estudios Americanos**, Sevilla, n. 62, 1, p. 161-180, 2005, p. 164. Disponível em: <<http://estudiosamericanos.revistas.csic.es/index.php/estudiosamericanos/article/view/72/75>>. Acesso em: 12 set. 2010.

<sup>50</sup> Em 1804, Larrañaga tornara-se Tenente Cura da Igreja Matriz por solicitação de Ortiz. O fato de que, em 1815, Larrañaga tenha sido escolhido por Ortiz como terceiro nome entre os encarregados de executar seu testamento, conforme coloca Favaro, mostra que a confiança entre os dois persistiu até os momentos finais da vida de Ortiz. FAVARO, op. cit. p. 51-52.

<sup>51</sup> DEMURO, op. cit., p. 179.

saúde Ortiz ainda não fosse tão complicada, já que Demuro coloca que ele teria caído enfermo no começo do mês.

Com a morte de Ortiz, José León Planchón, Vigário Capitular e Governador do Bispado de Buenos Aires, nomeou Larrañaga para Cura e Vigário Interino da Matriz de Montevideú, no dia 28 de abril.<sup>52</sup> No mesmo dia, também lhe concedeu certas faculdades relativas ao cargo, entre as quais estava a de suspender ou prorrogar os sacerdotes seculares ou regulares que residissem dentro dos limites de sua paróquia.<sup>53</sup> Planchón, que havia assumido o posto de Vigário Capitular há apenas três dias (25 de abril), era então a autoridade máxima do Bispado, o qual estava em sede vacante desde a morte do bispo Benito Lué y Riega, em março de 1812.<sup>54</sup> A rapidez com que Planchón escolheu Larrañaga para substituir Ortiz, poucos dias depois do falecimento deste, e apenas três dias depois que ele próprio assumira a diocese, pode ser explicada pela relação de amizade que existiria entre os dois.

Essa relação de amizade fica evidente, por exemplo, num documento de data posterior, mas ainda daquele mesmo ano, no qual, apesar da hierarquia eclesiástica que os separa, Larrañaga dirige-se a Planchón tratando-o simplesmente como “*Amigo*”, ao solicitar certas faculdades que o livrariam de um problema, e despede-se num tom bastante informal: “*Espero de su actividad que me sacará de este apuro, mandando en recompensa á este su apasionado*”.<sup>55</sup>

A relação de amizade entre os dois pode ter, sim, favorecido a designação de Larrañaga como Cura e Vigário Interino de Montevideú, ainda que não se deva atribuí-la somente a isso, uma vez que Larrañaga já gozava de muito prestígio, inclusive da parte de Artigas, com quem mantinha boas relações. Aludindo a certa "crise religiosa" pela qual estaria passando Montevideú no período posterior ao início das lutas pela Independência, Favaro – que, inicialmente, havia descartado procurar outros motivos para o regresso de Larrañaga a Montevideú – levanta mais uma hipótese:

---

<sup>52</sup> FAVARO, op. cit., p. 52.

<sup>53</sup> José León Planchón concedendo faculdades eclesiásticas a Larrañaga, Buenos Aires, 28/04/1815. **Archivo Artigas**, tomo 26, p. 469-470.

<sup>54</sup> Em maio de 1810, Benito Lué y Riega apoiou a causa da Espanha, mas, ainda assim, teve que acatar a Junta de 26 de maio. Depois disso, teve uma série de problemas com as novas autoridades, se estenderam até sua morte, em março de 1812. De acordo com a posição oficial da Santa Sé, ao divulgar os informes pertinentes a Buenos Aires, o bispo teria sido vítima de envenenamento. AYROLO, Valentina. Iglesia y Poder Politico en las Provincias Unidas (1810-1852). **Cuadernos de Trabajo del Centro de Investigaciones Historicas**, Serie de Investigaciones N. 6, Junio de 2003. Universidad Nacional de Lanús, jun. 2003, p. 11.

<sup>55</sup> Larrañaga a José León Planchón, Montevideú, 08/07/1815. **Archivo Artigas**, tomo 26, p. 474. Neste mesmo capítulo, à frente, volto a me referir a este documento para analisar o seu conteúdo

*Creemos que en su renuncia a la Biblioteca Pública de Buenos Aires, aparte de la sincera causal invocada de atender los intereses de familia, existía esta otra de la situación de la Iglesia Oriental. Nada difícil sería que su regreso, fuera una cuestión convenida por su íntimo amigo, José León Planchón, en esos momentos a cargo de los destinos de la Iglesia en el Río de La Plata.*<sup>56</sup>

Todavía, esta hipótese fica prejudicada pelo fato de que Planchón assumiu o cargo de Vigário Capitular em data posterior à do pedido de renúncia de Larrañaga.<sup>57</sup> De qualquer forma, mesmo que não tenha determinado o regresso do sacerdote, persiste a possibilidade de que Planchón o tenha nomeado justamente por acreditar que fosse a pessoa correta para desempenhar a função de Vigário em Montevidéu naquele momento tão complicado. O fato de que Artigas estava em conflito direto com as autoridades de Buenos Aires, ao mesmo tempo que a Igreja da Província Oriental estava subordinada às autoridades eclesiásticas daquela cidade, tornava a situação bastante delicada. Neste sentido, a escolha de Larrañaga parece ter sido bastante conveniente, por diversos motivos, pois este tinha a confiança de Artigas, dos membros do *Cabildo* de Montevidéu, do próprio Planchón, ao mesmo tempo que era respeitado pelas autoridades de Buenos Aires, onde trabalhara na Biblioteca Pública e atuara diplomaticamente como representante da Província Oriental. Talvez por isso, não consta que tenha havido contestação à sua indicação para o cargo, pelo menos formalmente.

O próprio Larrañaga reconhece a situação especial na qual estava se envolvendo, no documento através do qual informou ao *Cabildo* de sua nomeação. No trecho que cito abaixo, além desta constatação, ele também faz certas ressalvas com relação ao tempo de permanência no cargo:

*Yo que, como le consta a V. E., siempre he amado la vida privada y el retiro., y que siempre me he juzgado indigno y sin la suficiencia necesaria para unas funciones tan graves y de tanta responsabilidad; en las circunstancias presentes en que se requiere para este empleo prendas nada comunes, debo precisamente juzgarme menos idóneo; y así solamente por ahora y a fin de que mis compatriotas ni por un momento estén privados de estos socorros y consuelos espirituales, he aceptado este encargo mientras Su Señoría y V. E. ponen las miras en alguna otra persona, que pueda desempeñar todas estas graves y seria obligaciones.*<sup>58</sup>

<sup>56</sup> FAVARO, op. cit., p. 57.

<sup>57</sup> José León Planchón governou o bispado como Vigário Capitular entre 25 de abril e 04 de dezembro de 1815. ARZOBISPADO DE BUENOS AIRES. **Noticias Históricas**: La Diócesis de Buenos Aires en Sede Vacante. Disponível em: < [http://www.arzbaires.org.ar/inicio/menu\\_historia.html](http://www.arzbaires.org.ar/inicio/menu_historia.html) >. Acesso em 04/12/2014.

<sup>58</sup> Grifo meu. Camusso transcreve o documento inteiro, porém não indica a sua localização. Larrañaga ao *Cabildo* de Montevidéu, Montevidéu, 08/05/1815. Transcrito em: CAMUSSO, op. cit., p. 38-39. Favaro também faz alusão a este documento, porém não o transcreve. No rodapé indica que o mesmo se encontra no Archivo General de La Nación (Fondo ex Archivo General Administrativo; Libro 179). FAVARO, op. cit., p. 52. Tanto Camusso como Favaro se referem à data do documento como 08 de maio de 1815, porém a transcrição da resposta do *Cabildo*, que consta no Archivo Artigas, está com data do dia 06 de maio. Respondeu o *Cabildo*: "A este Ayuntamiento le ha Sido de Suma complasencia, y muy Satisfactorio el nombram.to q.e el Señor Prov.or y Vicario Gral del obispado Seha Servido hacer en la persona de Vm, de quien Spre h[emos] a esperado

Larrañaga dá a entender ao *Cabildo* que não pretende ficar muito tempo no cargo, recomendando, inclusive, que seja procurada outra pessoa para o seu lugar. Meses depois, em dezembro de 1815, numa correspondência que envia para Artigas, ameaça renunciar ao cargo de Vigário. Não vêm ao caso, aqui, os motivos do desentendimento entre os dois. O documento será analisado em outro momento desta tese. Quero apenas fazer referência a certas passagens em que Larrañaga se refere à sua condição de Vigário, àquela época com poderes estendidos para toda a Província Oriental. Ele escreve que basta que Artigas diga que não lhe quer mais como Vigário e ele mesmo solicitará à autoridade eclesiástica a sua saída, e a seguir, afirma: "*A mi tampoco me gusta [o cargo de Vigário], pues he hecho mas empeños para no serlo, como otros han hecho para conseguirlo*".<sup>59</sup> Antes desse trecho, referiu-se às pessoas que o apreciavam, que teriam sido as mesmas que se empenharam para que ele fosse Vigário. E, mais ao final do documento, ainda escreve: "*Para venir entre los mios ultimamente dexé un empleo quantioso y esl mas analogo á mi genio [...]*"<sup>60</sup> Referia-se, neste caso, ao emprego na Biblioteca Pública de Buenos Aires.

Não creio que essas declarações possam ser interpretadas como sinceras intenções de Larrañaga de deixar o cargo. No caso da comunicação ao *Cabildo*, quando declara não se sentir preparado e recomenda que se procure outra pessoa para substituí-lo, parece-me apenas cumprir com a formalidade e diplomacia exigidas para a ocasião. No caso do embate com Artigas, não posso descartar a possibilidade de que chegasse mesmo a renunciar ao cargo se o desentendimento entre os dois evoluísse. No entanto, na forma como foram inseridas na correspondência, tais declarações tinham o claro sentido político de demarcar certa autonomia de ação frente a Artigas.

Mesmo que, do ponto de vista estritamente pessoal, Larrañaga estivesse muito mais inclinado a um trabalho como aquele que realizava na Biblioteca Pública de Buenos Aires, no que diz respeito à construção de uma carreira eclesiástica, o posto de Vigário na Matriz de Montevideu era o principal benefício ao qual poderia aspirar um sacerdote na Banda Oriental.<sup>61</sup> Referindo-se ao contexto colonial do Rio da Prata e às possibilidades daqueles que optavam pelo sacerdócio, Roberto Di Stefano afirma que os curatos urbanos, que em geral garantiam as melhores rendas, estavam entre as aspirações mais recorrentes entre aqueles que

---

*grandissimos frutos, y confia esta municipalidad, q.e el jubilo y contento Será gral p.r esta elección en todos los Pueblos de la Jurisdiccion.*" . *Cabildo* de Montevideu a Larrañaga, Montevideu, 06/05/1815. **Archivo Artigas**, tomo 26, p. 471.

<sup>59</sup> Larrañaga a Artigas, Montevideu, 09/12/1815. **Archivo Artigas**, tomo 22, p. 214-215.

<sup>60</sup> *Ibid.*, loc. cit.

<sup>61</sup> DEMURO, op. cit., p.165.

almejavam avançar na carreira.<sup>62</sup> Uma vez que atingisse esse posto, as perspectivas do sacerdote poderiam ser ainda mais ousadas: "*Si hace una muy buena carrera – y dispone de muy buenos contactos - puede ser propuesto un día para cura de la catedral, y allí se entreabre la puerta del cabildo eclesiástico. Quizás hasta pueda ser obispo*".<sup>63</sup> No caso de Montevideu, de acordo com Wilson Gonzáles Demuro, haveria ainda a vantagem do distanciamento de Buenos Aires (uma Diocese "*poco conectada con las máximas autoridades de Roma*"), o que dava ao pároco "*una relativa autonomía funcional...*".<sup>64</sup> Tanto o distanciamento da Diocese de Buenos Aires das autoridades de Roma, quanto o distanciamento de Montevideu com relação às autoridades eclesiásticas de Buenos Aires são realidades que se agravam com os movimentos de independência. Ademais, haveria sempre a possibilidade da ereção de um Bispado na Banda Oriental, demanda que antecede os movimentos de independência.<sup>65</sup>

A criação da Diocese de Montevideu, no entanto, aconteceria somente muitos anos mais tarde, em 1878, quando Larrañaga já estaria morto. Já a independência eclesiástica com relação a Buenos Aires, na prática, ocorreria logo depois da constituição do Uruguai como País independente, como detalharei mais adiante. Todavia, ainda em 1815, Larrañaga recebeu faculdades que ampliaram seus poderes para além dos territórios de Montevideu. Em julho desse ano, José León Planchón, como Governador do Bispado de Buenos Aires, expediu um documento<sup>66</sup> concedendo licença e faculdades a Larrañaga, para que atuasse numa série de situações, caso ocorresse a falta de comunicação com Buenos Aires. Além de representar uma ampliação das faculdades concedidas anteriormente, em abril de 1815, o documento referia-se ao uso de tais faculdades em toda a Província Oriental, enquanto que a concessão anterior se referia à jurisdição da paróquia de Montevideu. Apesar de que, ao final, o documento trouxesse a ressalva de que tais licenças e faculdades "*solo deben entender-se concedidas en caso de absoluta incomunicacion, y no en otro*", Larrañaga tornou-se a principal autoridade da Igreja na Província, tendo em vista a instabilidade política da região, que lhe permitiu o uso constante das faculdades concedidas.

---

<sup>62</sup> DI STEFANO; ZANATTA, op. cit., p. 92-93.

<sup>63</sup> Ibid., p. 93.

<sup>64</sup> DEMURO, op. cit., p. 165.

<sup>65</sup> Em 1808 e 1809 foi solicitada ao Rei da Espanha a criação de um Bispado na Banda Oriental, conforme será abordado mais adiante neste mesmo capítulo.

<sup>66</sup> José León Planchón concedendo licença e faculdades a Larrañaga, Buenos Aires, 20/07/1815. Transcrito em: FAVARO, op. cit. p. 118-119.

Em dezembro de 1815, já com um novo Vigário Capitular à frente do Bispado de Buenos Aires, Domingo Victorio Achega,<sup>67</sup> Larrañaga viu seu poder aumentar ainda mais. O novo Vigário concedeu-lhe amplas faculdades, nomeando-o Subdelegado em toda a Banda Oriental.<sup>68</sup> Banda Oriental que, neste caso, como bem observou Favaro ao comentar o fato, não se referia ao oriente do Rio Uruguai, mas sim, do Rio Paraná.<sup>69</sup> Portanto, além da jurisdição eclesiástica na Província Oriental, Larrañaga comandaria, a partir de então, a Igreja de províncias como Entre Rios e Corrientes. Outra mudança importante se deu em março de 1816, quando Achega ampliou as faculdades de Subdelegado e, ainda, confirmou-o como Cura e Vigário da Matriz, cargo que, até então, desempenhara como interino.<sup>70</sup>

A que se pode atribuir a rápida ascensão eclesiástica de Larrañaga, desde a nomeação para Cura e Vigário Interino até a ampliação de suas faculdades com jurisdição para toda a Banda Oriental e, por fim, à confirmação no posto de Cura e Vigário da Matriz? Favaro, referindo-se pontualmente ao episódio em que Larrañaga teve faculdades concedidas para o caso de isolamento da Banda Oriental, em julho de 1815, atribui o acontecido à influência de Artigas: *“Es al General Artigas a quien debió Larrañaga su primer paso en la Jeraquía eclesiástica”*.<sup>71</sup> Afirma isso, baseando-se no fato de que a solicitação das faculdades partira de Artigas. Porém, ainda que a solicitação tenha partido de Artigas,<sup>72</sup> que recebeu de Planchón os documentos delegando as faculdades e remeteu-os a Larrañaga,<sup>73</sup> não creio que a concessão de tais faculdades deva ser atribuída apenas à vontade do *General*, e o próprio Favaro, em

<sup>67</sup> Domingo Victorio Achega esteve à frente do Bispado de Buenos Aires como Vigário Capitular de 19 de dezembro de 1815 até 19 de dezembro de 1817. ARZOBISPADO DE BUENOS AIRES. **Noticias Históricas:** La Diócesis de Buenos Aires en Sede Vacante. Disponível em: < [http://www.arzbaires.org.ar/inicio/menu\\_historia.html](http://www.arzbaires.org.ar/inicio/menu_historia.html) >. Acesso em 04/12/2014.

<sup>68</sup> O documento estabelecia que as faculdades concedidas precisavam ser renovadas a cada seis meses e que os expedientes deveriam todos ser remetidos a Buenos Aires. Domingo Victorio Achega concedendo faculdades a Larrañaga, Buenos Aires, 22/12/1815. Documento transcrito em: FAVARO, op. cit., p. 122-123.

<sup>69</sup> Favaro se refere a correspondências de curas em locais situados no oriente do Rio Uruguai acusando o recebimento do aviso sobre as faculdades delegadas a Larrañaga, como o cura de Concepción del Uruguay, que respondeu, em 12 de janeiro de 1816. Ibid., p. 62.

<sup>70</sup> As informações são de Favaro, que ainda escreve que, na mesma data (18/03/1816), Larrañaga também foi nomeado pelo Comissário da Santa Cruzada, Domingo Estanislao Belgrano, como Juiz Subdelegado com jurisdição na Província Oriental, Entre Rios e Corrientes. Contudo: *“No puso en práctica Larrañaga esta abusiva y desacreditada práctica colonial, en mérito a la oposición del Jefe de los Orientales, que al efecto le escribía el 18 de marzo, informándole que había contestado al comisario Belgrano, manifestándole que ‘su publicación lejos de crearla un bien espiritual lo gradúo de un mal en el ánimo de los fieles’”*. Ibid., p. 62-63.

<sup>71</sup> Ibid., p. 57.

<sup>72</sup> Numa carta posterior, que Artigas envia ao *Cabildo* de Montevidéu criticando Planchón, em dezembro de 1815, ele escreve: *“Pastor de la Igl.a si hubiera Sido mas zeloso delas almas hubiera conservado la autoridad, q.e en atención á las presentes circunstancias le pedi, y me concedio en Julio del presente año, nombrando al Presbítero D.n Damaso Larrañaga p.a desidir en todos los casos”*. O contexto em que ocorre esta crítica a Planchón será analisado no capítulo 4. Artigas ao *Cabildo* de Montevidéu, Paysandú, 25/11/1815. **Archivo Artigas**, tomo 21, p. 155-156.

<sup>73</sup> *“Acompaño á V. los docum.tosq.e manifiestan la autoridad, q.e ha delegado en V. el S.or el Prov.or del Obispado; yo me glorio de este socorro espiritual, y q.e V. tome las provid.as compet.es p.a el mejor desempeño”*. Artigas a Larrañaga, Paysandú, 19/08/1815. **Archivo Artigas**, tomo 22, p. 199.

outro trecho da biografia, escreve: “*Las primeras posiciones que llevo a ocupar, las debió a la solicitud de Artigas y a que la autoridad diocesana estuvo en manos amigas.*”<sup>74</sup> Refere-se ao fato de que Larrañaga era amigo do Vigário Capitular, Planchón.

No caso da ampliação das faculdades, em julho de 1815, há, inclusive, uma correspondência enviada por Larrañaga a Planchón no começo de mês, na qual ele solicita justamente a concessão de faculdades que o tirariam de certo “apuro”. Trata-se do mesmo documento do qual extraí alguns trechos anteriormente para mostrar o tratamento informal entre os dois, e que agora transcrevo na íntegra:

*Amigo – repentinam.te he sabido que hay como escribirle, y aprovecho esta oportunidad p.a saludarle, y recomendarle que se haga cargo de remitirme la contestacion del Provisor á una mia, solicitando que en atencion al estado en que nos hallamos, quiera ratificar en mi favor las facultades que tenia mi antecesor concedidas p.r el D.r Zavaleta; o á lo menos siquiera p.a un caso de imped.to de 3.º grado de consang.d y de las tres proclamas. Está muy interesado el honor de una paisanita nuestra respetable, y es menester que ande de pie. Espero de su actividad que me sacará de este apuro, mandando en recompensa á este su apasionado.*<sup>75</sup>

A julgar pela data (08 de julho), e pela resposta positiva de Planchón,<sup>76</sup> afirmando que remeteria os papéis, as faculdades requeridas devem ser mesmo aquelas que seriam concedidas no dia 20 julho, posteriormente remetidas a Larrañaga por Artigas, em agosto. Portanto, pode-se perceber que, independentemente da solicitação de Artigas, Larrañaga se valeu de sua amizade com Planchón para alcançar seu objetivo. Aliás, o documento remete também a outra situação em que o mesmo tipo de prática, da troca de favores, estava sendo requerido. Ainda sem saber exatamente de qual “*paisanita*” Larrañaga estava tentando salvar a honra, é evidente que se tratava de alguém que pertencia ao grupo no qual ele próprio estava inserido, e do qual, em algum momento, obteria apoio em troca da ajuda prestada neste caso específico.

A importância dos vínculos políticos, amizades e outras relações na carreira dos clérigos não é exclusiva do período das independências. Desde o período colonial, a progressão na carreira eclesiástica dependia de uma série de fatores que não se limitavam ao âmbito estritamente eclesiástico.<sup>77</sup> Vínculos políticos poderiam ter um peso muito grande na

<sup>74</sup> FAVARO, op. cit., p. 71.

<sup>75</sup> Larrañaga a José León Planchón, Montevideu, 08/07/1815. **Archivo Artigas**, tomo 26, p. 474.

<sup>76</sup> A resposta de Planchón, sem data, encontra-se transcrita na sequência de: Larrañaga a Planchón, Montevideu, 08/07/1815. **Archivo Artigas**, tomo 26, p.474.

<sup>77</sup> Consultar, por exemplo: AYROLO, Concursos eclesiásticos como espacios de ejercicio de poder, op. cit.



hora de definir aquele que ocuparia um determinado cargo, tendo em vista o funcionamento do Sistema de Padroado, a partir do qual, Estado e Igreja e Sociedade se confundiam.<sup>78</sup>

Concedido pelo Papa aos soberanos da Espanha na época em que os europeus chegavam à América,<sup>79</sup> o Padroado Real, inicialmente, tratava-se de uma espécie de acordo através do qual os recursos econômicos necessários à implantação da Igreja Católica no “novo” continente deveriam ser garantidos pela Coroa, que, em troca disso, teria o direito de indicar os eclesiásticos para preenchimento dos cargos na estrutura da Igreja.

No caso de ocorrer a vacância de uma vaga para o cargo de pároco, por exemplo, o primeiro passo era a realização de um concurso entre os interessados, a partir de um tribunal eclesiástico integrado por representantes do bispo, do cabido e da autoridade política. Feitos os exames, eram selecionados três eclesiásticos. A lista com os três nomes era então entregue ao vice-patrono, ou seja, a autoridade política, que poderia ser, no caso, o vice-rei. A partir da lista tríplice, o vice-patrono escolhia seu candidato e o apresentava à autoridade eclesiástica, o bispo ou o cabido, que, se concordasse com a escolha, concedia o benefício eclesiástico ao indicado.<sup>80</sup>

O complexo funcionamento do Sistema de Padroado passou por diferentes fases ao longo do período de dominação espanhola na América. A partir do século XVIII ganhou força a doutrina do Regalismo, a qual “*postula que las facultades de la Corona en materia eclesiástica son inherentes al ejercicio de la soberanía y no dependen, por tanto, de las concesiones pontificias*”.<sup>81</sup> Em 1753, a Coroa Espanhola firmou um acordo com a Santa Sé, no qual se considerava que o Padroado não derivava de uma concessão do Papa ao Estado, mas, sim, era um direito inerente à soberania.<sup>82</sup> Em 1768, entrou em vigor o chamado “*placet*”, que regulava as relações da Santa Sé com os eclesiásticos da América. Para circular no Continente Americano, os documentos emitidos pelo Papa deveriam antes receber o *placet* concedido pelos reis, que, assim, podiam exercer um controle sobre eventuais documentos contrários aos seus interesses.<sup>83</sup>

O Regalismo, que, como indicado acima, resultava numa maior interferência da Coroa nos assuntos eclesiásticos, mantinha-se em vigor no início do século XIX, quando começaram

<sup>78</sup> DI STEFANO; ZANATTA, op.cit., p.16.

<sup>79</sup> “*En 1493 el Papa concedió a los reyes católicos los territorios y las gentes con las que Colón tropezase, y en 1508 los agració con el patronato sobre las Iglesias que se crearan en tierra americana*”. Ibid., p. 48

<sup>80</sup> Conforme Roberto Di Stefano em: Ibid., p. 50-51. Ver também: AYROLO, Valentina. Concursos eclesiásticos como espacios de ejercicio de poder, op. cit., p. 666.

<sup>81</sup> Sobre as distintas fases do Padroado, consultar: DI STEFANO ZANATTA, op. cit., p. 52-53.

<sup>82</sup> HERMANN, Chistian, 1988, apud AYROLO, Valentina. Iglesia y Poder Político en las Provincias Unidas (1810-1852), op. cit., p.07.

<sup>83</sup> TEJEDA DE, Manuel, 1993, apud AYROLO, Ibid., p.6.

os movimentos de independência. Como consequência, os novos estados que surgiram a partir daí requereram para si o direito de Padroado. Neste período, ocorreu uma série de problemas relacionados às jurisdições eclesiásticas, por vezes mais complicadas que as civis, uma vez que as duas, em geral, não coincidiam. Em artigo que trata da fragmentação política e eclesiástica nas Igrejas do Rio da Prata entre 1810 e 1830, Miranda Lida<sup>84</sup> se refere, por exemplo, ao caso de Buenos Aires, bastante representativo desta situação. Aliás, mesmo no período anterior às independências, o exercício do Padroado não estava livre de complicações. Com a criação do Vice-Reino do Rio da Prata, em 1776, Buenos Aires passou a contar com um vice-rei, com direito de Padroado sobre este território. No entanto, a partir de 1782, os governadores locais também receberam faculdades de Padroado sobre seus territórios, o que trouxe certos problemas, como, por exemplo, o enfrentado pelo Bispo de Córdoba Angel Mariano Moscoso, que em 1799 teve que fazer uma consulta ao vice-rei para saber a que patrono deveria efetivamente se dirigir para tratar da nomeação de eclesiásticos.<sup>85</sup>

Em 1806, com a criação da Diocese de Salta, passaram a ser três as dioceses no Vice-Reino do Rio da Prata, sendo as outras duas a de Buenos Aires e a de Córdoba. No nível eclesiástico, todas estavam subordinadas à Arquidiocese de Charcas, no Alto Peru. Buenos Aires, apesar de ser a sede política do Vice-Reino, não tinha, contudo, jurisdição eclesiástica sobre as outras duas dioceses. Ainda assim, a partir do direito de Padroado, que se estendia pelo território ocupado por elas, abria-se a possibilidade de exercer poder político sobre a Igreja e o clero secular das mesmas, possibilidade esta que, entretanto, tornou-se limitada no final do período colonial devido justamente ao fato de que também os governadores intendentos arrogaram-se o direito de exercer o Padroado.<sup>86</sup> Com os movimentos de independência, a fragmentação do Padroado foi ainda maior, uma vez que, entendido como atributo inerente à soberania, refletiu as diversas disputas em torno desta no período, quando *"los pubeos, las diversas ciudades y provincias que componían el territorio rioplatense, comenzaron a declarar-se soberanos de su proprio territorio..."*<sup>87</sup>

---

<sup>84</sup> LIDA, Miranda. Fragmentación Política y Fragmentación Eclesiástica. La Revolución de Independência y las Iglesias Rioplatenses (1810-1830). **Revista de Indias**, v. LXIV, n. 231, p. 383-404, 2004. Disponível em: <<http://revistadeindias.revistas.csic.es/index.php/revistadeindias/article/viewArticle/545>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

<sup>85</sup> O caso é citado por Miranda Lida no rodapé nº 15 de seu artigo. Ibid., p. 388.

<sup>86</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>87</sup> Ibid., p. 389. Ver também, sobre a questão das soberanias neste período, entre outros: CHIARAMONTE, Jose Carlos. **Ciudades, provincias, estados: orígenes de la Nación Argentina**. Buenos Aires: Ariel, 1997. CHIARAMONTE, Jose Carlos. La cuestión de la soberanía en la génesis y constitución del Estado Argentino. **Revista Electrónica de Historia Constitucional da Universidad de Oviedo**, Oviedo, 1997. Disponível em: <<http://hc.rediris.es/dos/articulos/html/soberania/htm#01>>. Acesso em: 27 jun. 2003.

No caso específico da Banda Oriental, nas duas primeiras décadas depois do início dos movimentos de independência, a questão do Padroado sempre foi bastante delicada, tendo em vista que o pertencimento eclesiástico à Diocese de Buenos Aires se manteve, ao passo que no território político sucederam-se diferentes governos, algumas vezes em conflito direto com Buenos Aires, como foi o caso citado do governo de Artigas em determinados momentos. Uma carta enviada por Artigas a Larrañaga, em 1816, na qual ele comunica ao sacerdote da renovação de suas faculdades por parte das autoridades eclesiásticas de Buenos Aires, retrata exatamente esta situação:

*Mi estimado Paysano: Celebro se halle V. buevamente facultado p.a q.e de ese modo no carezcan estas almas de auxilios espirituales, ya q.e Buenos Ay.s se ha empeñado en cortarnos los temporales y fomentar los incendios de la guerra civil, a cuyo efecto asesta nuevame.te contra S.ta Fe. Asi me lo indica aq.l Gv.no y ayer he recibido el Parte del Paraná q.e 8 Buq.s de guerra entraron por punta gorda y cubrian toda aq.a Boca. Los homb.s deliran y los Orientales redoblaran sus glorias con la multiplicidad de sus enemigos.<sup>88</sup>*

Neste momento, ainda que enfrentando Buenos Aires no plano político, Artigas tratava com o Vigário Capitular daquela Diocese, assim como fora na ocasião da nomeação de Larrañaga para Cura e Vigário Interino de Montevideú no ano anterior.

Referindo-se às nomeações de interinos no período colonial, Roberto Di Stefano escreve que o procedimento para a nomeação poderia ser feito diretamente pela autoridade eclesiástica, de forma independente da decisão da autoridade civil,<sup>89</sup> portanto, de forma mais simples do que no caso dos párocos proprietários, situação em que ocorriam os trâmites de concurso. Não tive acesso a toda a documentação da nomeação de Larrañaga, mas as correspondências analisadas anteriormente mostram que parece ter havido certa negociação entre os dois poderes. Se, desde o período Colonial, a definição de quem ocuparia determinado posto eclesiástico dependia de uma série de fatores, na situação do período imediatamente posterior aos movimentos de independência – de indefinição a respeito de jurisdições eclesiásticas e dúvidas a respeito do exercício do Padroado – tornou-se bem mais complexa.

Analisando os concursos eclesiásticos na sede de Córdoba entre 1799 e 1815, dentro de uma perspectiva de espaços de exercício de poder, Valentina Ayrolo pôde observar na seleção “*como se combinaban los candidatos existentes, con las conveniencias locales y características deseables*” e também “*como el peso de los desacuerdos, de las enemistadas*

<sup>88</sup> Artigas a Larrañaga, Purificación, 06/07/1816. LARRAÑAGA, **Escritos**, op. cit., p. 245.

<sup>89</sup> DI STEFANO; ZANATTA, op. cit., p. 51.

*pre-existentes y las ambiciones personales, se manifestaba aún durante los concursos que habían sido pensados para que los beneficios vacantes se ocuparan con «párrocos dignos y capaces»*”.<sup>90</sup> Ou seja, continuo insistindo, a escolha dos eclesiásticos, longe de ser pautada apenas nos méritos e formação do sacerdotes, já envolvia muitas outras variantes desde o período colonial. Porém, o peso dos contatos políticos, das relações e troca de favores, para a progressão na carreira eclesiástica, parece ter aumentado no pós-independência, principalmente por conta da interpretação do Padroado como inerente à soberania, portanto, praticado em nível mais local. Depois de 1810, um novo componente que se soma aos demais no momento de selecionar os sacerdotes é a *“obligación de demostrar colores «patriotas»*”.<sup>91</sup>

Pode-se dizer que era esse o caso de Larrañaga, que atuara como representante político da Banda Oriental em diversas ocasiões, assunto que será abordado mais detidamente no quarto capítulo. Tais *“colores patriotas”* foram postas em dúvida em 1817, quando apoiou os portugueses. Em meados do mesmo ano, depois da ocupação portuguesa de Montevidéu, Tomás Javier de Gomensoro foi nomeado pelo Provisor de Buenos Aires como Delegado Eclesiástico na Banda Oriental, sob justificativa de que o isolamento da cidade do resto da província invalidara as faculdades concedidas a Larrañaga, o qual só voltaria a reassumi-las em abril de 1820, depois de pacificada a campanha.<sup>92</sup>

### **2.3 O "chefe" da Igreja “oriental”**

Ao assumir o posto de Cura e Vigário Interino da Igreja Matriz Montevidéu, em 1815, Larrañaga alcançou um cargo de real importância na Igreja da Banda Oriental. As faculdades concedidas na sequência o transformam numa espécie de “Chefe” da Igreja na região. Nessa condição ele continuou, galgando postos maiores, até o dia de sua morte, em 1848, ainda que, em determinados momentos, como no episódio acima comentado, outros sacerdotes tenham recebido faculdades especiais com jurisdição na Banda Oriental.<sup>93</sup>

---

<sup>90</sup> AYROLO, Valentina. Concursos eclesiásticos como espacios de ejercicio de poder..., op. cit., p. 676.

<sup>91</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>92</sup> FAVARO, op. cit., p. 84 -85.

<sup>93</sup> De acordo com Edmundo Favaro, no período entre junho de 1817 e abril de 1820, por conta do isolamento de Montevidéu com relação ao restante da Província, durante a dominação portuguesa, Tomás Javier de Gomensoro, cura de Canelones, foi nomeado Delegado Eclesiástico na Banda Oriental. Mais tarde, no período entre 1825 e 1828, devido às lutas pela independência com relação ao Brasil, novamente ficou dividida a autoridade eclesiástica, sendo que outros sacerdotes foram designados como Delegados Eclesiásticos na campanha, por conta do isolamento de Montevidéu. Também durante alguns períodos, outros sacerdotes receberam faculdades para substituir Larrañaga por conta de impossibilidades físicas enfrentadas por este. Ibid., p. 84-85, 87 e 97.

Uma pergunta que surge da análise da trajetória de Larrañaga neste período é a seguinte: uma vez que existia o problema do isolamento da Banda Oriental, somado às disputas políticas que, em mais de uma ocasião, deixaram sob a mesma jurisdição eclesiástica territórios com governos diferentes, por que a criação de um bispado na região só foi concretizada em 1878?

A criação de uma nova diocese, onde quer que fosse, mexia com muitos interesses, uma vez que territórios tinham que ser desmembrados daquelas já existentes, acarretando na diminuição de rendas e de poder, o que, naturalmente, não era visto com bons olhos entre o alto clero das dioceses que diminuiriam de tamanho. Por outro lado, para os sacerdotes lotados na região na qual uma nova sede seria criada, com o respectivo cabido eclesiástico, aumentariam as chances de promoção na carreira. Também para os fiéis era interessante a criação de um bispado que estivesse mais próximo, capaz de atender suas demandas espirituais, o que nem sempre ocorria, dada a distância a que certas comunidades se encontravam da catedral, com poucas oportunidades de receber, por exemplo, uma visita do bispo.

Na Banda Oriental, as tentativas de criação de uma diocese antecederam os movimentos de independência. Em 1808, sob a justificativa de que os dízimos pagos na região seriam suficientes para a manutenção de um bispado, o *Cabildo* de Montevideu solicitou ao rei da Espanha que dividisse o bispado de Buenos Aires em dois, que ficariam separados pelo Rio Uruguai, estabelecendo-se uma nova sede em Montevideu.<sup>94</sup> Um novo pedido foi feito no ano seguinte. Segundo Valentina Ayrolo, o documento assinado pela Junta de Governo de Montevideu, em fevereiro de 1809, divide-se em três pontos: solicita que os bispos façam as visitas pastorais à custa de suas próprias rendas; pede que o bispo Lué y Riega seja removido do Bispado de Buenos Aires; e, por fim, requer a divisão do bispado em dois, erigindo um novo na Banda Oriental do Rio Uruguai.<sup>95</sup> Com o início das lutas pela independência, o pedido teria ficado sem efeito. No entanto, Ayrolo refere-se a um documento em que Giovanni Muzi (representante da Santa Sé enviado em Missão para a América em 1824) afirma que o rei da Espanha aprovou a criação da Sede Episcopal em

---

<sup>94</sup> SALLABERRY, Juan Faustino. **La Iglesia en la Independencia del Uruguay**. Montevideo: Talleres Gráficos "El Demócrata", [19--]. p. 80.

<sup>95</sup> AYROLO, Valentina. Una nueva lectura de los informes de la Misión Muzi: la Santa Sede y la Iglesia de las Provincias Unidas. **Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani**, Buenos Aires, 3ª serie, n. 14, p. 31-60, 2º semestre 1996, p. 28.

Montevideu, mas esta não se concretizou, em função do sucesso dos movimentos de independência desencadeados em 1810.<sup>96</sup>

Uma nova tentativa de criação de um bispado na Banda Oriental, posterior aos movimentos de 1810, deu-se no início de 1817, depois da entrada dos portugueses em Montevideu. A partir das sessões secretas do *Cabildo* nos dias 23 e 27 de janeiro daquele ano, quando se definiu o envio de Larrañaga e Jerónimo Pío Bianqui ao Rio de Janeiro com a missão principal de solicitar a incorporação da Província Oriental aos domínios da coroa portuguesa, redigiram-se doze instruções que os deputados deveriam levar consigo. A sétima delas instruí-a-os a solicitar ao rei a criação de um bispado: "*Solicitaran tambien que en esta Provincia se cree un Obispado ó por lo menos una colegiata para sostener la dignidad de la Religion y de sus Ministros*".<sup>97</sup> Para Alfonso Fernandez Cabrelli, tratava-se da solicitação de um bispado "*para Larrañaga*",<sup>98</sup> o qual, ao regressar do Rio de Janeiro sem ter alcançado este objetivo, em janeiro de 1818 ("*...a falta del obispado que siempre persiguió e y nunca obtuvo...*"), solicitou ao *Cabildo*, como recompensa por sua atuação na viagem, a concessão de certo terreno baldio próximo ao *Cerrito*, no que foi atendido.<sup>99</sup>

Escrevendo sobre a solicitação do bispado junto ao rei de Portugal e a atuação de Larrañaga no episódio, Carlos Marchesi chega a ser mais taxativo ao fazer a seguinte afirmação: "*Una de las condiciones que impuso para aceptar el protectorado del Rey Juan VI fue la creación de un Obispado*".<sup>100</sup> Contudo, mesmo com a efetivação do domínio português e, posteriormente, brasileiro sobre a Banda Oriental, a criação do bispado não aconteceu. Em 1817, a solicitação foi feita a D. João, entendido como patrono da Igreja no território da Banda Oriental, pois a missão dos deputados era justamente solicitar a incorporação ao Reino de Portugal. Já na década seguinte, as tentativas voltaram-se para os representantes eclesiásticos que o Papa enviou à América naquela que ficaria conhecida como "Missão Muzi".

<sup>96</sup> Ibid., p. 49.

<sup>97</sup> *Instrucciones dadas a los diputados Larrañaga y Bianqui para el desempeño de la misión ante el Rey Don Juan VI*, Montevideu, 31/01/1817. INSTITUTO ARTIGAS DEL SERVICIO EXTERIOR. **La diplomacia de la Patria Vieja** (1811-1820) Montevideo: 1990, p. 342-344.

<sup>98</sup> "... por los demás artículos se encomendaba pedir ventajas económicas para la clase dirigente y, para Larrañaga, por supuesto, un obispado". CABRELLI, Alfonso Fernandez. **Presencia masonica en la Cisplatina**. Montevideo: Imprenta Alvarez, 1986, p. 16.

<sup>99</sup> Ibid., p. 17.

<sup>100</sup> MARCHESI, Carlos. Biografía de Dámaso Antonio Larrañaga, intencionalmente reivindicativa. In: \_\_\_\_\_ **Dámaso Antonio Larrañaga: fiel montevideano, forjador de la nación, fundador y primer jefe de la Iglesia Uruguaya – comprensión de su figura histórica y antología**. Montevideo: Carlos Marchesi Editor, 2005. p. 39-57, p.51.

Os novos estados ou, inicialmente, as províncias, cidades, governos, etc., que se declararam soberanos a partir da década de 1810, permaneceram durante muito tempo sem qualquer contato ou diálogo oficial com a Santa Sé. O exercício do Padroado, requerido e usado em diversas regiões, deu-se, portanto, sem a aprovação da Cúria Romana, cuja recusa em negociar diretamente se explica pelo fato de que essa atitude representaria o reconhecimento destas novas soberanias e, conseqüentemente, da perda de controle da Espanha sobre estes territórios. Fiel às suas relações de Padroado com o governo espanhol, nas poucas vezes em que se manifestou a respeito dos movimentos de independência, a Santa Sé desaprovou as revoluções. Assim foi, por exemplo, em 1816, quando Pio VII, a pedido da Espanha, promulgou o Breve "*Esti Longissimo*", documento que conclamava aos americanos a se submeterem novamente às autoridades espanholas.<sup>101</sup> Porém, nos anos seguintes, com o avanço das independências e a perda de poder da Espanha, e, principalmente, a partir dos informes que recebeu de eclesiásticos que chegaram da América, a cúpula Romana começou a ter uma noção mais correta a respeito do que se passava no Continente e, inclusive, dos riscos que corria de perder o controle destas igrejas caso persistisse com a política de não negociar.<sup>102</sup> Apesar disso, em 1824, outro breve (*Esti ian diu*), já com o Papa León XII à frente da Igreja, conclamou novamente todos os fiéis americanos a obedecerem a monarquia espanhola.<sup>103</sup> Ao mesmo tempo, na década de 1820, aos poucos teve início o restabelecimento dos contatos que levariam à recuperação do domínio da Cúria Romana sobre as igrejas da América do Sul, destacando-se neste contexto o envio da Missão Muzi (1823-1825). Ou seja, ainda que, para agradar a Espanha, oficialmente o papa conclamasse os fiéis a obedecerem o patrono monárquico, a atitude de enviar a missão para negociar com os novos governos representou, nas palavras de Valentina Ayrolo, "*el primer acto de 'desconocimiento' al Real Patronato español, o por lo menos así lo verá España*".<sup>104</sup> Em 13 de outubro de 1823, os integrantes da missão chegaram a ser presos em Mallorca, pois os espanhóis desconfiavam que a missão levasse um mandato de reconhecimento dos novos estados,<sup>105</sup> o qual, na verdade, só teria lugar no início da década seguinte, com o papa Gregório XVI, em 1831.<sup>106</sup>

É importante aprofundar um pouco mais aqui o contexto que resulta no envio da Missão Muzi à América, bem como trazer alguns dados sobre a própria Missão, tendo em

<sup>101</sup> AYROLO, Valentina. Iglesia y Poder Político en las Provincias Unidas (1810-1852), op. cit., p. 13.

<sup>102</sup> Ibid. p. 10.

<sup>103</sup> Ibid., p. 24.

<sup>104</sup> AYROLO. Una nueva lectura de los informes de la Misión Muzi..., op. cit. p. 37.

<sup>105</sup> A informação é citada por Ayrolo, a partir do diário de um dos integrantes da Missão, Giovanni Maria Mastai Ferretti. Ibid., loc. cit.

<sup>106</sup> Ibid., p. 56.

vista que a passagem desta comitiva por Montevidéu nos anos de 1824 e 1825 influenciou diretamente no rumo da carreira eclesiástica de Larrañaga a partir de então.

As informações que chegaram a Roma entre o final da década de 1810 e o começo da década de 1820, e que despertaram a alta cúpula da Igreja Católica para a necessidade de tomar alguma atitude com relação às Igrejas da América do Sul, têm como origem três documentos principais: um informe de Rodrigo de Orellana do período de 1819 a 1821; um informe de Luis Pacheco, de 1821; e, por fim, um informe de José Ignacio Cienfuegos, de 1821. Este último foi enviado a Roma por Bernardo O'Higgins, na época à frente do governo chileno. Cienfuegos também foi recomendado a fazer com que o papa enviasse ao Chile algum representante com poderes suficientes para solucionar as questões eclesiásticas do seu país. A partir de uma reunião da "Congregação de Assuntos Eclesiásticos Extraordinários", realizada em abril de 1823, na qual os três informes acima citados foram lidos, decidiu-se pelo envio de uma missão em atendimento à solicitação do governo chileno de O'Higgins, a qual teria ainda o objetivo de contatar os governos do Rio da Prata. De maneira geral, as instruções repassadas aos integrantes da missão destinavam-se a "*poner orden y legitimidad en la Iglesia americana e incluían el encargo de realizar un informe completo sobre la misma*".<sup>107</sup> Os eclesiásticos escolhidos para a tarefa foram: Giovanni Muzi, como responsável pela missão, à época auditor da Nunciatura de Viena, Giovanni Maria Mastai Ferretti, como assistente (que mais tarde se tornaria papa, adotando o nome de Pio IX), e, Giuseppe Sallusti, designado como secretário.<sup>108</sup>

Para alguns clérigos, a vinda desta missão surgiu como "*posibilidad de tomar contacto con Roma dándose una estrategia de acercamiento cuyo fin era mejorar su situación individual*".<sup>109</sup> Esta afirmativa foi feita por Valentina Ayrolo e Laura Mazzoni, a propósito da trajetória de Benito Lascano, eclesiástico de Córdoba que, a partir do estreitamento das relações com Roma durante a estadia da Missão Muzi na região, conseguiu alcançar o posto de bispo, em 1831. Pode-se incluir no mesmo grupo, entre outros, José Ignacio Cienfuegos, que para Roberto Di Stefano, ao representar o governo diante de Papa e solicitar o envio de uma comitiva para a América, animava-se, em parte, "*por su anhelo de verse promovido a la*

<sup>107</sup> Ibid., p. 38.

<sup>108</sup> Este parágrafo foi escrito tomando como base as informações apresentadas por Valentina Ayrolo em: Ibid., loc. cit.

<sup>109</sup> AYROLO, Valentina; MAZZONI, Maria Laura. De familiar a Obispo de Córdoba. La trayectoria política de Benito Lascano como ejemplo de ascenso en la carrera eclesiástica, 1800-1836. **Anuario de la Escuela de Historia Virtual**, Año 4, N° 4, p. 35-56, 2013. Disponível em: < <http://publicaciones.ffyh.unc.edu.ar/index.php/anuariohistoria/article/view/1136/1112>> Acesso em: 10 jun 2014, p. 46.



*dignidad episcopal*".<sup>110</sup> E Dámaso Larrañaga foi outro que, dentre os eclesiásticos que se propuseram a dialogar com os representantes do Papa, obteve melhoras em sua condição, mesmo sem chegar ao cargo de Bispo.

Os integrantes da Missão passaram por Montevidéu em duas ocasiões. Primeiramente, de forma breve, na virada de 1823 para 1824, e, depois, permanecendo por mais tempo, entre 4 de dezembro de 1824 e 18 fevereiro de 1825. A embarcação que trouxe a comitiva partiu de Roma no começo de outubro de 1823 e aportou em Montevidéu por volta das 10 horas do dia 1º de janeiro de 1824, depois de passar apuros nos cinco dias anteriores, em função de tempestades que colocaram em risco a navegação.<sup>111</sup> Ainda no dia 1º, à noite, partiram rumo a Buenos Aires. Não há consenso sobre a descida ou não da comitiva em terra durante este breve período.<sup>112</sup> As interpretações sobre esse episódio basearam-se no registro de Giuseppe Sallusti – que, em 1827, publicou em Roma o Livro *Storia Delle Missioni Apostoliche Dello Stato del Chile*<sup>113</sup> -, especificamente, nos seguinte trechos:

[...] na manhã do dia primeiro de janeiro de 1824, tivemos o consolo de avistar Montevidéu, onde chegamos duas horas antes do meio-dia.<sup>114</sup>

[...]

Neste tempo, o Monsenhor foi lisonjeado em pessoa pelo primeiro daquele país. O Vigário, primeira dignidade daquele Cabildo, veio por primeiro, seguido de quatro de seus melhores sacerdotes, a manifestar sua alegria pela nossa feliz chegada. O Comandante Geral da Praça mandou o seu Secretário, o qual cumprimentou o Monsenhor em seu nome; e no final vieram dois dominicanos, um do Chile e outro de Lima, também eles para fazer uma visita de felicitação. Depois disso, às 23 horas da Itália, levantamos vela de vento em popa; e tudo correu muito bem durante toda a noite.<sup>115</sup>

<sup>110</sup> DI STEFANO; ZANATTA, op. cit., p. 210.

<sup>111</sup> CARDIFF, Guillermo Furlong. La Misión Muzi en Montevideo (1824-1825). **Revista del Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay**, Montevideo, t. XI, p.145-177, años 1934-35.

<sup>112</sup> Rafael Algorta Camusso afirma que a delegação desembarcou. Guillermo Furlong Cardiff, que escreve sobre isso baseando-se num texto de Angel H. Vidal, discorda de Vidal e afirma que os eclesiásticos teriam desembarcado. Já Edmundo Favaro afirma que a comitiva não desembarcou. Cf.: CAMUSSO, op. cit., p. 108; CARDIFF, op. cit., p. 148; FAVARO, op. cit., p. 86.

<sup>113</sup> Segundo Guillermo Cardiff, a “Storia” de Sallusti foi publicada em quatro tomos, totalizando cerca de 1000 páginas, sendo que haveria ainda um quinto tomo que não chegou a ser publicado. CARDIFF, op. cit. p. 175.

<sup>114</sup> Tradução livre. No original: “... *la mattina del primo di Gennaio del 1824, avemmo la consolazione di essere a vista di Montevideo, dove giungemmo due ore prima del Mezzo-giorno*”. SALLUSTI, Giuseppe. **Storia Delle Missioni Apostoliche Dello Stato del Chile**: colla descrizione del viaggio dal vecchio al nuovo mondo fatto dall'autore. Roma: Presso Giuseppe Mauri, 1827. t. II. Disponível em: < <http://books.google.com>>. Acesso em: 15 jan. 2015. p. 23.

<sup>115</sup> Tradução livre. No original: *In questo tempo Monsignore fu ossequiato in persona dai primi del paese. Il Vicario, prima Dignità di quel Capitolo, venne il primo col seguito di quattro suoi Preti, a rallegrarsi del nostro felice arrivo. Il comandante Generale della Piazza mandò il suo Segretario, il quale complimentò Monsignore in di lui nome: ed in fine vennero due Padri Domenicani uno del Chile, e l'altro di Lima per visita di complimento anch'eglino. Dopo di ciò, alle ore 23 circa d'Italia facemmo vela col vento in poppa: e si passo assai bene tutta la notte.* Ibid., p. 25.

Como se pode observar, no trecho acima não existe nenhuma referência direta ao desembarque da comitiva. A exatidão deste episódio, no entanto, não é de tanta relevância para o que quero abordar aqui. O que importa salientar desta breve passagem dos representantes de Roma por Montevidéu é que o vigário da cidade, Dámaso Larrañaga, foi o primeiro a apresentar-se diante dos integrantes da missão. Ou seja, Larrañaga não hesitou em procurar os enviados de Roma e manifestar a satisfação de recebê-los.

Depois de partir de Montevidéu, a comitiva enfrentou uma série de dificuldades pelos locais onde passou. Assim, por exemplo, em Buenos Aires, onde acabara de ser feita uma reforma eclesiástica sob o comando do ministro Rivadavia, foi exigido que Muzi apresentasse documentos que atestassem o caráter oficial da sua visita e, como não os trazia, tiveram que abandonar a Província.<sup>116</sup> O mesmo aconteceu posteriormente em Córdoba, onde, apesar de receberem algumas cartas favoráveis à visita, novamente lhes exigiram as credenciais que não tinham, sem contar que nesta Província Muzi teria sido acusado de intruso e de representante da Santa Aliança.<sup>117</sup> Afora isso, em outras Províncias pelas quais passaram, Muzi viu-se diante dos conflitos de jurisdições que anteriormente comentei, e recebeu pedidos para que solucionasse problemas, a maioria dos quais não estava ao seu alcance. Tampouco no Chile, destino principal da missão, teve sucesso. Assim, em dezembro de 1824, estavam de volta a Montevidéu, onde aguardaram até o retorno para a Europa, em fevereiro de 1825.

Cabe ressaltar que, no momento da visita da missão, Montevidéu pertencia à Província Cisplatina, parte integrante do Império do Brasil. Embora ali tenham sido muito bem recebidos desde a rápida passagem do ano anterior, inclusive pelas autoridades civis, Muzi teve que lidar com problemas semelhantes aos que encontrou nas demais províncias em termos de jurisdição e cargos eclesiásticos. Não custa lembrar que, embora brasileira, a Província continuava submetida à diocese de Buenos Aires no terreno religioso. De acordo com Valentina Ayrolo, também nesta ocasião, Carlos Frederico Lecor, governador da província, teria solicitado a criação de um bispado, tarefa para a qual Muzi não tinha poderes.<sup>118</sup>

Entre a primeira passagem da Missão por Montevidéu e a volta para uma estadia mais demorada, Larrañaga comunicou-se com Muzi a propósito da concessão de faculdades eclesiásticas, como mostra a correspondência abaixo, enviada desde o Chile pelo representante papal, em agosto de 1824:

---

<sup>116</sup> AYROLO. *Iglesia y Poder Político en las Provincias Unidas (1810-1852)*, op. cit., p. 21.

<sup>117</sup> *Ibid.*, p. 24 e 25.

<sup>118</sup> *Ibid.*, p. 27 e 28.

*Señor*

*En contestación a la carta que V. se ha servido dirigirme con fha de 4 Julio ultimo, en el mismo tiempo que le doy las gracias por las expresiones que en ella me manifiesta, voy a comunicarle que lo mismo que he convenido al Señor D.n Portegueda, con el que podera veerse para tratar sobre el proposito, entendiendo aora concederlo también a V.*

*No quiero dejar esta oportunidad para confirmar V. siempre mas en las maximas que he leydo en su carta de union, concordia, y dependencia del Sumo Pontifice Xefe visible de nuestra S.ta Iglesia Catolica; y rogamos a Dios paraquetodos conoscan esta muy importante verdad.*

*Creame con sentimiento de verdadera estimacion.*

*Sant.o del Chile 17 de agosto de 1824.*<sup>119</sup>

Dois aspectos desta carta merecem atenção especial. O primeiro deles é o fato de que Muzi faz referência a uma carta anterior de Larrañaga, na qual teria este manifestado “concordância e dependência do Sumo Pontífice”. Em circunstâncias normais de uma visita de representantes do papa, talvez fosse de praxe esse tipo de manifestação. Contudo, no contexto encontrado pela comitiva, em que a representatividade da missão foi contestada em mais de uma ocasião, a manifestação explícita de Larrañaga, reforçando as declarações que deve ter feito quando subiu a bordo da embarcação da comitiva, serviu para demonstrar que ele estava do lado daqueles dispostos a dialogar com Roma. O segundo aspecto que se destaca na correspondência é o fato de que Muzi concedeu a Larrañaga faculdades que já havia concedido também a Pedro Antonio de Portegueda, sacerdote espanhol que vivia em Montevideú e era tenente cura da Igreja Matriz. Procurando compreender por que Portegueda recebera tais faculdades antes mesmo de Larrañaga, que estava acima daquele na hierarquia (*Meses antes, el 13 de abril, el Vicario Apostólico había expedido desde Chile, un despacho concediendo facultades extraordinarias casi propias de un obispo, al presbítero Portegueda*),<sup>120</sup> Favaro levanta uma hipótese: diante da maneira como fora recebido em Buenos Aires e outras províncias, e também por conta de informes recebidos da Santa Sé, que punham em dúvida a ortodoxia da Igreja da Região, Muzi agiu com cautela antes de conceder quaisquer faculdades a Larrañaga, já que a Igreja de Montevideú estava subordinada a Buenos Aires. Neste sentido, destaca ele, ganha importância o parágrafo da correspondência em que

<sup>119</sup> Juan Muzi a Larrañaga, Santiago do Chile, 17/08/1824. A citação foi feita a partir de: FAVARO, op. cit., p.135-136. Encontrei o documento original no Arquivo da Cúria Eclesiástica de Montevideú. **Archivo de la Curia Eclesiástica de Montevideo. Vicariato Apostólico – I.**

<sup>120</sup> FAVARO, op. cit., p. 86. No apêndice documental de seu livro, Edmundo Favaro transcreve e traduz do latim para o espanhol a cópia do documento de concessão das faculdades a Larrañaga por intermédio de Portegueda. No final, o documento estabelece que a validade das faculdades se limitaria às circunstâncias daquele momento, até que a Santa Sé tomasse outras medidas para a região. Juan Muzi concedendo Faculdades a Larrañaga por intermédio de Pedro Antonio de Portegueda, Montevideú, 24/10/1824. Transcrito em: FAVARO, op. cit., p. 136-140.

Larrañaga afirma sua concordância e dependência do Papa.<sup>121</sup> Diante dessa hipótese, bastante plausível, cabe perguntar então por que Muzi, que inicialmente não tinha total confiança em Larrañaga, teria confiança em Portegueda? Talvez a explicação para isso esteja no fato de que Portegueda já tivesse contatos anteriores com a Santa Sé. Segundo Valentina Ayrolo, que teve acesso à transcrição dos informes produzidos por Muzi durante sua estadia no Prata, entre as fontes que o representante papal utilizava para redigir seus informes, encontravam-se correspondências vindas de várias províncias, sendo que “*Parte de estos datos le fueron proporcionados por Mariano Medrano, provisor y vicario general de Buenos Aires durante el año 1821, Pedro de Portiguera sacerdote español de Montevideo, el padre Francisco Castañeda y a veces algunas autoridades estatales*”.<sup>122</sup> Considerando-se, por exemplo, que Mariano Medrano recebeu a mesma espécie de faculdades da parte de Muzi para região ocidental do Rio da Prata,<sup>123</sup> não é estranho que tenha nomeado para a Banda Oriental o seu principal informante na região, Pedro Portegueda.

A confiança dos enviados de Roma em Larrañaga, que se torna evidente em documentos posteriores, ao que tudo indica, foi construída a partir do esforço que este empreendeu, desde a primeira passagem daqueles por Montevideu, mas, principalmente, a partir da segunda passagem pela cidade, ocasião em que o chefe da missão, Muzi, hospedou-se na própria casa de Larrañaga.<sup>124</sup> Alguns trechos do livro de Giuseppe Sallusti, citados por Guillermo Furlong Cárdiff, mostram não apenas a cordialidade de Larrañaga com os integrantes da missão, como também a receptividade das autoridades civis:

*Apenas anclada nuestra nave en el puerto, escribía después Sallusti, fuimos visitados por un barco de guerra brasileño, que nos arrebató a un marino portugués que estaba al servicio de nuestro capitán. Después de recibir las visitas acostumbradas dela sanidad y de la Aduana, acompañados por todo el clero que vino a la nave a recibirnos personalmente, nos dirigimos a la ciudad, donde el Señor Cura y Vicario de la Provincia, don Dámaso Antonio Larrañaga, con aquella amabilidad y cordialidad que le son propias, nos recibió en su casa y nos trató en ella espléndidamente todo el tiempo de nuestra permanencia allí e invitó a muchos diariamente a la comida.*

[...]

*Apenas el Vicario Apostólico había entrado en casa del señor Larrañaga, agrega más abajo el mismo Sallusti, vinieron a saludarlo en persona, primero el Gobernador, que era el señor Lecor, Barón de la Laguna, y después el Cabildo, a los cuales les fué en seguida devuelta la visita con las formalidades de etiqueta. El*

<sup>121</sup> Ibid., p. 86.

<sup>122</sup> AYROLO. Una nueva lectura de los informes de la Misión Muzi..., op. cit., p. 39.

<sup>123</sup> DI STEFANO; ZANATTA, op. cit., p. 211.

<sup>124</sup> Confrontando dados dos escritos de Giuseppe Sallusti com informações da tradição oral, Cardiff afirma ser provável que a casa de Larrañaga oferecia comodidade para apenas um dos integrantes da missão, que no caso teria sido Muzi, enquanto que os outros dois hospedaram-se em distintas casas ao longo do período. CARDIFF, op. cit., p. 174-175.

*Gobernador hizo su visita al Vicario Apostólico acompañado del Estado Mayor y de su tropa de línea, y demoró pocos minutos. El Cabildo se presentó también con su mayor solemnidad, pero la visita fué bastante larga.*<sup>125</sup>

Mais uma vez, a possibilidade de criação de um Bispado em Montevidéu voltou a ser discutida, a partir de um pedido do *cabildo*. No dia 18 de janeiro de 1825, um ofício foi enviado a Muzi solicitando que consagrasse um bispo para a Província.<sup>126</sup> Em sua resposta, dias depois, além de expor as razões pelas quais não podia atender ao *cabildo* – limitações do poderes que tinha para aquela a missão –, comprometeu-se em levar a demanda ao Papa. Ao despedir-se, assegurou que colocaria em prática medidas eclesásticas para tranquilizar os fiéis, e garantiu que tais medidas teriam caráter permanente até que uma decisão final da Santa Sé fosse tomada.<sup>127</sup>

Em julho de 1830, a Assembleia Constituinte e Legislativa do Uruguai aprovou uma lei determinando que o poder executivo solicitasse à Santa Sé a separação do Estado do Uruguai da diocese de Buenos Aires. A mesma lei, entre outras determinações, estabelecia ainda que o chefe da Igreja seria proposto pelo governo.<sup>128</sup> No entanto, uma posição oficial da Santa Sé a esse respeito só ficou conhecida em 1832, quando um breve do Papa confirmou Larrañaga como principal autoridade da Igreja na região:

*[...] te elegimos, constituimos y nombramos Vicario Apostólico sin carácter episcopal, con todos los derechos y facultades que son propias de los Vicarios capitulares Sede vacante, después de haber consultado a nuestros venerables hermanos los Cardenales propósitos de los asuntos eclesiásticos, siendo este nombramiento válido a nuestro arbitrio y al de la Santa Sede, en aquella parte de la Diócesis de Buenos Aires que en lo civil depende de Montevideo o República de Uruguay. Y como el Vennerable hermano antes Arzobispo de Filipo y ahora Obispo de la ciudad de Casteli te eligio para el mismo oficio, cuando era Vicario Apostólico en estas regiones, te confirmamos, concedemos y damos las mismas facultades que dicho Venerable hermano te concedió [...]*<sup>129</sup>

<sup>125</sup> Tive acesso apenas ao 2º tomo da “Storia” de Sallusti, em italiano, do qual citei alguns trechos anteriormente, referentes a chegada da Missão Muzi à região, na virada de 1824 para 1825. Os trechos ora citados, em espanhol, relativos ao período em que missão se detém em Montevidéu já de volta para Roma, foram retirados do artigo de Cardiff. Não fica bem claro se os trechos “*escribía después Sallusti*” e “*agrega más abajo el mismo Sallusti*” foram acrescentados por Cardiff ou constam na edição de que fez uso para suas citações. CARDIFF, op. cit., p.149-150.

<sup>126</sup> *Cabildo* de Montevidéu a Juan Muzi, Montevidéu, 20/01/1825. Transcrito em: CARDIFF, op. cit., p. 155-156.

<sup>127</sup> Juan Muzi ao *Cabildo* de Montevidéu, Montevidéu, 21/01/1825. Transcrito em: CARDIFF, op. cit., p. 156.

<sup>128</sup> Documento em que a Assembleia Constituinte e Legislativa aprova a Separação da Diocese de Buenos Aires, Montevidéu, 17/07/1830. Transcrito em: ALONSO CRIADO, Matias. **Colección Legislativa de la República a Oriental del Uruguay**. 1825-1852. Montevideo: Establecimiento Tipográfico a vapor de LA IDEA, 1876. t. 1, p. 168-169.

<sup>129</sup> Documento traduzido do latim para o espanhol por Edmundo Favaro. Breve do Papa Gregório XVI designando Larrañaga como Vigário Apostólico, 14/08/1832. Transcrito em: FAVARO, op. cit., p. 145 a 148.

Deste modo, a partir de 1832 foram confirmadas as faculdades que haviam sido concedidas por Muzi a Larrañaga em 1824, e, além disso, nomearam-no "Vigário Apostólico". Apesar de o título e as faculdades confirmadas terem dado a ele poderes que teria um vigário capitular quando a diocese estivesse sem bispo, ou seja, em sede vacante, a Igreja do Uruguai continuou pertencendo à diocese de Buenos Aires, daí porque o título de Vigário Apostólico sem caráter episcopal.

Depois de elencadas as diversas tentativas de criação de um bispado na Banda Oriental, cabe lembrar a pergunta feita no início desta seção, situando-a mais especificamente no contexto do início da década de 1830, período imediatamente posterior ao surgimento do Uruguai como país independente. Depois das diversas solicitações levadas a cabo ao longo de mais de duas décadas, o que impediu a criação de um bispado na Banda Oriental e fez com que a Santa Sé optasse pela nomeação de um “vigário apostólico” que na prática tinha quase os mesmos poderes de um bispo?

Acredito que o encaminhamento dado pela Cúria Romana a esta questão tem ligação direta com as relações estabelecidas entre Larrañaga e os membros da Missão Muzi na ocasião em que se hospedaram em Montevideu. Como escrevi acima, num primeiro momento, Muzi não tinha confiança suficiente em Larrañaga, a ponto de conceder faculdades extraordinárias para um sacerdote situado em um nível inferior da hierarquia da Igreja na região, caso de Pedro Antonio de Portegueda. Todavia, depois de um contato mais prolongado com o então pároco de Montevideu, os integrantes da missão não apenas ficaram convencidos das condições de Larrañaga para o cargo de principal autoridade da Igreja na Banda Oriental, como também descartaram qualquer outra possibilidade de indicação para tal cargo. São vários os motivos que podem ser citados para explicar a criação dessa imagem positiva de Larrañaga frente aos enviados de Roma, mas creio serem três os mais importantes:

Primeiro: Larrañaga sempre procurou deixar clara sua postura de obediência à Cúria Romana. Demonstrou isso através de certas atitudes como, por exemplo, recebendo a comitiva desde a primeira passagem pela cidade, encontrando-os na embarcação que os trouxera da Europa, ou, então, mais tarde, hospedando Muzi em sua casa e promovendo a boa estadia do grupo no período em que aguardavam o retorno à Europa. Não deixou também de reafirmar sua posição por escrito, como demonstra o documento anteriormente citado, no qual Muzi lhe concede faculdades e se refere à carta anterior em que Larrañaga teria demonstrado “*union, concordia y dependencia del Sumo Pontífice*”.<sup>130</sup>

---

<sup>130</sup> “[...] No quiero dejar esta oportunidad para confirmar V. siempre mas en las maximas que he leydo en su carta de union, concordia, y dependencia del Sumo Pontífice Xefe visible de nuestra S.ta Iglesia Catolica; y

Segundo: no período em que se hospedaram em Montevidéu, os integrantes da missão puderam tomar conhecimento da erudição de Larrañaga, que não se limitava aos assuntos religiosos, pois naquela época ele já ia muito avançado em suas experiências na área dos estudos da natureza. Um trecho do diário de Sallusti transcrito por Camusso demonstra a percepção que sobre isso tiveram os enviados do Papa:

*Este digníssimo sacerdote, además de ser muy instruído en la ciencia de las cosas sagradas, pertinentes al sacerdocio, es también muy versado en el estudio de la Historia Natural. Los principales profesores de París y de Londres en esta clase de ciencias, lo estiman mucho, especialmente el señor Cuvier, a cuyas instancias emprendió no hace mucho tiempo un trabajo sobre una muela de un tamaño extraordinario, encontrada en aquella campaña de Montevideo.*<sup>131</sup>

Terceiro: o tratamento atencioso dispensado aos integrantes da comitiva garantiu o estabelecimento de relações que se manteriam mesmo depois da volta da Missão para a Europa. É o que demonstram as correspondências trocadas uma década depois entre José Raymundo Guerra, amigo íntimo de Larrañaga, e dois dos eclesiásticos que participaram da Missão.<sup>132</sup>

Vários fatores pesavam a favor de Larrañaga para que fosse nomeado bispo, e tudo indica que o teria sido, não fosse pelo fato de que perdeu a visão no final do ano de 1825,<sup>133</sup> limitação física que, pelo direito canônico, não permitia que ele ocupasse o cargo de bispo. Minha interpretação é a de que, estando Larrañaga impedido por esta condição, optou-se por não criar o bispado, ação que obrigaria a nomeação de outro sacerdote. Optando-se pela solução do "vigário apostólico", mantinha-se Larrañaga no poder, ficando aberta a possibilidade de criação do bispado futuramente, até mesmo porque parecia haver certa esperança de que a cegueira pudesse ser apenas temporária, o que na prática acabou não se confirmando, permanecendo Larrañaga cego até sua morte, ainda exercendo o cargo de Vigário Apostólico.

---

*rogamos a Dios paraquetodos conoscan esta muy importante verdad [...]*". Juan Muzi a Larrañaga, Santiago do Chile, 17/08/1824. A citação foi feita a partir de: FAVARO, op. cit., p.135-136. Encontrei o documento original no Arquivo da Cúria Eclesiástica de Montevidéu. **Archivo de la Curia Eclesiástica de Montevideo. Vicariato Apostólico – I.**

<sup>131</sup> CAMUSSO, op. cit., p. 109-110.

<sup>132</sup> Refiro-me a correspondências trocadas, em 1835, entre José Raymundo Guerra e Giovanni Muzi e Giovanni Maria Mastai Ferretti, as quais citarei ainda neste capítulo, ocasião em que darei a referência completa.

<sup>133</sup> Não se tem um registro que precise exatamente a data em que Larrañaga ficou cego. No entanto, Rafael Algorta Camusso, a partir da análise de documentos que indiretamente fazem referência à enfermidade, afirma que ele perdeu a visão nos últimos meses de 1825. Alfredo R. Castellanos, que também analisa alguns documentos que citam a cegueira de Larrañaga, acredita que ele começou a perder a visão em meados de 1825 e que nos anos seguintes acabou ficando completamente cego. Cf.: CAMUSSO, op. cit., p. 115-117; CASTELLANOS, Alfredo R. **Contribución al estudio de las ideas del Pbro. Dámaso Antonio Larrañaga.** (Apartado de la Revista Histórica. Tomo XVII). Montevideo: 1952, p. 41-42.

Fundamento minha hipótese principalmente em duas correspondências às quais me referi anteriormente, ligadas à figura de José Raymundo Guerra. Além de ser íntimo amigo de Larrañaga, Guerra foi uma espécie de secretário do sacerdote, principalmente depois que este ficou cego.<sup>134</sup> Entre os muitos assuntos ligados a Larrañaga com os quais Raymundo Guerra se envolveu estava aquele relacionado à possibilidade de sua nomeação para o cargo de bispo. De acordo com Camusso, a solicitação que fora feita a Muzi pelo *Cabildo*, em 1825, já teria sido fruto de uma iniciativa de Guerra, que na ocasião era síndico da cidade.<sup>135</sup> Nas correspondências a que aludi no início deste parágrafo, este é justamente o principal assunto. Uma delas foi enviada por Giovanni Maria Mastai Ferretti a Raymundo Guerra, em fevereiro de 1835:

*El Sr. Cesar me ha trasmitido de Roma las cartas de V. fechadas de Mayo y Junio del año pasado. He tenido mucha consolación p. haber sus noticias, y las del Dr. Larrañaga, cuya hospitalidad me es siempre presente: con mayor consolación hubiera oydo las noticias de su perfecta salud y recupero de su vista. Yo no soy entendido de lo que Ud. me dice de dicho Sr. Larrañaga, pero no dejaré de escribir a Roma. Mi nueva Situación me ha puesto más lejos de la Dominante, pues desde el mes de Diciembre de 1832 el SSmo. Padre Gregorio XVI me ha transferido de l' Obispado de Spoleto a este de Imola, siendo así indigno sucesor del grande Pío VII, que fué Obispo de Imola aún siendo Papa. Yo ignoro como ha salido el Sr. Larrañaga Vicario Apostólico sin el carácter de Obispo. Cierto es, pero, que su ceguedad será siempre un impedimento a poder tenir este caracter y tengo como cosa prudente de no hacer esa moción sino quando se sepa, que como deseo y espero, ayga recuperado la vista. Haga Ud. a dicho Sr. mis recuerdos, y los haga también a Dn. Pedro Portegueda, a las Monjitas de quines Ud. Nada me dice, a D. Manuel Barreyro.*<sup>136</sup>

A outra correspondência, também de fevereiro de 1835, foi Giovanni Muzi quem enviou a Raymundo Guerra. Referindo-se a uma carta que este teria lhe enviado em 1834, Muzi comenta alguns pedidos feitos por Guerra, um deles relativo à possibilidade de nomeação de Larrañaga como bispo:

[...] A outra coisa que desejava, é que o Sr. Vigário Larrañaga fosse investido do caráter Episcopal. Ainda desejo que obtenha tal distinção, já que lhe professo eterna

<sup>134</sup>Muitos dos documentos referentes a Larrañaga que se encontram no Arquivo da Cúria Eclesiástica de Montevidéu foram escritos por José Raymundo Guerra. Sobre Guerra, ver: BENTANCUR, Arturo Ariel. José Raymundo Guerra: um "Don Nadie" en la Colonia. **Hoy es Historia**, Montevideo, Año III, n.18, p. 38-44, nov.-dic. 1986. Sobre a atuação de Guerra como defensor dos escravos, ver: BENTANCUR, Arturo Ariel; APARICIO, Fernando. **Amos y esclavos em el Río de la Plata**. Montevideo: Planeta, 2006, p. 35-40.

<sup>135</sup>CAMUSSO, op. cit., p. 109.

<sup>136</sup>Mastai Ferretti a Raymundo Guerra, Ímola, 07/02/1835. A citação foi feita a partir de: CAMUSSO, op. cit., p. 113. Encontrei o documento original no Arquivo da Cúria Eclesiástica de Montevidéu. **Archivo de la Curia Eclesiástica de Montevideo, Vicariato Apostólico – 4.**



obrigação pelas graças e favores que [...] Falei em seu favor, mas ainda não obtive resolução sobre tal propósito. Novamente insistirei com empenho [...].<sup>137</sup>

A constatação mais evidente a ser extraída destes dois documentos é a de que Raymundo Guerra de fato tomou para si a tarefa de recorrer aos conhecidos bem posicionados na hierarquia romana, rogando que intercedessem a favor da nomeação de Larrañaga. A atitude se explica não apenas pela amizade deste com o sacerdote, mas também pelo papel de secretário que passou a desempenhar junto a ele depois do problema de visão que lhe acometeu.

Ademais, as correspondências também mostram que os integrantes da antiga missão tinham presente a hospitalidade com a qual foram tratados em Montevidéu e os favores com que foram agraciados na ocasião e, em retribuição, mostravam interesse pela demanda de Guerra a propósito do caráter episcopal que solicitava para Larrañaga. Nenhum deles, entretanto, teria poder suficiente para fazer com que este objetivo fosse alcançado, uma vez que o impedimento motivado pela cegueira de Larrañaga constituía-se num obstáculo bastante significativo, tanto que Mastai Ferretti não só explicitou o problema como também recomendou que nenhuma tentativa neste sentido fosse feita antes que ocorresse a recuperação da visão. É bastante provável que, se não fosse por este problema de saúde, teria Larrañaga chegado ao posto de bispo, assim como chegaram outros dois eclesiásticos que, como ele, estreitaram relações com a Santa Sé a partir do contato com os integrantes da Missão Muzi na década de 1820. Refiro-me a Mariano Medrano e a Benito Lascano, respectivamente, bispos em Buenos Aires e Córdoba. Na hierarquia eclesiástica, Larrañaga teria ainda um pequeno avanço, em 1836, quando recebeu o título de "Protonotário Apostólico", uma honraria concedida pela Santa Sé com a intenção de condecorá-lo com "*un nombre más digno*".<sup>138</sup> Na prática, foi o "*Jefe*" da Igreja na Banda Oriental por mais de trinta anos.

<sup>137</sup> Tradução livre. O original, que consultei no Arquivo da Cúria Eclesiástica de Montevidéu, foi escrito em italiano e possui algumas lacunas devido a palavras que não estão bem claras, mas que na tradução acima procurei interpretar: [...] *L'oltra cosa desiderava, che il Sig. Vicario Larrañaga fosse [insignato?] del caraterre Episcopale. Ancora io desidero di ver o [cume?] che ottenga una tal distinzione, [gia che?] gli professo eterna obbligazione per le grazie e favori che mi [comparto?] nella dimora che [feci? Cost~?]. Ho fatto parlare in favor suo, ma [ancora?] non ho avuto [rizoluzione?] su tal proposito. Di [nuovo] faró insistenza con impegno [...]. Giovanni Muzi a Raymundo Guerra, ??/02/1835. Archivo de la Curia Eclesiástica de Montevideo, Vicariato Apostólico – 1.*

<sup>138</sup> A expressão foi retirada do documento expedido pela Nunciatura Apostólica do Rio de Janeiro em 6 de dezembro de 1836, citado por Camusso. "... y queriendo condecorar tu persona con el título de un nombre más digno, te agregamos favoravelmente a la sociedad de los Protonotarios Apostólicos de los notarios de Nuestro S. Smo. Sr. y de la Santa Sede...". CAMUSSO, op. cit., p. 123-124.

### 3 OS ESTUDOS NATURALISTAS E AS REDES DE CONTATO

As relações estabelecidas por Larrañaga enquanto naturalista são o foco deste capítulo e fazem parte do contexto que chamei de "científico". Não se trata de um estudo acerca daquilo que o personagem pesquisou, descobriu e estudou no âmbito das ciências da natureza. Não tenho domínio dessa área a ponto de dar qualquer contribuição significativa na interpretação daquilo que ele deixou registrado em seus diários e demais escritos sobre o tema. E, ainda que tivesse, a proposta dessa tese não abrange esse aspecto. Contudo, algumas referências, bem como especulações breves e pontuais sobre esse conteúdo se tornam inevitáveis, na medida que aquilo que interessa a esta pesquisa aparece muitas vezes em meio a comentários sobre os estudos que fez, seja numa correspondência a outro naturalista, numa carta a um conhecido ou num dos outros tantos registros que deixou sobre temas diversos. Outra questão que não abordo aqui, por motivos semelhantes, a despeito de ser bastante pertinente, diz respeito à maneira como Larrañaga conciliava seus estudos naturalistas com a carreira eclesiástica, ou seja, de que forma as pesquisas que ele fazia se encaixavam com as ideias defendidas no âmbito da Igreja.<sup>1</sup>

Procurei, pois, neste capítulo, analisar as relações que o envolvimento com os estudos naturalistas lhe proporcionaram. A primeira seção trata dos contatos com outros sacerdotes do Rio da Prata que também eram naturalistas, enquanto que a segunda trata dos contatos com os naturalistas europeus.

---

<sup>1</sup> Alguns de seus biógrafos fazem observações neste sentido, entre os quais se destaca Alfredo R. Castellanos. Roberto Di Stefano também escreve sobre a isto, com relação a Larrañaga e outros sacerdotes envolvidos com estudos da natureza, num artigo publicado em 2010. CASTELLANOS, Alfredo R. **Contribución al estudio de las ideas del Pbro. Dámaso Antonio Larrañaga.** (Apartado de la Revista Histórica. Tomo XVII). Montevideo: 1952. CASTELLANOS, Alfredo R. . Prologo. In: LARRAÑAGA, Dámaso Antonio. **Selecion de Escritos.** Montevideo: Biblioteca Artigas; Ministério de Instrucción Publica y Prevision Social, 1965. p.VII-XLI. DI STEFANO, Roberto. Colegas clérigos del joven Darwin. **Anuário IEHS:** Instituto de Estudios Histórico Sociales, Tandil, n. 25, p. 259-280, 2010. Disponível em: <<http://historiayreligion.com/wp-content/uploads/2013/02/Di-Stefano-Colegas-cl%C3%A9rigos-del-joven-Darwin.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2013.

### 3.1 Entre os sacerdotes naturalistas do Rio da Prata

Na introdução, ao me referir a Larrañaga enquanto naturalista, citei no rodapé uma definição para o termo no contexto do século XIX: “um indivíduo que transitava por diversas áreas do conhecimento científico, as chamadas ciências naturais”.<sup>2</sup> Neste mesmo sentido também vai uma definição feita por Alfredo R. Castellanos: “*En materia científica corresponde a Larrañaga el calificativo de ‘naturalista’, en el sentido que el término tenía en su tiempo, esto es, hombre estudioso – investigador auténtico, simple aficionado o ‘curioso’ – de los problemas de la naturaleza en todos sus órdenes.*”<sup>3</sup>

Larrañaga não é o único sacerdote do Rio da Prata daquele período que pode ser encaixado nessa definição. Sacerdotes naturalistas eram bastante comuns,<sup>4</sup> assim como era bastante comum encontrá-los desempenhando múltiplos papéis, como o de educador, político, boticário, entre outros. O grande número de sacerdotes com habilidades múltiplas e conhecimentos capazes de assumir estas funções se explica em parte pelas mudanças que ocorrem na formação do clero, principalmente a partir da expulsão dos jesuítas do reino da Espanha, em 1767.

A educação sempre foi um dos principais objetivos da Companhia de Jesus, e muitos centros de formação importantes que existiram na Américas estiveram sob comando desta ordem até o momento da expulsão, quando foram entregues a outras ordens, como os franciscanos e dominicanos, mas, principalmente, ao clero secular.<sup>5</sup> Apesar de terem coexistido diferentes concepções em disputa dentre os jesuítas, sem ter havido um pensamento hegemônico ao longo do período em que comandaram as instituições escolares, pode-se afirmar que predominava entre estes certa orientação pedagógica que, em linhas gerais, privilegiava os estudos de literatura clássica, gramática e retórica, dentro de uma perspectiva escolástica. No lugar desta concepção, a partir do momento em que o clero secular e ordens como os franciscanos substituíram os jesuítas, ganhou espaço na formação

<sup>2</sup> Luciana Rossato, citando MOREIRA LEITE, Miriam Lifchitz. ROSSATO, Luciana. **A lupa e o diário: história natural, viagens científicas e relatos sobre a Capitania de Santa Catarina (1763-1822)**. 2005. Tese (Doutorado em História) - UFRGS, Porto Alegre, 2005, p.57.

<sup>3</sup> CASTELLANOS, **Contribución al estudio de las ideas...**, op. cit., p.9.

<sup>4</sup> Cf.: DI STEFANO, op. cit.

<sup>5</sup> Vejamos, por exemplo, o caso da instituição de ensino de maior tradição no Rio da Prata no Século XVIII, o Colégio Jesuítico de Córdoba, autorizado a Colar Graus acadêmicos desde 1622: a partir da expulsão dos jesuítas, o Colégio foi entregue aos franciscanos; mais tarde, em 1807, quando já havia se tornado *Real Universidad de San Carlos y de Nuestra Señora de Montserrat* (1800), passou ao controle do clero secular, quando o Deão (maior autoridade do Cabido Eclesiástico), Gregório Funes, assumiu o comando da Reitoria. DI STEFANO, Roberto; ZANATTA, Loris. **Historia de la Iglesia Argentina: Desde la Conquista hasta fines del siglo XX**. Buenos Aires: Mondadori, 2000, p. 136-137.

eclesiástica a "física 'moderna' de base experimental y desligada del horizonte epistemológico escolástico".<sup>6</sup> É Roberto Di Stefano que registra estas mudanças e observa:

*Es que la física 'moderna' se revela mucho más creíble que las deducciones escolásticas para los estudios de la naturaleza, un campo que a su vez se señala insistentemente - quizás por influencias deístas - como un medio privilegiado para conocer a Dios, dejando de lado las especulaciones, el palabrerio hueco y las bizantinas discusiones tradicionales.*<sup>7</sup>

Sem querer aprofundar a questão, apenas me reporto a um trecho de uma carta de Larrañaga que retrata exatamente esta ideia. No ano de 1804, quando modestamente se declarava iniciante em suas pesquisas, dirigindo-se a outro sacerdote naturalista, seu amigo Saturnino Segurola, ele escreveu:

*[...] yo me avergüenzo exponer los pocos descubrimientos que hasta ahora he hecho en el augusto teatro de la naturaleza. Yo soy nada más que un apasionado de esta ciencia: su libro abraz todo lo creado, nos da las ideas más grandes del Ser Supremo, y parece que nos sensibiliza y de algún modo nos hace visible aquello que la fe nos propone como invisible. Yo hasta ahora sólo conozco el alfabeto y combino algunas sílabas, y apesar de esto, tengo ya nociones tan nobles de Dios, que he llegado a decir a mis solas que los hombres no debíamos estudiar por otros libros que por los dos Divinos, el escrito y el natural.*<sup>8</sup>

Conhecer a natureza era, pois, conhecer a Deus. E, neste sentido, pelo menos neste momento, Larrañaga não via contradição nenhuma entre tais estudos e a atividade de sacerdote. Pelo contrário, estudar o livro "natural" era tão importante quanto estudar a bíblia. Não por acaso, foi o escolhido por Roberto Di Stefano, no livro em coautoria com Loris Zanatta, sobre História da Igreja Argentina, para exemplificar a figura do sacerdote formado no período tardo colonial, com atuação relevante no terreno científico, destacando o fato de que, no *Real Colegio de San Carlos*, em Buenos Aires, ele teve aulas de física com o presbítero Melchor Fernández, "un profesor que se autodefinía como eclético y partidario de la física experimental"<sup>9</sup>.

A mudança de orientação nos estudos para formação dos sacerdotes e, conseqüentemente, no tipo de atuação que eles teriam depois, no entanto, não se deve propriamente apenas à expulsão dos jesuítas e aos seus sucessores nas instituições de ensino. Certos conteúdos já faziam parte da formação dos sacerdotes anteriormente, tanto que vários

<sup>6</sup> Ibid., p. 143.

<sup>7</sup> Ibid., p. 144.

<sup>8</sup> Larrañaga a Saturnino Segurola, Montevideu, 02/07/1804. LARRAÑAGA, Dámaso Antonio. **Selección de Escritos**. Montevideo: Biblioteca Artigas; Ministério de Instrucción Pública y Prevision Social, 1965, p. 8-11.

<sup>9</sup> DI STEFANO; ZANATTA, op. cit., p. 173-174.

entre os jesuítas que viveram na América nos séculos XVII e XVIII escreveram sobre botânica, geografia ou costumes indígenas, por exemplo.<sup>10</sup> No entanto, ao longo do século XVIII ocorreu uma mudança de ordem mais geral surgida a partir da própria Igreja, mas também incentivada pelo governo dos Bourbons, no que diz respeito aos deveres a serem desempenhados pelos sacerdotes.<sup>11</sup> A partir de então vigorou uma nova orientação para transformar os párocos em indivíduos mais "úteis", no sentido de atribuir-lhes novas tarefas e responsabilidades, as quais, iam desde a "*creación de escuelas de primeras letras hasta la inoculación de la vacuna, desde la enseñanza de técnicas agrícolas 'científicas' a los labradores de la feligresía* – [...] – *hasta la elaboración de informes sobre el estado demográfico y económico de la parroquia.*"<sup>12</sup> Esse novo perfil de eclesiástico se diferenciava daquele moldado pelo Concílio de Trento (1545-1563), que havia afastado os sacerdotes de certas atividades com as quais ganhavam a vida, para transformá-los em "especialistas do sagrado".<sup>13</sup> O novo modelo de pároco que surge a partir do século XVIII é, pois, o de uma espécie de "civilizador", que levaria a cultura "ilustrada" principalmente aos espaços rurais, já que o campo era visto como o lugar que mais necessitava dessa "ilustração".<sup>14</sup> Promover a educação dos fiéis era um dos principais objetivos deste novo modelo de sacerdote, pois se acreditava que com mais conhecimentos eles teriam condições de melhorar sua situação econômica, o que, ao final, era vantajoso também para os religiosos e para a coroa, tendo em vista que as arrecadações aumentariam para ambos.<sup>15</sup>

<sup>10</sup> Di Stefano cita como exemplos: Pedro Montenegro, José Guevara, Martín Dobrizhoffer, Vicente Olcina, Juan Ignacio Molina, Tomás Falkner, Florian Pucke, Jospe Jolís, José Sanchez Labrador e Gaspar Juárez. DI STEFANO, Colegas clérigos del joven Darwin, op. cit., p. 7. (Para citações deste artigo, utilizo a numeração de página do texto que baixei do site <http://historiayreligion.com>, a qual difere da publicação original no **Anuário IEHS**.)

<sup>11</sup> Cf.: DI STEFANO; ZANATTA, op. cit., p. 169-174.

<sup>12</sup> Ibid., p. 171.

<sup>13</sup> Cf.: Ibid., p. 169-170.

<sup>14</sup> DI STEFANO, Roberto. Abundancia de Clérigos, Escasez de Párrocos: Las Contradiciones del Recrutamiento del Clero Secular en el Río de La Plata (1770-1840). **Boletín del Instituto de Historia Argentina Y Americana Dr. Emilio Ravignani**, Buenos Aires, 3ª serie, n. 16/17, p. 33-59, 1997/1998, p. 44-45.

<sup>15</sup> Se, de alguma forma, podemos classificar esses sacerdotes surgidos no final do século XVIII como "ilustrados", cabe, todavia, uma ressalva feita por Roberto Di Stefano quanto a este conceito, afirmando que falar em "ilustração católica" implica lidar com um conjunto de ideias que, além de complexas, muitas vezes são contraditórias, e não se trata, portanto, de um "*corpo doctrinal ni una filosofía cristiana, sino más bien una praxis, una actitud mental, una visión de la realidad humana, más vivida que teorizada, un momento de la consciencia religiosas occidental*" (DI STEFANO; ZANATA, op. cit. p. 150-151). Para José Carlos Chiaramonte, o conceito de Ilustração Católica está ligado a uma desnecessária vontade classificatória que tentaria agrupar certas manifestações ligadas à renovação cultural hispânica e a cultura ilustrada com o catolicismo. Por outro lado, ele aponta que parecia, sim, existir dentro da Igreja uma tendência que procurava tornar o catolicismo compatível com os avanços da ciência, em outras palavras, "racionalizar" o catolicismo. CHIARAMONTE, Jose Carlos. **Ciudades, provincias, Estados: Orígenes de la Nación Argentina**. Buenos Aires: Ariel, 1997, p. 101-102.

A formação dos sacerdotes com aprofundamento em determinadas áreas, como física, por exemplo, tinha a finalidade prática de aplicar os conhecimentos, seja no aumento da produção ou na melhora das condições de vida como um todo. O propósito não era, portanto, a formação de grandes cientistas ou estudiosos naturalistas, mas a partir do momento em que diversos indivíduos tomaram contato com essas atividades alguns deles descobriram uma verdadeira vocação e se aprofundaram em determinados conteúdos muito além daquilo que se poderia esperar naquele ambiente pouco propício ao desenvolvimento das ciências. Foi esse o caso de Larrañaga, que, apesar de ter muita coisa em comum com diversos outros colegas eclesiais naturalistas, foi singular em alguns aspectos.

Um caso anedótico narrado por Roberto Di Stefano dá uma ideia de quão importante parece ter sido a preparação dos sacerdotes rioplatenses no que diz respeito às ciências naturais. Trata-se de um episódio acontecido com um padre dominicano chamado Torres, em 1804. Percorria ele as margens do Rio Luján, num período de descanso, quando desconfiou que certos ossos visíveis num barranco não correspondiam aos de um animal contemporâneo. Depois de promover uma escavação que se estendeu por dias, deixou a descoberto os restos de um megatério – animal que vivia na América, extinto há milhares de anos, que atingia o tamanho aproximado dos atuais elefantes e era muito semelhante a um bicho-preguiça. Resolveu, então, mandar o fóssil para a Espanha, como presente a Carlos IV. Mais tarde, ao enviar-lhe agradecimentos, o rei solicitou que providenciasse a remessa de mais um exemplar do animal para Madri, porém vivo.<sup>16</sup>

Voltando a Larrañaga, tudo indica que foi nos primeiros anos do século XIX que iniciou suas pesquisas na área de ciências da natureza. Em abril de 1804, escreveu para Barcelona uma carta solicitando a ajuda de botânicos espanhóis que pudessem auxiliá-lo na tarefa de organizar e classificar suas coleções. Em determinado trecho ele afirma: “*son muy pocos los meses que tengo de esta encantadora ciencia*”.<sup>17</sup> Noutra correspondência, daquele mesmo ano, da qual citei trecho anteriormente, ele diz ao seu amigo Saturnino Segurola que apenas conhecia o alfabeto e começava a combinar algumas poucas sílabas no que chamava de livro das ciências da natureza. Descreve de maneira concisa suas coleções, destacando a de botânica, a qual diz se tratar de um pequeno herbário mofado, mal organizado, composto por

---

<sup>16</sup> DI STEFANO; ZANATTA, op. cit., p. 174.

<sup>17</sup> Rascunho de uma carta de Larrañaga para botânicos de Barcelona, Montevidéu, 04/1804. LARRAÑAGA, Dámaso Antonio. **Escritos**. Tomo III. Montevideo: Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay, Imprenta Nacional, 1923, p. 252-256.

“tres o quatro centurias de plantas comunes, y no todas indígenas”.<sup>18</sup> Em ambas correspondências, lamenta a falta de livros:

[...] no hay por acá Herbarios, no hay jardines, y lo q.e me es más doloroso son muy raros y caros los libros.<sup>19</sup>

[...] mi Biblioteca se compone de unos libros incompletos, viejos y sólo buenos por baratos o regalados, que de otro modo no los tuviera.<sup>20</sup>

No começo do século XIX, não eram muitos os livros que chegavam a Montevideú. Escrevendo sobre este assunto, Edmundo D. Narancio refere-se à existência de uma livraria na qual, à noite, ocorreria uma espécie de tertúlia, com Larrañaga entre os participantes.<sup>21</sup> Num expediente judicial de 1803, o dono do local, José Cutiellos, ao ser indagado sobre onde estivera em determinada noite, teria declarado que se encontrava em casa, onde funcionava a livraria, na companhia de Larrañaga e um certo Manuel Antuña, e que seriam estes dois frequentadores regulares do espaço, todas as noites.

Um inventário dos livros que integravam a livraria de Cutiellos, acrescentado ao testamento de sua esposa, falecida em 1805, mostra que não eram muitos os livros disponíveis. Edmundo Narancio também cita o relato de um viajante inglês sobre uma livraria que visitara, em Montevideú, no período das invasões inglesas, e que, possivelmente, tratava-se da mesma livraria de Cutiellos. Perguntando por obras célebres, como Dom Quixote, o viajante não encontrou nada; mas, por outro lado, deparou-se com doze volumes de uma "Lista de Publicaciones Prohibidas por la Santa Inquisición". Desolado com a "interesante y valiosa biblioteca", continua seu irônico relato:

*Este es el único comercio de esta clase en Montevideo y ofrece una buena perspectiva de la literatura de este paraje. De la muestra procedente, no me sentí, por supuesto, com muchos deseos de disminuir la colección, y por conseguinte, me retiré....*<sup>22</sup>

<sup>18</sup> Larrañaga a Saturnino Segurola, Montevideú, 02/07/1804. LARRAÑAGA, **Selección de Escritos**, op. cit., p. 8-11.

<sup>19</sup> Rascunho de uma carta de Larrañaga para botânicos de Barcelona, Montevideú, 04/1804. LARRAÑAGA, Dámaso Antonio. **Escritos**, op. cit., p. 252-256.

<sup>20</sup> Larrañaga a Saturnino Segurola, Montevideú, 02/07/1804. LARRAÑAGA, **Selección de Escritos**, op. cit., p. 8-11.

<sup>21</sup> NARANCIO, Edmundo D. Introducción. In: UNIVERSIDAD DE LA REPÚBLICA. Facultad de Humanidades y ciencias – Instituto de Investigaciones Historicas. **Biblioteca de impresos raros americanos**. Montevideo: 1951. t. II. p. VII-XVII, p. VIII.

<sup>22</sup> O trecho citado é a tradução feita por Narancio para o espanhol de parte de um livro publicado em Londres em 1808: *Notes of the Viceroyalty of la Plata in South America with a sketch of the manners and character of the inhabitants collected during a residence in the city of Montevideo by a gentleman recently returned*. Ibid., p. IX-XI.

Todavía, há que se considerar a possibilidade de que nem todas as obras pertencentes à livraria fossem declaradas em testamento ou expostas na vitrine. Sabe-se que muitas obras proibidas circularam no Rio da Prata deste período, introduzidas através de sociedades secretas ou simplesmente circulando clandestinamente a partir daqueles que retornavam de estudos em universidades europeias, alguns deles sacerdotes. Muitos destes livros divulgavam autores e ideias iluministas que de alguma forma fundamentaram os projetos políticos surgidos no momento das independências e foram inseridos nos debates entre os diferentes grupos que disputam o poder na primeira metade do século XIX.<sup>23</sup>

No caso dos livros de cuja ausência Larrañaga se lamentava, a dificuldade de encontrá-los provavelmente se dava mais pela especificidade técnica do que propriamente pelo fato de constarem na lista de proibidos. De qualquer forma, o meio não era propício ao desenvolvimento de pesquisas ou aprofundamento de qualquer estudo, quanto mais no caso da grande parte dos sacerdotes, que se dedicavam ao estudo das ciências nos intervalos de tempo que lhes restava de suas atividades sacerdotais ou do desempenho de outras funções a elas ligadas.<sup>24</sup> Não são poucos os documentos em que Larrañaga faz referência à falta de tempo para seus estudos naturalistas, como, por exemplo, nos trechos que cito abaixo:

*Pero nada importa toda esta afición para hacer progresos en una ciencia , que más que otra ninguna necesita un gran caudal para libros, láminas, viajes y remeses, y sobre todo mucho tiempo que nosotros no tenemos. [Reportando-se aos seus primeiros estudos que fazia na área.]<sup>25</sup>*

*Tengo un empeño particular en ordenar y reducir a sistema todas as especies de esta familia. Toda la semana anterior casi ni he hecho otra cosa en los pocos momentos que he tenido libres que escribir sobre ella. [Referindo-se à classificação de determinada família de animais.]<sup>26</sup>*

*Muy señor mío y estimado amigo: dejando aparte ya todo cumplimento, que nos haría perder un tiempo tan necesario, y casi siempre para mí tan escaso... [Iniciando uma correspondência sobre estudos naturalistas.]<sup>27</sup>*

*Mi estimado amigo y señor: la prisa o la precipitación con que me veo precisado a hacer todo cuanto hago...[Iniciando uma correspondência sobre estudos naturalistas.]<sup>28</sup>*

<sup>23</sup> Cf.: PADOIN, Maria Medianeira. **Federalismo gaúcho**: fronteira platina, direito e revolução. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001, p. 35 E 36.

<sup>24</sup> "Los 'sacerdotes naturalistas' rioplatenses lo son en eses exacto orden de prioridades. Ante todo eclesiásticos, dedican al estudio de la fauna, de la flora o de los fósiles el tiempo que las actividades litúrgicas o pastorales les dejan libre". DI STEFANO, Colegas clérigos del joven Darwin, op. cit., p. 11.

<sup>25</sup> Larrañaga a Saturnino Seguro, 02/07/1804. LARRAÑAGA, **Selección de Escritos**, op. cit., p. 8-11.

<sup>26</sup> Larrañaga a Bartolomé de Muñoz, Montevideo, 22/06/1808. LARRAÑAGA, **Selección de Escritos**, op. cit., p. 11-13.

<sup>27</sup> Larrañaga a José Joaquín de Araújo, Montevideo, 22/06/1808. LARRAÑAGA, **Selección de Escritos**, op. cit., p. 13-16.



Tratam-se apenas de alguns exemplos,<sup>29</sup> entre tantos, que não deixam dúvidas de que a falta de tempo somada à carência de livros eram os principais empecilhos com os quais os naturalistas do Prata tinham que lidar. Somem-se a isso os diversos conflitos que tiveram lugar na região ao longo da primeira metade do século XIX, e teremos um cenário bastante desafiador. Talvez tenha sido, justamente, o contraste entre o meio desfavorável e a vasta obra de Larrañaga o que mais tenha causado surpresa em grande parte daqueles que o biografaram, como, por exemplo, Antonio Maria Barbieri, que escreve: "*Es realmente asombroso el constatar cómo Larrañaga haya adquirido el vasto caudal de sus conocimientos con tan pocos medios.*"<sup>30</sup> O fato é que, diante destas adversidades, criavam-se alternativas. A própria tertúlia na livraria de José Cutiellos parece ter sido uma delas, um ponto de encontro durante as noites, onde provavelmente Larrañaga tenha encontrado oportunidade para debater os assuntos que lhe interessavam: "[...] *la librería de Cutiellos fuera algo más que un simple negocio y que las necesidades de un medio intelectual precario la hubieran transformado en biblioteca y cenáculo donde se reunían hombres con comunes inquietudes culturales*".<sup>31</sup>

Na década seguinte àquela em que participava dos encontros na livraria de Cutiellos, além do seu protagonismo na criação da Biblioteca Pública de Montevideu, inaugurada em maio de 1816, Larrañaga teria a oportunidade de trabalhar por cerca de dois anos (1813-1815) na Biblioteca Pública de Buenos Aires, e não é difícil imaginar a satisfação que deve ter encontrado, não apenas por estar em meio aos livros, mas também pela proximidade com os colegas e professores do *Real Colegio de San Carlos*, assunto este que volto a abordar mais adiante.

Entretanto, a dificuldade de encontrar livros específicos relacionados às suas pesquisas parece ter sido constante, pelo menos até meados da década de 1810. Essa dificuldade era amenizada através de empréstimos ou compras em remessas que lhe faziam os diversos amigos e conhecidos com os quais tinha contato, formando assim uma espécie de rede, integrada principalmente por outros sacerdotes naturalistas e por viajantes europeus com este mesmo tipo de interesse. Diversas correspondências de Larrañaga revelam isso, como, por

---

<sup>28</sup> Larrañaga a Bartolomé Doroteo de Muñoz, Montevideu, 06/07/1808. LARRAÑAGA, **Selección de Escritos**, op. cit., p. 17-27.

<sup>29</sup> Roberto Di Stefano se refere ao fato de que Larrañaga deixou vários registros em que afirma ter pouco tempo, e também cita alguns exemplos em: DI STEFANO, *Colegas clérigos del joven Darwin*, op. cit., p. 11-12.

<sup>30</sup> BARBIERI, Antonio María. Dámaso Antonio Larrañaga. In: **VII Congreso de Estudios Vascos (1948)**. San Sebastián: Sociedad de Estudios Vascos, 2003. p. 435-441. Disponível em: <<http://www.euskomedia.org/PDFAnlt/congresos/07/07435441.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2011, p. 439.

<sup>31</sup> NARANCIO, op. cit., p. XI-XII.

exemplo, uma da qual cito o trecho abaixo, em que o remetente lhe agradece o envio do texto da oração inaugural da Biblioteca Pública de Montevideu:

*Agradezco el favor de su remision de la Oracion Inaugural que he leído con suma satisfaccion por saber que es V. Su Autor. \_\_\_ Muy honrado es mi Diccionario de Miller con la colocacion que v. le ha dado\_\_\_ y quando yo pueda lograr de M.r Hewaites la posesion de la otra obra de Agricultura se lo pasaré para que v: la dedique al mismo uso - o lo retenga para el suyo, si de algo sirve. \_\_\_<sup>32</sup>*

Embora o documento não deixe bem claro, pode-se deduzir que a "colocacion" dada ao dicionário recebido por Larrañaga tenha sido a incorporação da obra ao acervo da recém criada Biblioteca Pública de Montevideu. Isso demonstra que, neste momento, por estar à frente da biblioteca, fez uso de sua rede de contatos para aumentar a quantidade de obras do estabelecimento. Enviar o texto da oração inaugural parece ter sido parte de uma estratégia de divulgação da instituição recém criada e que, certamente, era motivo de orgulho. Por outro lado, ao indicar que mandaria outra obra, o remetente sugere que faça dela o mesmo uso ou que a retenha para uso próprio, caso sirva. Não era, pois, só pelo posto de Diretor da Biblioteca Pública que Larrañaga recebia os livros. Muitos outros documentos mostram que o acesso aos livros dependia dessa rede de colaboradores. Em 1804, por exemplo, escrevia a Saturnino Segurola, na continuação da carta já citada anteriormente: "*Quedo con el encargo de comunicar a Ud. todo o livro curioso que se presente*".<sup>33</sup>

Todavia, a colaboração entre os pesquisadores, em sua maioria eclesiásticos, ia muito além do empréstimo de livros. A troca de informações ou até mesmo de plantas, minerais, entre outros materiais de pesquisa, era bastante frequente. Roberto Di Stefano, num artigo<sup>34</sup> em que procurou explicar o surgimento de tantos clérigos "naturalistas" no Prata neste período, bem como identificar algumas motivações e concepções a partir das quais realizavam suas pesquisas, apontou o fato de que a maioria deles estudou no *Real Colegio de San Carlos*, em Buenos Aires. Tudo isso, é claro, dentro do contexto ao qual me referi anteriormente, de mudança no papel atribuído ao clero ocorrida a partir do século XVIII. Aqueles que estudaram no colégio real de Buenos Aires, no entanto, além de terem aulas com professores inclinados ao estudo das ciências naturais, ademais de ser esta uma tendência da época, teriam estabelecido laços entre si, os quais se manteriam ao longo de suas vidas:

<sup>32</sup> G. F. Dickson a Larrañaga, Buenos Aires, 03/07/1816. **Archivo Artigas**, tomo 26, p. 347-348.

<sup>33</sup> Larrañaga a Saturnino Segurola, Montevideu, 02/07/1804. LARRAÑAGA, **Selección de Escritos**, op. cit., p. 8-11.

<sup>34</sup> DI STEFANO, *Colegas clérigos del joven Darwin*, op. cit.

*Esos sacerdotes que se conocieron en las aulas del San Carlos trabando tempranamente relaciones que en el futuro configurarían una suerte de red: Gomensoro, Segurola, Muñoz y Larrañaga eran amigos y se intercambiaban información, personalmente o por vía epistolar.<sup>35</sup>*

A documentação acerca de Larrañaga confirma a existência dessa rede envolvendo os egressos do *Real Colegio*. É o caso, por exemplo, da carta que citei já algumas vezes neste capítulo, na qual divide suas angústias de pesquisador iniciante com o amigo Saturnino Segurola (1776-1854), que se encontrava mais adiantado em seus estudos naquela época, se Larrañaga não exagera em modéstia na comparação que faz:

*Seguramente que tiene Ud. motivos de dudar a quien de los dos resultará mayor interés de nuestra correspondencia. Ud. va a tomar el trabajo de inventariarme, y describirme sus ricas y abundantes colecciones de todo lo más brillante que puede adornar un precioso Museo, un curioso gabinete y una selecta Biblioteca: yo apenas puedo decir cuatro palabras por ser todas mis colecciones las más comunes y despreciables.<sup>36</sup>*

Essa amizade, "*tan tierna y constante*", que não se debilitava nem mesmo pela suspensão tão longa de correspondência, como afirmou Larrañaga ao encerrar a carta, na qual se despede como "*éste su apasionadísimo Amigo*", duraria por longos anos. Em 1805, os dois foram responsáveis pela propagação da vacina contra a varíola no Rio da Prata, e na década seguinte continuaram colaborando entre si na luta para conservar o material necessário para a aplicação da vacina.<sup>37</sup> Bem mais tarde, em 1834, o Ministro de Governo, Lucas José Obes, comunicou ao então Vigário Apostólico do Uruguai, Dámaso Larrañaga, a intenção de encarregar os sacerdotes de propagarem a vacina nos diferentes povoados do Estado.<sup>38</sup> Este, ao responder ao ministro, demonstrou concordância com a medida, recordou que já era tarefa muito antiga entre o clero e citou a atuação dele e do amigo bonaerense:

*El respetable clero Argen/tino, a quien entonces, el nuestro se allaba unido, cuenta entre una de sus maiores glorias haver sido el primero q.e se encargó deeste precioso antidoto, y lo propagó y consevó por muchos años. son bien notorios y ([lo]) relevantes los servicios prestados en esta parte por mi honorable amigo y con colega, hoi Canonigo se la Sat.a Igle ([g])sia Catedral de Buenos Ayres ([de]) el Sros D.r D.n Saturnino Segurola. Yo tambien en esta Capital tube la honrosa satisfaccion de ([intr]) introducirla de nuebo, de propagarla por mi mismo y de conservarla por una larga temporada,*

<sup>35</sup> Ibid., p. 11.

<sup>36</sup> Larrañaga a Saturnino Segurola, Montevideu, 02/07/1804. LARRAÑAGA, **Selección de Escritos**, op. cit., p. 8-11.

<sup>37</sup> Cf.: CASTELLANOS, **Contribución al estudio de las ideas...**, op. cit., 116-120.

<sup>38</sup> Lucas José Obes a Larrañaga, Montevideu, 06/08/1834. Transcrito em: FAVARO, Edmundo. **Dámaso Antonio Larrañaga: su vida y su época**. Montevideo: Res S. A., 1950, p. 148-149.

*ymitando mi exemplo mis compañeros en la campaña de modo q.e abrá pocos q.e no hayan praticado esta benefica hoperacion.*<sup>39</sup>

A prática da propagação da vacina por parte dos sacerdotes, a que se refere o documento, que no caso foi citado para mostrar a amizade e colaboração entre dois "naturalistas", exemplifica também o tipo de atividades das quais os sacerdotes estavam encarregados dentro da orientação que no século XVIII os transformou em indivíduos mais "úteis".

Outro sacerdote egresso do *Real Colegio de San Carlos*, cuja amizade com Larrañaga foi bastante intensa e rendeu muita colaboração foi o espanhol Bartolomé Doroteo Muñoz. Ordenado em 1786, Muñoz atuou na Banda Oriental.<sup>40</sup> Em seus diários das primeiras décadas do século XIX, deixou registrados episódios que testemunham a amizade dos dois. Assim, por exemplo, ao referir-se a certos acontecimentos de setembro de 1811, escreve:

*[...] desde 12 de julio me interne una leguas, yéndome a Toledo, como que vivía de limosna, a la Chacra de Berro con mi amigo el Presbítero D. Dámaso Larrañaga Sabio Naturalista, Astronomo, Teologo, Quimico y de cuantas belas cualidades hacen apreciable a un hombre.*<sup>41</sup>

Noutra passagem narrada, de 1812, Muñoz e Larrañaga andavam pelo campo, lendo jornais de Buenos Aires, quando foram surpreendidos por soldados. Temendo serem acusados de traição, fingiram que buscavam ervas e arrancaram algumas que enrolaram rapidamente nos jornais, de maneira que se safaram de qualquer suspeita.<sup>42</sup>

Referindo-se à amizade entre os dois, no artigo necrológico de Larrañaga, em 1848, Carlos Villademoros escreveu que Larrañaga teria tomado gosto pelos estudos de história natural, especialmente de botânica, por influência de Muñoz, "*en cuya librería encontró los primeros tratados de botánica que vió, y quien le dió llas primeras ideas que recibió acerca de ella.*"<sup>43</sup> Contudo, essa informação, que mais tarde seria repetida por outros biógrafos, entre os quais está Carlos María de Pena,<sup>44</sup> não parece ser verdadeira. Antes, ao contrário, Larrañaga deve ter sido quem instruiu Muñoz em Botânica, como bem observa Alfredo R.

<sup>39</sup> Larrañaga a Lucas José Obes, Montevideu, 09/08/1834. Transcrito em: FAVARO, op. cit., 149-150.

<sup>40</sup> DI STEFANO, Colegas clérigos del joven Darwin, op. cit., p. 10.

<sup>41</sup> Diário do Padre Bartolomé Doroteo de Muñoz (Setembro de 1807 a julho de 1812). **Archivo Artigas**, tomo 13, p. 217-238.

<sup>42</sup> Ibid.

<sup>43</sup> VILLADEMOROS, Carlos Gerónimo. Breve noticia de la vida de Don Dámaso Antonio Larrañaga, Vicario Apostólico y Proto-Notario Apostólico de la Santa Sede en el Estado Oriental de Uruguay. **Revista Nacional**, T. XXII, p. 121-130, 1943, p. 123.

<sup>44</sup> DE PENA, Carlos María. Carta a Arechavaleta, diretor do Museo Nacional. **Anales del Museo Nacional de Montevideo**, Montevideo, T. I, p. VII- XLVII, 1894, p. XXVII.

Castellanos,<sup>45</sup> ao perceber a mesma afirmativa errônea por parte de A. Zinny em livro sobre a Imprensa Periódica no Uruguai. A mostra mais clara de que teria sido Larrañaga a instruir Muñoz em botânica se encontra numa correspondência que lhe enviou em 1808:

*Yo alabo, amigo, y deseo que Vmd. se dedique con seriedad a la Botánica. [...] Yo, pues, confieso a Vmd., por el grande amor que les profesa [que professa às ciências naturais], que trate de hacerlo con formalidad, para aumentar la gloria de nuestro clero, y la felicidad de estas provincias. Yo solo poco puedo hacer, porque es adagio común entre los botánicos que: unus homo nullus homo. Pero si Vmd. tratase de hacerlo con formalidad, como me lo dice en su carta, debe principiar por el conocimiento de las 24 clases, cuya inteligencia es muy fácil siempre que se tenga cuidado con la distinción de los sexos de las flores, pues por esto llamó Linneo a su sistema sexual, que es el que Vmd. debe seguir por ser hasta ahora no sólo el más completo, sino también el más fácil...*<sup>46</sup>

A vontade de Larrañaga de incentivar o amigo e arranjar assim mais um colaborador nos estudos de botânica é tanta que, na continuação da correspondência, ele acaba por escrever cerca de sete páginas explicando como o outro deveria classificar as plantas de acordo com o método de Lineu<sup>47</sup> (“*Yo creí amigo escribir una carta y he escrito una disertación*”). Repare-se que esta é uma das correspondências anteriormente citadas em que ele começa falando da pressa e precipitação com que se via obrigado a fazer todas as coisas, ou seja, da falta de tempo com a qual lutava constantemente.

Não posso deixar de citar também o último parágrafo dessa carta, que diz muito a respeito da importância que Larrañaga dava à formação dessa rede de colaboradores e das estratégias utilizadas para a criação e manutenção de tais relações:

*En primer ocasión remitiré a Vmd. las poesías de nuestro Oliver sobre nuestras brillantes acciones para que quede Vmd. bien con el Señor Deán de Córdoba: estreche Vmd. con él cuanto pueda su amistad; porque por el conducto de este sabio podremos conseguir algunas producciones de aquella provincia.*<sup>48</sup>

<sup>45</sup> CASTELLANOS, **Contribución al estudio de las ideas...**, op. cit., p. 11.

<sup>46</sup> Larrañaga a Bartolomé Doroteo de Muñoz, Montevideu, 06/07/1808. LARRAÑAGA, **Selección de Escritos**, op. cit., p. 17-27.

<sup>47</sup> Carlos Lineu (1707-1778). Botânico, Zoólogo e médico sueco. Classificou uma enorme variedade de seres vivos, tornando-se um dos botânicos mais conhecidos de seu tempo. De acordo com Alfredo R. Castellanos, por volta de 1820, Larrañaga teria deixado de ser um “*ciego admirador de Linneo*”, que desde o princípio fora seu único mestre, para reconhecer o valor do “*nuevo sistema de clasificación botánica llamado 'natural'*”, de Antonio Lorenzo de Jussieu...”. CASTELLANOS, Prologo, In: **Selección de Escritos**, op. cit. p. XIX.

<sup>48</sup> Larrañaga a Bartolomé Doroteo de Muñoz, Montevideu, 06/07/1808. LARRAÑAGA, **Selección de Escritos**, op. cit., p. 17-27.

Numa correspondência anterior,<sup>49</sup> também endereçada a Muñoz, encontram-se outros exemplos de quanto as pesquisas de Larrañaga deviam às relações que estabelecia. Depois de advertir a Muñoz de que se encarregaria de todos os tatus que pudesse conseguir para ele na sua região, pois tinha particular interesse em classificá-los, conta-lhe que recentemente tivera a sorte de que seu irmão mais velho lhe trouxera da campanha uma espécie de "*Peludo*", que ele já sabia existir naquelas bandas, e que seria o "*Poyu*" descrito por Félix de Azara. Na sequência, escreve sobre as conclusões a que chegara acerca destes animais, conforme as descrições do referido autor: "*fundado en sus mismas descripciones mientras no tenía la fortuna de observarlos por mí mismo o por medio de las relaciones de mis amigos*".<sup>50</sup>

Outro amigo, pois, a trocar experiências com Larrañaga, sacerdote e egresso do *Real Colegio*, foi Tomás Javier Gomensoro (1776-1841). Porém, a correspondência entre eles parece não ter sido muito abundante como com os demais.

As vicissitudes políticas, tão comuns no Rio da Prata do período, acabaram deixando os dois amigos em campos opostos entre 1817 e 1820. Retomando o conteúdo do segundo capítulo, lembremos que no período entre junho de 1817 e abril de 1820, Gomensoro, que à época era cura de Canelones, foi nomeado Delegado Eclesiástico na Banda Oriental. Até então, quem desempenhava estas funções era Larrañaga, que, depois de assumir como Cura e Vigário Interino da Igreja Matriz de Montevideú, em 1815, recebera progressivamente faculdades que estenderam sua autoridade para toda a Banda Oriental do Rio Paraná. Entretanto, com a entrada dos portugueses em Montevideú, em janeiro de 1817, e o isolamento da cidade com relação à campanha, o Provisor do Bispado de Buenos Aires resolveu nomear Gomensoro como delegado para aquela região, a partir da metade daquele ano. Entre 1817 e 1820, portanto, Larrañaga e Gomensoro atuaram como autoridades eclesásticas, em campos inimigos, situação que só se resolveria depois da pacificação da Campanha, em abril de 1820, quando Larrañaga reassumiu também esta região. De acordo com Edmundo Favaro, essa situação não impediu que os dois sacerdotes, "*a quienes unía antigua amistad y común afición a la botánica*",<sup>51</sup> tivessem contato, conforme comprova a correspondência mantida entre os dois, como, por exemplo, uma carta de 1818. Escrita por Gomensoro, remete à carta anterior que teria enviado Larrañaga, e trata, principalmente, de determinadas plantas que mandara recolher. Prova de que neste momento não havia nenhum

---

<sup>49</sup> Larrañaga a Bartolomé de Muñoz, Montevideú, 22/06/1808. LARRAÑAGA, **Selección de Escritos**, op. cit., p. 11-13.

<sup>50</sup> Ibid.

<sup>51</sup> FAVARO, op. cit., p. 85.

conflito entre os dois é que Gomensoro chega a propor que realizem juntos uma atividade de campo:

*Pero q.do encargamos a otros estas cosas, no estará demás que tambien hagamos algo notro.s: digo esto por q.e se acerca el tiempo de n.ras herborizacion.s sobre las asperezas de Mahoma: yo estoy dispuesto p.a fines de Sep.bre hacer este viage, como se lo insinué a Vd.: me seria muy agradable q.e Vd. hiciera un parentesis a sus negocios, y se arrancasse de esa p.r ocho dias. N.ro paseo es a la ligera, a caballo: n.ra demora será ocho dias en la Posta q.e está al pie de la Sierra: con un solo carguero que llevemos podemos traer q.to queramos, y esto será p.a estacas y raices, p.r q.e p.a las semillas las faltriqueras bastan.<sup>52</sup>*

Não se percebe nenhum desconforto com a situação de divisão da autoridade eclesiástica. Pelo contrário, o assunto principal é a botânica, que motivou a carta e o convite para a viagem de recolhimento de material. Gomensoro parecia muito interessado em trocar informações com Larrañaga. Ele segue a correspondência falando de arquitetura, num trecho em que pede a opinião do outro sobre determinada obra com a qual parecia estar envolvido, mas logo volta a tratar de sementes e plantas. E, mesmo depois de assinar a carta, que já considerava longa (*¡Valgame Dios! q.e carta!*), volta a escrever mais três parágrafos, nos quais fala principalmente sobre plantas, mas também sobre algumas observações que havia feito, do alto de sua igreja, relativas à localização do cerro de Montevideú com relação à cidade. E, finalmente, desculpando-se por estender demais a correspondência, encerra com uma anedota:

*Esta es ya muy parecida a un feligrés q.e vino a visitarme; se sentó, se acomodó muy bien una pierna sobre otra, y q.do desp.s de tres quartos de hora baxó la pierna, y yo creia q.e era p.a despedirse, solo era p.a cambiar las piernas. Ultimamem.te al despedirse añadió – otro dia será más larga.<sup>53</sup>*

Quero mostrar com isso, na verdade, que a escassez de livros, ou de bibliotecas e outras fontes de pesquisa – que no caso específico de Canelones, onde estava Gomensoro, se fazia sentir ainda mais do que Montevideú ou Buenos Aires –, transformava, muitas vezes, este tipo de correspondências em intermináveis descrições, extremamente detalhadas. Muito representativa disso é outra carta, de 1808, na qual Larrañaga explica a José Joaquim de Araújo a melhor técnica para conservação de pássaros, de acordo com o que havia lido de um autor francês. Um parágrafo inteiro é dedicado apenas à descrição da forma recomendada para o abate dos animais:

<sup>52</sup> Tomás de Gomensoro a Larrañaga, Canelones, 22/08/1818. LARRAÑAGA, **Escritos**, op. cit., p. 247-250.

<sup>53</sup> *Ibid.*

*En primer lugar se debe tener mucho cuidado en el modo de matarlos; los que se cazan con liga no son los mejores para colecciones porque ésta les ensucia las plumas. El fusil es el arma más cómoda y la más propia, variandobla munición a propósito; y cuando las aves son muy pequeñas, se aconseja por algunos que en lugar de plomo se use de agua hasta la mitad principalmente habiendo muchos juntos sobre los árboles, de modo que el fusil quede con la boca para arriba. Mr. Manduyo es de parecer que el arco es una de las mejores armas: y prevengo esto porque por arriba los indios pueden cazarlos de este modo: el pomo ciertamente estropea mucho las aves, y las mancha con sangre.*<sup>54</sup>

A descrição de como fazer para conservar os pássaros continua ainda por mais três páginas e Larrañaga conclui a carta afirmando que a prática teria lhe ensinado mais que a instrução e, assim que fosse possível, enviaria ao amigo algumas advertências.

Voltando à amizade e colaboração entre Gomensoro e Larrañaga, ainda que não houvesse sinais de divergência entre os dois em 1818, no ano seguinte as coisas mudariam de rumo. Segundo Favaro, questões como falta de delimitação de território de jurisdições eclesiásticas, bem como escassez dos dízimos, problemas que se agravavam com a guerra, fizeram como que a partir de 1819 ocorressem algumas contendas que haveriam de deixar marcas entre os sacerdotes.<sup>55</sup>

Não cheguei a analisar a documentação a respeito deste caso, que poderia explicar os problemas ocorridos entre Larrañaga e Gomensoro. Portanto, desconheço a forma como teria evoluído o conflito entre os dois, ou se teria chegado ao ponto de causar a interrupção de contato e troca de informações no campo dos estudos naturalistas, ainda que essa pareça uma hipótese aceitável para explicar o fato de não ter encontrado, na documentação pesquisada, outras cartas além daquela citada acima.

Mas, se num caso como este, uma das teias da rede parece ter se rompido por motivos externos ao campo de estudos naturalistas, o mais comum é que a rede formada pelos sacerdotes naturalistas funcionasse para resolver outras questões, por conta dos laços de amizade que se criavam. No trecho do diário do Padre Bartolomé Doroteo Muñoz que citei anteriormente,<sup>56</sup> por exemplo, referia-se a determinada ocasião em que "*como que vivía de limosna*", pois havia se isolado na chácara de Berro junto com seu amigo Dámaso Larrañaga. Ou seja, o amigo o havia abrigado junto à chácara de seu cunhado Pedro Francisco Berro, o mesmo a que me referi no segundo capítulo, que teria casado com Juana, irmã de Larrañaga,

<sup>54</sup> Larrañaga a José Joaquín de Araújo, Montevideu, 22/06/1808. LARRAÑAGA, **Selección de Escritos**, op. cit., p. 11-13.

<sup>55</sup> FAVARO, op. cit., p. 85.

<sup>56</sup> Diário do Padre Bartolomé Doroteo de Muñoz (Setembro de 1807 a julho de 1812). **Archivo Artigas**, tomo 13, p. 217-238.



em 1798, numa espécie de casamento secreto para burlar a oposição paterna, apoiado pelo próprio Larrañaga.

Uma ocasião em que essa rede possivelmente favoreceu Larrañaga se deu em 1813, quando se encontrava em Buenos Aires exercendo o papel de representante da Província oriental frente ao governo portenho.<sup>57</sup> A partir de julho daquele ano, até abril de 1815, trabalhou na Biblioteca Pública de Buenos Aires. Alguns biógrafos, como Edmundo Favaro, centrados no significado político do fato de ele assumir um cargo público ligado ao governo bonaerense no momento em que exercia uma representação da Província Oriental frente àquele mesmo governo, viram nisso uma tentativa dos portenhos em atrair Larrañaga para seu lado, oferecendo-lhe um emprego de acordo com suas inclinações intelectuais, dando-lhe a chance de trabalhar com os livros pelos quais tinha verdadeira atração.<sup>58</sup> Na opinião deste autor, Larrañaga teria aceito o cargo, não apenas por sua atração pelos livros, mas também porque o emprego se apresentava como solução econômica para sua estadia em Buenos Aires.

A hipótese de que o Governo de Buenos Aires tenha acenado com o emprego para Larrañaga com a intenção de atraí-lo para sua causa não pode ser completamente descartada, mas acredito ser mais plausível outra hipótese que, de certa forma, depreende-se da afirmação de Edmundo Narancio:

*La misión que debió desempeñar entonces en Buenos Aires lo vinculó seguramente con sus viejos amigos del colegio de San Carlos y sobre todo con su antiguo maestro el doctor Chorroarín. La renuncia de Segurola le facilitó su ingreso como Subdirector bibliotecario de la Biblioteca Pública de Buenos Aires, ello antes de haber terminado la comisión que tenía encargada ante el gobierno porteño.*<sup>59</sup>

Em nota de rodapé junto ao trecho citado, Narancio comenta a respeito de um autor que teria sustentado a teoria de que o cargo de Larrañaga na Biblioteca de Buenos Aires seria uma espécie de ajuda proporcionada por seu amigo Luis José Chorroarín, com a possibilidade de que tenha sido pago do próprio bolso deste, mas descarta essa ideia baseado nas atas do *Cabildo* de Buenos Aires, as quais mostram que havia pagamento de salário por parte do governo.<sup>60</sup>

Descartando-se a hipótese de Chorroarín pagar a Larrañaga de seu próprio bolso, que de fato não se sustenta, creio que podemos ver no episódio, claramente, o funcionamento da

<sup>57</sup> Não entrarei em detalhes a respeito desta representação, pois voltarei a tratar do assunto no quarto capítulo.

<sup>58</sup> Repito aqui a frase de Favaro sobre isso, que citei no primeiro capítulo: “*Como vemos, en el momento más difícil de su misión, el gobierno central trata de atraerlo y lo consigue*”. FAVARO, op. cit., p. 45.

<sup>59</sup> NARANCIO, op. cit., p. XIII.

<sup>60</sup> O autor ao qual Narancio se refere é Gustavo Martínez Zuviría. Ibid., loc. cit.

rede de eclesiásticos naturalistas oriundos do *Real Colegio de San Carlos*, neste caso a favor de Larrañaga, naquele momento precisando manter-se em Buenos Aires. De certa forma, é neste sentido que escreve José Salgado, apesar de não se referir exatamente a uma rede, senão apenas à relação entre Chorroarín e Larrañaga:

*Hombre de estudio, amante de los libros, durante su fugaz estada en Buenos Aires - [...] – buscó un refugio natural en la Biblioteca Pública, cuyo Director era entonces, el insigne canónigo Dr. Luis José Chorroarín, antiguo rector del Colegio de San Carlos de Buenos Aires, del que había sido Larrañaga, aventajado discípulo. Allí trabajan juntos, y se apoyan mutuamente, el maestro y el discípulo.*<sup>61</sup>

Chorroarín, que fora professor de Larrañaga, ocupava o posto de 1º bibliotecário, desde 1811. Porém, em 1813, ele foi indicado para uma vaga no Cabido Eclesiástico da Catedral, o que o deixou sem tempo para desempenhar as duas funções. Em julho daquele ano, escreveu ao Poder Executivo explicando os seus impedimentos e se referindo também à renúncia de Saturnino Segurola, outro amigo de Larrañaga de quem já falei bastante neste capítulo, do posto que ocupava de Segundo Bibliotecário. Diante disso, Chorroarín indicou Dámaso Larrañaga, "*por persona idonea , y util p.a este publico establecim.to*", para o cargo de Primeiro Bibliotecário, do qual ele estava renunciando, ao mesmo tempo que se colocou à disposição para continuar exercendo o cargo de Diretor do estabelecimento.<sup>62</sup>

Apesar de ter havido uma pequena confusão, que resultou na nomeação de Larrañaga para o lugar de Segurola, como segundo bibliotecário, em vez de ter sido como primeiro bibliotecário, conforme a indicação que havia sido feita, logo adiante o engano foi reparado, por insistência do próprio Chorroarín, que interferiu para que o erro fosse corrigido e Larrañaga pudesse receber a remuneração referente ao cargo.<sup>63</sup> A proposta de Chorroarín de continuar como diretor também foi aceita, e os dois trabalharam juntos até abril de 1815, quando Larrañaga renunciou ao seu cargo para voltar a Montevideú, em circunstâncias que já analisei no segundo capítulo desta tese. No mesmo ano, já de Montevideú, ao corresponder-se com José León Planchón, Vigário Capitular e Governador do Bispado de Buenos Aires, do qual também era amigo, Larrañaga acrescentou depois de sua assinatura: "*Expressiones ál P. Muñoz, Chorroarín &ª*".<sup>64</sup> Planchón, que estava à frente do Bispado de Buenos Aires naquele

<sup>61</sup> SALGADO, Jose. Larrañaga. **Revista Nacional**, Montevideo, T. XII, p. 202-215, 1940, p. 208-209.

<sup>62</sup> Nota de Luis José de Chorroarín ao Poder Executivo, Buenos Aires, 05/07/1813. Transcrito em: **Biblioteca de impresos raros americanos, t.II**, op. cit., p. 55.

<sup>63</sup> Sobre isto, consultar o apêndice documental do livro citado no rodapé anterior (p. 55-69), o qual traz os documentos relativos à indicação de Larrañaga para o cargo bibliotecário em Buenos Aires, bem como documentos que dizem respeito à criação da Biblioteca Pública de Montevideú, inaugurada em 1816.

<sup>64</sup> Larrañaga a José León Planchón, Montevideú, 08/07/1815. **Archivo Artigas**, tomo 26, p. 474.

contexto eclesiástico em que Larrañaga se tornou Cura e Vigário Interino de Montevidéu logo depois da renúncia ao cargo de bibliotecário, também era amigo de Larrañaga, assim como de Muñoz e Chorroarín, como se depreende da carta.

O questionamento com relação ao fato de Larrañaga trabalhar em Buenos Aires no momento em que o governo daquela Província estava em conflito com a Província Oriental (“*resulta penoso verlo entre los anaqueles de la Biblioteca Pública*”),<sup>65</sup> não faz sentido quando analisado no contexto dessas relações. Tanto que não encontrei nenhum documento da época que fizesse qualquer referência negativa ao fato de Larrañaga ter trabalhado na Biblioteca de Buenos Aires. Ademais, depois que renuncia ao cargo e volta para Montevidéu, continua gozando de muito prestígio junto ao próprio Artigas, que o apoia na ascensão que vai ter em sua carreira eclesiástica, como também em projetos, cujo maior deles foi a criação da Biblioteca Pública de Montevidéu. Já seus biógrafos costumam problematizar o fato. Até mesmo Narancio, com total conhecimento das relações que uniam Larrañaga aos antigos colegas do *Real Colegio*, alguns deles ligados à Biblioteca de Buenos Aires, e conhecendo também seu particular interesse pelos livros, atribuiu-lhe certo desconforto neste período em que esteve entre os portenhos:

*El ejército de los federales caminaba a ritmo lento e inexorable sobre Buenos Aires. Muchas veces habrá consultado Larrañaga con su conciencia si era compatible su situación de empleado a sueldo del gobierno que hacia la guerra a sus comprovincianos y su condición de oriental. Menos de una semana antes de que Artigas, desde su cuartel de Paraná, dirigiera su conminación a Córdoba, al enviar sus tropas a Santa Fe, presentó su renuncia.*<sup>66</sup>

Faria mais sentido, talvez, no contexto da época, e até mesmo agora, conhecida toda a obra deixada por Larrañaga no âmbito das ciências naturais, perguntar o quão difícil deve ter sido para ele tomar a decisão de voltar a Montevidéu deixando para trás o emprego que, como escreveu numa correspondência a Artigas, era muito importante e bastante relacionado aos seus interesses.<sup>67</sup>

Pode-se afirmar, portanto, que nas relações estabelecidas por Larrañaga, aquelas firmadas no âmbito eclesiástico, especialmente ligadas ao grupo de egressos do *Real Colegio de San Carlos*, entre os quais eram fortalecidas pelo interesse comum pelos estudos da

---

<sup>65</sup> NARANCIO, op. cit., p.VII.

<sup>66</sup> Ibid., p. XIV.

<sup>67</sup> Repito aqui trecho de carta que já citei no segundo capítulo: “*Para venir entre los míos ultimamente dexé un empleo quantioso y el mas analogo á mi genio;*”. Larrañaga a Artigas, Montevidéu, 09/12/1815. **Archivo Artigas**, tomo 22, p. 214-215.

natureza, sem dúvida tiveram peso significativo no rumo tomado por ele em momentos bastante importantes de sua vida.

Para encerrar esta seção, quero tratar brevemente de outra figura eclesiástica bastante relevante e que também fez parte das relações de Larrañaga. Refiro-me ao sacerdote montevidiano José Manuel Pérez Castellano (1743-1815), outro exemplo de membro do clero deste período que, assim como Larrañaga, além da carreira eclesiástica, teve importantes participações em assuntos políticos. Paralelamente, e apesar de pertencer à geração anterior, foi também um grande estudioso, principalmente de Agricultura, tendo deixado uma série de manuscritos sobre diversos assuntos.<sup>68</sup> Todavia, para além das coincidências biográficas, Pérez Castellano e Larrañaga foram grandes amigos e colaboradores.

Tal amizade e colaboração entre os dois fica evidente numa das principais obras de Pérez Castellano, *Observaciones sobre Agricultura* (1814).<sup>69</sup> Vejamos, como exemplo, alguns trechos:

*[...] me hallo en casa con los dieciséis tomos de la obra de Rozier, la que mediante la dirección de mi amigo don Dámaso Antonio Larrañaga, mandé buscar a la chacara de sus hermanos, y que se me franqueó generosamente. De ella he sacado, o al pie de la letra o en extracto, lo que en el suplemento se dice acerca del aceite, aceitunas, de la vid y su cultivo, de la manipulación del vino, vinagre, sidra, y algunas cosas más, que pueden verse allí. (t. I, p. 10);*

*Un amigo mío inteligente y versado en todos los reinos de la naturaleza, que le ha sido posible investigar en esta campaña en la extensión de treinta leguas, me ha dicho que este gusano [referindo-se a uma praga que atacava as plantas] nace de un insecto volante, que recoge las alas debajo de cubiertas testáceas, y en la cabeza, armada de tenazas con que muerde, tiene dos antenas largas, tal vez tanto o más que el cuerpo. Este lo será como pulgada y media. [...] He verificado con la experiencia ser cierto lo que me dijo Larrañaga. (t.1, p. 31);*

*Para que este artículo no dejase mucho que desear a los hortelanos del Miguelete, escribí a mi amigo don Dámaso Antonio Larrañaga, que actualmente se halla empleado en la biblioteca pública de Buenos Aires, me hiciese el favor de tomarse el trabajo de ver en algunos autores buenos, y aún de preguntarlo también a algunos inteligentes de aquella ciudad, la manera o maneras con que se adoban las aceitunas verdes para comer, y con que se extrae el aceite de las maduras; porque careciendo yo absolutamente de libros de agricultura, a no ser que puedan llamarse tales las Geórgicas de Virgilio, no puedo hablar de la materia ni por experiencia propia, que no la tengo, ni por la de otros; pues como he dicho ni tengo libros, ni a*

<sup>68</sup> Sobre Pérez Castellanos, ver: MAÑÉ GARZÓN, Fernando. **El Glorioso Montevidiano**: vida y obra de José Manuel Pérez Castellano (1742-1815). Montevideo: Centro de Difusión del Libro, 1998, 1999 e 2003. 3t. CICALÉSE, Vicente O. **Montevideo y su primer escritor**: José Manuel Pérez Castellano. Montevideo: Biblioteca Uruguaya de Estudios Literarios, 1987.

<sup>69</sup> PÉREZ CASTELLANO, José Manuel. **Observaciones sobre agricultura** (Reproducción facsimilar de la edición de 1848). Montevideú: Biblioteca Nacional, RAP-AL Uruguay, 2007. 2t. Disponível em: <://webs.chasque.net/~rapaluy1/publicaciones/Observaciones\_sobre\_Agricultura.html>. Acesso em: 08 maio 2015. Fernando Mañé Garzón fala a respeito da amizade e colaboração nos estudos entre Larrañaga e Castellano e cita algumas outras referências em: MAÑÉ GARZÓN, op. cit., t. II 2, p. 79 - 82.

*quien preguntarlo, por la necesidad en que me han puesto las actuales circunstancias de vivir aislado en la soledad de mi chácara.* (t.I p. 101).

[...] *me lo ha asegurado mi paisano y amigo don Dámaso Antonio Larrañaga, a cuya obsevación, y no a la mía, debo el saber que el fruto lo echa la planta en las flores bajas, que se hallan inmediatas a la raíz* [referindo-se a uma planta indígena].(t. II, p. 9).

Como se pode observar, os registros mais uma vez remetem à troca de informações entre sacerdotes interessados no mesmo tema; no caso de Pérez Castellano, com maior interesse na área da agricultura. Também a questão da escassez de livros técnicos relacionados a pesquisas que realizavam se revela nesses escritos, sendo que dois deles remetem a pedidos feitos por Castellano a Larrañaga, valendo-se inclusive, do emprego que este ocupava na Biblioteca de Buenos Aires, ainda que, na sequência do trecho escrito, ele afirme que não recebeu a resposta sobre a consulta a tempo de incluir no texto. Percebe-se também que Castellano demonstra admiração e respeito por Larrañaga, levando bastante em conta suas observações e estudos a respeito da natureza. Dois anos depois dessa publicação, Larrañaga vai ter oportunidade de retribuir as palavras do amigo, morto em seus braços em 1815. Em sua *Oración Inaugural*, que redigiu para pronunciar na abertura da Biblioteca Pública de Montevideú, no dia 26 de maio de 1816, ele escreveu:

*Sean por último muy respetables las cenizas del venerable anciano nuestro compatriota el finado Dr. D. José Manuel Perez y Castellano, el primer Presbitero y doctor de vuestro país. Hace poco que este nuestro Mentor muriendo entre mis brazos, dexó para mayor perpetuidad de este Establecimiento lo mejor parado de sus bienes; Pero el legado mas precioso es su 'Opúsculo de Agricultura', sazonado fruto de sus últimos años llenos de experiência y sabiduria.*<sup>70</sup>

Alguns anos antes, no seu *Diario de História Natural (1808-1814)*, Larrañaga já havia registrado sua amizade com Pérez Castellano, mostrando-se agradecido: "*Es el que más me alienta en esta empresa, a quien más molesto con mis repetidas consultas, y a quien también soy deudor de muchas observaciones, que se citam en este diário*".<sup>71</sup>

Entre as determinações que deixou estabelecidas em testamento, Pérez Castellano doou a casa que tinha na cidade, com todos os livros que estavam dentro, para o

<sup>70</sup> LARRAÑAGA, Oración Inaugural. In.: **Biblioteca de impresos raros americanos**, t.II, op. cit., p. 37-38.

<sup>71</sup> *Diario de Historia Natural*, 05 de janeiro de 1808, citado por: MAÑÉ GARZÓN, Fernando. **El Glorioso Montevideano: vida y obra de José Manuel Pérez Castellano**. Montevideo: Centro de Difusión del Libro, 1998. t.I, p. 290. O manuscrito digitalizado do *Diario de Historia Natural 1808-1814* está disponível para consulta online no site do *Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani*, sendo que o trecho citado por Mañé Garzón encontra-se na página 4: [http://ravignanidigital.com.ar/libros/larraniaga/lar\\_0000.html?h=4&p=0](http://ravignanidigital.com.ar/libros/larraniaga/lar_0000.html?h=4&p=0).

estabelecimento de uma biblioteca pública,<sup>72</sup> o que acabou, em parte, concretizando-se, pois, no ano seguinte, quando foi criada a Biblioteca Pública de Montevidéo, os livros foram incorporados ao acervo. É por isso que, para alguns autores, entre os quais está Alfredo R. Castellanos, ao fundar a Biblioteca Pública, Larrañaga foi, na verdade, o executor do pensamento de Pérez Castellano.<sup>73</sup>

José Salgado, que também credita a ideia de criação da biblioteca montevideana a Pérez Castellano, afirma que, inicialmente, o testamento deixado por este em 1814 designava José Raymundo Guerra como bibliotecário encarregado de para cuidar dos livros e fundar a biblioteca, e, no caso de este não poder assumir a tarefa, esta recairia em Larrañaga. Foi o que aconteceu, pois foi este que, em 1815, propôs a criação do estabelecimento e obteve a aprovação do *Cabildo* e de Artigas. José Raymundo Guerra, conforme já registrei no segundo capítulo, era também um grande amigo de Larrañaga, a ponto de tornar-se uma espécie de secretário particular deste, lendo e escrevendo para ele, a partir do momento em que perdeu a visão, por volta de 1825.

Pérez Castellano, apesar de pertencer a uma geração de sacerdotes formada antes da expulsão dos Jesuítas dos territórios da Espanha, compartilhava desse interesse pelos estudos da natureza que a nova orientação dada aos estudos de formação de sacerdotes no final do século XVIII despertou em Larrañaga, Segurola, Gomensoro, Muñoz, entre muitos outros. Os clérigos 'naturalistas', de acordo com Roberto Di Stefano, ou, como ele os chama em seu artigo, os "*colegas clérigos del joven Darwin*" se extinguiriam durante a primeira metade do século XIX, "*tal como esas especies de edades remotas cuyas reliquias gustaban buscar en las barrancas de los ríos y exponer en los anaqueles de sus bibliotecas*".<sup>74</sup> Fatores como a guerra e outras urgências que demandavam atenção dos sacerdotes, desviaram-nos de suas pesquisas, ao mesmo tempo que outras profissões, como médicos e professores, foram se firmando, ocupando espaços que anteriormente eram do clero. Paralelamente a isso, outras questões e problemas novos ganharam destaque dentro da Igreja, fazendo com que começasse a surgir uma nova maneira de pensar o sacerdócio, mais "*centrado en sus tareas más estrictamente pastorales y espirituales, enemigo del compromiso político y difidente de eventuales inclinaciones hacia áreas de actividad ahora más claramente catalogadas como profanas*".<sup>75</sup> A geração que seguiu a de Larrañaga e de seus colegas naturalistas estaria, pois,

<sup>72</sup> Cf.: MAÑÉ GARZÓN, op. cit., t. II, 1999, p. 189.

<sup>73</sup> CASTELLANOS, **Contribución al estudio de las ideas...**, op. cit., p. 54.

<sup>74</sup> DI STEFANO, *Colegas clérigos del joven Darwin*, op. cit., p. 19.

<sup>75</sup> *Ibid.*, p. 20.

muito mais preocupada em defender os direitos da Igreja frente às intromissões do poder temporal.<sup>76</sup>

As relações estabelecidas por Larrañaga por conta de seus estudos naturalistas, sem dúvida, abrangem um número muito maior de pessoas do que aquelas abordadas nesta seção. No entanto, como procurei demonstrar nas páginas acima, a rede formada pelos sacerdotes naturalistas teve um peso muito grande na carreira de Larrañaga, que, nas oportunidades que teve, sempre procurou ampliá-la e fortalecê-la, demonstrando que tinha consciência da importância destas relações, principalmente para o avanço das pesquisas que desenvolviam em comum, mas também em outras questões que transcendiam o âmbito dos estudos naturalistas, como no caso em que ocupou o posto de bibliotecário, em Buenos Aires. Outro grupo bastante importante foram os viajantes europeus, a maioria deles também naturalistas, com os quais Larrañaga teve contato, seja por via epistolar ou pessoalmente. Alguns desses personagens são o foco da próxima seção.

### 3.2 Os contatos com os naturalistas europeus

No primeiro capítulo mostrei que a obra "científica" de Larrañaga passou a ser valorizada a partir de algumas publicações no final do século XIX,<sup>77</sup> mas que obteve maior reconhecimento principalmente depois da publicação de seus escritos na primeira metade do século XX. Por outro lado, escrevi também que, mesmo não tendo sido este o principal foco dos dois textos surgidos dias depois de sua morte<sup>78</sup>, em 1848, ainda assim, não deixaram de fazer referências breves às correspondências que Larrañaga trocou com conhecidos naturalistas europeus. Portanto, apesar de que no século XX as publicações de textos deixados por Larrañaga tenham colaborado para aumentar e consolidar sua imagem de "sábio", o que mais chamou a atenção dos biógrafos desde o princípio foi o fato de ele ter se correspondido com algumas figuras importantes da Europa nessa área de estudos naturalistas.

Na terceira seção do primeiro capítulo coloquei vários exemplos de biógrafos que citaram as opiniões emitidas por estes naturalistas sobre Larrañaga, muitos dos quais usaram mesmo a expressão "sábio" para se referir a ele. Não vou retomar aqui esses exemplos, e nem

---

<sup>76</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>77</sup> Cf.: LAMAS, Andrés. Don Dámaso Antonio Larrañaga – natural de Montevideo. **Revista Histórica**, Montevideo, T. III, p. 139-152, 1910-1911. DE PENA, op. cit.

<sup>78</sup> Cf.: VILLADEMOROS, op. cit. e ESTRAZULAS Y LAMAS, Santiago. Don Dámaso Antonio Larrañaga: oración fúnebre pronunciada en la Iglesia Matriz de Montevideo el 1º de marzo de 1848. **Revista Nacional**, Montevideo, T.XII, p. 137-145, 1940.

tratar de todas as hipóteses levantadas pelos biógrafos. O que me interessa neste capítulo é procurar entender de que forma Larrañaga estabeleceu estes contatos, o propósito com que foram estabelecidos, e a importância que tinham entre suas atividades. Procuo analisar algumas dessas correspondências e outros documentos que registraram estas relações, evitando apenas concentrar-me nos elogios - que não são poucos, de maneira que é natural que tenham chamado tanto a atenção dos biógrafos – e procurando entender que tipo de colaboração existiu entre Larrañaga e estes personagens.

\*\*\*

É bastante conhecida uma correspondência de 1804, que já citei neste capítulo, endereçada a Barcelona, na qual Larrañaga solicita a ajuda de botânicos espanhóis que pudessem orientá-lo nas tarefas de classificação e organização de suas coleções.<sup>79</sup> Nesta, ele diz jamais ter se comunicado com um botânico desde o pouco tempo em que começara a estudar essa área. Não consta que tenha havido resposta a essa carta, e nem é possível saber com certeza se de fato foi enviada para a Espanha, pois o que se conhece dela é um rascunho que foi publicado no livro de Escritos editado em 1923 pelo Instituto Histórico e Geográfico do Uruguai. De qualquer forma, trata-se de um registro importante, por indicar os primeiros passos de Larrañaga no terreno da botânica e, sobretudo, por indicar o início de um período em que ele começa a procurar estabelecer essa rede de contatos, seja com seus colegas clérigos, com botânicos e viajantes, ou qualquer outra pessoa capaz de colaborar com o envio de alguma informação, a remessa de um livro ou até mesmo de plantas, animais ou materiais necessários aos seus estudos.

Existe uma possibilidade, levantada por Alfredo R. Castellanos, de que a inclinação de Larrañaga para os estudos naturalistas, naquele início do século XIX, possa ter tido alguma influência daquele que ele chama de "*improvisado naturalista*",<sup>80</sup> o espanhol Félix de Azara (1742-1821). Azara chegou ao Rio da Prata em 1781, integrando um grupo encarregado de fixar os limites entre os territórios da Espanha e de Portugal, estabelecidos pelo Tratado de Santo Ildefonso (1777), e permaneceu na região durante 20 anos, por conta dos atrasos no projeto de demarcação. Neste período, teve a oportunidade de explorar o território e realizar diversos estudos naturalistas, bem como escrever sobre os hábitos e costumes locais. Muitos

---

<sup>79</sup> Rascunho de uma carta de Larrañaga para botânicos de Barcelona, Montevideu, 04/1804. LARRAÑAGA, **Escritos**, op. cit., p. 252-256.

<sup>80</sup> Cf.: CASTELLANOS, **Contribución al estudio de las ideas...**, op. cit., p. 12-15.



destes escritos, resultado de suas pesquisas e observações, foram, inclusive, publicados na Europa, ainda naquela época.<sup>81</sup>

A hipótese de que Azara tenha tido influência no interesse de Larrañaga pelas ciências naturais, como o próprio Castellanos admite, não tem como ser comprovada. No entanto, são interessantes os argumentos a partir dos quais este autor constrói sua teoria. Segundo Castellanos, é possível que Azara e Larrañaga tenham se conhecido pessoalmente no final do século XVIII, pois o espanhol teria estado em Montevidéu diversas vezes neste período, inclusive, depois de 1796, quando Larrañaga já voltara do *Real Colegio de San Carlos*, de Buenos Aires. Nesta mesma época, um dos integrantes da missão de demarcação da qual Azara fazia parte, o engenheiro José Custódio de Saa e Faria, que era português, mas estava a serviço da coroa espanhola, ajudava o padre Ortiz na construção da nova Igreja Matriz de Montevidéu. Azara teria que se encontrar com o engenheiro devido às atividades de demarcação de limites que lhes eram comuns, e, numa destas ocasiões em que fora encontrá-lo, é possível que tenha conhecido Larrañaga, que estaria ao lado do Padre Ortiz,<sup>82</sup> exceto no período em que se ausentou para se ordenar no Rio de Janeiro – entre os últimos meses de 1798 e o começo de 1799.<sup>83</sup> Outro dado acrescentado nesta trama é que uma cópia do texto *Memoria y plano para la demarcación de límites en esta América Meridional*, o qual foi apresentado pelo engenheiro Saa y Faría, em 1778, foi encontrado entre os papéis de Larrañaga.<sup>84</sup> Considerando todos estes indícios, pois, existiria, no entendimento de Castellanos, a chance de Larrañaga ter conhecido os trabalhos de investigação desenvolvidos por Azara a partir de um contato pessoal entre os dois.

Não obstante a impossibilidade de comprovação da hipótese de Castellanos, é certo que em algum momento Larrañaga entrou em contato com a produção escrita de Azara. Em 1808,

---

<sup>81</sup> Ver, por exemplo: AZARA, Félix de. **Memoria sobre el estado rural del Río de la Plata y otros ensayos**. Buenos Aires: Editora Bajel, 1943.

<sup>82</sup> Castellanos remete a Rafael Algorta Camusso para afirmar que Larrañaga trabalharia ao lado de Ortiz. Camusso, por sua vez, baseia-se num documento assinado por Ortiz para o processo prévio de ordenação de Larrañaga, no qual ele escreve que este "*tenía asistencia continua a la Iglesia y frecuentaba los Santos Sacramentos*". Sobre este mesmo período da vida de Larrañaga, Edmundo Favaro afirma que ele teve uma *Capellanía* escriturada em seu nome a título de ordenação, sendo que uma das obrigações referentes a esta *capellanía* era rezar uma missa na Igreja Matriz, todos os domingos. Tudo indica, pois, que neste período Larrañaga tenha tido bastante contato com o padre Ortiz. Cf.: CASTELLANOS, **Contribución al estudio de las ideas...**, op. cit., p.14. CAMUSSO, Rafael Algorta. **El padre Dámaso Antonio Larrañaga**: apuntes para su biografía. Montevideo: Talleres Gráficos A. Barreiro y Ramos, 1922, p. 10-11. FAVARO, op. cit. p. 20.

<sup>83</sup> Larrañaga também viajou a Córdoba no começo de 1798, ocasião em que recebeu a primeira das ordens maiores, o subdiaconato.

<sup>84</sup> O referido plano, de fato, consta entre os escritos de Larrañaga publicados pelo Instituto Histórico e Geográfico do Uruguai. Cf.: Plano para la demarcación de esta América Meridional, formado por el Brigadier Don José Custodio de As y Faria com arreglo al Tratado Preliminar de Limites, i Instruccion de la Corte, propuesto al Virrey del Brasil, por el Exmo. Sr. Don Juan José de Vertiz y Salcedo, Virrey, Gobernador y Capitán General de estas Provincias. Año de 1778. In: LARRAÑAGA, **Escritos**, op. cit. p. 89-103.

ao escrever para Bartolomé Muñoz e mencionar a classificação de alguns tatus com os quais estava envolvido, refere-se em mais de uma ocasião ao "*señor Azara*".<sup>85</sup> Outra referência ele faz no texto da *Oración Inaugural* da Biblioteca Pública, de 1816, no qual Azara é citado ao lado de outros nomes mencionados entre os "*célebres expositores de la naturaleza*" que se encontravam nas estantes da recém inaugurada instituição, dos quais conclui: "*son los mejores maestros que pueden dirigirnos en tan importantes investigaciones*".<sup>86</sup> Ademais, no *Diario de viaje desde Montevideo al pueblo de Paysandú*,<sup>87</sup> escrito por Larrañaga em 1815, no qual ele faz uma série de observações a respeito do interior da Província Oriental e aponta soluções para determinados problemas que identifica; algumas destas soluções se aproximam das ideias apresentadas por Azara no texto que publicara pouco tempo antes: *Memoria sobre el estado rural del Río de la Plata en 1801*.<sup>88</sup>

Outra suposição feita por Alfredo R. Castellanos a respeito de possíveis contatos de Larrañaga com pesquisadores europeus e de sua influência no seu interesse pelos estudos naturalistas diz respeito à passagem da expedição científica de Alejandro Malespina por Montevideú, em 1789. Junto aos diversos pesquisadores europeus que faziam parte desta, tomou parte o montevideano Francisco Javier de Viana, que escreveu um diário de viagem, cujo manuscrito é citado por Larrañaga na *Oración Inaugural*, em 1816.<sup>89</sup>

Essas duas hipóteses sobre contatos de Larrañaga com pesquisadores europeus, pessoalmente, mesmo que se pudessem confirmar, teriam ocorrido no ainda no século XVIII. portanto, quando ainda não tinha começado com suas pesquisas. Tanto que as possibilidades levantadas por Castellanos se referem mais a possíveis influências no despertar do interesse do jovem sacerdote pelas ciências do que qualquer contato no intuito de troca experiências, diálogo e colaboração, como ocorre no caso das correspondências e contatos que passa a estabelecer a partir de 1804.

Em 1806, por exemplo, está em contato com o mineralogista inglês John Mawe (1764-1829). Uma carta enviada por este a Larrañaga, escrita numa mistura de espanhol e inglês,

<sup>85</sup> Larrañaga a Bartolomé de Muñoz, Montevideú, 22/06/1808. LARRAÑAGA, *Selección de Escritos*, op. cit., p. 11-13.

<sup>86</sup> LARRAÑAGA, *Oración Inaugural*, op. cit., p. 36. Em outros documentos, como numa carta a Bonpland, em 1818, Larrañaga se refere a obras de Azara. Larrañaga a Aimé Bonpland, Montevideú, 26/02/1818. LARRAÑAGA, *Escritos*, op. cit., p. 260-261.

<sup>87</sup> Cf.: LARRAÑAGA, Dámaso Antonio. *Diario de viaje desde Montevideo al pueblo de Paysandú*. In: \_\_\_\_\_. *Escritos*, op. cit., p. 37-84.

<sup>88</sup> AZARA, Félix de. *Memoria sobre el estado rural del Río de la Plata y Otros Ensayos*. Buenos Aires: Editora Bajel, 1943. Sobre as semelhanças entre as ideias expressadas por Larrañaga no seu diário de viagem de 1815 e o texto de Azara, escrevi em: BIDINOTO, Lauro Manzoni. *De Montevideú a Paysandú com Dámaso Antonio Larrañaga: diário de uma viagem na Banda Oriental de 1815*. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH*. São Paulo: ANPUH, 2011.

<sup>89</sup> CASTELLANOS, *Contribución al estudio de las ideas...*, op. cit., p. 15.

revela que havia certa colaboração entre os dois. Mawe refere-se à carta anterior em que Larrañaga havia lhe descrito "*el campo y los Espectáculos del combat asi horroroso*".<sup>90</sup> Suponho que Larrañaga lhe tenha escrito contando sua participação, como Capelão do Regimento de Voluntários de Infantaria, na luta pela reconquista de Buenos Aires das mãos dos ingleses, em agosto de 1806. Neste mesmo ano, em carta ao cunhado Pedro Francisco Berro, ele havia descrito com bastantes detalhes sua participação na expedição que resultou na expulsão dos ingleses.<sup>91</sup> Mas não é só da guerra que trata a correspondência de Mawe, a despeito de conter muitas referências desse tipo. Indica também a remessa junto com esta de uma coleção de minerais, ao mesmo tempo que o autor se lamenta pelo fato de seus livros estarem em Montevideu e não ter consigo, por exemplo, "*el libro de Chili o la Historia Natural de estas Americas*". Mawe, que estava no interior da Província, pelo visto não tinha permissão para ir até Montevideu, provavelmente por razões que tinham relação com a luta contra os ingleses, e ao final da carta acaba pedindo a Larrañaga o favor de que lhe enviasse os doze tomos do livro *Historia de Chili*.

Essa amizade de Larrañaga com Mawe teria continuado, mesmo depois da volta deste para a Europa.<sup>92</sup> Para Alfredo R. Castellanos, que escreveu um artigo sobre a biblioteca que Larrañaga constituiu ao longo da vida, é possível que Larrañaga tenha adquirido muitos dos livros a que se refere em seus registros, especificamente alguns escritos em inglês, com o próprio Mawe, que talvez até o tenha presenteado como agradecimento a favores como o que lhe pedira em 1806.<sup>93</sup>

Também sobre livros tratou a primeira carta que estabeleceu contato entre Larrañaga e o naturalista francês Aimé Bonpland (1773-1858).<sup>94</sup> Desde Buenos, onde se encontrava em 1818, Bonpland escreveu a Larrañaga manifestando o desejo de conhecê-lo pessoalmente e oferecendo-lhe algumas obras:

<sup>90</sup> John Mawe a Larrañaga, Calera Bariga Negra, 26/11/1806. LARRAÑAGA, **Escritos**, op. cit., p. 246-247.

<sup>91</sup> Larrañaga a Pedro Francisco Berro, Buenos Aires, 16/08/1806. "Reconquista de Buenos Aires". LARRAÑAGA, Dámaso Antonio. **Escritos**, op. cit., p. 107 a 110.

<sup>92</sup> De acordo com Alfredo R. Castellanos, o *Archivo General de la Nación* guarda "*una afectuosa correspondencia epistolar*" entre Larrañaga e Mawe. CASTELLANOS, Alfredo R. . La Biblioteca Científica del Padre Larrañaga. **Revista Historica**, Montevideo, Año XLII, 2º epoca, tomo XVI, p. 589-626, 1948, p. 597.

<sup>93</sup> Castellanos também afirma que, mais tarde, Mawe se ofereceu para servir como "*corresposnal bibliográfico*" em Londres. *Ibid.*, p. 597.

<sup>94</sup> Sobre as correspondências de Larrañaga com Bonpland e Saint-Hilaire, bem como sobre a ideia de uma rede entre estes e outros naturalistas, ver: LOPES, Maria Margaret; Alda Lucia Heizer. Bonpland, Saint-Hilaire e Megatherium nas cartas de Larrañaga. In:\_\_\_\_\_. **Colecionismos, práticas de campo e representações**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 12-29. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/rk6rq/pdf/lopes-9788578791179-01.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2015.

*Al partir de Europa, creí conveniente, siguiendo el consejo de varios amigos de traer libros para acá; seguí sus consejos y traje sobre todo un buen número de libros de Historia natural. He colocado algunos de ellos en la biblioteca de este país, pero me quedan, todavía. Aunque yo creo que con su viaje al Brasil su biblioteca particular habrá aumentado mucho y la de su ciudad también, le envío una lista de algunas obras y en el número Vd. encontrará ciertamente alguna que Vd. no posee.<sup>95</sup>*

Neste caso, não se tratava de um presente, Bonpland trouxera os livros para venda, apenas se propunha dar um desconto de 10%, caso Larrañaga comprasse alguns para si ou para a biblioteca. Pedia agilidade na resposta, pois também havia enviado a lista de livros para o Chile, de onde aguardava retorno. No final, Bonpland chega a desculpar-se por tratar de comércio e História Natural ao mesmo tempo, mas o fato é que parecia bastante empenhado em vender os tais livros. Desde esta primeira carta e, logo, nas demais que enviaria ao longo daquele mesmo ano, declara-se admirado com o fato de Larrañaga ter progredido tanto no estudo das ciências naturais, mesmo sozinho. Em mais de uma ocasião também vai manifestar interesse em manter contato frequente por correspondência.

Outro ponto, já bastante explorado pelos biógrafos de Larrañaga, mas que, ainda assim, merece destaque, nestas correspondências enviadas por Bonpland em 1818, é a insistência em propor a Larrañaga que publique seus trabalhos na Europa:

*¡Ah si yo pudiera admirar todos los tesoros que Vd. ha recogido y verlos pronto publicar, a fin de que toda Europa haga justicia a sus meritos y los esfuerzos que Vd. ha hecho por una ciencia tan amable y tan generalmente cultivada por todas las clases de la sociedad! [13 de fevereiro de 1818]<sup>96</sup>*

*Al venir a esta parte de America tenia por objeto enviar desde aqui manuscritos a Europa y empezar a publicar la Historia natural de este país, hasta tengo amigos em Paris que deben encargarse de seguir las laminas y la impresion de todo lo que yo enviaria; pero hasta ahora no les he remitido nada ni les remitiré nada hasta haberlo visto a Vd. y saber positivamente por Vd. cuales son sus intenciones sobre el particular. Yo sabria con desesperacion, que publicaba sin su asentimiento trabajos a los que Vd. tiene mil veces mas derecho que yo y que por lo demas considero como de su propiedad. [02 de abril de 1818]<sup>97</sup>*

*Ah si pudiésemos señor Doctor, reunir nuestros trabajos y empezar enseguida la Historia natural de estos países! Ella esperada en Europa, y creo poder asegurar que sera alla bien acogida. [15 de setembro de 1818]<sup>98</sup>*

<sup>95</sup> Todas as cartas assinadas por Bonpland que cito neste capítulo foram escritas originalmente em francês. As citações que faço foram retiradas das cartas traduzidas para o espanhol por María Isabel Belloni na publicação indicada na referência, na qual constam as duas versões, em francês e espanhol. Aimé Bonpland a Larrañaga, Buenos Aires, 13/02/1818. LARRANAGA, **Escritos**, op.cit., p. 257-259.

<sup>96</sup> Ibid.

<sup>97</sup> Aimé Bonpland a Larrañaga, Buenos Aires, 02/04/1818. LARRANAGA, **Escritos**, op.cit., p. 261-264.

<sup>98</sup> Aimé Bonpland a Larrañaga, Buenos Aires, 15/09/1818. LARRANAGA, **Escritos**, op. cit., p. 269-275.

Reparemos que num dos trechos citados Bonpland se refere a Larrañaga como "Doctor". Trata-se, no entanto, apenas de mais uma das tantas expressões encontradas pelo naturalista francês no intuito de deixar clara sua admiração e respeito por Larrañaga. Sobre este suposto título de "doutor", o biógrafo Edmundo Favaro sugere que de fato ele o tenha obtido, pois teria feito uso deste em determinados documentos.<sup>99</sup> Talvez se refira, por exemplo, à forma como o sacerdote é apresentado no documento em que o *Cabildo* de Montevideu despacha autorização para que junto com Jerónimo Pío Bianqui atue como deputado frente à corte portuguesa no Brasil, em 1817, no qual consta como "Doctor Presbítero Don Dámaso Antonio Larrañaga", entre outros títulos.<sup>100</sup> No entanto, esse documento, que o mesmo Favaro critica, como observei no primeiro capítulo, por conta da forma como os deputados são apresentados, "*haciendo ostentoso alarde de los títulos y empleos de éstos, de acuerdo a la modalidad de la nación dominadora*",<sup>101</sup> precisa ser visto dentro de um contexto em que a "ostentação" de títulos era completamente normal. Na ocasião específica, aqueles que produziram o documento certamente tinham a intenção de valorizar ao máximo a qualificação de seus interlocutores frente ao rei. A convocação que, dias antes, o *Cabildo* enviara a Larrañaga para participar da missão, referia-se à falta que ele poderia fazer em Montevideu, mas concluía: "*Sin embargo, el negocio es grande, y quien lo maneja no puede ser chico*".<sup>102</sup> Ou seja, o uso desse título de doutor em determinadas ocasiões não significa que Larrañaga o tivesse obtido. O próprio Favaro afirma desconhecer as circunstâncias nas quais isso teria acontecido, pois o *Real Colegio*, em Buenos Aires, não estava habilitado para isso e não consta que Larrañaga tenha se dirigido a outra instituição com essa finalidade.<sup>103</sup>

O fato é que não se conhece nenhum documento que comprove que Larrañaga tenha obtido o título de doutor, o que não impediu que este tenha sido usado em certos documentos da época, seja por conveniência das circunstâncias ou pelo ímpeto de seus interlocutores em reconhecer a importância do seu trabalho, bem como por vários de seus biógrafos. Existe, por outro lado, uma indicação importante de que não tenha se doutorado. Trata-se do testemunho

<sup>99</sup> FAVARO, op. cit., p. 17.

<sup>100</sup> No documento, Larrañaga é apresentado como: "*Doctor Presbítero Don Dámaso Antonio Larrañaga, Cura Rector y Juez Eclesiástico de la Iglesia Matriz de Montevideu, Vicario General y Comisario de la Santa Cruzada en las tres Provincias de esta Banda Oriental del Paraná, Capellán Mayor Castrense y Director de la Biblioteca de esta ciudad*"; El Cabildo de Montevideo autorizando los diputados Larrañaga y Bianqui ... Montevideu, 31/01/1817. Transcrito em: INSTITUTO ARTIGAS DEL SERVICIO EXTERIOR. **La diplomacia de la Pátria Vieja** (1811-1820) Montevideu: 1990, p. 341-342.

<sup>101</sup> FAVARO, op. cit., p. 74.

<sup>102</sup> *Cabildo* de Montevideu a Larrañaga, Montevideu, 28/01/1817. Transcrito em: FAVARO, op. cit., 128-129.

<sup>103</sup> FAVARO, op. cit. p. 17.

de alguém que foi seu contemporâneo e o conheceu pessoalmente, o autor de uma de suas primeiras biografias, Carlos Villademoros. No começo do "*artículo biográfico*" que publicou logo após a morte daquele, ele mesmo chamou Larrañaga de doutor, porém, mais adiante escreveu:

*El título de Doctor ha sido dado siempre por todos al padre Larrañaga. nosotros mismos se lo hemos aplicado al principio de este artículo; pues bien, ni lo era, ni jamás había querido serlo. Siendo aún Joven, un deudo suyo que deseaba verlo aparecer con distinción, le ofreció sufragar todos los gastos que tuviese que hacer para doctorar-se; pero a sus reiteradas instancias, siempre contestó, negandose y diciendo que mas queria ser docto que doctor.*<sup>104</sup>

Voltando, pois, às suas relações com Bonpland, as respostas que envia a este, em 1818, mostram a admiração recíproca que tinha pelo naturalista francês e seu colega alemão Alexander Von Humboldt (1769-1859), com o qual realizara diversos trabalhos. Inclusive, numa dessas cartas, Larrañaga comunica que, em homenagem aos dois pesquisadores, usara o nome deles para a classificação de determinado tipo de cetáceos.<sup>105</sup>

Nestas correspondências, em vez da falta de livros, que em tantas outras oportunidades falara nos anos anteriores, chega a referir-se em "*abundancia*" de livros, afirmando que conseguira ultimamente catálogos mais completos que o obrigavam a fazer mudanças em suas classificações.<sup>106</sup> Algumas dessas obras, como o próprio Bonpland já sabia, foram adquiridas na ocasião em que viajou ao Rio de Janeiro, no ano anterior.<sup>107</sup> Ainda assim, parece que acabou comprando cinco dos livros que Bonpland lhe oferecera. Na carta em que este lhe manda junto aos livros, com o prometido desconto de 10%, pede que Larrañaga consulte algum livreiro da cidade para ver se poderia se interessar por certas obras, entre elas uma de astronomia de autoria dele próprio, junto com Humboldt, as quais, escreve, havia enviado junto apenas para encher a caixa e evitar que os livros sofressem na viagem.<sup>108</sup> Nesta mesma, ele também afirma que, anteriormente, ao enviar a lista de livros, pensava, na verdade, que a Biblioteca Pública de Montevideu poderia se interessar por eles e comprá-los, de maneira que Larrañaga pudesse utilizá-los também. Nenhum comentário sobre esta possibilidade aparece nas cartas de Larrañaga. No entanto, o mais provável é que ele mesmo adquirisse os livros e os doasse à Biblioteca, assim como já havia feito ao propor a sua criação: "*Para ello cuento*

<sup>104</sup> VILLADEMOROS, op. cit., p. 128.

<sup>105</sup> Larrañaga a Aimé Bonpland, Montevideu, 25/05/1818. LARRAÑAGA, **Escritos**, op. cit., p. 267-269.

<sup>106</sup> Larrañaga a Aimé Bonpland, Montevideu, 26/02/1818. LARRAÑAGA, **Escritos**, op. cit., p. 260-261.

<sup>107</sup> "*En el Janeyro, compré la grande edicion de Buffon por Sonini, A.Cuvier y otros celebres zoologistas*".

Larrañaga a Aimé Bonpland, Montevideu, 25/05/1818. LARRAÑAGA, **Escritos**, op. cit., p. 267-269.

<sup>108</sup> Aimé Bonpland a Larrañaga, Buenos Aires, 02/04/1818. LARRANAGA, **Escritos**, op.cit., p. 264-267.

*con casi todos mis/libros que ocupan dos grandes estantes de todo genero de literatura, reservando solamente los que me son de uso diario*".<sup>109</sup> Contudo, naquela ocasião da carta de Bonpland, a Biblioteca encontrava-se fechada desde a invasão portuguesa no ano anterior, 1817, sendo que só voltaria a reabrir duas décadas depois.<sup>110</sup>

Se em 1818 a falta de livros não parecia mais ser um problema, não se pode dizer o mesmo da falta de tempo, da qual se lamenta várias vezes nas suas respostas a Bonpland. Talvez por isso pareça não ter se entusiasmado muito com a ideia de enviar textos para publicação na Europa. Parecia mais preocupado em terminar os trabalhos do que propriamente em publicá-los:

*Pero quando reuniré estos grandes materiales? Tendré tiempo para colocar estas hermosas y delicadas piedras que ya estan labradas y cinceladas? Me muriré sin tener la dulce complacencia de dexar perfeccionado este suntuoso templo al autor de Naturaleza p.a hacerme acreedor de que me reciba más benignamente en sus esternos tabernaculos? Lo temo mucho: tengo ya 46 as.*<sup>111</sup>

Teria ainda mais trinta anos de vida pela frente, mas menos de uma década depois já perderia a visão, por volta de 1825, de maneira que muita coisa deixaria de fazer a partir de então na área dos estudos naturalistas, não obstante continuasse com seus contatos. Em 1827, por exemplo, recebia uma carta do naturalista alemão Friedrich Sellow (1789-1831), que lhe informava da passagem do explorador britânico Phillip P. King (1791-1856) por Montevidéu, o qual queria conhecê-lo. Sellow solicitava que o recebesse: “Elle he apaixonado da Historia Natural e Va. Rma. o obrigaria [agradaria] muito dando-lhe algumas informações sobre a Natureza da Banda Oriental e da Província de Buenos Aires, e fera [fará] com isso hum grande obsequio a mim”.<sup>112</sup>

Sellow, portanto, foi mais um dos naturalistas europeus com os quais Larrañaga manteve contato. Nesta correspondência, além do comunicado transcrito acima, ele se dizia aflito com a notícia de que Larrañaga enfrentava problemas de visão, mas ainda assim enviava-lhe cópias de uma circular de Humboldt acerca do estudo das línguas americanas, rogando-lhe que tomasse o documento em consideração. Ao final, declarava-se às ordens, onde estivesse, lisonjeado por qualquer serviço que pusesse prestar.<sup>113</sup> Ou seja, apesar dos problemas de visão, Larrañaga continuava sendo solicitado a colaborar em assuntos nos quais,

<sup>109</sup> Larrañaga ao *Cabildo* Governador, Montevidéu, 04/08/1815. **Archivo Artigas**, tomo 26, p. 339-340.

<sup>110</sup> Sobre isso, ver: CASTELLANOS, **Contribución al estudio de las ideas...**, op. cit., p. 44-46 e 88-89.

<sup>111</sup> Larrañaga a Aimé Bonpland, Montevidéu, 26/02/1818. LARRAÑAGA, **Escritos**, op. cit., p. 260-261.

<sup>112</sup> Friedrich Sellow a Larrañaga, Ilha de Santa Catarina, 07/11/1827. LARRAÑAGA, **Escritos**, op. cit., p. 299-300.

<sup>113</sup> *Ibid.*

como se pode ver, tornara-se não apenas conhecido, como também respeitado. O próprio Sellow, que na carta acima lhe indicava outro naturalista, havia chegado até Larrañaga por indicação de Saint-Hilaire, em 1821.<sup>114</sup>

Os contatos entre Larrañaga e o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853) deixaram vários registros que comprovam a efetiva colaboração entre os dois na década de 1820. Além das correspondências desse período, Saint-Hilaire fala a respeito de seu contato com Larrañaga no diário de viagem que escreveu em sua passagem pelo Rio Grande e pelo Rio da Prata. Transcrevo abaixo um parágrafo que se refere à primeira vez em que os dois se encontraram pessoalmente, em Montevidéu, no dia três de novembro de 1820. Além de demonstrar o impacto positivo que Larrañaga causou em Saint-Hilaire, trata-se de umas poucas descrições físicas<sup>115</sup> que se conhece sobre ele:

*El señor Chapre, cuñado de Cavailler y que ejerce aquí la medicina, me presentó hoy de noche en lo de Larrañaga, cura párroco de Montevideo, de quien ya me han echo elogios desde Porto Alegre y que, según me habían dicho, se ocupa, con gran éxito, de historia natural. Encontré un hombre de unos cincuenta años, de rostro alargado aun que no delgado, de nariz muy larga, una sonrisa muy agra-[TP]dable y grandes ojos que anuncian una mente y un espíritu lleno de vivacidad. Me recibió amablemente y muy pronto hablamos de botánica. Hoy experimenté un gran placer del que no había disfrutado desde Rio de Janeiro, a saber, el de hablar con un hombre de ciencia [ciência] que ocupa todo mi tiempo y que, además, cultiva con gran éxito. Sin apoyar-se en un herbario, sin haber se comunicado jamás con un botánico, Larrañaga, ayudado tan sólo por unos libros, ha logrado determinar perfectamente un gran número de géneros difíciles. Ha redactado un catálogo de 700 plantas que recogió cerca de Montevideo y pude observar que la mayoría pertenecen a géneros de la flora de Europa; esto prueba la analogía de los climas que se confirma por la facilidad con que las plantas europeas crecen en esta región.*<sup>116</sup>

Outros trechos do diário referentes ao período em que estive em Montevidéu mostram que Larrañaga atuou como guia de Saint-Hilaire em algumas ocasiões, além de que este frequentava a casa do sacerdote todas as noites em que pousava na cidade. Um dos lugares que visitaram foi a Biblioteca Pública, fechada desde 1817, na qual Saint-Hilaire relata ter visto cerca de mil livros,<sup>117</sup> muitos deles incompletos "*debido a los robos sucesivos que han ocurrido en algunas de las épocas conflictivas por las que ha pasado la región*".<sup>118</sup> Estiveram

<sup>114</sup> Auguste de Sait-Hilaire a Larrañaga, Rio de Janeiro, 21/10/1821. LARRAÑAGA, **Escritos**, op. cit., p. 282-285.

<sup>115</sup> O ANEXO na última página desta tese traz um dos poucos retratos de Larrañaga que existem.

<sup>116</sup> SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Al Sur del Brasil, al Norte del Rio de la Plata**. Montevideo: Universidad de la República, 2005, p. 101.

<sup>117</sup> Conforme já escrevi no primeiro capítulo, uma estimativa de Ramón Massini, citada por E. M. Narancio, calcula que na época de sua inauguração, em 1816, a Biblioteca contasse com cerca de cinco mil livros. NARANCIO, op. cit, p. XV.

<sup>118</sup> SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Al Sur del Brasil...**, op. cit., p. 112.



também no hospital, onde visitaram um estabelecimento para "*los niños expósitos*".<sup>119</sup> Tratava-se de uma casa para abrigo de crianças abandonadas, a qual foi criada em 1818, durante o domínio português, por sugestão e insistência do próprio Larrañaga – inspirado num estabelecimento com as mesmas finalidades que seu amigo Saturnino Segurola criara em Buenos Aires –, que depois atuaria como diretor dessa instituição.<sup>120</sup> No mesmo dia da visita ao hospital, os dois naturalistas andaram pela enseada atrás dos muros que cercavam a cidade, num passeio no qual o assunto foram as plantas que encontraram pelo caminho.<sup>121</sup>

A partir desta visita, os dois continuariam em contato, mesmo depois do regresso de Saint-Hilaire ao Brasil e, mais tarde, para a França. Da mesma forma que Bonpland, ele também insiste para que Larrañaga mande seus trabalhos para a Europa. Numa carta de 1821, faz referência a certas "notas" de Larrañaga que ele teria enviado a uma sociedade científica da Europa, desculpando-se por não o ter consultado antes,<sup>122</sup> ao que Larrañaga responde dizendo-se honrado, ao mesmo tempo questionando se teria conhecimento para desempenhar a função de correspondente, ainda que promettesse fazer os maiores esforços para corresponder à indicação.<sup>123</sup> Todavia, numa correspondência do ano seguinte, enviada de Paris, Saint-Hilaire lhe avisa que as notas se perderam pelo caminho e não chegaram ao destino.<sup>124</sup> Entre outros assuntos que trata nesta mesma carta, o naturalista francês cobra de Larrañaga que não se esqueça de mandar plantas de seu país. Informa também que ainda não se encontrara com o "Sr. Freycinet", mas que assim que o encontrasse perguntaria a respeito dos livros que ficara de enviar.

Saint-Hilaire se referia, no caso relatado acima, ao navegador francês Luis-Claude de Saulces de Freycinet (1779-1842), mais um nome a integrar essa rede de contatos. Os livros sobre os quais Saint-Hilaire pretendia lhe perguntar, àquela época (setembro de 1822), possivelmente já tinham chegado a Montevidéu, pois data de meses antes (março de 1822) uma carta em que Freycinet narra a Larrañaga as dificuldades que encontrara para adquirir de um livreiro de Paris os 13 volumes de um dicionário de história natural que ele havia lhe encomendado em Montevidéu.<sup>125</sup> É provável que Freycinet tenha conhecido Larrañaga a

<sup>119</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>120</sup> Cf.: CAMUSSO, op. cit., p. 90-91.

<sup>121</sup> SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Al Sur del Brasil...*, op. cit., p. 113.

<sup>122</sup> Auguste de Saint-Hilaire a Larrañaga, Belém, 15/01/1821. LARRAÑAGA, *Escritos*, op. cit., 277-280.

<sup>123</sup> Larrañaga a Auguste de Saint-Hilaire, Montevidéu, 16/02/1821. LARRAÑAGA, *Escritos*, op. cit., p. 280-282.

<sup>124</sup> Auguste de Saint-Hilaire a Larrañaga, Paris, 19/09/1822. LARRAÑAGA, *Escritos*, op. cit., p. 291-295.

<sup>125</sup> O caso é que Larrañaga já tinha os primeiros 23 volumes do dicionário e queria apenas os 13 últimos. A dificuldade encontrada por Freycinet foi que o livreiro não queria vender apenas estes e ficar com a coleção incompleta, mas por fim acabou cedendo. Luis-Claude de Freycinet a Larrañaga, Paris, 29/03/1822. LARRAÑAGA, *Escritos*, op. cit., p. 287-291.

partir do próprio Saint-Hilaire, apesar de que isso não fique claro nas correspondências. E, tanto Freycinet quanto Saint-Hilaire, falaram a respeito das pesquisas de Larrañaga para outro naturalista francês, George Cuvier (1769-1832),<sup>126</sup> que não apenas manifestaria interesse pelas pesquisas de Larrañaga como também o citaria num de seus trabalhos, conforme escrevi no primeiro capítulo, a propósito da referência a esta citação que fazem alguns de seus biógrafos.

\*\*\*

Os documentos referidos ao longo deste capítulo revelam que, a partir de seus estudos naturalistas, Larrañaga estabeleceu contato com uma série de outros personagens envolvidos com esta área, formando uma espécie de rede da qual fizeram parte muitos sacerdotes, em sua maioria egressos do *Real Colegio de San Carlos*, de Buenos Aires, bem como vários naturalistas europeus.

Essa rede funcionava em diversos sentidos, sendo o principal deles na colaboração através de troca de experiências, informações, livros e materiais de pesquisa. Por outro lado, servia também com indicações para determinadas ocupações ou cargos, ou ,então, pequenos favores e elogios que resultavam em aumento de prestígio.

As relações se estabeleciam, em muitos casos, pela origem em comum, como os sacerdotes egressos do *Real Colegio*, mas também por indicações feitas pessoalmente. Bonpland, por exemplo, ficou sabendo do trabalho de Larrañaga através de outros dois sacerdotes naturalistas, Saturnino Segurola e Bartolomé Muñoz, os quais conheceu em Buenos Aires.<sup>127</sup> Já Saint-Hilaire, em trecho de seu diário que citei anteriormente, afirma ter ouvido falar de Larrañaga quando passou por Porto Alegre.<sup>128</sup>

No caso de naturalistas europeus, muitas vezes era feito contato prévio através de correspondência enviada por um conhecido em comum, como foi com explorador britânico Phillip P. King, apresentado a Larrañaga numa carta de Sellow,<sup>129</sup> que por sua vez, havia sido apresentado por Saint-Hilaire.<sup>130</sup> Aliás, é muito interessante a resposta de Larrañaga para

<sup>126</sup> Luis-Claude de Freycinet a Larrañaga, Paris, 29/03/1822. LARRAÑAGA, *Escritos*, op. cit., p. 287-291. Auguste de Saint-Hilaire a Larrañaga, Paris, 19/09/1822. LARRAÑAGA, *Escritos*, op. cit., p. 291-295.

<sup>127</sup> Aimé Bonpland a Larrañaga, Buenos Aires, 13/02/1818. LARRANAGA, *Escritos*, op.cit., p. 257-259.

<sup>128</sup> SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Al Sur del Brasil...*, op. cit., p. 101.

<sup>129</sup> Friedrich Sellow a Larrañaga, Ilha de Santa Catarina, 07/11/1827. LARRAÑAGA, *Escritos*, op. cit., p. 299-300.

<sup>130</sup> Auguste de Saint-Hilaire a Larrañaga, Rio de Janeiro, 21/10/1821. LARRAÑAGA, *Escritos*, op. cit., p. 282-285.

Saint-Hilaire, com relação à Sellow: "*Mr. Sellow es un naturalista y este caracter le basta para su recomendacion. Acostumbrado a sufrir tantas privaciones, y apreciar las cosas mas minimas de la creaci3n, tendr3 necesidad de mas para ser amabilisimo?*"<sup>131</sup> Ou seja, o simples fato de se tratar de um naturalista j3 lhe garantia, previamente, um bom acolhimento.

Outra pr3tica comum parece ter sido o porte de uma carta de recomenda3o, como a que Larra3aga deu a Saint-Hilaire, que mais tarde lhe agradeceu: "*Le debo mucho agradecimiento por la carta circular que tuvo la bondad de darme. Ella me vali3 la mejor acogida de parte de los se3ores Curas a quienes la present3.*"<sup>132</sup> Noutra ocasi3o, respondendo a uma d3vida de Saint-Hilaire quanto 3 seguran3a de se fazer uma viagem do Rio de Janeiro em dire3o ao Chile, Larra3aga escreveu:

*Sobre la seguridad en su viage creo que V. S. puede vivir tranquilo; aunque es verdad que toda solucion est3 sujeta a tantos absurdos que estan fuera de la esfera de los prognosticos de los mas perspicaces Politicos: el genio americano es dulce y hospitalario con los extrangeros y respeta como debe las ciencias: unas pocas cartas recomendaticias bastaran para tranquilizarlo.*<sup>133</sup>

Mais uma vez, refere-se 3s cartas de recomenda3o para facilitar a viagem de Saint-Hilaire. No entanto, o que mais chama aten3o neste trecho 3 a afirmativa de que os americanos respeitam "como devem" as ci3ncias, o que mostra, de certa forma, que o envolvimento com os estudos naturalistas garantia certo prest3gio, mesmo entre aqueles que n3o eram exatamente do ramo. 3 por isso, al3m de outras evid3ncias apresentadas ao longo do cap3tulo, que discordo de Edmundo Favaro quando afirma a respeito de Larra3aga: "*Su capacidad cient3fica no le vali3 en la vida material, pues este aspecto solo fue apreciado por escasos hombres aptos para reconocerlo.*"<sup>134</sup> Ainda que seja verdade que a import3ncia das pesquisas cient3ficas que realizou pudesse ser reconhecida em sua plenitude por poucos, o prest3gio de ser um homem de ci3ncia j3 fez parte de sua vida desde a d3cada de 1810, e, certamente, muitas outras atividades com as quais se envolveu, algumas delas tratadas no cap3tulo seguinte, deveram-se a essa sua condi3o. Al3m do reconhecimento entre os sacerdotes naturalistas e os estrangeiros que o conheceram, muitos outros contempor3neos seus t3m o viram como homem de ci3ncia. Ainda que seja praticamente imposs3vel

<sup>131</sup> Larra3aga a Auguste de Saint-Hilaire, Montevid3u, 08/02/1822. LARRA3AGA, **Escritos**, op. cit., p. 285-287.

<sup>132</sup> As cartas de Saint-Hilaire, como as de Bonpland, eram escritas em franc3s. O trecho citado 3 a tradu3o de Mar3a Isabel Belloni que consta junto com a original, na publica3o indicada na refer3ncia. Auguste de Saint-Hilaire a Larra3aga, Bel3m, 15/01/1821. LARRA3AGA, **Escritos**, op. cit., 277-280.

<sup>133</sup> Larra3aga a Auguste de Saint-Hilaire, Montevid3u, 16/02/1821. LARRA3AGA, **Escritos**, op. cit., p. 280-282.

<sup>134</sup> FAVARO, op. cit., p. 71.

separar o quanto de seu prestígio se deve a cada uma das áreas em que atuou, sendo as principais a eclesiástica, a ciência e a política, não tenho dúvidas de que sua atuação enquanto estudioso naturalista foi uma das atividades que mais contribui para tanto.

## 4 AS PARTICIPAÇÕES NA POLÍTICA

A análise das biografias de Larrañaga feita no primeiro capítulo revelou que, no tocante à sua atuação política, a questão que mais causou incômodo entre os biógrafos diz respeito ao seu papel nos acontecimentos que se sucederam a partir da invasão portuguesa da Província Oriental, em 1816. Inconformados com a presença de Larrañaga entre os que aceitaram a dominação portuguesa e depois brasileira, com uma dose extra de indignação pelo seu papel de protagonista na viagem de 1817, ao Rio de Janeiro, muitos autores foram bastante críticos e reprovaram abertamente a "incoerência" do personagem, que nos anos anteriores tivera participações importantes na política durante o governo de Artigas. Muitas dessas críticas se deram no contexto de criação de uma identidade nacional, no qual a dominação luso-brasileira representava o oposto da nação. Entre ressalvas e justificativas, paira sobre a história de Larrañaga certo "mal-estar" relacionado ao episódio do domínio luso-brasileiro, mesmo entre aqueles que se declaram abertamente seus admiradores.

Entre os seus contemporâneos, no entanto, ele não sofreu retaliações por sua atuação nesse período, nem mesmo qualquer abalo em seu prestígio, que continuou crescendo até atingir o ápice nas homenagens que depois de morto recebeu tanto de *blancos* quanto de *colorados*. Logo após o estabelecimento do Uruguai como país independente, não apenas se manteve no topo da hierarquia eclesiástica, confirmado em 1832 como Vigário Apostólico, como foi requisitado em diversas ocasiões para questões relevantes, como, por exemplo, as que cito na sequência: foi senador na primeira legislatura (1830-1835); em 1837, foi nomeado como presidente da Comissão de Biblioteca e Museu, que cuidava, entre outras coisas, da reabertura da Biblioteca que ele mesmo inaugurara em 1816; em 1838, foi convidado para ser reitor na Universidade, àquela época em fase de organização, sendo que tivera origem num projeto que ele mesmo apresentara como senador e que foi aprovado em 1833.

Desde o início desta pesquisa, o objetivo principal nunca foi o de reconstituir acontecimentos teleologicamente, determinando causas e consequências, mas sim o de analisar ações e relações do personagem em contextos diversos, a fim de entender como conseguiu transitar entre diferentes grupos políticos e se manter no poder durante longos anos.

Este último capítulo trata das ações de Larrañaga no contexto político, principalmente, no período entre 1811 e 1821. Considerando, como escrevi na introdução, que o político nunca é um fato isolado e, pelo contrário, diz respeito a uma série de outras coisas, como a cultura e a sociedade,<sup>1</sup> procuro interpretar a atuação política do personagem considerando também aquilo que foi analisado nos capítulos anteriores, referente aos contextos eclesiástico e científico. Na prática, tudo está englobado na ideia de política da qual falo neste trabalho. Tratam-se de pontos diferentes de uma mesma trama, os quais analisei em contextos separados apenas por questões metodológicas.

#### 4.1 Em tempos de independência: um negociador em meio às disputas de poder

Das tantas correspondências trocadas entre José Artigas e Dámaso Larrañaga no período entre 1813 e 1816, uma delas, de dezembro de 1815, ganhou destaque por conta do teor firme e indignado que Larrañaga empregou ao se dirigir a Artigas. O documento chamou a atenção de Camusso, que o transcreveu na íntegra em 1922, por destoar das demais cartas trocadas entre os dois personagens neste período, nas quais predominava o tom cordial e afetuoso.<sup>2</sup> O biógrafo, porém, não teve acesso aos demais documentos relacionados ao episódio, e assim não pode explicar o motivo do desentendimento. Já Favaro, em 1950, conseguiu acrescentar alguns elementos que ajudam a compreender o contexto em que foi escrito, o qual revela a discórdia entre as autoridades políticas e eclesiásticas, naquele que chamou de "*primer conflicto eclesiástico habido en el país desde que se alejaron las fuerzas españolas*".<sup>3</sup>

No segundo capítulo, citei um trecho desta correspondência, no qual Larrañaga ameaça deixar o cargo que ocupava como Cura e Vigário Interino da Matriz de Montevideu, naquela época com poderes estendidos para toda a Província Oriental em caso de falta de comunicação com Buenos Aires. Neste capítulo, volto a analisar esta carta, que transcrevo logo adiante, pelo fato de trazer uma série de referências relacionadas à vida política de Larrañaga até aquele momento. Todavia, antes de citá-la, é necessário fazer uma breve

<sup>1</sup> RÉMOND, René. O retorno do político. In: CHAUVENAU, Agnes; TÉTARD, Philippe (Orgs.). **Questões para uma história do presente**. São Paulo: EDUSC, 1999. p. 51-60, p.58.

<sup>2</sup> CAMUSSO, Rafael Algorta. **El padre Dámaso Antonio Larrañaga**: apuntes para su biografía. Montevideo: Talleres Gráficos A. Barreiro y Ramos, 1922, p, 73.

<sup>3</sup> FAVARO, Edmundo. **Dámaso Antonio Larrañaga**: su vida y su época. Montevideo: Res S. A., 1950, p. 62. Sobre este assunto, ver: p. 57-63.

contextualização, trazendo alguns elementos sobre os motivos da tensão entre Artigas e Larrañaga.

Os desentendimentos têm sua origem numa carta enviada pelo Vigário Capitular e Governador do Bispado de Buenos Aires, José León Planchón, a Dámaso Larrañaga, em outubro de 1815. Esta tratava acerca de problemas eclesiais ocorridos no curato da *Bajada de Santa Fe*, onde um frei dominicano havia se declarado cura por nomeação do povo e do comandante local, sem autorização do bispado. Além de comunicar sobre as ordens que dera para que os envolvidos fossem intimados a deixarem o curato sob a pena de excomunhão, Planchón pediu sua intervenção no caso ("*enterado de estos absurdos procura quanto alcancen tus facultades atajar estos males*"), e sugeriu que conversasse com Artigas para que este o solicitasse como "*visitador de toda esa Banda Oriental p.a ordenar los curatos*",<sup>4</sup> deixando-o, assim, habilitado a resolver questões desta natureza que pudessem ocorrer.

A contenda teve início de fato quando Larrañaga remeteu a carta de Planchón diretamente para Artigas, o qual reagiu de maneira exacerbada e escreveu ao *Cabildo* de Montevideu fazendo duras críticas a Planchón. Acusou-o, entre outras coisas, de estar causando a desunião entre a Igreja e o Estado, na medida em que, com a sua intervenção, estaria retomando as faculdades para tratar destas questões, faculdades que ele próprio teria concedido a Larrañaga na metade daquele ano. Ademais, ordena medidas de retaliação à intervenção de Planchón: "*¿O juzga el S.or Prov.or q.e aun vive la America en Tinieblas, y q.e la Banda oriental es juguete de Sus pasiones? Empieselo á experimentar en Sus efectos:...*". Determina que alguns sacerdotes, recentemente chegados de Buenos Aires para assumir curatos na Banda Oriental, recebam ordens para se mudar imediatamente para aquela cidade e que o *Cabildo* proponha em seu lugar "*algunos Sacerdotes Patricios*"<sup>5</sup>.

Quando enviou documento de Planchón para Artigas, é certo que Larrañaga não esperava por esse tipo de reação. Depois de tomar conhecimento das críticas e medidas anunciadas por Artigas ao *Cabildo*, enviou-lhe a carta a qual me referi no início da seção, e que vem a ser um raro registro de documento que Larrañaga tenha escrito num tom exaltado:

*Mi amado General y Paysano – ([mil]) Si los chismes y la emulacion de algunos individuos ([facciosos]) ha prevalecido tanto en el animo de V.E., que se halla disgustado de q.e yo esté de Cura en M.º y Vicario general ([...]) no hay para que V.E. dé tantos rodeos, ni que falte ( [V.E.] á la atencion debida y ni á su buena educacion, ni acarrear tantos enemigos para quitar.me á quantas son las personas que me aprecian entre nuestros Paysanos y que fueron los que se empeñaron en que yo lo fuese – (Yo mismo lo solicitare esta será la q.e no podrá*

<sup>4</sup> José León Planchón a Larrañaga, Buenos Aires, 27/10/1815. Transcrito em: FAVARO, op. cit., 120-121.

<sup>5</sup> Artigas ao *Cabildo* de Montevideu, Paysandú, 25/11/1815. **Archivo Artigas**, tomo 21, p. 155-156.

*resistirse el Prov.r) Basta que V.E. me diga que no le gusta, y estamos del otro lado. A mi tampoco me gusta, pues he hecho mas empeños para no serlo, como otros han hecho para conseguirlo. Ya debia V.E. conocer mi genio. Yo soy Patriota sin ser charlatán; y quando esa turba de charlatanes que hai en el dia estaba metida en un rincon, ya V.E. y yo eramos Patriotas. Yo fuí de aquellos pocos que con frente/serena sostuvo los derechos de America en los primeros Cabildos de esta Ciudad, q.do nadie se atrevia á manifestar su opinion fui arrojado de la Plaza: me mantuve fuera á pesar de mil ofertas: por cierto que lo dexe todo quando sali con solo mi breviario baxo del brazo. Despues acá he sostenido á V.E. en las disputas con Sarratea y por cierto hubo de costar bien caro esto en B.s A.s alli tuve varias secciones con el Gobierno muy largas y creo que nadie les habló con mas libertad; porque el hombre de bien no temer decirla verdad y quando la dice le respectan. Para venir entre los mios ultimamente dexé un empleo quantioso y el mas analogo á mi genio; y despues estando aquí emprendi un Viage muy incomodo en q.e hice muchísimo por V.E. que quizá no lo sabra por que no soi charlatan.*

*He sentido muy mucho la cosa contra el Provisor, y como yo tengo la culpa por / mi indiscrecion en remitir aquella carta que es una prueba muy grande de mi amistad, me es indispensable volver por su honor y por nuestro agradecimiento. Para ello tenia hecho ese oficio p.a el cabildo que es un manifiesto á su favor en q.e no digo sino la pura verdad, á lo que el mismo cabildo me [ha] empeñado comunicandome la disposicion de V.E.- Despues me ha parecido ([que]) no embiarlo y que quede entre los dos, pues yo no debo como Vicario General entenderme con el Cabildo pues yo un Gefe; y ambos debemos entendernos directamente.*

*Espero que V.E. me hablará con la misma franqueza con que yo lo hago, pues (esto) no impedirá á q.e yo sea siempre su admirador y su apasionado paysano Q. B. S. M.<sup>6</sup>*

Não é possível saber se a questão envolvendo o Provisor, Vigário Capitular, Planchón, foi o único motivo da contenda, ainda que pareça ter sido o principal para a escrita da carta. Tampouco restaram registros de como tudo se resolveu. Sabe-se, entretanto, que, no ano seguinte, a troca de correspondências entre Artigas e Larrañaga ocorreu como antes do episódio, em tom cordial e respeitoso. Referindo-se ao caso do frei dominicano que havia se declarado cura na *Bajada de Santa Fe*, Favaro afirma que "*ambas partes ganaron la partida*",<sup>7</sup> ou seja, tudo teria acabado bem, tanto para a autoridade eclesiástica como civil. Baseia-se no fato de que o frei dominicano foi confirmado no cargo; porém, para tanto, foram despachadas licenças por Larrañaga. A expulsão decretada por Planchón não foi permitida por Artigas, que manteve o frei no posto de cura, mas para isso respeitou os trâmites da Igreja, pois solicitou o despacho de licenças à autoridade eclesiástica. Creio, no entanto, que o conflito só foi resolvido por conta da troca do Vigário Capitular do Bispado de Buenos Aires, ocorrida no final de 1815. Em 19 de dezembro, Domingo Victorio Achega assumiu no lugar de Planchón e no dia 22 do mesmo mês nomeou Larrañaga como Subdelegado para toda a

<sup>6</sup> Larrañaga a Artigas, Montevideu, 09/12/1815. **Archivo Artigas**, tomo 22, p. 214-215.

<sup>7</sup> FAVARO, op. cit., p. 61.



Banda Oriental.<sup>8</sup> Uma vez que Banda Oriental, neste caso, referia-se às terras a oriente do Rio Paraná, os poderes de Larrañaga alcançaram também a *Bajada de Santa Fe*. Cabe lembrar que, a concessão de faculdades feita anteriormente por Planchón, em julho, para casos da falta de comunicação com Buenos Aires, referia-se à "Província" Oriental.<sup>9</sup> Portanto, a acusação feita por Artigas, de que o Vigário Capitular, ao intervir na *Bajada de Santa Fe*, estaria retomando as faculdades concedidas, parece ser infundada, pois este curato estaria no lado ocidental do Rio Uruguai, logo, fora da Província Oriental. Sendo assim, é possível imaginar que, se não fosse pela troca no comando do Bispado de Buenos Aires, talvez o antigo Vigário Capitular não aceitasse a confirmação do frei dominicano feita por determinação de Artigas, pois ele já havia ameaçado o religioso de excomunhão. E, como Larrañaga era amigo de Planchón, a situação continuaria tão complicada como estava no momento em que enviou a Artigas a carta repleta de indignação, no dia 09 de dezembro de 1815.

Voltando, pois, ao documento – uma espécie de defesa de Larrañaga perante Artigas, porém permeada por algumas ameaças –, comento a seguir alguns trechos, exceto aqueles já abordados no segundo capítulo.

"*Ya debia V.E. conocer mi genio...*" – Ainda que não se tenha registro de quando exatamente teve início a relação entre Larrañaga e Artigas, é bem provável que se conhecessem desde muito cedo. Ambos nasceram em Montevideu e estudaram no *Convento de San Bernardino*, dos padres franciscanos, talvez não durante o mesmo período, já que os separava uma diferença de idade de sete anos.<sup>10</sup> No início do XIX, como Tenente Cura da Igreja Matriz, Larrañaga realizou o casamento de Artigas – que na época era *teniente de Blandengues* – com sua prima Rosalía Villagrán, em dezembro de 1805.<sup>11</sup> No entanto, uma aproximação maior entre os dois parece ter ocorrido com o início do movimento de independência na Banda Oriental, em 1811, e, principalmente, a partir de 1813, em função da participação do sacerdote como representante do "*Jefe de los orientales*"<sup>12</sup> frente ao Governo de Buenos Aires. É provável que seja este o período invocado por Larrañaga quando diz que Artigas já deveria conhecer o seu "gênio", e afirma: "*Yo soy Patriota sin ser charlatán; y*

<sup>8</sup> Sobre isso, consultar a segunda seção do segundo capítulo (2.2), na qual trato da ascensão de Larrañaga na hierarquia eclesiástica.

<sup>9</sup> José León Planchón concedendo licença e faculdades a Larrañaga, Buenos Aires, 20/07/1815. Transcrito em: FAVARO, op. cit. p. 118-119.

<sup>10</sup> Artigas nasceu em 1764 e Larrañaga em 1771.

<sup>11</sup> CAMUSSO, op. cit., p. 19.

<sup>12</sup> Assim passou a ser chamado Artigas, a partir de 1811.

*quando esa turba de charlatanes que hai en el dia estaba metida en un rincon, ya V.E. y yo eramos Patriotas*".<sup>13</sup>

Não vou retomar a discussão em torno do termo “patriota” e da questão da existência ou não da ideia de nação.<sup>14</sup> Repito apenas o que já escrevi no primeiro capítulo, sobre o significado de pátria usado por Larrañaga e por seus contemporâneos, qual seja, que se tratava de um termo que não se relacionava necessariamente ao território atual do Uruguai, mas que poderia se referir tanto à cidade de Montevideu quanto a América ou ao Rio da Prata. Nesta fala específica de Larrañaga, o significado de “patriota” parece estar associado à ideia de sujeito que participa ativamente das discussões políticas locais em defesa dos direitos dos "americanos" frente aos peninsulares: “*Yo fuí de aquellos pocos que con frente/serena sostuvo los derechos de America en los primeros Cabildos de esta Ciudad*”.<sup>15</sup>

No caso específico do trecho citado acima, talvez estivesse fazendo referência à participação no *Cabildo Abierto* de 21 de setembro de 1808.<sup>16</sup> Convocado depois que o governador da cidade, Francisco Javier Elío, foi destituído pelo vice-rei do Rio da Prata, Santiago de Liniers, o *Cabildo Abierto* de 1808 teve como resultado a criação da *Junta de Montevideo*, análoga às juntas criadas na Espanha. Surgidas no contexto de invasão napoleônica na Península Ibérica, com a família real espanhola sendo presa por Bonaparte, que colocou seu irmão para governar, as juntas resultaram da interpretação de que a soberania, nestas condições, voltava para o povo. No caso específico de Montevideu, no entendimento de Benjamín Nahum, a Junta representou a quebra da unidade do Vice-Reino do Rio da Prata, constituindo-se num precedente de desobediência à autoridade real, e, neste sentido, foi também “*un antecedente de la revolución independentista americana*”.<sup>17</sup>

A participação de Larrañaga no *Cabildo Abierto*,<sup>18</sup> bem como a de outros sacerdotes, não foi vista com bons olhos pelo bispo de Buenos Aires, especialmente por conta do rumo tomado a partir de então. O sacerdote José Manuel Pérez Castellano, que foi um dos escolhidos para tomar parte na junta montevideana, recebeu uma intimação do prelado

<sup>13</sup> Larrañaga a Artigas, Montevideu, 09/12/1815. **Archivo Artigas**, tomo 22, p. 214-215.

<sup>14</sup> Sobre isto escrevi no primeiro capítulo desta tese, mais especificamente, na seção 1.2.

<sup>15</sup> Larrañaga a Artigas, Montevideu, 09/12/1815. **Archivo Artigas**, tomo 22, p. 214-215.

<sup>16</sup> Edmundo Favaro interpreta este trecho como uma referência ao período imediatamente posterior a 1811, quando Larrañaga permanece na Montevideu sitiada pelas tropas de Artigas e Rondeau. FAVARO, op. cit., p. 37.

<sup>17</sup> NAHUM, Benjamín. **Breve Historia del Uruguay Independiente**. Montevideo: Banda Oriental, 1999, p. 14.

<sup>18</sup> “*Al darse los sucesos de setiembre de 1808, concurrió al Cabildo y su firma aparece en el acta del día*”. SALDAÑA, Jose M. Fernandez. **Diccionario Uruguayo de Biografías 1810-1940**. Montevideo: Editorial Amerindia, 1945. p. 709-712, p. 710. Outros autores também fazem referência à participação de Larrañaga no *Cabildo Abierto*, entre os quais: CAMUSSO, op. cit., p. 29-30; FAVARO, op. cit., p. 30. REYES ABADIE, Washington; VAZQUEZ ROMERO, Andrés. **Cronica General del Uruguay: la emancipación**. Montevideo: Edicionaes de la Banda Oriental, [19--]. V. 2, p. 158.

exigindo que a deixasse, sob pena de suspensão de suas faculdades relativas a reza da missa e administração de sacramentos.<sup>19</sup> Em sua defesa, respondendo ao bispo, Pérez Castellano escreveu que espanhóis da América e espanhóis da Europa pertenciam a uma mesma família, eram governados pelo mesmo monarca e pelas mesmas leis e, portanto, tinham os mesmos direitos. E, assim, se os da Europa criaram as juntas de governo, podiam eles na América fazer o mesmo, pois eram igualmente livres e estavam sujeitos aos mesmos perigos.<sup>20</sup>

Pela relação de amizade que existia entre os dois, da qual tratei no capítulo anterior, é certo que Larrañaga poderia considerar Pérez Castellano entre aqueles que o apreciavam, como quando alertou Artigas no trecho: "[...] *no hay para que V.E. dé tantos rodeos [...], ni acarrear se tantos enemigos para quitar.me á quantas son las personas que me aprecian entre nuestros Paysanos y que fueron los que se empeñaron en que yo lo fuese [ cura e vigário]*".<sup>21</sup> Entretanto, na data em que foi escrita a correspondência em questão, havia passado pouco mais de três meses da morte de Pérez Castellano. De qualquer forma, o trecho mostra que Larrañaga se sentia bastante seguro da importância de suas relações naquele momento, a ponto de desafiar ninguém menos que Artigas.

Seguindo com o documento, percebe-se que Larrañaga faz uma espécie de relatório, lembrando todos os serviços que havia prestado à Banda Oriental e ao próprio Artigas desde o *Cabildo Aberto* de 1808, mas, principalmente, depois de iniciado o movimento de expulsão dos espanhóis, a partir de 1811. É provável que se refira a este ano quando afirma: "*q .do nadie se atrevia á manifestar su opinion fui arrojado de la Plaza: me mantuve fuera á pesar de mil ofertas: por cierto que lo dexe todo quando sali con solo mi breviario baxo del brazo*".

Depois de vencer os espanhóis, em 18 de maio de 1811 (*Batalla de Las Piedras*), Artigas e suas tropas se dirigiram a Montevideu e, junto com um exército comandado por José Rondeau, enviado de Buenos Aires, estabeleceram o sítio à cidade, a qual se mantinha sob domínio dos espanhóis, comandados pelo governador Francisco Javier Elío. Neste momento é que Larrañaga teria sido "*arrojado de la Plaza*", ou seja, teria sido expulso de Montevideu pelos espanhóis. Porém, este episódio de sua biografia é um tanto controverso. É sabido que, na ocasião do estabelecimento do sítio da cidade, quando da intimação de Artigas para que o governador Elío se rendesse, este não apenas não se rendeu, como "*decidió limpiar la plaza de gente sospechada de adhesión o simpatía a la causa de los 'insurgentes'*".<sup>22</sup> Foram expulsos nove religiosos do *Convento de San Francisco* e trinta e uma famílias, que sequer

<sup>19</sup> REYES ABADIE; VAZQUEZ ROMERO, op. cit., p. 160.

<sup>20</sup> Ibid., loc.cit.

<sup>21</sup> Larrañaga a Artigas, Montevideu, 09/12/1815. *Archivo Artigas*, tomo 22, p. 214-215.

<sup>22</sup> REYES ABADIE; VAZQUEZ ROMERO, op. cit., p. 302.

tiveram tempo para recolher os seus pertences, obrigando-se a deixar tudo e partir em direção ao *Cerrito*, de onde Artigas controlava o sítio.<sup>23</sup>

Todavia, analisando os documentos que registram esse fato, entres os quais estão uma comunicação dos franciscanos ao seu Provincial em Buenos Aires<sup>24</sup> e uma carta de Nicolas Herrera ao seu sobrinho Lucas José Obes, Edmundo Favaro afirma que nenhum deles faz referência ao nome de Larrañaga entre os expulsos.<sup>25</sup> O único documento conhecido a mencionar o fato é, pois, a correspondência citada acima, em que o próprio relembra o caso a Artigas, quatro anos depois. Não resta dúvida de que se retirou de Montevideu em 1811 e passou a viver na Chácara de seu cunhado Pedro Francisco Berro,<sup>26</sup> mas não se tem uma conclusão a respeito das circunstâncias e motivos em que saiu da cidade, bem como acerca de seu papel neste primeiro momento de luta contra o domínio espanhol.

Diante disso, alguns autores de esboços biográficos não entraram em detalhes sobre a sua atuação neste período, atribuindo-lhe uma atitude favorável ao movimento de independência, porém moderada, a despeito da expulsão. Jose M. Fernandez Saldaña, por exemplo, escreve: "[...] *aunque procuró reservar sus opiniones en virtud de su estado sacerdotal, las autoridades españolas, que no entendían de medias actitudes, lo expulsaron de Montevideo en 1811, junto con otros curas patriotas*".<sup>27</sup> Carlos Martinez Vigil vai nesta mesma linha:

*Las autoridades españolas, a quienes desde luego infundió recelos a pesar de su moderación, vislumbraron primero y vieron más tarde que las convicciones del ilustre sacerdote eran contrarias de todo en todo a sus planes de dominación, y lo obligaron a retirar-se de esta plaza, de la cual no sacó, para presentar a los patriotas, más equipaje que su traje y su breviario.*<sup>28</sup>

Mesmo aqueles que investigaram mais a fundo a atuação de Larrañaga neste período de eclosão dos movimentos de independência no Prata, caso dos autores das duas biografias mais completas sobre sua figura, Rafael Algorta Camusso e Edmundo Favaro, não encontraram documentação muito consistente a propósito de sua participação política nesse período. Camusso, que parece ter sido a referência dos dois autores acima citados (Saldaña e

<sup>23</sup> Ibid., loc.cit.

<sup>24</sup> Comunicação dos religiosos do Convento de Montevideu ao Ministro Provincial dos Franciscanos em Buenos Aires, 28/05/1811. **Archivo Artigas**, tomo 5, p. 9-11.

<sup>25</sup> FAVARO, op. cit., p. 36-37.

<sup>26</sup> Alguns documentos, como do diário do Padre Bartolomé de Muñoz, citado no capítulo anterior, registram a presença de Larrañaga na chácara de seu cunhado neste período. Diário do Padre Bartolomé Doroteo de Muñoz (Setembro de 1807 a julho de 1812). **Archivo Artigas**, tomo 13, p. 217-238.

<sup>27</sup> SALDAÑA, op. cit., p. 710.

<sup>28</sup> VIGIL, Carlos Martinez. Dámaso Antonio Larrañaga: apuntes bio-bibliográficas. **Revista Nacional**, Montevideo, T. XII, p. 328-337, 1940, p. 328.

Vigil), afirma que Larrañaga teria mantido uma atitude reservada frente aos primeiros sinais de um movimento de emancipação, devido ao seu caráter ponderado e prudente, e ao fato de que era um sacerdote (naquele momento era Tenente Cura da Igreja Matriz). Para este autor, ele teria sido expulso, em 1811, por conta de sua relação com os religiosos do convento de São Francisco:

*Larrañaga, con el elemento eclesiástico y civil ilustrado de Montevideo, tenía su tertulia muy cerca de su casa, en el Convento de San Francisco. Aquel centro cultural que podemos llamar con justicia la primer academia, el primer club de intelectuales de Montevideo, después de haber sido la primer aula de la ciudad, se había convertido en el eje de las maquinaciones patrióticas. Allí, al amparo de la intangibilidad de que se creían munidos los frades franciscanos, se hablaba de los sucesos políticos con la mayor libertad y con férvido entusiasmo.<sup>29</sup>*

Na sequência desse trecho, Camusso se refere à expulsão dos franciscanos e, ainda que não afirme que Larrañaga estivesse junto, continua sua narrativa, já falando sobre as atividades do personagem fora dos muros que cercavam Montevideú.<sup>30</sup> Todavia, não cita ou faz referência a qualquer documento que ateste a participação dele nas reuniões do convento de São Francisco, tampouco com relação às circunstâncias de sua expulsão.

O convento dos franciscanos (*Convento de San Bernardino*, conhecido como *Convento de San Francisco*) foi, durante algum tempo, "*el único centro cultural de la ciudad puerto*".<sup>31</sup> De acordo com José Maria Traibel, os franciscanos "*no vacilaban en criticar las medidas del gobierno de Montevideo o de Buenos Aires, llegando a provocar fastidio y alarma en el mismo virrey*".<sup>32</sup> Para Maria Medianeira Padoin, foi a partir de reuniões com a participação dos religiosos franciscanos e fazendeiros locais que se formou o "*partido criollo*", que levou adiante o movimento revolucionário na Banda Oriental, a partir de 1811.<sup>33</sup> Esse tipo de atuação dos franciscanos explica sua retirada da cidade, expulsos de maneira violenta, como se pode observar no trecho a seguir, extraído da carta na qual eles dão sua versão para o fato ao Provincial da Ordem, em Buenos Aires:

*Seria molestar la atencion de V. P. el expresarle los por menores de las tropelias, y violencias que en aquel acto sufrimos en la celda guardianal, pues habiendo el hermano Carlos suplicado á Pampillo por Dios, y Maria Santisima, que le*

<sup>29</sup> CAMUSSO, op. cit., p. 33.

<sup>30</sup> Ibid., p. 33-34.

<sup>31</sup> SANSÓN, Tomás. La Religiosidad de Artigas. In: FREGA, Ana; ISLAS, Ariadna (coord.). **Nuevas miradas en torno al Artiguismo**. Montevideo: Departamento de Publicaciones de la Facultad de Humanidades y Ciencias de La Educación de la Universidad de la República, 2001. p. 261-276, p. 262.

<sup>32</sup> TRAIHEL (1959), citado por: SANSÓN, op. cit., p. 262.

<sup>33</sup> PADOIN, Maria Medianeira. **Federalismo Gaúcho**: fronteira platina, direito e revolução. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001, p. 44.

*permitiese pasar á su celda á sacar siquiera el manto, y sombrero, á empellones, y tirones lo hizo volver atras respondiendole con una blasfemia, que no habia Dios, ni Maria Santisima.*<sup>34</sup>

Em outro trecho, reclamam que solicitaram ao encarregado da expulsão que os deixasse pegar ao menos algumas roupas e o breviário, mas que nada disso foi concedido. A saída de Larrañaga, pelo que se depreende de sua carta a Artigas, ainda que não se tenha certeza de que foi nessa mesma ocasião, não teria ocorrido em condições muito melhores, com a única diferença que, ao contrário dos franciscanos, conseguiu levar junto o breviário: "*por cierto que lo dexé todo quando salí con solo mi breviario baxo del brazo*".<sup>35</sup>

Edmundo Favaro não se refere à participação de Larrañaga nas reuniões do convento de São Francisco, mas afirma que ele teria sido um dos que apoiou a união à *Junta de Mayo*,<sup>36</sup> instalada em Buenos Aires. De acordo com este autor, Larrañaga participou de reuniões políticas junto com outros partidários da Junta:

*Afirmaba doña Josefa Artigas, testigo presencial de sus relatos, que Larrañaga asistió por esa época, conjuntamente a Monterosso, a Miguel Barreiro, a algunos hermanos de José Artigas, a dos hermanos Galais y otros señores, con sus respectivas familias, a algunos 'banquetes' que se realizaron en la estancia de don Manuel Pérez en las Piedras, en el paraje conocido por Molino de Agua; así como también en casa de don Fernando Otorgués, en el Paso Molino, en el paraje conocido por Campos Eliseos. En estas reuniones – refería doña Josefa Artigas – se hablaba de política y todos eran partidarios de la Junta.*<sup>37</sup>

Considero que ambas as hipóteses levantadas, tanto por Camusso quanto por Favaro, apesar da falta de documentos que façam referência direta, são bastante admissíveis em seu contexto. É provável que Larrañaga tenha participado destes encontros políticos, não apenas por sua formação intelectual, mas também pelo fato de que já demonstrara esse interesse ao participar do *Cabildo Aberto* de 1808. No caso das tertúlias no convento franciscano, além de pertencer ao clero, apesar das diferenças que separavam clero regular e secular, também conta o fato de que foi no colégio mantido pelo convento que realizou seus primeiros estudos na penúltima década do século XVIII.

<sup>34</sup> Comunicação dos religiosos do Convento de Montevidéu ao Ministro Provincial dos Franciscanos em Buenos Aires, 28/05/1811. **Archivo Artigas**, tomo 5, p. 9-11.

<sup>35</sup> Larrañaga a Artigas, Montevidéu, 09/12/1815. **Archivo Artigas**, tomo 22, p. 214-215.

<sup>36</sup> A *Junta de Mayo*, como ficou conhecida, foi instalada em Buenos Aires no dia 25 de maio de 1810, quando o *Cabildo Aberto* destituiu do poder o vice-rei do Rio da Prata, Baltasar Hidalgo de Cisneros. A data é considerada marco do início do processo de Independência no Rio da Prata.

<sup>37</sup> Em nota de rodapé referente a este trecho, Favaro cita o livro "Estudio sobre Artigas y su época", tomo III, Montevidéu, 1886, p. 45-46, de autoria de Justo Maseo. FAVARO, op. cit. p. 36.

Na primeira década do século XIX, Larrañaga participava dos encontros promovidos à noite na livraria de José Cutiellos.<sup>38</sup> Ao que tudo indica, eram reuniões com objetivos diferentes, sendo que aquelas ocorridas na livraria provavelmente não tinham como principal tema o cenário político e ações a serem tomadas na prática, como foi o caso das demais reuniões da década seguinte. Entretanto, em ambos os casos, tratava-se de pessoas reunidas em torno do debate de ideias, oportunidade não muito comum naquele contexto, a ponto de que Larrañaga pudesse desperdiçar. Faço, porém, uma ressalva, que discuto logo adiante: as correspondências relativas a este período indicam que seu interesse estava muito mais voltado ao debate de temas científicos, principalmente daqueles ligados aos estudos da natureza, do que propriamente ao debate de ideias políticas, ainda que nada impedisse que fizesse as duas coisas.

Independentemente de sua participação em reuniões nas quais o processo revolucionário foi planejado, bem como das circunstâncias específicas em que passou para o lado de fora da muralha que cercava Montevideú, o fato incontestável de ter deixado a cidade, em 1811, atesta que estava desde o início entre aqueles que apoiavam o movimento de derrubada do poder espanhol. No contexto da Banda Oriental, em que "*nueve en cada diez clérigos apoyaban activamente la revolución*",<sup>39</sup> longe de ser uma exceção, essa é praticamente uma regra, não tendo sido muito diferente no caso das demais territórios do Rio da Prata.<sup>40</sup>

De acordo com Roberto Di Stefano, no *Cabildo* Aberto realizado no dia 22 de maio de 1810, em Buenos Aires, no qual cerca de 10% dos participantes eram eclesiásticos, a maioria do clero secular votou pela deposição do vice-rei Cisneros, mesmo com o bispo votando contra.<sup>41</sup> É certo que alguns também apoiaram a causa da Espanha, como os bispos, por exemplo, que em sua maioria eram peninsulares e não pretendiam abrir mão dos privilégios dos quais desfrutavam sob o domínio da metrópole. No entanto, a maioria dos sacerdotes do Rio da Prata atuou favoravelmente aos movimentos de independência no decorrer da década de 1810.

<sup>38</sup> Este assunto foi abordado no terceiro capítulo desta tese. Cf.: NARANCIO, Edmundo D. Introducción. In: UNIVERSIDAD DE LA REPÚBLICA. Facultad de Humanidades y ciencias – Instituto de Investigaciones Historicas. **Biblioteca de impresos raros americanos**. Montevideo: 1951. t. II. p. VII-XVII, p. VIII.

<sup>39</sup> TERNAVASIO, Marcela. José Valentín Gómez (1774-1839) Y el valor de la palabra en la disputa política pos revolucionaria. In: CALVO, Nancy. DI STEFANO, Roberto. GALLO, Klaus. (coord) **Los Curas de la Revolución: Vidas de Eclesiásticos en las Orígenes de la Nación**. Buenos Aires: Emecé, 2002. p. 171-200, p. 175.

<sup>40</sup> Consultar, entre outros: CALVO; DI STEFANO; GALLO, op. cit.

<sup>41</sup> DI STEFANO, Roberto; ZANATTA, Loris. **Historia de la Iglesia Argentina: Desde la Conquista hasta fines del siglo XX**. Buenos Aires: Mondadori, 2000, p. 194.

Alguns sacerdotes cuja formação os havia colocado em contato com o Direito Natural e das Gentes<sup>42</sup> tiveram nos movimentos de independência uma oportunidade de colocar em prática aquilo que defendiam na teoria. Este foi o caso de Juan Ignacio Gorriti (1776-1842), doutor em Teologia pela Universidade de Córdoba, que no momento da eclosão do movimento de maio foi enviado a Buenos Aires como representante de Jujuy. No período em que atuou como representante do *Cabildo* Jujuy, Gorriti defendeu a igualdade de direitos de sua cidade com relação a Salta, de acordo com Noemí Goldman, apoiado em doutrinas derivadas do Direito Natural e das Gentes.<sup>43</sup> Outro exemplo de sacerdote cuja atuação política se fundamentou no Direito das Gentes foi Antônio Sáenz (1780-1825), redator da ata de declaração de independência das Províncias Unidas de 9 de julho de 1816, o qual, entre seus escritos, deixou a obra *Instituciones elementares sobre el Derecho Natural y de Gentes*, escrita a partir de um curso que ditou na Universidade de Buenos Aires, instituição criada em 1821 e da qual ele foi o primeiro reitor.<sup>44</sup>

Da mesma forma, para determinados sacerdotes, os movimentos de independência se apresentaram como oportunidade de colocar em prática teorias que nutriam a respeito da estrutura da Igreja e seu relacionamento com o estado e a sociedade.<sup>45</sup> Para estes, a ruptura com a Espanha teria sido considerada "*capaz de abrir en el plano local una suerte de 'laboratorio', de fase experimental para la implementación de sus ideas.*"<sup>46</sup> Entre os que se

---

<sup>42</sup> O Direito Natural e das Gentes se tratava de um conjunto de "doutrinas não homogêneas" que se expandiram pela Europa durante o século XVIII, chegaram até a América, e acabaram servindo de sustentação aos novos governos após os movimentos de independência, a partir de diferentes interpretações. Com relação à Teoria do Estado, o Direito Natural e Das Gentes opunha-se à teoria do Direito Divino, sustentando, por exemplo, que, em caso de vacância do trono, os "*pueblos*" teriam o direito de se governarem por si mesmos. Entendia-se, portanto, que a soberania residia nos "*pueblos*", e não no Rei pela imposição divina. Ainda assim, não havia homogeneidade de interpretações quanto a questões relacionadas à indivisibilidade ou divisibilidade da soberania, tanto que grupos distintos se fundamentaram nesta teoria ao longo da primeira metade do século XIX. Sobre isso, ver: CHIARAMONTE, José Carlos. Fundamentos Jusnaturalistas de los movimientos de Independencia. *Boletín del Instituto de Historia Argentina Y Americana Dr. Emilio Ravignani*, Buenos Aires, 3° serie, n. 22, p. 33-71, 2° semestre 2000; CHIARAMONTE, José Carlos. La Formación de los Estados Nacionales em Iberoamerica. *Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani*, Buenos Aires, 3° serie, n. 15, p.143-165, 1° semestre de 1997; CHIARAMONTE, José Carlos La cuestión de la soberanía en la Genesis y constitución del Estado Argentino. *Revista Electrónica de Historia Constitucional da Universidad de Oviedo*, Oviedo, 1997. Disponível em: <<http://hc.rediris.es/dos/articulos/html/soberania/htm#01>>. Acesso em: 27 jun. 2003.

<sup>43</sup> GOLDMAN, Noemí. Juan Ignacio Gorriti (1776-1842) Republicanismo e Ilustración Católica en la Revolución. In.: CALVO, DI STEFANO; GALLO, op. cit, p. 59-81, 63-64.

<sup>44</sup> Cf.: URQUIZA, Fernando Carlos. Antonio Sáenz (1780-1825) Su lucha por la independencia, la libertad y la constitución. In.: CALVO, DI STEFANO; GALLO, op. cit, p. 279-302.

<sup>45</sup> DI STEFANO, Roberto. La Revolución de las almas: religión y política en el Río de La Plata insurrecto. In.: CALVO, DI STEFANO; GALLO, op. cit, p. 13-28, p. 21-24, passim.

<sup>46</sup> *Ibid.*, p. 23.



encaixam neste perfil estão, por exemplo, Gregório Funes (1749-1829), Diego Estanislao Zavalleta (1768-1842) e José Valentin Gómez (1774-1839).<sup>47</sup>

À parte as diferenças de interesses e a forma de agir, os clérigos desempenharam um papel bastante significativo nos movimentos de independência, seja atuando nas reuniões de preparação das revoltas, na pregação política que faziam desde o altar, na sustentação ideológica dos movimentos, participando de assembleias, reuniões, desempenhando mandatos e cargos políticos nos novos estados que surgiam, ou numa série de outras funções que ocuparam, muitas vezes em prejuízo de suas atividades sacerdotais. Num contexto que ainda dizia respeito ao período colonial e que vai começar a sofrer mudanças mais significativas a partir dos movimentos de independência, em que Estado e Igreja se confundem, assim como Igreja e Sociedade,<sup>48</sup> e no qual os sacerdotes representavam uma autoridade de origem divina, portanto, incontestável,<sup>49</sup> obter seu apoio se tornou fundamental. E, quando isso não fosse possível, era preciso pelo menos impedir que agissem, como ocorreu com os franciscanos expulsos de Montevideú.

A importância do papel desempenhado pelo clero não passou despercebida aos governantes e líderes militares, conforme mostram diversos exemplos. Na Banda Oriental, o governador Francisco Javier Elío enviou cartas aos sacerdotes, exortando-os a intervirem diretamente com os fiéis.<sup>50</sup> Artigas também ordenou que promovessem um discurso favorável à revolução nas missas e no confessionário.<sup>51</sup> Já o Governo de Buenos Aires, através de uma circular assinada pelo Ministro de Governo Nicolas Herrera, ordenou aos párocos que falassem contra Artigas e a favor do Poder central bonaerense:

*[...] Al efecto debe V. imponer á sus feligrezes pública y privadamente de la injusticia y mala fé del Caudillo D. José Artigas, y de las tristes conseqüencias que lamentaria el Estado, y con especialidad el territorio de esta Provincia si sus habitantes seducidos por las falsas promesas del perturbador Oriental llegassen á tomar la mas pequeña parte en sus designios [...]*

*[...] Tales deberán ser los puntos sobre que tratará V. de inculcar en sus exôrtaciones privadas ó públicas para uniformar la opinion de sus feligreses, disuadiéndoles de las especies calumniantes con que se ataca el honor y la obediencia de la Autoridad Suprema del Estado; [...]*<sup>52</sup>

<sup>47</sup> DI STEFANO, Roberto. La Revolución de las almas... loc. cit.bid., p. 23.

<sup>48</sup> *Ibidi.*, p. 15.

<sup>49</sup> DI STEFANO; ZANATTA, op. cit., p. 57.

<sup>50</sup> Conforme Marcela Ternavasio, a partir dos escritos de Ignacio Núñez. TERNAVASIO, op. cit., p. 175.

<sup>51</sup> Cf.: SANSÓN, op. cit., p. 263.

<sup>52</sup> Circular de Nicolas Herrera dirigida aos párocos, Buenos Aires, 30/03/1815. **Archivo** Artigas, tomo 20, p. 276-279. Tomás Sansón se refere a esta correspondência em nota de rodapé de seu artigo: SANSÓN, op. cit., p. 272.

Percebe-se que os sacerdotes eram pressionados por diferentes poderes em conflito, cada qual tentando fazer uso da influência destes entre a população para a defesa de sua causa. Mesmo se algum deles tivesse qualquer pretensão de se manter neutro, provavelmente, enfrentaria problemas. A escolha não era tão simples quanto possa parecer, vista a partir de hoje. Os movimentos de independência poderiam não ter triunfado, ou, então, demorar muito para se concretizarem em países independentes. Talvez levasse um tempo muito longo em que transcorreria uma vida e, junto com ela, uma carreira eclesiástica. Se considerarmos todo o processo de organização dos novos Estados, que se estendeu pelo século XIX, de certa forma foi isso o que ocorreu na maioria dos casos. Considerando-se que, como procurei mostrar no segundo capítulo, a progressão na carreira eclesiástica não dependia apenas dos méritos e da formação, mas estava sujeita também ao peso dos contatos políticos, das relações e das trocas de favores, os sacerdotes sabiam que uma escolha errada no embate político poderia levar abaixo qualquer plano de ascensão na carreira ou até mesmo coisas bem mais simples como a ocupação de uma paróquia mais rentável. Essa escolha, naturalmente, não se constituiu num dilema tão grande para aqueles que na ordem vigente até então ocupavam postos baixos na hierarquia e não viam muitas perspectivas de crescimento num contexto em que sobravam clérigos e faltavam postos de trabalho.<sup>53</sup> Todavia, no campo das possibilidades, muitas outras se apresentavam àqueles sacerdotes além da vitória realista ou dos movimentos de independência. Em 1815, no momento em que eram conclamados a pregar em favor de Artigas, ao mesmo tempo que o Governo de Buenos Aires os convocava para o seu lado, como poderiam saber aqueles sujeitos históricos sobre o triunfo de um destes poderes, num cenário tão instável quanto aquele da “luta de soberanias”<sup>54</sup> da primeira década de independência? Que tipo de certeza poderiam ter os sacerdotes da Província Oriental, mais tarde, durante a dominação luso-brasileira? Neste período, as várias propostas discutidas incluíram desde a independência absoluta até uma independência relativa, uma aliança com as Províncias Unidas, com o Brasil ou com a Grã-Bretanha, sendo que, em alguns momentos, foi

---

<sup>53</sup> De acordo com Roberto Di Stefano, na virada do século, o número de clérigos seculares cresceu ao ponto de se sobrepor à visão negativa que se tinha das paróquias rurais e da campanha como um todo, vista como lugar inadequado para residência de pessoas decentes. Os sacerdotes passaram então a procurar não apenas pelas paróquias mais rentáveis ou menos perigosas, sendo que, na década que antecede às revoluções, cargos anteriormente desprezados se tornaram atrativos e não restavam paróquias vacantes na diocese de Buenos Aires. Ou seja, aumentaram as ordenações, mas as vagas eram limitadas. Cf.: DI STEFANO, Roberto. Pastores de rústicos rebanhos: cura de almas y mundo rural en la cultura ilustrada rioplatense. **Boletín del Instituto de Historia Argentina Y Americana Dr. Emilio Ravignani**, Buenos Aires, 3ª serie, n. 22, p. 7-32, 2000, p. 11.

<sup>54</sup> A expressão “*lucha de soberanías*” foi usada por Ana Frega, a qual explica que tomou a mesma do título do trabalho de Antonio Annino (1994). FREGA, Ana. La Formación del Estado Uruguayo. **RILA: Revista de Integración Latino-Americana**, Santa Maria, ano 2, n.1, p. 23-45, 2005, p. 28.

discutida até mesmo a possibilidade de tornar independente apenas a cidade e o território de Montevideú.<sup>55</sup>

Neste ponto volto a Larrañaga, que, alguns parágrafos atrás, havia deixado a Montevideú espanhola, cercada pelas tropas de Artigas e de Rondeau, em circunstâncias ainda não completamente esclarecidas, quando não marchou para junto dos sitiadores, e sim para uma chácara da família, onde se entregou aos estudos da natureza e permaneceu até 1813, ano em que passou a desempenhar um papel muito importante como representante da Província Oriental frente ao governo bonaerense.

E aqui é que a biografia de Larrañaga serve para fazer aquilo propõe Sabina Loriga, quando sugere "utilizar o eu para romper o excesso de coerência do discurso histórico, ou seja, para se interrogar não apenas sobre o que foi, sobre o que aconteceu, mas também sobre as incertezas do passado e as possibilidades perdidas".<sup>56</sup> Que estaria querendo dizer para Artigas, remetendo-se àqueles primeiros anos de revolução, quando escreveu: "*me mantuve fuera á pesar de mil ofertas*"?<sup>57</sup> Referia-se a propostas por parte dos espanhóis? Ou seriam propostas do Governo de Buenos Aires? Diziam respeito a cargos na hierarquia eclesiástica? Lembremos que, em 1811, ele era apenas Tenente Cura da Igreja Matriz. Ou seriam ofertas em outras áreas, algo como o emprego que mais tarde ocuparia na Biblioteca Pública de Buenos Aires? Que possibilidades teria desperdiçado quando se manteve do lado do movimento que lutou contra os espanhóis, apesar de sua atuação um tanto contida nos dois primeiros anos? Infelizmente, por se tratar de uma referência vaga, num único documento, não há como saber exatamente de que situação estava falando. De qualquer forma, percebe-se que, com isso, queria relembrar Artigas dos amigos que tinha também do outro lado, e que, caso fosse preciso, teria a quem recorrer ("*me diga que no le gusta, y estamos del otro lado*").<sup>58</sup>

O *Jefe dos Orientales* conhecia muito bem o prestígio de Larrañaga entre as diversas partes em conflito. Ao longo de 1813 ele foi eleito deputado em quatro ocasiões diferentes para participar da *Asamblea General Constituyente* instalada em Buenos Aires. Logo no início do ano, deixou a chácara da família, com destino a Buenos Aires, na qualidade de deputado

---

<sup>55</sup> Cf.: Ibid.

<sup>56</sup> LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. **Jogos de Escalas**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 225-249, p. 246, 247.

<sup>57</sup> Larrañaga a Artigas, Montevideú, 09/12/1815. **Archivo Artigas**, tomo 22, p. 214-215.

<sup>58</sup> Ibid.

representante das famílias emigradas de Montevidéu,<sup>59</sup> mas delegou seus poderes a Tomás García de Zuñiga. Mais tarde, em abril, no *Congreso de Tres Cruces* ou *Congreso de Abril* (05 a 21 de abril), quando os deputados da eleição anterior foram rechaçados e novos representantes foram eleitos, ele foi novamente um dos escolhidos.<sup>60</sup> E, no final daquele mesmo ano, no *Congreso de la Capilla de Maciel* (08, 09 e 10 de dezembro de 1813), mais uma vez se elegeu entre os deputados da Banda Oriental.<sup>61</sup> É interessante observar que, nestas diferentes eleições, foi escolhido para representar grupos opostos. Da primeira vez, foi a partir de uma eleição convocada por Manuel de Sarratea, *general en Jefe* do exército de Buenos Aires, o qual, em 1812, voltara a sitiar Montevidéu com as tropas comandadas por José Rondeau, depois do rompimento do pacto que bonaerenses e espanhóis haviam feito, em 1811, e que resultara na retirada de Artigas para Entre Rios (*La redota*). Na segunda vez foi eleito no *Congreso de Abril*, convocado por Artigas, do qual os deputados saíram como portadores de 20 instruções, as *Instrucciones del Año XIII*, que deveriam sustentar na Assembleia Constituinte, contrariando os interesses centralistas de Buenos Aires. Por fim, na última das eleições, no *Congreso de la Capilla de Maciel*, foi eleito ante a convocação de um grupo favorável à união com Buenos Aires. Noutra ocasião, em julho de 1813, também foi escolhido como deputado de Maldonado na Assembléia Geral, desta vez para substituir Dámaso Gómez da Fonseca, que havia renunciado.<sup>62</sup>

Este período também foi invocado na correspondência de 1815: “*Despues acá he sostenido á V.E. en las disputas con Sarratea y por cierto hubo de costar bien caro esto en B.s A.s alli tuve varias secciones con el Gobierno muy largas y creo que nadie les habló con mas libertad*”.<sup>63</sup> O momento em que esteve mais próximo de Artigas neste período foi na ocasião em se apresentou em Buenos Aires depois do *Congreso de Abril*, levando consigo as 20 instruções artiguistas em nome da *Provincia Oriental del Rio de La Plata*.<sup>64</sup> Muitos de

<sup>59</sup> Manuel de Sarratea ao Governo Superior das Províncias Unidas (*Comunica el nombramiento de los diputados que deben representar a la Banda Oriental en la Asamblea*), Cerrito de Montevidéu, 26/01/1813. **Archivo Artigas**, tomo 11, p. 11-12.

<sup>60</sup> Ata da reunião do Congresso de *Tres Cruces*, Banda Oriental, 05/04/1813. **Archivo Artigas**, tomo 11, p. 83-84.

<sup>61</sup> *Copia del acta del Congreso de Capilla de Maciel en la que consta lo actuado en las sesiones correspondientes a los días 8 e 9 de diciembre de 1813...* Miguelete, 08-09/12/1813. **Archivo Artigas**, tomo 11, p. 228-231.

<sup>62</sup> *Acta de la Asamblea realizada en el pueblo de San Fernando de Maldonado con el objeto de designar un diputado para la Soberana Asamblea por renuncia del ya elegido Dámaso Gómez Fonseca*, Maldonado, 07/07/1813. **Archivo Artigas**, tomo 11, p. 155-156. Juan Correa a Bruno Mendez, Maldonado, 09/07/1813. **Archivo Artigas**, tomo 11, p. 162-163. Juan Correa a Dámaso Antonio Larrañaga, Maldonado, 09/07/1813. **Archivo Artigas**, tomo 11, p. 163.

<sup>63</sup> Larrañaga a Artigas, Montevidéu, 09/12/1815. **Archivo Artigas**, tomo 22, p. 214-215.

<sup>64</sup> “*En realidad, esta provincia se había constituido formalmente en el Congreso de abril de 1813*”. FREGA, Ana. La virtud y el poder. La Soberanía particular de los pueblos en el proyecto Artiguista. In: GOLDMAN,

seus biógrafos, inclusive, discutem a hipótese de que ele teria sido o autor da *Instrucciones del Año XIII*, mas não existe nenhum consenso a respeito. Rafael Algorta Camusso, apesar de afirmar que “*la idea madre es de Artigas*”, cita trechos de Francisco Bauzá, que, depois de comentar certas qualidades intelectuais de Larrañaga, afirma que estas “*proyectan sobre él, todos los indicios de autor*”. Cita também um trecho de autoria de Zorilla de San Martín, no qual este afirma que “*no otro que Larrañaga fué quien dió forma a aquellos principios...*”.<sup>65</sup> José Salgado também segue nesta linha e afirma que não seria só na redação das instruções que ele teria intervindo; afirma que a ideia foi dele e não descarta a participação de outros deputados, mas defende que o principal colaborador foi Larrañaga: “*Ninguno de los personajes, que rodeaban al prócer, tenía mas conocimientos que él en ciencias sociales y políticas*”.<sup>66</sup> Outros autores, como, por exemplo, Fermin I. Huertas Berro,<sup>67</sup> e Antonio María Barbieri,<sup>68</sup> apenas levantam a possibilidade de que poderia ter sido ele o autor, mas deixam em aberto essa questão. Já Edmundo Favaro não acredita em qualquer participação dele na elaboração das Instruções: “*Larrañaga no pudo ser gestor, ni tampoco intervenir en la redacción de las famosas y notables instrucciones del año XIII, porque estaba en Buenos Aires y solo regresó a la Banda cuando ya no era posible alcanzar al Congreso*”.<sup>69</sup> O principal argumento de Favaro é o de que não existe nenhum documento da época que registre qualquer intervenção de Larrañaga no *Congreso de Abril* ou nas reuniões que o antecedem.

Não encontrei nenhum documento que pudesse acrescentar algo novo nesta discussão. Parece-me, no entanto, que, se tivesse sido ele o autor das instruções, não deixaria de aludir claramente a isso na carta de 1815, com a qual abri esta seção. O que considero mais importante, todavia, acerca disso, é a própria possibilidade levantada, ou seja, o fato de que seja apontado como “possível” autor. Os argumentos apresentados para defender essa hipótese mostram o protagonismo que teve neste período, quando já gozava de prestígio e relações que o levariam a ser eleito por distintos grupos ao longo daquele ano.

Por conta da proposta contida nas Instruções, de um sistema confederal que garantiria a soberania das províncias frente às pretensões centralistas de Buenos Aires, cidade que nem

Noemi, SALVATORE, Ricardo (comp). **Caudillismo Rio Platense: nuevas miradas a um viejo problema**. Buenos Aires: Eudeba, 1998, p.115, nota de rodapé n° 50.

<sup>65</sup> CAMUSSO, op. cit., p. 36-37.

<sup>66</sup> SALGADO, Jose. Larrañaga. **Revista Nacional**, Montevideo, T. XII, p. 202-215, 1940, p. 204.

BERRO, Fermin I. Huertas. **Dámaso Antonio Larrañaga (1771-1848)**. Montevideo: 1965, p. 11.

<sup>68</sup> BARBIERI, Antonio María. Dámaso Antonio Larrañaga. In: **VII Congreso de Estudios Vascos (1948)**. San Sebastián: Sociedad de Estudios Vascos, 2003. p. 435-441. Disponível em: <<http://www.euskomedia.org/PDFAnlt/congresos/07/07435441.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2011, p. 441.

<sup>69</sup> FAVARO, op. cit., p. 40.

sequer seria aceita como sede do Governo da Confederação,<sup>70</sup> Larrañaga e os demais deputados da Província Oriental não foram aceitos pela *Asamblea General Constituyente*. Em 18 de junho de 1813, ele e Mateo Vidal comunicaram Artigas da negativa de sua incorporação como deputados na Assembleia Geral, remetendo cópia de resolução publicada no “*El redactor de la Asamblea*”.<sup>71</sup> Os motivos alegados para negar a incorporação diziam respeito à irregularidades nas credenciais apresentadas pelos deputados, o que foi alvo de protestos destes, porém sem efeito. Diante disso, Artigas “*firme en sus propósitos, constante en su objetivo, envía nuevas instrucciones; pero no a los diputados rechazados, sino a aquél en cuya capacidad y enérgica decisión confiara, en Dámaso Antonio Larrañaga*”.<sup>72</sup> É bastante conhecida sua atuação neste episódio, não apenas por seus biógrafos, mas pela historiografia uruguaia como um todo, por se tratar de assunto diretamente relacionado à atuação de Artigas. Como meu objetivo não se refere propriamente ao artiguismo, nem mesmo à discussão em torno da figura de Artigas, não me deterei em detalhes a respeito dessa missão política, senão apenas naqueles que revelam a forma de atuação de Larrañaga e sua relação com Artigas.

Os documentos remetidos pelo *Jefe de los orientales* no final de junho,<sup>73</sup> contendo instruções que deveria seguir, revelam não apenas que ele foi o escolhido dentre os deputados da Província para o desempenho da missão, como mostram também a confiança depositada nele por Artigas ao deixar certa margem de liberdade quanto à forma de agir:

*El todo del negocio queda confiado al zelo de V., á cuyo efecto tengo la satisfacc.n de incluirle las adjuntas instrucciones. No obstante, las medidas q.e hay tomadas, como la moderacion ha de fixar ntra marcha, puede V. estar seguro de sus facultades amplias p.a allanar los resultados, usando del modo q.e crea V. mas oportuno.*<sup>74</sup>

E parece que tomou mesmo certas liberdades para tratar desta questão, se analisarmos a maneira como agiu ao intermediar a disputa. O documento que Artigas mandou através dele para o Governo das Províncias Unidas foi escrito num tom bastante belicoso,<sup>75</sup> e a resposta

<sup>70</sup> PADOIN, op. cit., p. 49.

<sup>71</sup> Larrañaga e Mateo Vidal a Artigas, Buenos Aires, 18/06/1813. **Archivo Artigas**, tomo 11, p. 133-135.

<sup>72</sup> FAVARO, op. cit., p. 42.

<sup>73</sup> Artigas a Larrañaga, Campo diante de Montevideú, 29/06/1813. **Archivo Artigas**, tomo 11, p. 137. *Instrucciones dadas a Dámaso Antonio Larrañaga para su comisión ante el gobierno de las Provincias Unidas del Río de la Plata...*, Campo diante de Montevideú, 29/06/1813. **Archivo Artigas**, tomo 11, p. 141-142. *Informes proporcionados por Artigas a Dámaso Antonio Larrañaga para el desempeño de la misión que le ha encomendado ante el gobierno de Buenos Aires*, Campo diante de Montevideú, 29/06/1813. **Archivo Artigas**, tomo 11, p. 142-143.

<sup>74</sup> Artigas a Larrañaga, Campo diante de Montevideú, 29/06/1813. **Archivo Artigas**, tomo 11, p. 137.

<sup>75</sup> Dizia um trecho deste documento: “*La hist.a de la regeneracion de esta prov.a es demasiado reciente p.a q.e sus circunst.as dexen de servir de fômes á su zelo p.r su dignidad. Es un delirio formar el proyecto de subyugarla, despues q.e su desolacion absoluta ha rubricado el decreto augusto de su libertad. Derramamos*

não deixaria por menos. Transcrevo abaixo o primeiro parágrafo do documento remetido pelo Governo para Larrañaga, importante para compreender o andamento que este dará para o caso na sequência:

*El gobierno ha visto el papel de D.n Jose Artigas, que estuvo Vmd encargado de presentarle. La animosidad que respira y el espíritu de hostilidad que domina en todo su contexto, persuaden que en la respuesta se busca mas bien una señal para la agresion que el restablecimiento de la necesaria armonia. Sin embargo, el gobierno ha estado preparado siempre no solo contra la furia de los enemigos exteriores, sino tambien contra los obstaculos que presentan las pasiones y las debilidades de los mismos patriotas. Si las proposiciones que contiene el papel fueran la expresion de la voluntad de los pueblos de la banda oriental, tan contradictorias como son y tan desacatadas, seria un deber sagrado para el gobierno el contestarlas, y demostrar cuanto distan de los principios de sólida politica y conveniencia general, sin los cuales nunca pueden conservarse los dros comunales é individuales. Pero la voz de D.n Jose Artigas no esta legalmente reconocida como la del pueblo de que se dice representante, y la fuerza de que se prevale, disminuye mas bien que aumenta su pretendida representacion.*<sup>76</sup>

A continuação do documento tratava sobre nomeação dos deputados da Banda Oriental, do restabelecimento da ordem, de questões relacionadas aos exércitos e à guerra, entre outras coisas. Recebido este, Larrañaga remeteu correspondência para Artigas relatando o resultado de sua “*honrosa Comisión*” junto “*al Gobierno y otros Señores de la Asamblea*”, obtido “*despues de larguissimas conferencias y debates*”.<sup>77</sup> Transcreve, então, o documento do Governo das Províncias Unidas, porém omite diversos trechos, como todo o primeiro parágrafo que citei acima, no qual Artigas era criticado e nem mesmo reconhecido pelo Governo como representante da Banda Oriental.<sup>78</sup>

Não quero me estender demais nessa questão específica, nem entrar no mérito se teria agido com “imprudência”<sup>79</sup> ou com “ingenuidade”<sup>80</sup> ao amenizar a resposta do Governo das Províncias Unidas. Importa observar, neste caso, sua estratégia de negociador, tentando promover o acerto entre as partes envolvidas. Seria o caso, então, de concordar com aquilo que escreveram os dois autores das biografias que citei na primeira seção do primeiro capítulo desta tese, para os quais, Larrañaga participava da política apenas como mediador ou

---

*aún la sangre delante de los despotas, cuyas cadenas quebramos hace três años, y creé VE. q.e hemos de mirar con indifer.a las q.e pretende depositar en la fuerza q.e organiza VE.: Tal corona de ntros trabajos no corresponde á su objeto. Desista VE. del empeño, entre con nosotros al tem/plo agosto de la confederacion, y evitemos q.e el luto, llanto y amargura vengan a ofuscar el brillante tabló q.e nos presenta el destino."* Artigas ao Superior Governo Executivo das Províncias Unidas, 29/06/1813. **Archivo Artigas**, tomo 11, p. 137-141.

<sup>76</sup> Superior Governo Executivo a Larrañaga, Buenos Aires, 27/07/1813. **Archivo Artigas**, tomo 11, p. 168-169.

<sup>77</sup> Larrañaga a Artigas, Buenos Aires, 29/07/1813. **Archivo Artigas**, tomo 11, p. 173-174.

<sup>78</sup> Nas palavras de Edmundo Favaro, Larrañaga transcreveu o documento, “*despojándolo de toda actitud y hasta haciéndole llegar una buena impresión*”. FAVARO, op. cit., p. 43.

<sup>79</sup> REYES ABADIE; VAZQUEZ ROMERO, op. cit., p. 332.

<sup>80</sup> FAVARO, op. cit., p. 44.

conciliador?<sup>81</sup> Não. Ainda que tenha atuado desta forma, tanto nesta como noutras ocasiões, não concordo com o sentido que os biógrafos atribuem a estes termos, que em geral remetem para uma atuação sem qualquer interesse pessoal, como se o personagem não tivesse nenhuma espécie de vínculo com os envolvidos no conflito e toda a sua mediação ou esforço de conciliação resultassem de sua condição sacerdotal ou de seu caráter moderado. É inegável que sua atuação, na maior parte das vezes, tenha sido no intuito de garantir a paz e o bem comum. Todavia, o sujeito histórico Larrañaga, antes de se transformar no Larrañaga idealizado das primeiras biografias, não tinha como tomar decisões e agir sem levar em conta seus interesses pessoais, que, longe de estarem restritos ao contexto da política, envolviam ainda uma série de outros contextos interligados entre si, como o eclesiástico e o científico. É por isso que prefiro usar o termo “negociador”, em vez de mediador ou conciliador.

No momento em que escrevia a carta citada acima, abrandando as críticas do governo bonaerense contra Artigas, encontrava-se, desde vinte dias antes, nomeado para o cargo de bibliotecário na Biblioteca Pública de Buenos Aires.<sup>82</sup> Aceitara uma proposta de trabalho bastante de acordo com seus interesses na área de científica e que lhe permitia trabalhar próximo de seus ex-colegas do *Real Colegio de San Carlos*, com alguns dos quais compartilhava o interesse pelas ciências. Nesta época escrevia um diário de História Natural, que começara em 1808, hoje considerado um de seus escritos mais importantes, por compreender "*los años más activos de su dedicación a las ciencias naturales y en las cuales completa en forma substancial su información bibliográfica*".<sup>83</sup> Num trecho deste diário, do período entre 29 de janeiro e 6 de fevereiro de 1813, narra a viagem que fez ao deixar a chácara da família, com destino a Buenos Aires, onde deveria incorporar-se à Assembleia das Províncias Unidas em nome das famílias emigradas de Montevidéu. Entre os diversos apontamentos que fez pelo caminho, destacam-se observações sobre alguns índios minuanos que encontrou, descrevendo seus costumes, características físicas, estratégias militares, entre outros detalhes.

---

<sup>81</sup> ESTRAZULAS Y LAMAS, Santiago. Don Dámaso Antonio Larrañaga: oración fúnebre pronunciada en la Iglesia Matriz de Montevideo el 1º de marzo de 1848. **Revista Nacional**, Montevideo, T.XII, p. 137-145, 1940. VILADEMOROS, Carlos Gerónimo. Breve noticia de la vida de Don Dámaso Antonio Larrañaga, Vicario Apostólico y Proto-Notario Apostólico de la Santa Sede en el Estado Oriental de Uruguay. **Revista Nacional**, T. XXII, p. 121-130, 1943.

<sup>82</sup> Sobre este assunto, consultar o terceiro capítulo desta tese.

<sup>83</sup> MAÑÉ GARZÓN, Fernando; ISLAS, Ariadna. Viaje de Dámaso Antonio Larrañaga de Toledo a la Villa de Florida, 29 de enero a 6 de febrero de 1813. **Cuadernos de Marcha**, Montevideo, 3ª época, año XIV, n. 162, p. 25-37, mayo 2000, p. 25. Trata-se do *Diario de Historia Natural 1808-1814*, de cerca de 620 páginas. O *Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani* disponibiliza na internet cópia digitalizada do manuscrito (<http://ravignanidigital.com.ar>). Pequena parte desse diário foi transcrita e comentada por Fernando Mañé Garzón e Ariadna Islas, na publicação referida anteriormente.



No contexto eclesiástico, antes da saída de Montevidéu, trabalhara como Tenente Cura da Igreja Matriz. Este posto, embora não fosse nada desprezível, pois Montevidéu era um importante centro urbano, situava-se num ponto muito baixo dentro da hierarquia da Igreja Católica. Em Buenos Aires, sede do Bispado, alguns de seus conhecidos ocupavam posições mais prestigiadas. Um destes era seu antigo professor do *Real Colégio de San Carlos*, Luis José Chorroarín, que, em 1813, ao assumir uma vaga no *cabildo* eclesiástico, indicara-lhe para ocupar seu lugar como primeiro bibliotecário na Biblioteca Pública de Buenos Aires. Quase dois anos depois disso, outro de seus amigos do clero bonaerense, José León Planchón, ocuparia o cargo de Vigário Capitular e Governador do Bispado de Buenos Aires, entre 25 de abril e quatro de dezembro de 1815.<sup>84</sup> Neste período, nomeou Larrañaga para Cura e Vigário Interino da Matriz de Montevidéu, no dia 28 de abril, menos de um mês depois de este ter apresentado seu pedido de renúncia<sup>85</sup> ao cargo na Biblioteca Pública de Buenos Aires e voltado para Montevidéu, nas circunstâncias em que coloquei no segundo capítulo. Permanecera em Buenos Aires, trabalhando na Biblioteca, entre 1813 e 1815, mesmo com o insucesso de sua negociação frente ao Governo das Províncias Unidas e o agravamento da tensão entre os bonaerenses e Artigas, o qual retirou suas tropas do cerco a Montevidéu, novamente, no começo de 1814, e em fevereiro de 1815 tomou a cidade das mãos dos bonaerenses, que, por sua vez, tinham-na conquistado dos espanhóis na metade do ano anterior.

É possível que tenham sido estes vínculos e relações que o tornaram bastante prudente na hora de agir, transformando-o no hábil negociador que demonstrou ser em diversas ocasiões. Movia-se num cenário complexo e delicado e tinha consciência de que qualquer movimento mal sucedido poderia resultar numa perda irrecuperável.

As razões que o levaram a reagir de maneira exasperada às determinações de Artigas, em 1815, escrevendo uma correspondência tão belicosa, destoante da maioria dos demais registros que deixou, dizem respeito, aliás, ao campo das amizades e relações, pois envolviam o Provisor da Diocese de Buenos Aires, seu amigo, José León Planchón (*“He sentido muy mucho la cosa contra el Provisor, y como yo tengo la culpa por / mi indiscrecion en remitir aquella carta que es una prueba muy grande de mi amistad, me es indispensable volver por su honor y por nuestro agradecimiento.”*)<sup>86</sup> Ou seja, o que lhe causou maior descontentamento foi a atitude de Artigas, que, reagindo publicamente à carta de Planchón, que ele lhe enviara

---

<sup>84</sup> ARZOBISPADO DE BUENOS AIRES. **Noticias Históricas**: La Diócesis de Buenos Aires en Sede Vacante. Disponível em: < [http://www.arzbaires.org.ar/inicio/menu\\_historia.html](http://www.arzbaires.org.ar/inicio/menu_historia.html) >. Acesso em 04/12/2014.

<sup>85</sup> Larrañaga ao Governo de Buenos Aires, Buenos Aires, 01/04/1815. **Archivo Artigas**, tomo 26, p. 338.

<sup>86</sup> Larrañaga a Artigas, Montevidéu, 09/12/1815. **Archivo Artigas**, tomo 22, p. 214-215.

confidencialmente, quebrou a relação de confiança que existia entre eles e pôs em perigo a amizade entre Planchón e Larrañaga. A situação se tornara bastante embaraçosa para este, pois o conflito envolvia, justamente, os dois personagens aos quais devia a nomeação ao posto de Cura e Vigário Interino de Montevideú, em abril de 1815, bem como a concessão das faculdades especiais que o transformaram em principal autoridade eclesiástica na Província, em julho do mesmo ano.

Apesar dos protestos frente a Artigas e do tom de ameaça que transparece na carta, ameaça de ir-se “*al otro lado*”, é evidente que não era exatamente esta a intenção de Larrañaga, tanto que remete ao passado de colaboração com Artigas para mostrar o quanto este lhe devia. A correspondência foi uma espécie de advertência, mas com a finalidade de entendimento, o qual deveria ocorrer diretamente entre os dois, na qualidade de “chefes” de que ambos estavam revestidos. Neste sentido, o último trecho da carta é, talvez, o mais importante. Depois de colocar que tinha escrito com a intenção de enviá-la ao *Cabildo* de Montevideú, através do qual fora informado das disposições de Artigas contra Planchón, Larrañaga afirma que decidiu não enviar, pois seria melhor que ficasse tudo entre eles dois, e conclui: “*pues yo no debo como Vicario General entenderme con el Cabildo pues yo [soy?] un Gefefe; y ambos debemos entendernos directamente*”.<sup>87</sup> É como se, nesta ocasião, tomasse consciência de seu poder como principal autoridade da Igreja na Província, como se compreendesse que chegara a hora de assumir de uma vez por todas essa autoridade. A perda recente de dois amigos muito próximos, ambos bastante importantes entre o clero da Província Oriental, pertencentes à geração anterior a sua, talvez tenha colaborado para isso. Juan José Ortiz, ao lado de quem trabalhara desde o final do século XVIII até os acontecimentos de 1811, falecera em 22 de abril, ao passo que Pérez Castellano, amigo com o qual compartilhara o interesse pelos estudos naturalistas, morrera no dia 05 de setembro.

É como “Chefe” da Igreja que Larrañaga vai se apresentar a partir de então, e é em torno desta condição, bem como da condição de estudioso naturalista que, nas últimas três décadas de vida, vai consolidar sua rede de relações e seu prestígio, que o tornarão uma figura de grande influência política na Banda Oriental, a ponto de que consiga ser respeitado mesmo entre grupos diferentes em disputa pelo poder.

---

<sup>87</sup> Ibid.

## 4.2 Larrañaga, *su poderoso influjo* e a questão portuguesa

Ao analisar a atuação de Larrañaga no contexto científico, no terceiro capítulo, concluí que o seu envolvimento com os estudos naturalistas fez com que a partir da década de 1810 gozasse de certo prestígio por ser um “homem de ciência”, o que se deveu não apenas aos estudos que desenvolveu na área, mas também à rede de contatos que estabeleceu a partir destas atividades. De mesmo modo, acredito que sua atuação frente à Biblioteca Pública de Montevideu, ainda que por curto período, tenha contribuído significativamente para o aumento de seu prestígio e de sua influência, principalmente a partir do pronunciamento da *Oracion Inaugural* na abertura do estabelecimento, em 26 de maio de 1816, na ocasião em que estavam sendo celebradas na cidade as chamadas *Fiestas Mayas*. De acordo com Edmundo Favaro, “*se hicieron tres tiradas simultáneas*” daquele que ele considera “*el segundo folleto editado en el país liberado*”.<sup>88</sup> Diferentemente de muitos outros textos que escreveu e que foram publicados somente no século XX, a oração inaugural foi lida por seus contemporâneos ainda no ano em que foi escrita. Para algumas pessoas ele mesmo enviou cópia, como mostra a carta publicada no capítulo anterior, na qual J. F. Dickson lhe agradece pelo envio do texto.<sup>89</sup> O próprio Artigas solicitou que o *Cabildo* lhe enviasse uma cópia<sup>90</sup> e mais tarde escreveu diretamente a Larrañaga comunicando o recebimento e agradecendo o empenho na iniciativa.<sup>91</sup> Vinte e dois anos mais tarde, quando da reabertura da biblioteca, foi convidado a pronunciar novamente a oração inaugural, prova de que este texto realmente lhe garantiu certo reconhecimento ainda em vida.<sup>92</sup>

A proposta de criação da Biblioteca partira de Larrañaga,<sup>93</sup> que num ofício de agosto de 1815 propôs ao *Cabildo* de Montevideu e a Artigas que fosse criada a instituição, ao mesmo tempo que ofereceu alguns de seus livros para dar início à composição do acervo, bem

<sup>88</sup> FAVARO, op. cit., p. 68.

<sup>89</sup> G. F. Dickson a Larrañaga, Buenos Aires, 03/07/1816. *Archivo Artigas*, tomo 26, p. 347-348.

<sup>90</sup> Artigas ao *Cabildo* Governador, Montevideu, 18/06/1816. *Archivo Artigas*, tomo 26, p. 346-347.

<sup>91</sup> Artigas a Larrañaga, Purificación, 22/06/1816. *Arquivo Artigas*, tomo 22, p. 238.

<sup>92</sup> Comissão de Biblioteca e Museu a Larrañaga, 17/04/1838. *Archivo de la Curia Eclesiástica de Montevideo. Vicariato Apostólico - 5*.

<sup>93</sup> Conforme escrevi no capítulo anterior, a ideia de criar uma Biblioteca Pública em Montevideu teria sido de Pérez Castellano, o qual, em seu testamento, doou para este fim a casa que tinha na cidade, com todos os livros que estavam dentro. Para alguns autores, entre os quais está Alfredo R. Castellanos, ao fundar a Biblioteca Pública Larrañaga foi o executor do pensamento de Pérez Castellano. Os livros doados por este acabaram sendo incorporados à biblioteca criada sob o comando de Larrañaga. MAÑÉ GARZÓN, Fernando. *El Glorioso Montevideano: vida y obra de José Manuel Pérez Castellano*. Montevideo: Centro de Difusión del Libro, 1999. t. II, p. 189. CASTELLANOS, Alfredo R. *Contribución al estudio de las ideas del Pbro. Dámaso Antonio Larrañaga*. (Apartado de la Revista Histórica. Tomo XVII). Montevideo: 1952, p. 54.

como se colocou à disposição para desempenhar a função de diretor sem receber remuneração.<sup>94</sup> Tal proposta, aprovada tanto pelo *Cabildo* quanto por Artigas, foi oportunamente apresentada num momento em que ele gozava de boas relações com os dois polos de poder do Governo da Província, pois, entre 31 de maio e 26 de junho daquele mesmo ano, fizera parte de uma comitiva que viajou de Montevidéu até *Paysandú* com o objetivo de encontrar Artigas e resolver certos desentendimentos que ocorriam entre o General e o *Cabildo*. Aliás, foi nessa viagem que conheceu de perto a realidade do interior da Província<sup>95</sup> e a partir dela formulou algumas das propostas para o desenvolvimento da Banda Oriental que apresentou na *Oracion Inaugural*, no ano seguinte (1816).

No período entre a apresentação da proposta de criação da biblioteca (agosto de 1815) e a inauguração (maio de 1816), deu-se o desentendimento que motivou a carta belicosa enviada de Larrañaga para Artigas (dezembro de 1815). Todavia, a contenda em nada prejudicou o andamento da organização da biblioteca, como mostram as correspondências em torno do tema, nas quais se pode perceber que Artigas sempre incentivou a criação do estabelecimento.<sup>96</sup>

Através do texto da *Oración Inaugural*,<sup>97</sup> do qual faço uma breve análise nos próximos parágrafos, é possível tomar conhecimento de algumas ideias defendidas por Larrañaga neste período. O texto encontra-se dividido em duas partes: *Mayo! Mes de Feliz Auspicio* e *Una biblioteca no es otra cosa*.

Na primeira parte, *Mayo! Mes de Feliz Auspicio*, que corresponde a aproximadamente um terço da obra, o autor inicia com a exaltação do mês de maio como sendo o mês em que grandes realizações se deram em todas as civilizações. Parte da aclamação das qualidades do clima de maio na América num longo trecho entremeado de citações envolvendo deuses da mitologia greco-romana – “*mes por lo regular sereno y placentero en que Eolo tiene aun encadenados los vientos en su horrissona y cavernosa boca...*”<sup>98</sup> – e continua, fazendo

<sup>94</sup> Larrañaga ao *Cabildo* Governador, Montevidéu, 04/08/1815. **Archivo Artigas**, tomo 26, p. 339-340.

<sup>95</sup> A partir dessa viagem, Larrañaga escreveu um diário. Ver.: LARRAÑAGA, Dámaso Antonio. *Diario de viaje desde Montevideo al pueblo de Paysandú*. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Tomo III. Montevideo: Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay, Imprenta Nacional, 1923, p. 37-84.

<sup>96</sup> Ver, por exemplo: Artigas a Larrañaga, Paysandú, 12/08/1815. **Archivo Artigas**, tomo 22, p. 198; Artigas ao *Cabildo* Governador, Paysandú, 12/08/1815. **Archivo Artigas**, tomo 21, p. 65-66; Artigas a Larrañaga, 28/08/1815. **Archivo Artigas**, tomo 22, p. 199-200; Artigas a Larrañaga, Purificación, 09/06/1816. **Archivo Artigas**, tomo 22, p. 236; Artigas a Larrañaga, Purificación, 22/06/1816. **Archivo Artigas**, tomo 22, p. 238.

<sup>97</sup> LARRAÑAGA, Dámaso Antonio. *Oracion Inaugural*. In: INSTITUTO DE INVESTIGACIONES HISTORICAS. **Biblioteca de impresos raros americanos**. Tomo II. Universidad de la República: Montevideo, 1951, p. 23-38.

<sup>98</sup> *Ibid.*, p. 25.

referências também ao ritual cristão – “... *mes en que aun hasta la misma religion toma parte en su alegria con los repetidos cánticos y aleluias del tiempo pasqual*”.<sup>99</sup>

Na sequência, empenha-se em demonstrar, através de exemplos, que no mês de maio “*la Religion, la naturaleza y el hombre*”<sup>100</sup> estariam de acordo, ou seja, que este mês teria sido escolhido por diversas “*naciones*”, desde a antiguidade, para celebração de fatos memoráveis. Da Grécia e Roma antigas, os exemplos passam pela Grã-Bretanha, França, Espanha e “Estados Unidos” para chegar ao Rio da Prata com o seu 25 de maio de 1810, marco de início da Revolução da Independência na América – em função do qual ocorriam naquele momento as *Fiestas Mayas*. Neste ponto, Larrañaga afirma: “*pero faltaba en el concepto de algunos para vosotros, dignos ORIENTALES, un acontecimiento más memorable para acabarlos de decir à la celebración de un dia tan plausible en todas estas provincias.*”<sup>101</sup>

Antes de fechar a introdução, propondo que o dia de abertura da Biblioteca Pública fosse incorporado ao calendário de festas da Banda Oriental como a data comemorativa que faltava aos orientais no mês de maio, refere-se, brevemente, a certa polêmica que existiria com relação à importância dada a determinadas datas. Haveria, em suas palavras, “*quien con un ojo de indignacion miraba el veinte cinco de Mayo*” como sendo o dia de usurpação da glória dos orientais, porque considerando tal data a mais importante, não se dava real valor ao feito ocorrido em 21 de setembro de 1808, em Montevideu, quando ocorreu o *Cabildo Abierto* que resultou na criação da *Junta* local. Outros haveria que preferissem celebrar apenas o dia 18 de maio, data na qual, em 1811, as tropas de Artigas venceram os espanhóis em *Las Piedras*. A estes chama de orgulhosos, e os que refutavam o dia 25 de maio classifica como ingênuos. Para Larrañaga, estas discórdias deveriam cessar com a união de todos em torno daquele 26 de maio em que se inaugurava a biblioteca. No seu entendimento, a criação desta era motivo de orgulho para os orientais, a ponto de servir como data máxima da Província, com a vantagem de situar-se no mês de maio, como ocorria em diversos outros países com suas festas importantes. Essa parte introdutória da oração inaugural tinha, pois, a intenção de acabar com a discórdia entre os “orientais” quanto à data a ser celebrada nas festas da Província, promovendo a união a partir da exaltação de uma nova data que fosse do consenso de todos.<sup>102</sup>

Na segunda parte da oração, *Una biblioteca no es otra cosa*, Larrañaga se ocupa em mostrar qual seria a função da biblioteca pública que estava sendo inaugurada; procura

<sup>99</sup> Ibid., p. 26.

<sup>100</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>101</sup> Ibid., p. 27.

<sup>102</sup> Ibid., loc. cit.

mostrar a importância daquela instituição para a Banda Oriental. Ele faz isso a partir de uma ligeira apresentação do acervo, indicando autores e livros conforme a contribuição que cada um deles poderia dar em determinados assuntos de interesse geral da Província.

A partir de um estudo realizado por Arbelio Ramírez,<sup>103</sup> considerando citações diretas e indiretas, constatou-se que foram citados mais de sessenta autores na *Oracion Inaugural*. Trata-se de dicionários, constituições, livros religiosos, livros de ficção, mas também de publicações sobre comércio, agricultura, botânica, física, química, direito, entre outras obras que integrariam o acervo de aproximadamente cinco mil volumes – estimativa que se faz para o momento da abertura da biblioteca.<sup>104</sup> Para o autor da *Oración*, oferecer todos estes livros à população seria a função do estabelecimento que ali se inaugurava, daí por que a segunda parte do texto é aberta da seguinte forma:

*UNA BIBLIOTECA NO ES OTRA COSA que un domicilio ó ilustre asamblea en que se reunen como de asiento, todos los mas sublimes ingenios del orbe literario, ó por mejor decir, el foco en que se reconcentran las luces mas brillantes, que se han esparcido por los sabios de todos los paises y de todos los tiempos.*<sup>105</sup>

Tudo isso seria possível por obra de um governo “*ilustrado y liberal*”, governo esse que, na ocasião, era formado por Artigas, a partir de seu *Cuartel General* na campanha, e pelo *Cabildo*, sediado em Montevideu. Em mais de uma vez ao longo do texto, Larrañaga faz referência ao papel destes dois pólos de poder na criação da biblioteca, como, por exemplo, no trecho em que escreve: “*El Gefe [Artigas] que tan dignamente nos dirige y estos zelosos Magistrados [Membros do Cabildo] lexos de temer las luces, las ponen de manifesto y desean su publicidad*”.<sup>106</sup>

Cabe perguntar, no entanto, se realmente acreditava que Artigas e os membros do *Cabildo* queriam permitir o livre acesso da população a todo tipo de livros que pudessem instruí-la. Não seria, na verdade, uma espécie de recomendação que estaria dando a estas autoridades? Há alguns indícios que me levam a acreditar nessa segunda hipótese.

O texto da oração é bastante enfático ao defender o direito de todos ao livre acesso às informações das quais a biblioteca era depositária. Depois de elogiar a suposta “*ilustração*” dos governantes que fariam questão de por as “*luzes*” de manifesto, Larrañaga escreveu que nem todos os povos agiram com tamanha liberalidade com relação às ciências, referindo-se ao

<sup>103</sup> RAMÍREZ, Arbelio. Explicacion. In: INSTITUTO DE INVESTIGACIONES HISTORICAS, op. cit., p. 41-52.

<sup>104</sup> A estimativa é de Ramóm Massini, citada por E. M. Narancio em: NARANCIO, op. cit., p. XV.

<sup>105</sup> LARRAÑAGA, Oracion Inaugural, op. cit., p.29.

<sup>106</sup> Ibid., loc. cit.

Egito e povos da Ásia antiga, entre os quais o saber era dominado apenas por poucos iniciados. Na sequência, fez o chamamento aos "orientais", salientando mais uma vez o direito de todos de livre acesso à instituição:

*Toda a clase de personas tiene un derecho y tiene una libertad de poseer todas las ciencias por nobles que sean. Todos podrán tener acceso á este depósito augusto de ellas. Venid todos, desde el Africano mas rústico hasta el mas culto Europeo; todos encontrareis la mas humana y obsequiosa acogida [...]*<sup>107</sup>

A ênfase empregada na defesa do acesso de todos à biblioteca soa como advertência para que não se tomem medidas que limitem o acesso a ela. Certa desconfiança quanto às intenções de Artigas e dos membros do *Cabildo* é possível de ser justificada a partir de alguns acontecimentos de 1815 envolvendo este assunto. Em outubro do ano anterior, o *Cabildo* propôs que ele ocupasse o cargo de “revisor” da imprensa, cargo que consistiria, na prática, ao papel de censor. Como resposta, num ofício datado 11 de outubro de 1815, alegou estar demasiadamente ocupado, mas também acrescentou que a função sequer era compatível com seus “*sentimientos liberales sobre la Libertad de la Imprenta y el son de la palabra*”. Ademais, afirmou também: “*Por otra parte los Pueblos de las Provincia Unidas se hallan en ele nuevo pie de no tener revisores, sino q.e cada ciudadano tiene libertad de imprimir sus sentimientos baxo la responsabilidad correspondiente al abuso que hiciese de ese derecho*”.<sup>108</sup> Artigas, por sua vez, também no mês de outubro de 1815, enviou ao *Cabildo* de Montevideú uma correspondência recomendando cuidados com a imprensa:

*[...] debe velar para que no se abuse de la imprenta. La libertad de ella al paso, que proporciona a los buenos ciudadanos la utilidad de expresar sus ideas, y ser benéficos a sus semejantes, imprime en los malvados el prurito de escribir con brillos aparentes, y contradicciones perniciosas a la Sociedad.*<sup>109</sup>

Consciente destas ressalvas de ambos os poderes, Larrañaga manda um recado através da oração inaugural, prevenindo-se quanto a possíveis interferências em seu trabalho como diretor da biblioteca.

Alguém poderia questionar o fato de convidar “todos” para comparecerem na biblioteca, sendo que, naquele período, eram poucos os que sabiam ler e, portanto, a maioria já estaria excluída de antemão. Poderia acrescentar nesta discussão uma passagem do texto na

<sup>107</sup> Ibid., p. 29-30.

<sup>108</sup> Larrañaga ao *Cabildo* Governador, Montevideú, 11/10/1815. Transcrito em: FÁVARO, op. cit., p. 127-128.

<sup>109</sup> Artigas ao *Cabildo* Governador, 28/10/1815. O trecho foi citado em: FÁVARO, op. cit., p. 70.

qual, depois de citar alguns escritores religiosos, ele afirma: "*Pero ciencias tan profundas no son para el gusto ni para la penetracion de todos*".<sup>110</sup>

Ainda que se tratem de elementos válidos para suscitar dúvidas quanto às intenções de Larrañaga na área da educação, sua atuação posterior demonstra que realmente acreditava que uma das prioridades do Estado deveria ser a educação para todos, tanto que vai se destacar em várias iniciativas nesse âmbito.<sup>111</sup> Uma delas foi a apresentação de um projeto ao Senado, em 1832, "*relativo a los estudios publicos y universales*",<sup>112</sup> aprovado no ano seguinte,<sup>113</sup> o qual desencadeou o processo que deu origem à *Universidad de la República*, inaugurada solenemente em 1849. Noutra ocasião, participou da elaboração do regulamento da Sociedade Lancasteriana, criada para o fomento da Escola Lancasteriana instalada em Montevideu, sendo que em tal regulamento se instituía a escola gratuita para os alunos pobres.<sup>114</sup>

Na oração inaugural, além da liberdade de imprensa, defendeu também o fim da escravidão e o livre comércio. Para acabar com o que chamava de "*tráfico infame de la especie humana*", recomendava "*el estudio de la Maquinaria*" para suprir a "falta de braços" na América.<sup>115</sup> Quanto à liberdade de comércio, era uma medida que recomendava associada à liberdade de pesca e de navegação, ao fomento da agricultura e do pastoreio, afirmando ser este o caminho para o crescimento econômico da Província Oriental.

Discorria sobre estes assuntos mostrando que na biblioteca estavam sendo disponibilizadas as publicações necessárias ao desenvolvimento destas atividades, as quais, somadas ao estudo das artes e ciências como um todo, segundo ele, seriam capazes de elevar os orientais ao nível dos grandes povos: "*Pero ¿donde voy? N obrar solamente los ramos de ciencias y artes que poseeis seria fastidioso. Basta decir que nada os falta para llegar al grado de sabiduria de las ciudades mas cultas*".<sup>116</sup> Para ele, a viabilidade da Província Oriental passava necessariamente pelo desenvolvimento das ciências, da cultura e das artes em geral.

Apesar do discurso tão confiante quanto às possibilidades da Província e, ao mesmo tempo, bastante laudatório com relação aos governantes daquele momento, em janeiro do ano seguinte Larrañaga vai se encontrar entre aqueles que apoiarão os portugueses em sua invasão

<sup>110</sup> LARRAÑAGA, Oracion Inaugural, op. cit., p. 32.

<sup>111</sup> Sobre a atuação de Larrañaga no âmbito educacional, ver: CASTELLANOS, op. cit., p. 61-90.

<sup>112</sup> Ibid., p. 82.

<sup>113</sup> Documento de criação da Universidade pelo Senado e Câmara de Representantes, Montevideu, 08/06/1833. Transcrito em: ALONSO CRIADO, Matias. **Colección Legislativa de la República a Oriental del Uruguay**. 1825-1852. Montevideo: Establecimiento Tipográfico a vapor de LA IDEA, 1876. t. 1, p. 236-237.

<sup>114</sup> Cf.: CASTELLANOS, op. cit., p. 66-70.

<sup>115</sup> LARRAÑAGA, Oracion Inaugural, op. cit., p. 35.

<sup>116</sup> Ibid., p. 36.



à Província Oriental, episódio que se tornou central na sua biografia, a partir da problematização feita por muitos biógrafos do século XX, dentro do contexto de criação de uma identidade nacional.

Não retomarei aqui à discussão em torno do problema causado pelas tentativas de ajustar a vida do personagem à história da nação. Ainda assim, mesmo livre do uso equivocado desse conceito, questionar sobre os motivos que o levaram a apoiar os portugueses não deixa de ser pertinente. Sem o objetivo de julgamento, de taxá-lo como herói ou traidor, ou acusá-lo de incoerência ou “desvio de percurso”, é possível compreendê-lo no seu tempo, quando a escolha pelo apoio aos portugueses fazia tanto ou mais sentido que qualquer outra que hoje possamos levantar.

Algumas observações importantes foram feitas pelos biógrafos na tentativa de entender seu apoio aos portugueses, ou de “justificar” este apoio, ou, até mesmo, de criticá-lo por isso, observações estas que comentei no primeiro capítulo. Não vou retomá-las, exceto aquelas que têm relação com a hipótese que defendo.

A primeira coisa a ser observada é que Larrañaga fazia parte do mesmo grupo político reunido em torno do *Cabildo* de Montevidéu, grupo este que apoiou os portugueses. Ainda que seja possível discutir as afirmações de Alfonso Fernández Cabrelli, que generaliza a atuação destes personagens afirmando que agiam somente em benefício próprio (“*En tales personas el interés general pasaba siempre por el interés personal*”<sup>117</sup>), incluindo Larrañaga entre eles, é inegável que os vínculos que ele mantinha com este grupo o predispunham a optar pela mesma escolha da maioria dos membros do *Cabildo*, que, frente aos desentendimentos com Artigas, resolveu solicitar a proteção de Portugal. A sua participação como protagonista em missões importantes no processo que levou os portugueses a assumirem o comando de Montevidéu, em janeiro de 1817 e, posteriormente, em toda a Província, bem como no congresso que mais tarde referendou a criação da Cisplatina, unida a Portugal, indica uma convicção pessoal muito forte na viabilidade dessa alternativa.

Minha hipótese é de que essa convicção pessoal a respeito da união com os portugueses tem relação direta com sua trajetória como naturalista. Essa ideia me ocorreu a partir da fala da historiadora uruguaia Ana Ribeiro sobre “*los tiempos de Larrañaga*”, no evento *Jornadas de estudio Dámaso Antonio Larrañaga: enfoques diversos*, realizado em Montevidéu, em Agosto de 2011. Referindo-se à “*admiración hacia el refinamiento de los portugueses*”, a qual Larrañaga não consegue dissimular na descrição de sua viagem ao Rio

---

<sup>117</sup> CABRELLI, Alfonso Fernandez. **Presencia Masonica en la Cisplatina**. Montevideo: Imprenta Alvarez, 1986, p. 07.

de Janeiro, em 1817, Ana Ribeiro coloca que ele não pode deixar de ver o refinamento de um Portugal filial a respeito da civilização inglesa, da qual era admirador, assim como era admirador do pensamento francês (informação verbal).<sup>118</sup>

Parece-me que essa admiração pelos portugueses, que manifestou em 1817, deve-se principalmente à efervescência cultural vivida no Rio de Janeiro após a chegada de D. João e sua corte à cidade, em 1808. É verdade que sua relação com Portugal é bem anterior a isso. Como observa Favaro, referindo-se ao fato de seu avô materno, Manuel Piris, ser português, "*corría por sus venas sangre portuguesa*".<sup>119</sup> Lembremos também que foi entre os portugueses que buscou sua ordenação, em 1798. Para viajar ao Rio de Janeiro, teve que empreender uma longa negociação (abordada no segundo capítulo), sendo que só conseguiu viajar depois de vencer a forte resistência das autoridades civis, que lhe recomendavam se dirigir a outros bispados dentro do território governado pelos espanhóis. Entre os argumentos que utilizou para viajar ao Rio, alegou que não estavam em guerra com os portugueses; pelo contrário, eram parentes e aliados.<sup>120</sup> De acordo com Camusso, depois de ordenado, teria sido convidado pelo bispo para ficar no Rio, onde, entre outras coisas, poderia desenvolver "*sus aficciones científicas*".<sup>121</sup>

Se já havia essa prévia inclinação, que pode ser vista, minimamente, como respeito aos portugueses, senão como admiração, qual não teria sido a impressão desenvolvida por Larrañaga depois de 1808, com as mudanças que a instalação da corte no Rio de Janeiro promoveria, principalmente no âmbito cultural? Várias instituições nesta área foram criadas pelo governo português no Rio. Para citar apenas alguns exemplos, bastante caros a nosso personagem, lembremos que em 1808 foi criada a Imprensa Régia, que, embora inicialmente submetida à censura prévia, acabaria por impulsionar o comércio de livros.<sup>122</sup> Aliás, na viagem de 1817, Larrañaga aproveitou a oportunidade para comprar alguns livros relacionados aos seus estudos naturalistas, conforme relatou mais tarde para Aimé Bonpland.<sup>123</sup> Em 1810, foi criada a Real Biblioteca – instituição que posteriormente se

<sup>118</sup> De acordo com a palestra de Ana Ribeiro (*Los tiempos de Larrañaga*) proferida no evento *Jornadas de estudio Dámaso Antonio Larrañaga: enfoques diversos*, realizado em Montevidéu, em agosto de 2011. Algumas das palestras do evento, entre elas, a de Ana Ribeiro, estão disponíveis no *YouTube*, no canal *Asuntos Públicos* (<https://www.youtube.com/user/CanalAP>). Acesso em: 15 ago. 2014.

<sup>119</sup> FAVARO, op. cit., p. 72.

<sup>120</sup> Conforme documento citado em: CAMUSSO, op. cit., p. 14-15.

<sup>121</sup> *Ibid.*, p. 16.

<sup>122</sup> RIBEIRO, Monike Garcia. Dom João VI, os pintores viajantes e a cultura política no início do século XIX. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo, RS. **Anais do XXIV Simpósio Nacional de História** – História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos. São Leopoldo: Unisinos, 2007. CD-ROM. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/?p=16837>>. Acesso em: 17 jul. 2015, p. 2.

<sup>123</sup> Larrañaga a Aimé Bonpland, Montevidéu, 25/05/1818. LARRAÑAGA, **Escritos**, op. cit., p. 267-269.

transformaria na atual Biblioteca Nacional – a partir dos livros que acompanharam a família real na travessia do Atlântico. Outra iniciativa do príncipe regente D. João que deve ter sido bastante apreciada por Larrañaga foi a criação do Jardim Botânico, em 1808.

Contudo, creio que aquilo que mais deve ter exercido fascínio sobre Larrañaga naquele Rio de Janeiro da década de 1810 foi a presença de grande números de viajantes e artistas, principalmente naturalistas, alguns dos quais conheceria mais tarde nas viagens que empreenderiam pelo Prata.

Até 1808, a entrada de estrangeiros na Colônia, em viagens científicas, era bastante difícil, pois o governo português se preocupava, entre outras coisas, "com o roubo de plantas e a descoberta de técnicas de plantio".<sup>124</sup> Todavia, após a chegada da família real, com a abertura dos portos (1808) e a elevação a Reino Unido a Portugal e Algarves (1815), muitos estrangeiros passaram a entrar no Brasil:

Na verdade, a entrada de cientistas e estudiosos completava a política cultural joanina, que driblava a distância da Europa servindo-se de ícones da civilização: a Real Biblioteca com seus livros, os artistas franceses com uma iconografia nacional e muitos cientistas com seu brilho intelectual. Em resumo: viajantes de diferentes formações aportavam no país, trazendo na bagagem objetivos vários.<sup>125</sup>

É verdade que muitos naturalistas vão chegar depois de 1817, ou seja, em momento posterior à primeira tomada de posição de Larrañaga favorável aos portugueses. Assim, por exemplo, a missão Austríaca, da qual fizeram parte, entre outros, o zoólogo Johan Baptiste Von Spix (1781-1826) e o botânico Karl Friedrich Philipp Von Martius (1794-1868), chegou ao Rio de Janeiro em julho de 1817, quando Larrañaga e Jerónimo Pío Bianqui já se encontravam na cidade, negociando em nome do *Cabildo* de Montevideú. No entanto, esse clima de efervescência cultural, como disse, vinha desde 1808, e certamente era do conhecimento de Larrañaga, que mesmo vivendo na Banda Oriental assolada pela guerra, mantinha-se em contato com diversos pesquisadores do ramo das ciências da natureza.

Não é possível provar a relação entre seu apoio aos portugueses e esse clima favorável ao desenvolvimento das ciências e da cultura vivido no Rio de Janeiro de D. João, mas é bastante possível que isso o tenha influenciado positivamente a favor da escolha desta alternativa, senão decisivamente, ao menos colaborando para que o domínio de Portugal não fosse visto como algo inaceitável.

---

<sup>124</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A longa Viagem da Biblioteca dos Reis**: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 330.

<sup>125</sup> *Ibid.*, p. 332.

Em agosto de 1816, pouco tempo depois do episódio da inauguração da Biblioteca Pública e do discurso entusiasmado de Larrañaga, os portugueses invadiram a Província Oriental sob o comando de Carlos Frederico Lecor. Depois de vencerem algumas batalhas contra os comandados de Artigas, chegaram frente aos muros de Montevidéu, em 19 de janeiro de 1817. Ali, foram recebidos por Larrañaga e Agustín Estrada, enviados pelo *Cabildo* da cidade, que em sessão realizada naquele mesmo dia decidira solicitar "*protexcion de las Armas Portuguezas*" sob a justificativa de abandono da praça pelas forças artiguistas.<sup>126</sup> No ofício encaminhado a Lecor através dos dois emissários, os membros do *Cabildo* diziam não ter recebido intimação oficial a respeito das intenções dos portugueses, mas que chegara a seus ouvidos:

*q.e el obgeto de S. M. F se reducía al restablecimiento del orden Publico para seguridad de sus fronteras, y que por lo demas garantia la seguridad individual de todos los avitantes de esta Provincia, el pleno goze de sus propiedades y poseciones rurales y hurbanas su[s] establecimientos Científicos laudables usos y costumbres.*<sup>127</sup>

Expostas essas "intenções" portuguesas, o ofício do *Cabildo* era encerrado acrescentando ainda outra condição e propondo o conjunto delas como base para a "proteção":

*Si á este veneficio se agregase el de livertar de contrivuciones á un Vecindario empobrecido y exauto, consideraría esta Ciudad (colmada su fortuna) ála sombra de tan alto protector. Tales podran ser las bases de las favorables condiciones que espera esta pacífica Ciudad se le dispensen.*<sup>128</sup>

Tratavam-se, pois, de condições que garantiam a manutenção do poder por parte do grupo político que dominava Montevidéu. Entre eles estava Larrañaga, que aceitou o papel de emissário junto com Agustín Estrada. Mais uma vez o *Cabildo* recorria a suas habilidades de negociador, assim como fizera em 1815, quando lhe enviara, junto com outros representantes, ao acampamento de Artigas em Paysandú. Em 1817, com o exército português chegando à cidade, enquanto Artigas e suas tropas resistiam na campanha, o *Cabildo* não tinha mais interesse na proteção do *Jefe de los orientales*, mas sim na proteção de S.M.F. (Sua Majestade Fidelíssima), de Portugal.

Diante da confirmação de Lecor quanto às intenções pacíficas e da manutenção do poder do *Cabildo*, bem como do Conde de Vianna, General da Esquadra portuguesa que

<sup>126</sup> Ata da sessão do *Cabildo* de Montevidéu, 19/01/1817. **Archivo Artigas**, tomo 32, p. 151-153.

<sup>127</sup> *Ibid.*

<sup>128</sup> *Ibid.*

chegara ao porto, a quem se havia encaminhado ofício semelhante àquele enviado a Lecor,<sup>129</sup> as chaves da cidade foram entregues a este em 20 de janeiro, com a ressalva de que no caso de ter que se retirar dela, por qualquer motivo, não as devolvesse a nenhuma outra autoridade ou potência que não fosse o próprio *Cabildo*, o qual se declarava "*autoridad representativa de Montevideo y de toda la Provincia Oriental cuyos derechos ha reasumido por las circunstancias*".<sup>130</sup>

A ata do *Cabildo*<sup>131</sup> que descreve a entrada das tropas de Lecor em Montevideu, no dia 20 de janeiro, ocorrida da forma como se havia acordado nas tratativas de Larrañaga e Estrada no dia anterior, registra também que, depois da entrega das chaves da cidade ao comandante dos portugueses, conduziram-no à Igreja Matriz para ouvir um solene *Te Deum*.<sup>132</sup> Embora o texto não especifique o clérigo que entoou o hino, supõe-se que tenha sido o próprio Cura e Vigário da Matriz, Dámaso Antonio Larrañaga.

Artigas continuou sua luta até 1820, quando se retirou para um longo exílio no Paraguai, de onde jamais retornaria ao cenário político da Banda Oriental, a não ser como personagem histórico. Com a saída de cena do *Jefe de los orientales*, os portugueses estabeleceram o domínio sobre toda a Província e, em 1821, convocaram um congresso que deveria definir o destino desta, posteriormente conhecido como "*Congreso Cisplatino*",<sup>133</sup> pois resultou na incorporação do território ao Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves, sob o nome de Estado Cisplatino Oriental. Este nome foi proposto por Larrañaga, na sessão do dia 23 de agosto, sendo ele um dos deputados que representou Montevideu nesse congresso.<sup>134</sup> Em algumas das 17 reuniões ocorridas entre julho e agosto, chegou a ocupar o posto de vice-presidente e coordenou os debates.<sup>135</sup> Em sua atuação, foi bastante enfático na defesa da incorporação da província ao Reino de Portugal, apresentada como solução aos problemas causados pelos vários anos de guerra contínua. Foi depois de seu discurso na sessão do dia 18 de julho, de cuja ata transcrevo alguns trechos abaixo, que se acordou a necessidade da incorporação:

<sup>129</sup> Ata da sessão do *Cabildo* de Montevideu, 19/01/1817, *Archivo Artigas*, tomo 32, p. 153 - 156.

<sup>130</sup> Ata da sessão do *Cabildo* de Montevideu, 20/01/1817, *Archivo Artigas*, tomo 32, p. 156-158.

<sup>131</sup> *Ibid.*

<sup>132</sup> Hino cantado em eventos solenes de ação de graças.

<sup>133</sup> O Congresso ocorreu em Montevideu entre 15 de julho e 08 de agosto de 1821. A documentação referente às sessões do congresso se encontra em: DEVOTO, Juan Pivel. *El Congreso Cisplatino (1821). Repertorio Documental, seleccionado y precedido de un Análisis. Revista del Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay*, Montevideo, Tomo II, p. 247-315, 1936.

<sup>134</sup> Ata da sessão do Congresso Extraordinário, Montevideu, 23/07/1821. DEVOTO, op. cit., p. 275-277.

<sup>135</sup> FAVARO, op. cit., p. 79-80.

[...] *El Sor Larrañaga dijo: nos hallábamos [testado] en un estado de abandono. [...] La Banda Oriental sola, ha sostenido una guerra muy superior a sus fuerzas; [...] El dulce nombre de Patria, debe enternecernos; pero el Patriota no es aquel que invocaba [testado] su nombre, sino el que aspiraba [testado] a librarla de los males que la amenazan. – Hemos visto invocado este Sagrado nombre por diferentes facciones, que han destruído y aniquilado el País; después de diez años de Rebolucion, estamos muy distantes del punto / céntrico de que hemos salido. [...] Si pues por el abandono en que hemos quedado, nro deber nos llama hoy á consultar los intereses públicos de la Provincia, solo esta consideracion debe guiarnos; porque en los extremos, la salud de la Patria es la única y mas poderosa ley de nuestras operaciones. – Alejémos la guerra, disfrutemos de la paz y tranquilidad, que es el único sendéro que debe conducirnos al bien público. – Considéremos este territorio como un estado separado que debe unirse, conservándole sus Leyes y sus fueros, sus principios, y sus autoridades. [...]*<sup>136</sup>

Antes dele, os outros dois congressistas que se manifestaram sobre este assunto, Francisco Llambí e Jerónimo Pío Bianqui, também defenderam a anexação e centraram seus argumentos no perigo do retorno dos conflitos e do estado de guerra.<sup>137</sup> Referindo-se à fala de Larrañaga, sua “posição pragmática e o rechaço com relação à guerra”, Fábio Ferreira observa que o sacerdote revelaria “uma espécie de trauma no que referia-se aos conflitos armados”,<sup>138</sup> e, assim como os demais congressistas, “utilizou a possibilidade do retorno à guerra como legitimadora da opção pela permanência dos portugueses na Banda Oriental...”.<sup>139</sup> Ainda que ambas afirmativas estejam corretas, como se pode observar nos trechos de seu pronunciamento citados acima, é preciso considerar, no entanto, que esse discurso contra a guerra e outras formas de violência foi uma constante ao longo de toda sua vida; não foi uma questão levantada apenas para justificar a incorporação da província. Assim, por exemplo, dez anos depois de sua manifestação no Congresso Cisplatino, como senador do recém constituído Estado Oriental do Uruguai, defendeu um projeto de abolição da pena de morte, sendo que na apresentação deste citou a experiência nesta área ocorrida durante o período de governo dos portugueses:

*Hace catorce años que tuve la gloria de obtener del señor don Juan Sexto esta gracia para mi País; y felizmente hoy mismo se halla incorporado á nuestro Senado quien segundó mis filantrópicas ideas, y tambien sabeis, que durante la mansion del ejército pacificador en este suelo, ni hubo cadalsos, ni casi hubo criminales, pero ¿cómo puede ser necesaria una pena que es mas perjudicial que útil, constando por la esperiencia de todos los siglos que es insuficientemente mayor el número de los inocentes que la han padecido, que el de los culpables que le merecian? Echemos,*

<sup>136</sup> Ata da sessão do Congresso Extraordinário, Montevideú, 18/07/1821. DEVOTO, op. cit., p. 261-268.

<sup>137</sup> FERREIRA, Fábio. **O general Lecor e as articulações políticas para a criação da Província Cisplatina: 1820-1822.** Dissertação (Mestrado em História) - UFRJ, Rio de Janeiro, 2007, p. 192.

<sup>138</sup> FERREIRA, Fábio. **O general Lecor, os voluntários reais e os conflitos pela independência dos Brasil na Cisplatina (1822-1824).** Tese (Doutorado em História) - UFF, Niterói, 2012, p. 111.

<sup>139</sup> Ibid., p. 113.

*señores, un velo misterioso sobre nuestras cosas domésticas, que por fortuna han sido las mas insignificantes.*<sup>140</sup>

Um detalhe importante no trecho citado é que Larrañaga se refere ao exército português como “*ejército pacificador*”, o que ressalta ainda mais o quanto deve ter contado em seu apoio aos portugueses a possibilidade de que com essa “proteção” a Província Oriental pudesse se livrar da guerra.

A recusa da violência como solução também ajuda a entender porque foi tantas vezes ao longo de sua vida escolhido para atuar como negociador. Além daquelas que já citei anteriormente, outro exemplo foi sua participação no acordo que ficaria conhecido como “*transacción de los generales*”, assinado em 18 de junho de 1830, um mês antes de ser jurada a constituição do *Estado Oriental del Uruguay*. Baseados nas crônicas de Juan Francisco Giró e de Francisco Solano Antuña, Reyes Abadie e Vasquez Romero afirmam que Larrañaga atuou como conciliador no pacto que garantiu a paz entre os generais Fructuoso Rivera e Juan Antonio Lavalleja, pacto que confirmou este como depositário legal do poder executivo, enquanto que Rivera (que em outubro seria eleito primeiro presidente do país) foi mantido como *Comandante General de Campaña*.<sup>141</sup>

Essa personalidade pacífica, moderada, sem dúvida também colaborou para torná-lo uma figura distinta em seu próprio tempo e para que fosse ouvido por diferentes grupos. Seu discurso de paz destoava da violência predominante naquela Banda Oriental. Os estudos de José Pedro Barrán sobre a história da sensibilidade no Uruguai mostram que o início do século XIX viveu o apogeu do que ele chama de “*sensibilidad 'bárbara*”, que reconhecía a violência física como método legítimo de exercício do poder.<sup>142</sup> Esse tipo de sensibilidade teria predominado na maior parte do século XIX. Neste contexto, a condenação de um assassino à morte, tipo de pena contra a qual apresentou projeto o senador Larrañaga, era um espetáculo público e chegava a reunir 25 mil pessoas, como ocorreu no caso do fuzilamento dos assassinos de um médico italiano.<sup>143</sup> Neste meio, escreve Barrán, o duelo de facão era uma versão crioula do lance cavalheiresco, diferindo apenas a ferramenta de combate, já que o fundamento era o mesmo.<sup>144</sup> A tortura física daqueles que eram considerados “culpados” era

<sup>140</sup> Ata da Câmara de Representantes da República, Montevideu, 22/01/1831. PODER LEGISLATIVO. **Diario de sesiones de la cámara de senadores de la República Oriental del Uruguay**: primera legislatura. Montevideo: Tipografía La España, 1882, t. 1, p. 97-103.

<sup>141</sup> REYES ABADIE; VAZQUEZ ROMERO, op. cit., p. 601-603.

<sup>142</sup> BARRÁN, José Pedro. **Historia de la sensibilidad en el Uruguay**. Tomo 1: La Cultura “Barbara” (1800-1860). 7 ed. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1991, p. 51.

<sup>143</sup> O caso é descrito por Barrán a partir de uma crônica do “*El ferrocarril*” de 22 de setembro de 1871. BARRÁN, op. cit., p. 58-59.

<sup>144</sup> Ibid., p. 51.

uma norma, admitida pela legislação espanhola e mais tarde usada até mesmo no Uruguai independente, ainda que não prevista nas leis. Um exemplo desse tipo de tortura é a técnica do “*enchalecamiento*”, usada no início do século XIX com desertores, a qual consistia em colocar o prisioneiro vivo dentro de um couro fresco, costurar por fora e deixá-lo ao sol para que sentisse os efeitos do couro secando e apertando seu corpo.<sup>145</sup> Contudo, a violência não se limitava ao plano da ação, sendo também encontrada no “*discurso*’ *del personal político (el lenguaje usado en sus escritos, la peroración dicha en público) y el clero (el sermón pastoral)*.”<sup>146</sup>

Larrañaga destoava deste meio, na medida em que se colocava abertamente contra qualquer tipo de violência, tanto em suas ações quanto nos discursos. Assim, por exemplo, ao implantar-se a escola Lancasteriana em Montevideu, em 1821, manifestou-se contra a aplicação de castigos físicos aos alunos.<sup>147</sup> Noutra ocasião, colocou-se a favor do enterro de uma criança que havia se suicidado e para a qual era negado o enterro em terra consagrada, como era de praxe aos suicidas.<sup>148</sup> Para Barrán, até mesmo na forma de conceber a Deus Larrañaga diferia da maioria de seus contemporâneos. Enquanto que, para estes, vigorava a pastoral do medo, do Deus que castiga, justiceiro e terrível, ele falava de um Deus da liberdade, como escreveu em 1840:

... tu religión no es la Religión del terrorismo, del servilismo, sino del amor al prójimo, que constituye la verdadera igualdad, de la fraternidad y hu-[TP]-manidad [...] y de la verdadera libertad. Tú no eres el déspota y el tirano, tu eres el Redentor, el Salvador de género humano, no somos siervos nos decías, sino tus hijos y amigos, nacidos para la libertad, y que tu yugo era suave y tu carga ligera.<sup>149</sup>

Este e outros discursos e ações, como o projeto contra a pena de morte e, antes disso, o discurso contra a escravidão, em sua oração inaugural de 1816, mostram, portanto, que a defesa pela incorporação da província ao reino de Portugal, em 1821, sob a justificativa de que seria uma forma de alcançar a paz, não soa como demagogia. Por outro lado, sua personalidade pacífica e moderada, como já escrevi anteriormente, não o torna isento de interesses pessoais e outros interesses resultantes de seus vínculos políticos, assim como qualquer outro sujeito histórico. Neste sentido, podemos perguntar: não teria visto na união

<sup>145</sup> Ibid., p. 59.

<sup>146</sup> Ibid., p. 51-52.

<sup>147</sup> Cf.: CASTELLANOS, op. cit., p. 68.

<sup>148</sup> O caso é narrado em: BARRÁN, op. cit., p. 67-68.

<sup>149</sup> Barrán cita o trecho de uma novena de autoria de Larrañaga que teria sido publicada pela *Imprenta de Caridad*, intitulada “*Novena al gloriosísimo y bienaventurado príncipe de los apóstoles, San Pedro*”. BARRÁN, José Pedro. **La espiritualización de la riqueza: catolicismo y economía en Uruguay, 1730-1900**. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1998, p. 183-184.



com os portugueses, desde 1817, a possibilidade mais rápida para alcançar a paz da qual tanto precisava para se dedicar às suas pesquisas científicas? Nas correspondências trocadas com os viajantes naturalistas europeus neste mesmo período, a preocupação com os prejuízos que a guerra causava às pesquisas era recorrente. Assim, por exemplo, numa carta que escreve a Bonpland, em fevereiro de 1818, da qual já citei um trecho no terceiro capítulo, referindo-se aos seus trabalhos de catalogação de plantas e animais, lamenta:

*Me moriré sin tener la dulce complacencia de dextar perfeccionado este suntuoso templo al autor de Naturaleza p.a hacerme acreedor de que me reciba más benignamente en sus eternos tabernáculos? Lo temo mucho: tengo ya 46 as. y no veo término a los desordenes que nos impiden entregarnos á nuestros trabajos predilectos.¿ Si al menos viera yo el término de tantas desgracias públicas y privadas que me embargan los sentidos y abaten mis fuerzas!<sup>150</sup>*

Uma carta que Bonpland lhe envia alguns meses depois ressalta a preocupação de ambos com as perturbações políticas e guerras constantes que acabavam prejudicando o andamento das pesquisas. Perguntando acerca do estado em que Larrañaga teria encontrado suas coleções depois que voltara de sua viagem ao Rio de Janeiro, em 1817, e se teria que refazer todo o trabalho prático de organização, ele escreve:

*¿Se vera Vd. en la necesidad de volver a empezar un trabajo practico tan largo, tan desagradable y que no se armoniza en absoluto con las graves ocupaciones de su puesto importante? Tenemos necesidad, gran necesidad de paz y de tranquilidad; pero podemos esperar de obtenerlas? Ignoro como vislumbra Vd. el porvenir de Montevideo, en cuanto a mí aquí no me puedo prever cuando podremos entregarnos sin tropiezos, a nuestras ocupaciones predilectas, al estudio de la Historia natural!<sup>151</sup>*

Além da preocupação quanto às condições do cenário político para os estudos de História Natural, os trechos citados deixam bem claro que eram essas as “atividades prediletas” que tanto ansiavam por desenvolver em ambiente favorável.

Talvez por alguns breves períodos, durante a ocupação portuguesa, Larrañaga tenha vislumbrado esse cenário de paz e tranquilidade, ainda que restrito à cidade de Montevidéu, a julgar por aquilo que escreveu Saint-Hilaire no seu diário, em sua passagem pela cidade, em 1820:

<sup>150</sup> Grifo meu. Larrañaga a Aimé Bonpland, Montevidéu, 26/02/1818. LARRAÑAGA, **Escritos**, op. cit., p. 260-261. Neste livro, a carta está incompleta. O trecho final da correspondência, a partir de "yo no veo término", foi citado a partir de: DE PENA, Carlos María. Carta a Arechavaleta, diretor do Museo Nacional. **Anales del Museo Nacional de Montevideo**, Montevideo, T. I, p. VII- XLVII, 1894, p. XXVIII.

<sup>151</sup> Grifo meu. Aimé Bonpland a Larrañaga, Buenos Aires, 15/09/1818. LARRAÑAGA, **Escritos**, op. cit., p. 269-275.

*Es difícil saber cual va ser la suerte que va a correr esta región; pero, si es Portugal que se va a quedar con ella, no se puede negar que el general Lecor hace todo lo posible para apagar el odio que existe por parte de los españoles hacia los portugueses y tratar de que quieran al nuevo soberano. Mientras los españoles de la orilla occidental del Rio de La Plata se agotan en luchas intestinas, Montevideo goza de una profunda paz.*<sup>152</sup>

Na sequência deste trecho de seu diário, Saint-Hilaire tece alguns elogios à forma como Lecor estaria conduzindo o governo, sem mudanças na administração, sem aumento de impostos, escutando a todos, fazendo justiça e mantendo a disciplina de suas tropas. Considerando-se que Saint-Hilaire frequentou a casa de Larrañaga, onde ia todas as noites em que se encontrava na cidade, além de este ter servido como guia para o naturalista europeu em algumas incursões por Montevideú, é provável que a visão positiva acerca da administração portuguesa se deva em boa parte às colocações do próprio Larrañaga, cuja opinião certamente levou em conta, tendo em vista a admiração que manifesta frente a este “homem de ciência” sobre o qual escutara elogios desde Porto Alegre.<sup>153</sup>

A escrita de Saint-Hilaire resume, na verdade, as estratégias de atuação utilizadas por Lecor, que, a partir da invasão da Banda Oriental, usou sua habilidade política no sentido de reunir em torno de si um grupo capaz de garantir seu controle por muitos anos:

Ressalta-se que uma vez no controle de Montevideú, Lecor conseguiu trazer para a sua órbita estancieiros, comerciantes, funcionários da administração pública, caudilhos da campanha, membros do clero católico, indígenas, além de segmentos populares que foram atendidos com a reforma agrária de Artigas. Para que estes distintos apoios lograssem êxito, pode-se dizer que a grande fórmula que Lecor empregou foi o atendimento dos mais variados interesses dos seus aliados, como, por exemplo, a concessão de títulos nobiliárquicos, a promoção nos quadros da administração, e a permanência da posse de terras, seja para os mais abastados, seja para os mais pobres.<sup>154</sup>

Não há dúvidas de que Larrañaga foi uma destas pessoas que Lecor conseguiu atrair para seu círculo político<sup>155</sup> e é inegável que isso influenciou no seu apoio aos portugueses. Conhecendo o prestígio do Cura e Vigário da cidade e sua importância na Província Oriental, Lecor tratou de conquistar a confiança dele e, ao longo de seu governo, esforçou-se para dar provas de sua consideração, como fez, por exemplo, em 1818, nomeando-o como Capelão do

<sup>152</sup> SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Al Sur del Brasil, al Norte del Rio de la Plata*. Montevideo: Universidad de la República, 2005, p. 99.

<sup>153</sup> *Ibid.*, p. 101-102.

<sup>154</sup> FERREIRA, O general Lecor e as articulações políticas para a criação da Província Cisplatina..., op. cit., p. 249.

<sup>155</sup> Para uma análise aprofundada sobre a política de Lecor, consultar: ELOY, Rosa Alonso; TOURON, Lucia Sala de; TORRE, Nelson De La; RODRIGUEZ, Julio Carlos. *La Oligarquía Oriental en La Cisplatina*. Montevideú: Pueblos Unidos, 1970.

corpo Cívico de Montevideu.<sup>156</sup> Com este mesmo intuito agiu em 1821, ao comunicar-lhe, pouco antes da realização do congresso extraordinário que definiria o futuro da província, de que havia sido agraciado com uma comenda:

*S. M. el Rey Ntro Sor, queriendo dar un Testm.o publico de Su R. aprecio al merito, Servicios, y Circunstancias recomendables dela persona de V. S., se ha dignado decorarle con una Encomienda en la orden de Christo. Yo al comunicar a V.S. tan recomendable noticia, me tomo una parte de Sus Satisfacciones, por q.e me es muy lisonjero ver q.e S.M. atiende y distingue á lo benemeritos de la Província.*<sup>157</sup>

É possível que o contato com Larrañaga tenha sido feito por Lecor antes mesmo da entrada em Montevideu, em janeiro de 1817. Num documento de maio de 1816, no qual Manuel José Garcia atende a uma consulta da coroa portuguesa a respeito de como organizar o governo depois da ocupação de Montevideu, ao responder uma questão relativa ao clero e aos dízimos, o informante acrescenta o seguinte comentário:

*El Cura actual de Montevideo es hombre excelente en virtud, y literatura, lleno de mansedumbre, de moderacion, de prudencia, y muy querido de sus feligreses. Este es el Dr. Damaso de Larrañaga. Su consejo, en materias eclesiasticas debe ser escuchado, con mucha confianza.*<sup>158</sup>

Uma carta enviada por Artigas a Miguel Barreiro, em julho de 1816, talvez indique que já naquele momento Larrañaga estivesse dando sinais de que apoiaria a invasão portuguesa. A carta trata das providências que estavam sendo tomadas por conta das tropas de Portugal na fronteira, como o embargo de bens dos portugueses (“... *la guerra es abierta, y digo al Cav.do nombre un Regidor, q.e con el Mitro. de Hacienda deben proceder al recaudo y venta de todos los intereses de los Portg.s*”). Em meio às instruções que passava, Artigas escreveu: “*Larrañaga volverá al momento, y como guste*”.<sup>159</sup> Não é possível precisar a que exatamente estava se referindo com essa frase, mas a última correspondência entre os dois parece ter sido de treze dias antes, quando Artigas comunicava Larrañaga sobre a renovação de suas faculdades eclesiásticas, ao mesmo tempo que reclamava do governo de Buenos Aires e exaltava a luta dos “orientais” (*Los homb.s deliran y los Orientales redoblaran sus glorias con la multiplicidad de sus enemigos.*).<sup>160</sup> Esses indícios me levam a crer que, mesmo antes da

<sup>156</sup> Carlos Frederico Lecor a Larrañaga, Montevideu, 29/08/1818. Transcrito em: FAVARO, op. cit., p. 129-130.

<sup>157</sup> Carlos Frederico Lecor a Larrañaga, Montevideu, 28/04/1821. Transcrito em: FAVARO, op. cit., p. 131.

<sup>158</sup> *Consulta formulada por la Corona lusitana a Manuel José García sobre la organización que debe darse al gobierno portugués una vez ocupada la plaza de Montevideo*, Rio de Janeiro, 05/1816. **Archivo Artigas**, tomo 30, p. 61-68.

<sup>159</sup> Artigas a Miguel Barreiro, Purificación, 19/07/1816. **Archivo Artigas**, tomo 21, p. 253-254.

<sup>160</sup> Artigas a Larrañaga, Purificación, 06/07/1816. LARRAÑAGA, **Escritos**, op. cit., p. 245.

entrada das tropas portuguesas no território da Província Oriental, Larrañaga já tivesse sido contatado a mando de Lecor. A presteza com que acolhe as designações do *Cabildo* para negociar com Lecor, em janeiro de 1817, e, mais tarde, na própria corte portuguesa instalada no Rio, indicam que desde o ano anterior já vinha pensando na viabilidade desta alternativa.

Não se pode desconsiderar também, no que diz respeito ao apoio de Larrañaga aos portugueses, pretensões que poderia ter quanto à ascensão na hierarquia eclesiástica. Conforme abordado no terceiro capítulo, entre as solicitações que ele e Jerónimo Pío Bianqui levaram ao Rio de Janeiro, em 1817, uma delas dizia respeito à criação de um bispado.<sup>161</sup> Como a solicitação principal, que era a da incorporação da Província aos domínios da coroa portuguesa, não foi concretizada naquela ocasião, essa tratativa não avançou. Em 1821, quando a incorporação foi aprovada no Congresso Cisplatino, entre os pontos acordados na sessão do dia 31 de julho, o décimo sexto estabelecia: "*Este territorio no será parte de algun otro Obispado, sino que debrá haber un Gefe espiritual, en la forma que se acordáse entre S.M.F. y Su Santidad; entretanto continuará como hasta ahora, un Delegado del Gobernador del Obispado.*"<sup>162</sup>

Comentando esta cláusula e a anterior, que eliminava a possibilidade de reformas religiosas que fossem acordadas para a Europa, Fábio Ferreira escreve:

[...] o padre *Larrañaga* garantia para o novo Estado importante espaço na hierarquia católica para o clero local, sendo que, por sua significativa projeção política, é provável que o sacerdote aliado de Lecor almejava para si este posto e, como congressista, deve ter tido importante participação na elaboração destes pontos.<sup>163</sup>

Quanto à sua participação na elaboração destas cláusulas, não há o que discutir, assim como em 1817 deve ter passado por ele a solicitação de criação do bispado, uma vez que se apresentava como "chefe" da Igreja desde 1815 e jamais deixou de lado sua identidade eclesiástica, mesmo em representações políticas. Neste ponto, aliás, diferencia-se de alguns outros colegas seus deste período, que ao atuarem na política acabaram se afastando da condição de eclesiásticos. Um exemplo de sacerdote que manifestou sua preferência por atividades políticas em relação às eclesiásticas foi José Valentín Gomez (1774-1839), o qual renunciou ao cargo de Provisor do Bispado de Buenos Aires, em 1822, para se dedicar

<sup>161</sup> *Instrucciones dadas a los diputados Larrañaga y Bianqui para el desempeño de la misión ante el Rey Don Juan VI*, Montevideu, 31/01/1817. INSTITUTO ARTIGAS DEL SERVICIO EXTERIOR. **La diplomacia de la Patria Vieja** (1811-1820) Montevideo: 1990, p. 342-344.

<sup>162</sup> Ata da sessão do Congresso Extraordinário, Montevideu, 31/07/1821. DEVOTO, op. cit., p. 300-304.

<sup>163</sup> FERREIRA, **O general Lecor, os voluntários reais e os conflitos pela independência dos Brasil na Cisplatina...**, op. cit., p. 129.

integralmente ao cargo de deputado.<sup>164</sup> De acordo com Marcela Ternavasio, Gomez, assim como outro sacerdote, Julian Segundo de Agüero (1776-1832), abandonaram o vestuário sacerdotal e se apresentavam em traje civil em suas atividades diárias.<sup>165</sup>

Larrañaga acudiu às diversas convocações políticas que lhe ocorreram ao longo da vida, no entanto, sem abrir mão de sua identidade clerical. Parece-me que, se assim o fizesse, faria antes por conta de alguma atividade ligada aos estudos naturalistas do que por algum cargo político.

Quanto às cláusulas referentes à criação de um bispado na Província Oriental, tanto em 1817 quanto em 1821, ainda que seja bastante plausível que tivesse ambições relativas à ereção de uma nova diocese, na qual, tudo indica, ocuparia o mais alto posto, dado sua relação com Lecor, há que se observar também que a independência eclesiástica com relação ao Bispado de Buenos Aires surgia como imperativo da separação política. Por outro lado, na prática, a criação de uma nova diocese ou qualquer mudança de jurisdição eclesiástica não dependia somente das autoridades políticas, tanto que, apesar da intenção destas (de Lecor, por exemplo, que teria solicitado a criação de um bispado ao representante da Santa Sé, Giovanni Muzi, em 1824<sup>166</sup>) somente na segunda metade do século XIX é que a diocese de Montevideú vai ser criada, em 1878.

Procurando entender o apoio de Larrañaga aos portugueses, Maria Medianeira Padoin levantou a hipótese de que talvez pudesse ser explicado a partir de vínculos maçônicos,<sup>167</sup> pois, de acordo com Alfonso Fernandez Cabrelli, ele teria se integrado à *Logia de los Aristócratas* ou *Club del Barón*, expressões utilizadas para se referir ao grupo de montevidéanos que aderiram ao "Barão de Laguna", título nobiliárquico que Carlos Frederico Lecor recebeu de D. João VI, em 1818.

Cabrelli, no entanto, faz algumas ressalvas quanto à atuação dos grupos maçônicos neste período. Apesar de afirmar que os afiliados da maçonaria tiveram real protagonismo "*en todo el proceso político que se desarrolló en Montevideo a partir del ingreso de las tropas portuguesas a la plaza-puerto*", adverte que essa atuação não pode ser atribuída à maçonaria como instituição. O que ocorreu, na verdade foi a atuação de diversos grupos de indivíduos que se utilizaram das formas de organização da maçonaria, bem como de suas cerimônias,

<sup>164</sup> TERNAVASIO, op. cit., p. 190.

<sup>165</sup> Ternavasio afirma isso a partir descrição feita por Vicente Fidel Lopez. Ibid., p. 192.

<sup>166</sup> AYROLO, Valentina. Iglesia y Poder Político en las Provincias Unidas (1810-1852). **Cuadernos de Trabajo del Centro de Investigaciones Historicas**, Serie de Investigaciones N. 6, Junio de 2003. Universidad Nacional de Lanús, jun. 2003, p. 27-28.

<sup>167</sup> PADOIN, op. cit., p. 34.

com finalidades políticas.<sup>168</sup> A respeito do círculo de pessoas reunidas em torno de Lecor, o Barão de Laguna, entre os quais estava Larrañaga, Cabrelli afirma: "*No puede asegurarse que haya tenido carácter puramente masónico esa logia, aunque personalmente creo que fue la única que funcionó como tal y fue efectivamente utilizada por el Barón de la Laguna como instrumento de su política.*"<sup>169</sup> Lecor teria, ainda, fomentado a criação de outras lojas no interior, para melhor exercer o seu controle, sendo que, talvez, a partir de 1822, tais lojas tenham sido reconhecidas pelo Grande Oriente do Rio.<sup>170</sup>

A participação em determinados grupos organizados a partir de uma loja maçônica, era, portanto, mais um tipo de vínculo aos quais estavam sujeitos os sacerdotes da primeira metade do século XIX. A participação de eclesiásticos na maçonaria e outras sociedades secretas foi uma prática bastante comum na América, neste período. Ainda que, desde 1738, a maçonaria tivesse sido condenada pela Igreja Católica,<sup>171</sup> foi somente a partir da segunda metade do século XIX que o embate entre as duas instituições se intensificou, criando problemas aos sacerdotes que se filiassem a uma loja. No caso de Larrañaga, todavia, a despeito de sua participação no grupo político reunido em torno de Lecor, não encontrei documentação que permitisse analisar sua relação com a maçonaria ou com qualquer outra sociedade secreta neste período.

Em 1822, com a independência do Brasil, as tropas portuguesas que estavam na Cisplatina se dividiram. Lecor, que apoiou D. Pedro, teve que se retirar com seus comandados para o interior da Província, enquanto que Montevideu permaneceu sob controle das tropas portuguesas contrárias à independência brasileira. O conflito entre estes grupos se estendeu até fevereiro de 1824, quando Lecor reassumiu o controle da cidade em nome do Brasil. No ano seguinte, desembarcaram no território da Cisplatina os homens comandados por Juan Antonio Lavalleja, que mais tarde ficariam conhecidos como "*los treinta y tres orientales*", e que dariam início à luta contra o domínio brasileiro, resultando na instalação da Assembleia Legislativa e Constituinte do Estado, em 1828, e, dois anos depois, no juramento da Constituição do Estado Oriental do Uruguai, em 18 de julho de 1830.

Larrañaga não se envolveu na luta que Lavalleja e seus comandados empreenderam contra o domínio do Brasil a partir de 1825. São poucos os registros deste período nos quais ele aparece e, por conta disso, as biografias pouco falam a respeito. É sabido que foi em 1825

<sup>168</sup> CABRELLI, op. cit., p. 24-25.

<sup>169</sup> Ibid., p. 25.

<sup>170</sup> Ibid., p. 25-26.

<sup>171</sup> VIEIRA, David Gueiros. Liberalismo, masonería y Protestantismo en Brasil, siglo XIX. In: BASTIAN, Jean Pierre. (compilador). **Protestantes. Liberales y francomasones** – Sociedades de ideas y modernidad en America Latina siglo XIX. Mexico: CEHILA, Fondo de Cultura Economica, 1990, p. 41-43.

que começaram os problemas de visão que acabariam por lhe deixar cego, fator que deve ter colaborado para uma atuação menos ativa. Porém, de acordo com Edmundo Favaro, neste período chegou a ser eleito como senador da Província Cisplatina no Império Brasileiro, apesar de nunca ter exercido o cargo, não pela cegueira ou qualquer problema de saúde, mas devido à independência do Uruguai.<sup>172</sup>

No Uruguai independente, atuou como senador, entre 1830 e 1835, tendo apresentado alguns projetos importantes, entre eles, aqueles já comentados nesta tese, como o de abolição da pena de morte e o que daria origem à *Universidad de la República*. Neste mesmo período, também foi confirmado como Vigário Apostólico (1832). Viveu a maior parte da Guerra Grande (1839-1851), período em que o Uruguai presenciou a luta entre *blancos* e *colorados*. Respeitado por ambos os grupos, no período do *Sitio Grande* (1843-1851), quando os *colorados* resistiam em Montevideu ao cerco do *blancos*, como chefe da Igreja, entrava e saía da cidade sitiada, vindo de sua chácara no campo sitiador.

Depois de encerrar seu mandato de senador, em 1835, não voltaria a desempenhar cargos de representação política, talvez por conta da saúde que piorou progressivamente. Seu prestígio, no entanto, resistiria intacto mesmo nos últimos anos de vida, como demonstra, por exemplo, a carta desesperada de uma mãe, em 1841, que lhe suplica para que "*interponga su poderoso influjo con el Sup.or Gob.no del Estado, p.a q. la persona de mi hijo Dn Pedro Jose Medina no sea incomodada p. sus anteriores opiniones políticas, y que se le permita q.e venga a cuydar de su numerosa familia y de los pocos interesse con que cuenta p.a alimentarla [...]*".<sup>173</sup>

Trata-se do mesmo tipo de solicitação com a qual lidava desde a década de 1820, por conta da influência que tinha junto aos portugueses. Datam do início desta década duas correspondências de Manuel Francisco Artigas, irmão de José Artigas e oficial do exército no período de governo deste, nas quais solicita a interferência de Larrañaga a seu favor. Prisioneiro dos portugueses desde 1817, Manuel Francisco queria voltar para Montevideu. A primeira das cartas, de 1820, é, na verdade, um agradecimento, pois comunica que apesar de não ter recebido resposta de Larrañaga, atribui a ele o fato de ter sido transferido da Fortaleza de Santa Cruz para uma prisão mais suportável, na Ilha das Cobras.<sup>174</sup> Na correspondência

<sup>172</sup> FAVARO, op. cit., p. 83-84.

<sup>173</sup> Grifo meu. Carta de uma mãe a Larrañaga, 01/04/1841. **Archivo de la Curia Eclesiástica de Montevideo. Vicariato Apostólico - 7.**

<sup>174</sup> Manuel Francisco Artigas a Larrañaga, Ilha das Cobras, 30/04/1820. LARRAÑAGA, **Escritos**, op. cit., p. 250.

seguinte, de 1821, já livre da prisão da Ilha das Cobras, solicita ajuda para poder voltar pra casa:

[...] *no he puesto dificultad en dirigir a V. mis suplicas, a fin de que su poderoso influxo pueda prestarme los mejores auxilios, que me puedan facilitar la execucion de mis designios [...]*

*Las grandes consideraciones, q.e justamem.te tiene el Excmo. S.or G.ral Lecor, con el merito de V., y la singularidad, con q.e me ha distinguido V. siempre, me obligan a suplicarle, se digne hacerlas valer, en esta ocasión, mas q.ue en ninguna otra, a fin de que el informe de V. Ex.a favorezca mi pretencion, y me sea permitido cumplir con mis grandes deseos, de pasar despues de tanto tiempo a atender a mi abandonada familia [...]*<sup>175</sup>

Sem conhecer a resposta de Larrañaga, não há como saber se interveio junto a Lecor. Sabe-se, porém, que Manuel Francisco Artigas conseguiu voltar para Montevideú, onde faleceu, em maio de 1822. De qualquer forma, o fato de sua influência ter sido solicitada é mais um exemplo a confirmar o prestígio do qual gozava frente ao governo, que na ocasião era português.

Nos anos seguintes, especialmente no Uruguai independente, Larrañaga soube manter seu poder de influência, independentemente do partido que estivesse governando. Foi amigo tanto de Oribe quanto de Rivera, como mostram as correspondências que trocou com ambos.<sup>176</sup> Até mesmo quando dois governos disputaram a legitimidade, seu prestígio se manteve intacto entre seus contemporâneos, fossem eles *blancos* ou *colorados*.

---

<sup>175</sup> Grifo meu. Manuel Francisco Artigas a Larrañaga, Rio de Janeiro, 29/03/1821. LARRAÑAGA, **Escritos**, op. cit., p. 251-252.

<sup>176</sup> *Archivo de la Curia Eclesiástica de Montevideo*. Ver, principalmente: *Vicariato Apostólico 4 e Vicariato Apostólico 5*.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O enigma biográfico sobreviveu à pesquisa biográfica e permanece aberto a leituras ulteriores. A artéria seccionada pelo ato individual não pode jamais suturar-se. Essa é uma maneira de lembrar os limites do poder biográfico, suas aporias e, ao mesmo tempo, a riqueza infinita de seu campo de investigação.

**François Dosse**

(O desafio Biográfico: escrever uma vida)

Dámaso Antonio Larrañaga, como muitos sacerdotes de sua época, foi naturalista e participou dos debates políticos que ocorreram na primeira metade do século XIX. No entanto, sua atuação se destacou pelo fato de que, ao longo de quase quatro décadas depois do início dos movimentos de independência no Prata, sobreviveu às diversas mudanças políticas que ocorreram no período, mantendo-se como principal autoridade da Igreja no “Uruguai”. Prestigiado e influente, foi requisitado para representações políticas em momentos decisivos para os rumos da Banda Oriental, da mesma forma que se tornou uma referência importante nos temas ligados à ciência e religião. Enquanto outros sacerdotes que atuaram no Rio da Prata, em contextos semelhantes ao que ele viveu, muitas vezes enfrentaram o exílio por conta de suas atuações políticas, Larrañaga não precisou se afastar de Montevideú, a não ser por um curto período, em 1811, e, depois, por conta das missões políticas que desempenhou.

Procurando entender como conseguiu transitar entre diferentes grupos e se manter no poder, não encontrei uma resposta satisfatória nas diversas biografias, ensaios biográficos, verbetes e outras referências à sua atuação que fazem parte da bibliografia. Ao analisá-la, no primeiro capítulo desta tese, pude perceber que, ao longo destes 167 anos transcorridos desde sua morte, conforme o período histórico, predominaram algumas imagens do personagem, construídas a partir de contextos isolados.

As primeiras biografias, ainda no século XIX, destacaram sua condição eclesiástica, apresentando-o como um sacerdote exemplar, cuja atuação política teria sido sempre com o intuito de mediação, conciliação, sem que tivesse envolvimento com as partes em conflito.

No século XX, principalmente na primeira metade, dentro de um contexto de construção da nacionalidade uruguaia, iniciado ainda nas últimas décadas do século anterior,

os estudos sobre o personagem preocuparam-se com o "problema" de seu protagonismo como apoiador da dominação luso-brasileira. Frente ao esforço para construir a História da "nação" uruguaia, situando-a num passado em que ela ainda não existia, os biógrafos dividiram-se entre aqueles que o caracterizaram como herói, procurando "justificar" o apoio ao domínio luso-brasileiro, e os que viram esse apoio como incoerência biográfica, transformando-o numa espécie de "mancha" na história do personagem, que, embora nem sempre declarada abertamente, insinuou a ideia de traição à "pátria" uruguaia.

Paralelamente às caracterizações descritas nos dois parágrafos acima, desde o final do século XIX, começou o resgate de sua obra científica, intensificado a partir da terceira década do século XX, quando o *Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay* publicou cinco tomos que reuniram suas principais produções. Na perspectiva daqueles que se concentraram mais nessa faceta de Larrañaga, ele foi considerado um "sábio", e, como tal, estaria acima da política.

Defendendo a tese de que o entendimento da atuação política do personagem passaria por uma análise de sua atuação em três principais contextos com os quais esteve envolvido, estruturei o meu trabalho, nos três capítulos seguintes, de maneira a abordar cada um destes contextos.

No segundo capítulo, analisei sua trajetória eclesiástica, mostrando que sua ascensão na hierarquia não se deveu apenas a méritos intelectuais ou à sua formação, mas que se deu, em grande parte, graças a suas habilidades de negociação e às relações que estabeleceu com autoridades políticas e eclesiásticas. No caso destas últimas, os contatos extrapolaram o nível local e incluíram os representantes da Cúria romana que visitaram o Rio da Prata na chamada Missão Muzi.

No terceiro capítulo, investigando a atuação do personagem como naturalista e priorizando as relações estabelecidas a partir das atividades nessa área, analisei seus contatos com uma série de outros interessados no assunto, com destaque para seus ex-colegas do *Real Colegio de San Carlos* e os viajantes europeus que exploraram a região. Pude observar que estes contatos formaram uma espécie de rede entre os envolvidos, a qual, apesar de servir principalmente para a troca de informações, livros e materiais de pesquisa, muitas vezes cumpria um papel que ia além desse âmbito, resultando na troca de pequenos favores, recomendações e indicações para cargos. A partir dessas relações e das atividades que desenvolveu como naturalista, já na década de 1810, Larrañaga passou a ser reconhecido como homem de ciência, o que colaborou significativamente para o aumento de seu prestígio e, por consequência, de seu poder de influência.

Por fim, no quarto e último capítulo, analisei as participações de Larrañaga na política, principalmente no período entre 1811 e 1821, no qual está situada a principal polêmica em torno do personagem, a propósito do apoio aos portugueses e, depois, brasileiros. A pesquisa a respeito de sua participação em determinadas missões importantes, nas quais desempenhou com protagonismo o papel de negociador, mostrou que sua atuação política, que muitas vezes favoreceu o bem comum e levou à solução de contendas, também esteve pautada por interesses pessoais, como pretensões na carreira eclesiástica e outras ligadas aos estudos naturalistas, os quais ele classificava como atividade preferida.

Em resumo, concluo que, como naturalista, eclesiástico e político, a partir da década de 1810, Larrañaga acumulou o prestígio que o transformou num personagem de significativa influência no território que hoje conhecemos como Uruguai. Este prestígio, aliado a uma importante habilidade política de negociador – a qual aperfeiçoou ao longo dos anos –, bem como a uma série de relações que manteve em diferentes contextos, garantiu sua permanência no poder, mesmo com o revezamento deste nas mãos dos diferentes grupos políticos que atuaram desde a Banda Oriental de 1811 até o Uruguai de 1848.

Sem a pretensão de fazer uma biografia total, concentrei a investigação nos aspectos atinentes ao meu problema de pesquisa e fiz escolhas. Acredito ter colaborado na tentativa de compreender melhor este sujeito histórico tão importante na história do "Uruguai". No entanto, não ignoro tantas outras possibilidades de estudo que a complexa vida de Dámaso Antonio Larrañaga comporta. Espero ao menos ter apontado para algumas delas ao longo deste trabalho. Como escreve o autor da epígrafe que citei três páginas acima, "a artéria seccionada pelo ato individual não pode jamais suturar-se". Outras biografias são tanto possíveis, quanto necessárias.

## REFERÊNCIAS

### ARQUIVOS E BIBLIOTECAS

Archivo de la Curia Eclesiástica de Montevideo.

Archivo General de la Nación (Uy).

Biblioteca de la Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad de la República (Uy).

Biblioteca del Poder Legislativo (Uy).

Biblioteca Nacional (Uy).

Biblioteca Setorial de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Hemeroteca - Museo Histórico Nacional (Uy), Casa de Antonio Montero (Museo Romántico).

### FONTES MANUSCRITAS

#### Archivo de la Curia Eclesiástica de Montevideo:

- Juan Muzi a Larrañaga, Santiago do Chile, 17/08/1824. *Vicariato Apostólico – 1.*
- Giovanni Muzi a Raymundo Guerra, ??/02/1835. *Vicariato Apostólico – 1.*
- Mastai Ferretti a Raymundo Guerra, Ímola, 07/02/1835. *Vicariato Apostólico – 4.*
- Comissão de Biblioteca e Museu a Larrañaga, 17/04/1838. *Vicariato Apostólico - 5.*
- Pedro Francisco Berro a Larrañaga, 09/07/183?. *Vicariato Apostólico - 5.*
- Carta de uma mãe a Larrañaga, 01/04/1841. *Vicariato Apostólico - 7.*

#### Archivo General de la Nación:

- Larrañaga: *Diario de viaje desde Montevideo al pueblo de Paysandú, 1815, manuscrito, Caja 195, Carpeta 2.*

## FONTES IMPRESSAS

Obs.: Publicações citadas em ordem alfabética e, dentro de cada publicação, documentos listados em ordem cronológica.

ALONSO CRIADO, Matias. **Coleccion Legislativa de la República a Oriental del Uruguay**. 1825-1852. Montevideo: Establecimiento Tipográfico a vapor de LA IDEA, 1876. t. 1.

- Documento em que a Assembleia Constituinte e Legislativa aprova a Separação da Diocese de Buenos Aires, Montevidéo, 17/07/1830 (p. 168-169).
- Documento de criação da Universidade pelo Senado e Câmara de Representantes, Montevidéo, 08/06/1833 (p. 236-237).

CAMUSSO, Rafael Algorta. **El padre Dámaso Antonio Larrañaga**: Apuntes para su Biografía. Montevideo: Talleres Gráficos A. Barreiro y Ramos, 1922.

- Larrañaga ao *Cabildo* de Montevidéo, Montevidéo, 08/05/1815 (p. 38-39).
- Mastai Ferretti a Raymundo Guerra, Ímola, 07/02/1835 (p. 113).

CARDIFF, Guillermo Furlong. La Misión Muzi en Montevideo (1824-1825). **Revista del Instituto Historico y Geográfico del Uruguay**, Montevideo, t. XI, p.145-177, años 1934-35.

- *Cabildo* de Montevidéo a Juan Muzi, Montevidéo, 20/01/1825 ( p. 155-156).
- Juan Muzi ao *Cabildo* de Montevidéo, Montevidéo, 21/01/1825 (p. 156).

COMISIÓN NACIONAL ARCHIVO ARTIGAS. **Archivo Artigas**. Montevideo: Impresores A. Monteverde & Cia, 1950. t. 1.

- *Ley de Creación*, Montevidéo, 13/06/1944 (p. 2).

COMISIÓN NACIONAL ARCHIVO ARTIGAS. **Archivo Artigas**. Montevideo: Impresores A. Monteverde & Cia, 1963. t. 5.

- Comunicação dos religiosos do Convento de Montevidéo ao Ministro Provincial dos Franciscanos em Buenos Aires, 28/05/1811 (p. 9-11).

COMISIÓN NACIONAL ARCHIVO ARTIGAS. **Archivo Artigas**. Montevideo: Impresores A. Monteverde & Cia, 1974. t. 11.

- Manuel de Sarratea ao Governo Superior das Províncias Unidas (*Comunica el nombramiento de los diputados que deben representar a la Banda Oriental en la Asamblea*), Cerrito de Montevideú, 26/01/1813 (p. 11-12).
- Ata da reunião do Congresso de *Tres Cruces*, Banda Oriental, 05/04/1813 (p. 83-84).
- Larrañaga e Mateo Vidal a Artigas, Buenos Aires, 18/06/1813(p. 133-135).
- Artigas a Larrañaga, Campo diante de Montevideú, 29/06/1813( p. 137).
- Artigas ao Superior Governo Executivo das Províncias Unidas, 29/06/1813 (p. 137-141).
- *Instrucciones dadas a Dámaso Antonio Larrañaga para su comisión ante el gobierno de las Provincias Unidas del Río de la Plata...*, Campo diante de Montevideú, 29/06/1813 (p. 141-142).
- *Informes proporcionados por Artigas a Dámaso Antonio Larrañaga para el desempeño de la misión que le ha encomendado ante el gobierno de Buenos Aires*, Campo diante de Montevideú, 29/06/1813 (p. 142-143).
- *Acta de la Asamblea realizada en el pueblo de San Fernando de Maldonado con el objeto de designar un diputado para la Soberana Asamblea por renuncia del ya elegido Dámaso Gómez Fonseca*, Maldonado, 07/07/1813(p. 155-156).
- Juan Correa a Bruno Mendez, Maldonado, 09/07/1813 (p. 162-163).
- Juan Correa a Dámaso Antonio Larrañaga, Maldonado, 09/07/1813 (p. 163).
- Superior Governo Executivo a Larrañaga, Buenos Aires, 27/07/1813 (p. 168-169).
- Larrañaga a Artigas, Buenos Aires, 29/07/1813 (p. 173-174).
- *Copia del acta del Congreso de Capilla de Maciel en la que consta lo actuado en las sesiones correspondientes a los días 8 e 9 de diciembre de 1813...* Miguelete, 08-09/12/1813 (p. 228-231).

COMISIÓN NACIONAL ARCHIVO ARTIGAS. **Archivo Artigas**. Montevideo: Impresores A. Monteverde & Cia, 1975. t. 13.

- Diário do Padre Bartolomé Doroteo de Muñoz (Setembro de 1807 a julho de 1812) - (p. 217-238).

COMISIÓN NACIONAL ARCHIVO ARTIGAS. **Archivo Artigas**. Montevideo: Impresores A. Monteverde & Cia, 1981. t. 20.

- Circular de Nicolas Herrera dirigida aos párocos, Buenos Aires, 30/03/1815 (p. 276-279).

COMISIÓN NACIONAL ARCHIVO ARTIGAS. **Archivo Artigas**. Montevideo: Impresores A. Monteverde & Cia, 1987. t. 21.

- Artigas ao *Cabildo* Gobernador, Paysandú, 12/08/1815 (p. 65-66).
- Artigas ao *Cabildo* de Montevideú, Paysandú, 25/11/1815(p. 155-156).
- Artigas a Miguel Barreiro, Purificación, 19/07/1816 (p. 253-254).

COMISIÓN NACIONAL ARCHIVO ARTIGAS. **Archivo Artigas**. Montevideo: Impresores A. Monteverde & Cia, 1989. t. 22.

- Artigas a Larrañaga, Paysandú, 12/08/1815 (p. 198).
- Artigas a Larrañaga, Paysandú, 19/08/1815 ( p.199).
- Artigas a Larrañaga, 28/08/1815 ( p. 199-200).
- Larrañaga a Artigas, Montevideú, 09/12/1815( p. 214-215).
- Artigas a Larrañaga, Purificación, 09/06/1816 (p. 236).
- Artigas a Larrañaga, Purificación, 22/06/1816 (p. 238).

COMISIÓN NACIONAL ARCHIVO ARTIGAS. **Archivo Artigas**. Montevideo: Impresores A. Monteverde & Cia, 1990. t. 23.

- Larrañaga: *Diario de viaje desde Montevideo al pueblo de Paysandú*, 31/05 a 26/06 de 1815 (p. 119-161).

COMISIÓN NACIONAL ARCHIVO ARTIGAS. **Archivo Artigas**. Montevideo: Impresores A. Monteverde & Cia, 1992. t. 26.

- Larrañaga ao Governo de Buenos Aires, Buenos Aires, 01/04/1815 (p. 338).

- José León Planchón concedendo facultades eclesiásticas a Larrañaga, Buenos Aires, 28/04/1815 (p. 469-470).
- *Cabildo* de Montevideu a Larrañaga, Montevideu, 06/05/1815 (p. 471).
- Larrañaga a José León Planchón, Montevideu, 08/07/1815 (p. 474).
- Larrañaga ao *Cabildo* Gobernador, Montevideu, 04/08/1815 (p. 339-340).
- Artigas ao *Cabildo* Gobernador, Montevideu, 18/06/1816 (p. 346-347).
- G. F. Dickson a Larrañaga, Buenos Aires, 03/07/1816 (p. 347-348).

COMISIÓN NACIONAL ARCHIVO ARTIGAS. **Archivo Artigas**. Montevideo: Imprenta Ecler S.A., 1998. t. 30.

- *Consulta formulada por la Corona lusitana a Manuel José García sobre la organización que debe darse al gobierno portugués una vez ocupada la plaza de Montevideo*, Rio de Janeiro, 05/1816 (p. 61-68).

COMISIÓN NACIONAL ARCHIVO ARTIGAS. **Archivo Artigas**. Montevideo: Iconoprint, 2000. t. 32.

- Ata da sessão do *Cabildo* de Montevideu, 19/01/1817 (p. 151-153).
- Ata da sessão do *Cabildo* de Montevideu, 19/01/1817 (p. 153 - 156).
- Ata da sessão do *Cabildo* de Montevideu, 20/01/1817 (p. 156-158).

DEVOTO, Juan Pivel. El Congreso Cisplatino (1821). Repertorio Documental, seleccionado y precedido de un Análisis. **Revista del Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay**, Montevideo, Tomo II, p. 247-315, 1936.

- Ata da sessão do Congresso Extraordinário, Montevideu, 18/07/1821 (p. 261-268).
- Ata da sessão do Congresso Extraordinário, Montevideu, 23/07/1821 (p. 275-277).

FAVARO, Edmundo. **Dámaso Antonio Larrañaga**: su vida y su época. Montevideo: Res S. A., 1950.



- Registro de Matrimônio de Pedro Francisco Berro e Juana Larrañaga, assinado pelo padre Juan J. Ortiz, Montevideú, 19/03/1799 (p. 107-108).
- José León Planchón concedendo licença e faculdades a Larrañaga, Buenos Aires, 20/07/1815 (p. 118-119).
- Larrañaga ao *Cabildo* Governador, Montevideú, 11/10/1815 (p. 127-128).
- José León Planchón a Larrañaga, Buenos Aires, 27/10/1815 (p. 120-121).
- Artigas ao *Cabildo* Governador, 28/10/1815 (trecho citado na p.70)
- Domingo Victorio Achega concedendo faculdades a Larrañaga, Buenos Aires, 22/12/1815 (p. 122-123).
- *Cabildo* de Montevideú a Larrañaga, Montevideú, 28/01/1817 (p. 128-129).
- Carlos Frederico Lecor a Larrañaga, Montevideú, 29/08/1818 ( p. 129-130).
- Carlos Frederico Lecor a Larrañaga, Montevideú, 28/04/1821 ( p. 131).
- Juan Muzi a Larrañaga, Santiago do Chile, 17/08/1824 (p. 135-136).
- Juan Muzi concedendo Faculdades a Larrañaga por intermédio de Pedro Antonio de Portegueda, Montevideú, 24/10/1824 (p. 136-140).
- Breve do Papa Gregório XVI designando Larrañaga como Vigário Apostólico, 14/08/1832 ( p. 145 a 148).
- Lucas José Obes a Larrañaga, Montevideú, 06/08/1834 (p. 148-149).
- Larrañaga a Lucas José Obes, Montevideú, 09/08/1834 (p. 149-150).

INSTITUTO ARTIGAS DEL SERVICIO EXTERIOR. **La diplomacia de la Patria Vieja** (1811-1820) Montevideo: 1990.

- *El Cabildo de Montevideo autorizando los diputados Larrañaga y Bianqui...* Montevideú, 31/01/1817 (p. 341-342).
- *Instrucciones dadas a los diputados Larrañaga y Bianqui para el desempeño de la misión ante el Rey Don Juan VI*, Montevideú, 31/01/1817 (p. 342-344).

PÉREZ CASTELLANO, José Manuel. **Observaciones sobre agricultura** (Reproducción facsimilar de la edición de 1848). Montevideo: Biblioteca Nacional, RAP-AL Uruguay, 2007. 2t. Disponible em: <://webs.chasque.net/~rapaluy1/publicaciones/Observaciones\_sobre\_Agricultura.html>. Acesso em: 08 maio 2015.

LARRAÑAGA, Dámaso Antonio. **Selección de Escritos**. Montevideo: Biblioteca Artigas; Ministerio de Instrucción Pública y Previsión Social, 1965.

- Larrañaga a Saturnino Seguro, Montevideo, 02/07/1804 (p. 8-11).
- Larrañaga a Bartolomé de Muñoz, Montevideo, 22/06/1808 (p. 11-13).
- Larrañaga a José Joaquín de Araújo, Montevideo, 22/06/1808 (p. 13-16).
- Larrañaga a Bartolomé Doroteo de Muñoz, Montevideo, 06/07/1808 (p. 17-27).
- Larrañaga: *Diario de viaje desde Montevideo al pueblo de Paysandú*, 31/05 a 26/06 de 1815 (p. 51-118).
- Larrañaga: *Diario del viaje desde Montevideo a Río de Janeiro, en marzo de 1817*, 03/1817 (p. 119-123).

LARRAÑAGA, Dámaso Antonio. **Escritos**. Tomo III. Montevideo: Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay, Imprenta Nacional, 1923.

- Rascunho de una carta de Larrañaga para botánicos de Barcelona, Montevideo, 04/1804 (p. 252-256).
- Larrañaga a Pedro Francisco Berro, Buenos Aires, 16/08/1806. "Reconquista de Buenos Aires" ( p. 107 a 110).
- John Mawe a Larrañaga, Calera Bariga Negra, 26/11/1806 (p. 246-247).
- Larrañaga: *Diario de viaje desde Montevideo al pueblo de Paysandú*, 31/05 a 26/06 de 1815 (p. 37-84).
- Artigas a Larrañaga, Purificación, 06/07/1816 (p. 245)
- Aimé Bonpland a Larrañaga, Buenos Aires, 13/02/1818 (p. 257-259).
- Larrañaga a Aimé Bonpland, Montevideo, 26/02/1818 (p. 260-261).
- Aimé Bonpland a Larrañaga, Buenos Aires, 02/04/1818 (p. 261-264).

- Larrañaga a Aimé Bonpland, Montevideú, 25/05/1818 (p. 267-269).
- Tomás de Gomensoro a Larrañaga, Canelones, 22/08/1818 (p. 247-250).
- Aimé Bonpland a Larrañaga, Buenos Aires, 15/09/1818 (p. 269-275).
- Manuel Francisco Artigas a Larrañaga, Ilha das Cobras, 30/04/1820 (p. 250).
- Auguste de Saint-Hilaire a Larrañaga, Belém, 15/01/1821 (p. 277-280).
- Larrañaga a Auguste de Saint-Hilaire, Montevideú, 16/02/1821 (p. 280-282).
- Manuel Francisco Artigas a Larrañaga, Rio de Janeiro, 29/03/1821 (p. 251-252).
- Auguste de Sait-Hilaire a Larrañaga, Rio de Janeiro, 21/10/1821(p. 282-285).
- Larrañaga a Auguste de Saint-Hilaire, Montevideú, 08/02/1822 (p. 285-287).
- Luis-Claude de Freycinet a Larrañaga, Paris, 29/03/1822 (p. 287-291).
- Auguste de Saint-Hilaire a Larrañaga, Paris, 19/09/1822 (p. 291-295).
- Friedrich Sellow a Larrañaga, Ilha de Santa Catarina, 07/11/1827 (p. 299-300).

MAÑÉ GARZÓN, Fernando; ISLAS, Ariadna. Viaje de Dámaso Antonio Larrañaga de Toledo a la Villa de Florida, 29 de enero a 6 de febrero de 1813. **Cuadernos de Marcha**, Montevideo, 3ª época, año XIV, n. 162, p. 25-37, mayo 2000.

- Larrañaga: *Viage á la Ciudad de Buenos Aires p.r S.ta Fe desde Montevideo* (p. 29-37).

MARCHESI, Carlos. **Dámaso Antonio Larrañaga**: fiel montevidiano, forjador de la nación, fundador y primer jefe de la Iglesia Uruguaya - comprensión de su figura histórica y antología. Montevideo: Carlos Marchesi Editor, 2005.

- Larrañaga: *Diario de viaje desde Montevideo al pueblo de Paysandú*, 31/05 a 26/06 de 1815 (p. 75-127).

MUSEU E ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Documentos Interessantes para o estudo da Grande Revolução**. Porto Alegre: Departamento de História Nacional, 1930, v 1.

- Domingos José de Almeida a Francisco das Chagas Martins de Ávila e Souza, Piratini, 07/12/1838 (p. 285).
- Domingos José de Almeida a Larrañaga, Piratini, 10/12/1838 (p. 285-286).
- Larrañaga a Domingos José de Almeida, Cerrito de Montevideú, 09/02/1939 (p. 286).
- Domingos José de Almeida a Francisco das Chagas Martins de Ávila e Souza, Caçapava, 21/04/1839 (p. 286).
- Domingos José de Almeida a Larrañaga, Caçapava, 16/05/1839 (p. 285-286).

PODER LEGISLATIVO. **Diario de sesiones de la cámara de senadores de la República Oriental del Uruguay**: primera legislatura. Montevideo: Tipografía La España, 1882, t. 1.

- Ata da Câmara de Representantes da República, Montevideú, 22/01/1831(p. 97-103).

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Al Sur del Brasil, al Norte del Rio de la Plata**. Montevideo: Universidad de la República, 2005.

SALLUSTI, Giuseppe. **Storia Delle Missioni Apostoliche Dello Stato del Chile**: colla descrizione del viaggio dal vecchio al nuovo mondo fatto dall'autore. Roma: Presso Giuseppe Mauri, 1827. t. II. Disponível em: <<http://books.google.com>>. Acesso em: 15 jan. 2015.

UNIVERSIDAD DE LA REPUBLICA. Facultad de Humanidades y ciencias – Instituto de Investigaciones Historicas. **Biblioteca de impresos raros americanos**. Tomo II. Montevideú, 1951. p. 21-38.

- Nota de Luis José de Chorroarín ao Poder Executivo, Buenos Aires, 05/07/1813 (p. 55).
- *Oración Inaugural* (Texto de autoria de Larrañaga, lido na abertura da Biblioteca Pública de Montevideú), 26/05/1816 (p. 21-38).

## **BIOGRAFIAS E TEXTOS COM DADOS BIOGRÁFICOS DE D. A. LARRAÑAGA**

BARBIERI, Antonio María. Dámaso Antonio Larrañaga. In: **VII Congreso de Estudios Vascos (1948)**. Sán Sebastián: Sociedad de Estudios Vascos, 2003. p. 435-441. Disponível em: <<http://www.euskomedia.org/PDFAnlt/congresos/07/07435441.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2011.

BERRO, Fermin I. Huertas. **Dámaso Antonio Larrañaga (1771-1848)**. Montevideo: 1965.

BUSTAMANTE, Raúl Montero. Prólogo. In: CAMUSSO, Rafael Algorta. **El padre Dámaso Antonio Larrañaga**: apuntes para su biografía. Montevideo: Talleres Gráficos A. Barreiro y Ramos, 1922. p. VII-XV.

CAMEJO, Leticia. Larrañaga y la Ciencia Moderna. **Fermentario**, Montevideo, n.2, 2008. Disponible em: <<http://www.fermentario.fhuce.edu.uy/index.php/fermentario/article/view/5#>>. Acesso em: 18 nov. 2011.

CAMUSSO, Rafael Algorta. **El padre Dámaso Antonio Larrañaga**: apuntes para su biografía. Montevideo: Talleres Gráficos A. Barreiro y Ramos, 1922.

CASTELLANOS, Alfredo R. . Prologo. In: LARRAÑAGA, Dámaso Antonio. **Selecion de Escritos**. Montevideo: Biblioteca Artigas; Ministério de Instrucción Publica y Prevision Social, 1965. p.VII-XLI.

\_\_\_\_\_. **Contribución al estudio de las ideas del Pbro. Dámaso Antonio Larrañaga**. (Apartado de la Revista Histórica. Tomo XVII). Montevideo: 1952.

\_\_\_\_\_. La biblioteca científica del padre Larrañaga. **Revista Histórica**, Montevideo, Año XLII, 2º epoca, tomo XVI, p. 589-626, 1948.

DE MARIA, Isidoro. Don Dámaso Antonio Larrañaga. In: \_\_\_\_\_. **Rasgos biográficos de hombres notables de la República Oriental del Uruguay** .3. ed. Montevideo: Imprenta Artística de Dornaleche y Reyes, 1889. p. 77-92.

DE PENA, Carlos María. Carta a Arechavaleta, director del Museo Nacional. **Anales del Museo Nacional de Montevideo**, Montevideo, T. I, p. VII- XLVII, 1894.

ESTRAZULAS Y LAMAS, Santiago. Don Dámaso Antonio Larrañaga: oración fúnebre pronunciada en la Iglesia Matriz de Montevideo el 1º de marzo de 1848. **Revista Nacional**, Montevideo, T.XII, p. 137-145, 1940.

FAVARO, Edmundo. **Dámaso Antonio Larrañaga**: su vida y su época. Montevideo: Res. S. A., 1950.

GARZON, Walter Piaggio. Una interesante faz en la obra de Larrañaga: su intenso rasgo de caridad. **Revista Nacional**, Montevideo, nº 83, p. 217-241, 1944.

GONZÁLEZ, Ariosto D. Prólogo. In: FAVARO, Edmundo. **Dámaso Antonio Larrañaga**: su vida y su época. Montevideo: Res S. A., 1950. p. VII-XIII.

LAMAS, Andrés. Don Dámaso Antonio Larrañaga - natural de Montevideo. **Revista Histórica**, Montevideo, T. III, p. 139-152, 1910-1911.

LOPES, Maria Margaret; HEIZER, Alda Lucia. Bonpland, Saint-Hilaire e Megatherium nas cartas de Larrañaga. In:\_\_\_\_\_ **Colecionismos, práticas de campo e representações**.

Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 12-29. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/rk6rq/pdf/lopes-9788578791179-01.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2015.

LOPES, Maria Margaret; VARELA, Alex Gonçalves. Viagens, tremores e conchas: aspectos da natureza da América em escritos de José Bonifácio de Andrada e Silva, José Hipólito Unanué e Dámaso Antonio Larrañaga. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, Belém, n.2, p. 227-242, maio-ago. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v5n2/a03v5n2.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2011.

MARCHESI, Carlos. Biografía de Dámaso Antonio Larrañaga, intencionalmente reivindicativa. In: \_\_\_\_\_. **Dámaso Antonio Larrañaga: fiel montevideano, forjador de la nación, fundador y primer jefe de la Iglesia Uruguaya - comprensión de su figura histórica y antología**. Montevideo: Carlos Marchesi Editor, 2005. p. 39-57.

NARANCIO, Edmundo D. Introducción. In: UNIVERSIDAD DE LA REPÚBLICA. Facultad de Humanidades y Ciencias – Instituto de Investigaciones Históricas. **Biblioteca de impresos raros americanos**. Montevideo: 1951, t. II. p. VII-XVII.

RAMÍREZ, Arbelio. Explicación. In: INSTITUTO DE INVESTIGACIONES HISTÓRICAS. INSTITUTO DE INVESTIGACIONES HISTÓRICAS. **Biblioteca de impresos raros americanos**. Tomo II. Universidad de la República: Montevideo, 1951. p.41-52.

SALDAÑA, Jose M. Fernandez. Dámaso Antonio Larrañaga. In.: **Diccionario uruguayo de biografías 1810-1940**. Montevideo: Editorial Amerindia, 1945. p. 709-712.

SALGADO, Jose. Larrañaga. **Revista Nacional**, Montevideo, T. XII, p. 202-215, 1940.

VIGIL, Carlos Martinez. Dámaso Antonio Larrañaga: apuntaciones bio-bibliográficas. **Revista Nacional**, Montevideo, T. XII, p. 328-337, 1940.

VILLADEMOROS, Carlos Gerónimo. Breve noticia de la vida de Don Dámaso Antonio Larrañaga, Vicario Apostólico y Proto-Notario Apostólico de la Santa Sede en el Estado Oriental de Uruguay. **Revista Nacional**, T. XXII, p. 121-130, 1943.

## DEMAIS REFERÊNCIAS

ARZOBISPADO DE BUENOS AIRES. **Noticias Históricas**: La Diócesis de Buenos Aires en Sede Vacante. Disponível em: < [http://www.arzbaires.org.ar/inicio/menu\\_historia.html](http://www.arzbaires.org.ar/inicio/menu_historia.html) >. Acesso em 04/12/2014.

AYROLO, Valentina. La carrera política del clero. Aproximación al perfil político-clerical de algunos hombres del XIX. El caso de los de Córdoba. **PolHis**. Boletín Bibliográfico Eletónico Del Programa Buenos Aires de Historia Política, Buenos Aires, n. 7, p. 100-114, 1º sem. 2011. Disponível em: <[http://historiapolitica.com/datos/boletin/polhis7\\_ayrolo.pdf](http://historiapolitica.com/datos/boletin/polhis7_ayrolo.pdf)>. Acesso em: 09 mai. 2012.

\_\_\_\_\_. Concursos eclesiásticos como espacios de ejercicio de poder. Estudio de caso: los de la sede cordobesa entre 1799 y 1815. **Hispania Sacra**, v. 60, n. 122, p. 659-681, jul.-dic. 2008. Disponible em: <<http://hispaniasacra.revistas.csic.es/index.php/hispaniasacra/article/viewArticle/72>>. Acesso em: 01 dez 2014.

\_\_\_\_\_. Iglesia y Poder Político en las Provincias Unidas (1810-1852). **Cuadernos de Trabajo del Centro de Investigaciones Historicas**, Serie de Investigaciones N. 6, Junio de 2003. Universidad Nacional de Lanús, jun. 2003.

\_\_\_\_\_. Una nueva lectura de los informes de la Misión Muzi: la Santa Sede y la Iglesia de las Provincias Unidas. **Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani**, Buenos Aires, 3ª serie, n. 14, p. 31-60, 2º semestre 1996.

AYROLO, Valentina; MAZZONI, Maria Laura. De familiar a Obispo de Córdoba. La trayectoria política de Benito Lascano como ejemplo de ascenso en la carrera eclesiástica, 1800-1836. **Anuario de la Escuela de Historia Virtual**, Año 4, Nº 4, p. 35-56, 2013. Disponible em: < <http://publicaciones.ffyh.unc.edu.ar/index.php /anuariohistoria/article/view/1136/1112>> Acesso em: 10 jun 2014.

AZARA, Félix de. **Memoria sobre el estado rural del Río de la Plata y otros ensayos**. Buenos Aires: Editora Bajel, 1943.

BACKOUCHE, Isabelle; KOTT, Sandrine, apud DELACROIX, Christian. Acteur. In: \_\_\_\_\_ et al. (Org.). **Historiographies II: concepts e débats**. Paris: Gallimard, 2010. p. 661-663.

BARRÁN, José Pedro. **Apogeo y crisis del Uruguay pastoril y caudillesco, 1839-1875**. V. 6 de Historia Uruguay. Montevideo: Banda Oriental, 2011.

\_\_\_\_\_. **La espiritualización de la riqueza: catolicismo y economía en Uruguay, 1730-1900**. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental, 1998.

\_\_\_\_\_. **Historia de la sensibilidad en el Uruguay**. Tomo 1: La Cultura “Barbara” (1800-1860). 7. ed. Montevideo: Ediciones de La Banda Oriental, 1991.

BENTANCUR, Arturo Ariel; APARICIO, Fernando. **Amos y esclavos em el Río de la Plata**. Montevideo: Planeta, 2006.

BENTANCUR, Arturo Ariel. José Raymundo Guerra: um "Don Nadie" en la Colonia. **Hoy es Historia**, Montevideo, Año III, n.18, p. 38-44, nov.-dic. 1986.

BIDINOTO, Lauro Manzoni. Biografia e nação: o problema das dominações portuguesa e brasileira nas biografias de Dámaso Antonio Larrañaga. In: Ana Frega Novales; Maria Medianeira Padoin; Fábio kühn; Maria Celia Bravo; Sonia Rosa Tedeschi. (Org.). **História, Regiões e Fronteiras**. 1ed.Santa Maria: FACOS-UFSM, 2012, v. , p. 165-178.

\_\_\_\_\_. Herói ou traidor? Os biógrafos de Dámaso Larrañaga frente à ideia de nação. **Aedos: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS (Online)**, v. 4, p. 94-109, 2012.

\_\_\_\_\_. Biografia e nação: o problema das dominações portuguesa e brasileira nas biografias de Dámaso Larrañaga. In: 3ª Reunião do Comitê Acadêmico História Regiões e Fronteiras da Associação de Universidades do Grupo Montevideo, 2012, Santa Maria - RS. **Anais...** Santa Maria: 2012. p. 335-350.

\_\_\_\_\_. De Montevidéo a Paysandú com Dámaso Antonio Larrañaga: diário de uma viagem na Banda Oriental de 1815. In: **Anais do XXVI Simpósio Nacional da ANPUH**. São Paulo: ANPUH, 2011.

\_\_\_\_\_. **Clero secular e poder político nos movimentos de independência do Prata**. 2005. Dissertação (Mestrado em Integração Latino-Americana) - UFSM, Santa Maria, 2005.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 183-191.

BUCHBINDER, Pablo. La Historiografía rioplatense y el problema de las orígenes de la nación. **Cuadernos del CLAEH**, Montevideo, año 19, n. 69, p. 29-47, 1º semestre de 1994.

CABRELLI, Alfonso Fernandez. **Presencia masonica en la Cisplatina**. Montevideo: Imprenta Alvarez, 1986.

CALVO, Nancy. DI STEFANO, Roberto. GALLO, Klaus. (coord) **Los Curas de la Revolución: Vidas de Eclesiásticos en las Orígenes de la Nación**. Buenos Aires: Emecé, 2002.

CARDIFF, Guillermo Furlong. La Misión Muzi en Montevideo (1824-1825). **Revista del Instituto Histórico y Geográfico del Uruguay**, Montevideo, t. XI, p.145-177, años 1934-35.

CHIARAMONTE, José Carlos. Fundamentos Jurnaturalistas de los movimientos de Independencia. **Boletín del Instituto de Historia Argentina Y Americana Dr. Emilio Ravignani**, Buenos Aires, 3º serie, n. 22, p. 33-71, 2º semestre 2000.

\_\_\_\_\_. **Ciudades, provincias, estados: orígenes de la Nación Argentina**. Buenos Aires: Ariel, 1997.

\_\_\_\_\_. La cuestión de la soberanía en la génesis y constitución del Estado Argentino. **Revista Electrónica de Historia Constitucional da Universidad de Oviedo**, Oviedo, 1997. Disponível em: < <http://hc.rediris.es/dos/articulos/html/soberania /htm#01>>. Acesso em: 27 jun. 2003.

\_\_\_\_\_. La Formacion de los Estados Nacionales em Iberoamerica. **Boletín del Instituto de Historia Argentina y Americana Dr. Emilio Ravignani**, Buenos Aires, 3º serie, n. 15, p.143-165, 1º semestre de 1997.

\_\_\_\_\_. El problema de los orígenes de los estados hispanoamericanos en la historiografía reciente y el caso del Río de la Plata. **Anos 90**, Porto Alegre, vol. 1, n. 1, p. 49-83, maio 1993.

CICALESE, Vicente O. **Montevideo y su primer escritor: José Manuel Pérez Castellano**. Montevideo: Biblioteca Uruguaya de Estudios Literarios, 1987.



CUVIER, Georges. **Recherches sur les ossemens fossiles où l'on établit**. Les caractères de plusieurs animaux dont les révolutions du globe ont détruit les espèces. Nouvelle Édition entièrement refondue, et considérablement augmentée. Tome cinquième, 1er. Partie, contenant les rongeurs, les édentés, et les mammifères marins. Paris: chez G. Dufour et E. D'Ocagne Libraires, et a Amestardam, chez les mêmes, 1823.

DEMURO, Wilson González. Iglesia y crisis monárquica en el Río de la Plata al finalizar la época colonial. Un caso: Montevideo y su cura vicario, Juan José Ortiz (1783-1815). **Anuario de Estudios Americanos**, Sevilla, n. 62, 1, p. 161-180, 2005, p. 164. Disponível em: <<http://estudiosamericanos.revistas.csic.es/index.php/estudiosamericanos/article/view/72/75>>. Acesso em: 12 set. 2010.

DI STEFANO, Roberto. Colegas clérigos del joven Darwin. **Anuário IEHS: Instituto de Estudios Histórico Sociales**, Tandil, n. 25, p. 259-280, 2010. Disponível em: <<http://historiayreligion.com/wp-content/uploads/2013/02/Di-Stefano-Colegas-cl%C3%A9rigos-del-joven-Darwin.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2013.

\_\_\_\_\_. La Revolución de las almas: religión y política en el Río de La Plata insurrecto. In.: CALVO, Nancy. DI STEFANO, Roberto. GALLO, Klaus. (coord) **Los Curas de la Revolución: Vidas de Eclesiásticos en las Orígenes de la Nación**. Buenos Aires: Emecé, 2002. p. 13-28.

\_\_\_\_\_. Pastores de rústicos rebanhos: cura de almas y mundo rural en la cultura ilustrada rioplatense. **Boletín del Instituto de Historia Argentina Y Americana Dr. Emilio Ravignani**, Buenos Aires, 3ª serie, n. 22, p. 7-32, 2000.

\_\_\_\_\_. Abundancia de Clérigos, Escasez de Párrocos: Las Contradiciones del Recrutamiento del Clero Secular en el Río de La Plata (1770-1840). **Boletín del Instituto de Historia Argentina Y Americana Dr. Emilio Ravignani**, Buenos Aires, 3ª serie, n. 16/17, p. 33-59, 1997/1998.

DI STEFANO, Roberto; ZANATTA, Loris. **Historia de la Iglesia Argentina: desde la Conquista hasta fines del siglo XX**. Buenos Aires: Mondadori, 2000.

DOSSE, François. **O desafio biográfico: escrever uma vida**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

DUBY, Georges. **Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo**. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

ELOY, Rosa Alonso; TOURON, Lucia Sala de; TORRE, Nelson De La; RODRIGUEZ, Julio Carlos. **La Oligarquía Oriental en La Cisplatina**. Montevideú: Pueblos Unidos, 1970.

FERREIRA, Fábio. **O general Lecor, os voluntários reais e os conflitos pela independência dos Brasil na Cisplatina (1822-1824)**. Tese (Doutorado em História) - UFF, Niterói, 2012.

\_\_\_\_\_. **O general Lecor e as articulações políticas para a criação da Província Cisplatina: 1820-1822.** Dissertação (Mestrado em História) - UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.

FREGA, Ana. Uruguayos y orientales: itinerario de una síntesis compleja. In: CHIARAMONTE, José Carlos; MARICHAL, Carlos; GRANADOS, Aimer. (Comp.). **Crear la nación: los nombres de los países de América Latina.** Buenos Aires: Sudamericana, 2008. p. 95-112.

\_\_\_\_\_. La Formación del Estado Uruguayo. **RILA: Revista de Integração Latino-Americana**, Santa Maria, ano 2, n.1, p. 23-45, 2005.

\_\_\_\_\_. La virtud y el poder: la soberanía particular de los pueblos en el proyecto artiguista. In: GOLDMAN, Noemí; SALVATORE, Ricardo (Comp.) **Caudillismos rioplatenses: nuevas miradas a un viejo problema.** Buenos Aires: Eudeba, 1998. p. 101-134.

\_\_\_\_\_. La construcción monumental de un héroe. **Humanas**, Porto Alegre, v. 18, n. 1/2, p. 121-149, jan/dez de 1995, publicado em 1997.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: cotidiano das ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GINZBURG, Carlo; PONI, Carlo. O nome e o como: troca desigual no mercado historiográfico. In: \_\_\_\_\_. **A Micro-história e outros ensaios.** Lisboa: Difel. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 169-178.

GOLDMAN, Noemí. Juan Ignacio Gorriti (1776-1842) Republicanismo e Ilustración Católica en la Revolución. In: CALVO, Nancy. DI STEFANO, Roberto. GALLO, Klaus. (coord) **Los Curas de la Revolución: Vidas de Eclesiásticos en las Orígenes de la Nación.** Buenos Aires: Emecé, 2002. p. 59-81.

GRIJÓ, Luiz Alberto. Biografia, para quê? In: CORADINI, Odaci Luiz (Org.). **Estudos de grupos dirigentes no Rio Grande do Sul: algumas contribuições recentes.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008. p. 85-102.

GUAZELLI, Cesar Augusto Barcellos. O Rio Grande de São Pedro na primeira metade do século XIX: Estados Nações e regiões província no rio da Prata. In: GRIJÓ, Luiz Alberto [et. al.] **Capítulos de História do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 91-119.

GUERRA, François-Xavier. A nação na América espanhola: a questão das origens. **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, ano 1, n.1, p. 9-30, 1999/2000.

KÖNING, Hans-Joaquim. Nacionalismo y nación en la historia de Iberoamérica. **Cuadernos de Historia Latinoamericana.** Asociación de Historiadores Latinoamericanistas Europeos, n.8, p.7-47, 2000.

LE GOFF, Jacques. **Saint Louis.** Paris: Gallimard, 1996.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaina (Orgs.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 167-182.

LIDA, Miranda. Fragmentación Política y Fragmentación Eclesiástica. La Revolución de Independência y las Iglesias Rioplatenses (1810-1830). **Revista de Indias**, v. LXIV, n. 231, p. 383-404, 2004. Disponível em: <<http://revistadeindias.revistas.csic.es/index.php/revistadeindias/article/viewArticle/545>>. Acesso em: 10 jan. 2015.

LORIGA, Sabina. **O pequeno x: da biografia à história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

\_\_\_\_\_. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques. **Jogos de escalas**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 225-249.

MAÑÉ GARZÓN, Fernando. **El Glorioso Montevideano: vida y obra de José Manuel Pérez Castellano (1742-1815)**. Montevideo: Centro de Difusión del Libro, 1998, 1999 e 2003. 3t.

MAÑÉ GARZÓN, Fernando; ISLAS, Ariadna. Viaje de Dámaso Antonio Larrañaga de Toledo a la Villa de Florida, 29 de enero a 6 de febrero de 1813. **Cuadernos de Marcha**, Montevideo, 3ª época, año XIV, n. 162, p. 25-37, mayo 2000.

MENEZES, Ebenezer Takuno de; SANTOS, Thais Helena dos. Método lancasteriano (verbete). **Dicionário interativo da educação brasileira** - EducaBrasil. São Paulo: Midiamix Editora, 2002. Disponível em: <<http://www.educabrasil.com.br/eb/dic/dicionario.asp?id=273>>. Acesso em: 29 maio 2012.

NAHUM, Benjamín. **Breve Historia del Uruguay Independiente**. Montevideo: Banda Oriental, 1999.

PADOIN, Maria Medianeira. **Federalismo Gaúcho: fronteira platina, direito e revolução**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

PALTI, Elias. Apéndice. Los relatos de la nacionalidad en América Latina: acerca de la construcción política de la nación. In: \_\_\_\_\_. **La nación como problema**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002. p. 131-146.

PIAZZA, Eduardo. Caminos heroicos y caminos de la nación. In: DEMASI, Carlos; PIAZZA, Eduardo (Coords.). **Los héroes fundadores: perspectivas desde el siglo XXI**. Montevideo: CEIU, Universidad de la República, 2006. p.55-71.

PIMENTA, João Paulo. O “Mito das Origens” nas historiografias argentina, uruguaia e brasileira: nação e território. In: \_\_\_\_\_. **Estado e nação no fim dos impérios ibéricos no Prata: 1808-1828**. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 29-48.

RÉMOND, René. O retorno do político. In: CHAUVENAU, Agnes; TÉTARD, Philippe (Orgs.). **Questões para uma história do presente**. São Paulo: EDUSC, 1999. p. 51-60.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: \_\_\_\_\_. **Jogos de escalas**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 15-38.

REYES ABADIE, Washington; VAZQUEZ ROMERO, Andrés. **Cronica General del Uruguay: la emancipación**. Montevideo: Edicionaes de la Banda Oriental, [19--]. V. 2.

RIBEIRO, Ana. Los tiempos de Larrañaga. Palestra proferida no evento **Jornadas de estudios Dámaso Antonio Larrañaga: enfoques diversos**, realizado em Montevideú, em agosto de 2011. Vídeo disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=gsGJaT\\_BCVQ](https://www.youtube.com/watch?v=gsGJaT_BCVQ)>. Acesso em: 15 ago. 2014.

RIBEIRO, Monike Garcia. Dom João VI, os pintores viajantes e a cultura política no início do século XIX. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 24., 2007, São Leopoldo, RS. **Anais do XXIV Simpósio Nacional de História – História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos**. São Leopoldo: Unisinos, 2007. CD-ROM. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/?p=16837>>. Acesso em: 17 jul. 2015.

ROSSATO, Luciana. **A lupa e o diário: história natural, viagens científicas e relatos sobre a Capitania de Santa Catarina (1763-1822)**. 2005. Tese (Doutorado em História) - UFRGS, Porto Alegre, 2005.

SALLABERRY, Juan Faustino. **La Iglesia en la Independencia del Uruguay**. Montevideo: Talleres Gráficos “El Demócrata”, [19--].

SANSÓN, Tomás. La Religiosidad de Artigas. In: FREGA, Ana; ISLAS, Ariadna (coord.). **Nuevas miradas en torno al Artiguismo**. Montevideo: Departamento de Publicaciones de la Facultad de Humanidades y Ciencias de La Educación de la Universidad de la República, 2001. p. 261-276.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografias Históricas, o que há de novo? In: SEBRIAN, Raphael Nunes Nicoletti. **Leituras do passado**. Campinas: Pontes Editores, 2009. p. 73-82.

\_\_\_\_\_. A biografia histórica: o “retorno” do gênero e a noção de “contexto”. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos et. al. **Questões de teoria e metodologia da história**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 121-129.

\_\_\_\_\_. Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **O biográfico: perspectivas interdisciplinares**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2000. p. 49-70.

\_\_\_\_\_. Construindo biografias... Historiadores e jornalistas: Aproximações e afastamentos. **Estudos Históricos: indivíduo, biografia, história**, Rio de Janeiro: FGV, v. 10, n.º. 19, 1997.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A longa Viagem da Biblioteca dos Reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, Eduardo. **Dom Obá II da África, o príncipe do povo: vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SOUZA, Susana Bleil de. O pincel e a pena na construção da Nação: pintando e narrando um mito político fundacional. **CAHIERS ALHIM - Université de Paris 8/Saint Denis**, n.º.15, 2008.

TERNAVASIO, Marcela. José Valentín Gómez (1774-1839) Y el valor de la palabra en la disputa política pos revolucionaria. In: CALVO, Nancy. DI STEFANO, Roberto. GALLO, Klaus. (coord) **Los Curas de la Revolución: Vidas de Eclesiásticos en las Orígenes de la Nación.** Buenos Aires: Emecé, 2002. p. 171-200.

THIESSE, Anne-Marie. Ficções criadoras: as identidades nacionais. **Anos 90**, Porto Alegre, n.15, p. 7-23, 2001/2002.

URQUIZA, Fernando Carlos. Antonio Sáenz (1780-1825) Su lucha por la independencia, la libertad y la constitución. In.: CALVO, Nancy. DI STEFANO, Roberto. GALLO, Klaus. (coord) **Los Curas de la Revolución: Vidas de Eclesiásticos en las Orígenes de la Nación.** Buenos Aires: Emecé, 2002. p. 279-302.

VIEIRA, David Gueiros. Liberalismo, masonería y Protestantismo en Brasil, siglo XIX. In: BASTIAN, Jean Pierre. (compilador). **Protestantes. Liberales y francomasones – Sociedades de ideas y modernidad en America Latina siglo XIX.** Mexico: CEHILA, Fondo de Cultura Economica, 1990.

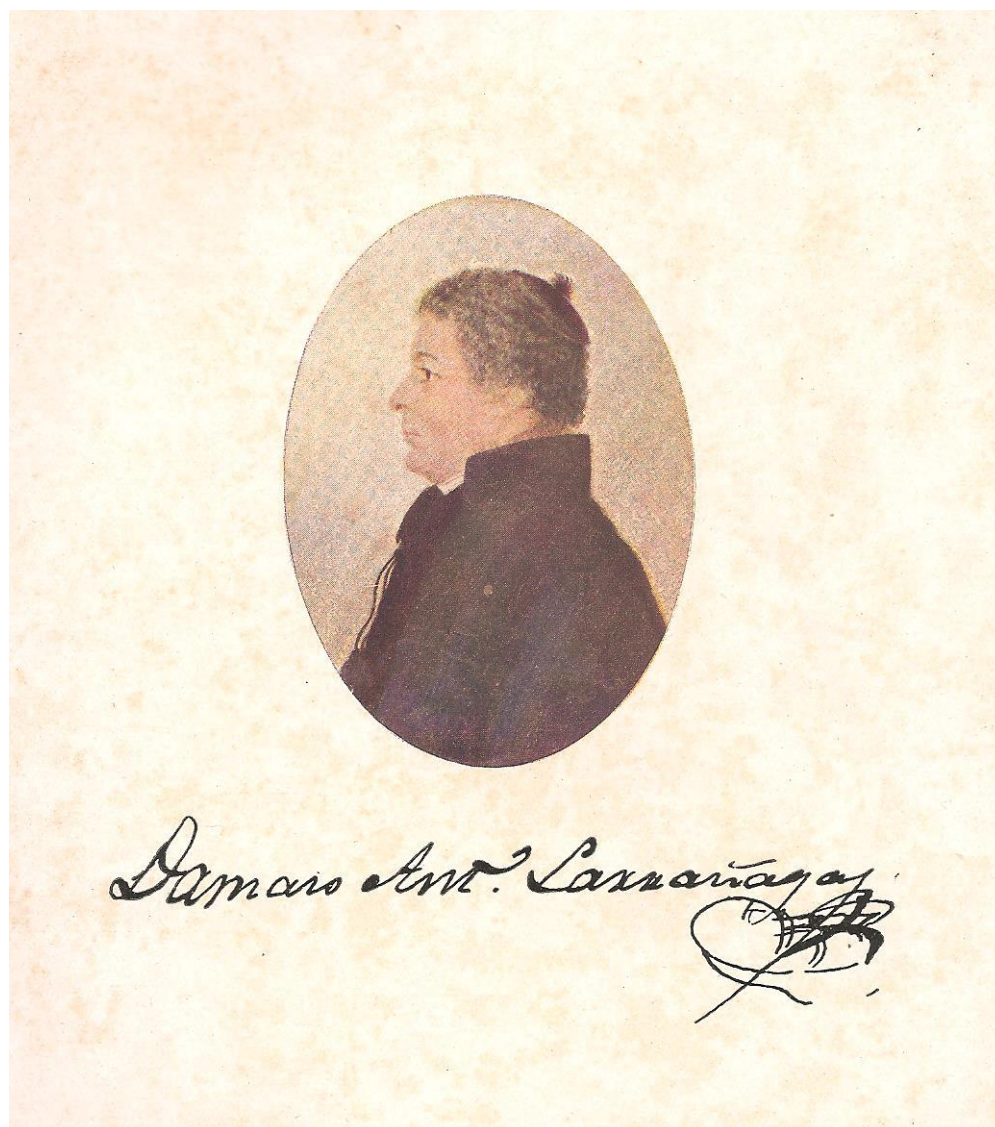
XAVIER, Regina Célia Lima. O desafio do trabalho biográfico. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos et. al. **Questões de teoria e metodologia da história.** Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000. p. 161-173.

**APÊNDICE - Biografias e textos com dados biográficos de D. A. Larrañaga, em ordem cronológica.**

(A citação completa da versão utilizada de cada texto deve ser consultada nas "Referências")

<b>ANO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>TÍTULO</b>
1848	ESTRAZULAS Y LAMAS, Santiago.	Don Dámaso Antonio Larrañaga: oración fúnebre pronunciada en la Iglesia Matriz de Montevideo el 1º de marzo de 1848.
1848	VILLADEMOROS, Carlos Gerónimo.	Breve noticia de la vida de Don Dámaso Antonio Larrañaga, Vicario Apostólico y Proto-Notario Apostólico de la Santa Sede en el Estado Oriental de Uruguay.
1879	LAMAS, Andrés.	Don Dámaso Antonio Larrañaga - natural de Montevideo.
1879	DE MARIA, Isidoro.	Don Dámaso Antonio Larrañaga.
1894	DE PENA, Carlos María..	Carta a Arechavaleta, diretor do Museo Nacional.
1922	BUSTAMANTE. Raúl Montero.	Prólogo
1922	CAMUSSO, Rafael Algorta.	El padre Dámaso Antonio Larrañaga: apuntes para su Biografía.
1940	SALGADO, Jose.	Larrañaga.
1940	VIGIL, Carlos Martinez.	Dámaso Antonio Larrañaga: apuntaciones bio-bibliográficas.
1944	GARZON, Walter Piaggio.	Una interesante faz en la obra de Larrañaga: su intenso rasgo de caridad.
1945	SALDAÑA, Jose M. Fernandez.	Dámaso Antonio Larrañaga.
1948	CASTELLANOS, Alfredo R.	La Biblioteca Científica del Padre Larrañaga.
1948	BARBIERI, Antonio María..	Dámaso Antonio Larrañaga
1950	FAVARO, Edmundo.	Dámaso Antonio Larrañaga: su vida y su época.
1950	GONZÁLEZ, Ariosto D.	Prólogo.
1951	NARANCIO, Edmundo D.	Introducción.
1951	RAMÍREZ, Arbelio.	Explicacion.
1952	CASTELLANOS, Alfredo R.	Contribución al estudio de las ideas del Pbro. Dámaso Antonio Larrañaga.
1965	BERRO, Fermin I. Huertas.	Dámaso Antonio Larrañaga (1771-1848).

1965	CASTELLANOS, Alfredo R.	Prólogo.
2000	MAÑÉ GARZÓN, Fernando; ISLAS, Ariadna.	Viaje de Dámaso Antonio Larrañaga de Toledo a la Villa de Florida, 29 de enero a 6 de febrero de 1813
2002	LOPES, Maria Margaret; VARELA, Alex Gonçalves	Viagens, tremores e conchas: aspectos da natureza da América em escritos de José Bonifácio de Andrada e Silva, José Hipólito Unanú e Dámaso Antonio Larrañaga.
2005	MARCHESI, Carlos.	Biografía de Dámaso Antonio Larrañaga, intencionalmente reivindicativa.
2008	CAMEJO, Leticia.	Larrañaga y la Ciencia Moderna.
2011	LOPES, Maria Margaret; HEIZER, Alda Lucia.	Bonpland, Saint-Hilaire e Megatherium nas cartas de Larrañaga.

**ANEXO - Retrato de Dámaso Antonio Larrañaga (1817)**

**Fonte:** CAMUSSO, Rafael Algorta. **El padre Dámaso Antonio Larrañaga:** apuntes para su Biografía. Montevideo: Talleres Gráficos A. Barreiro y Ramos, 1922.